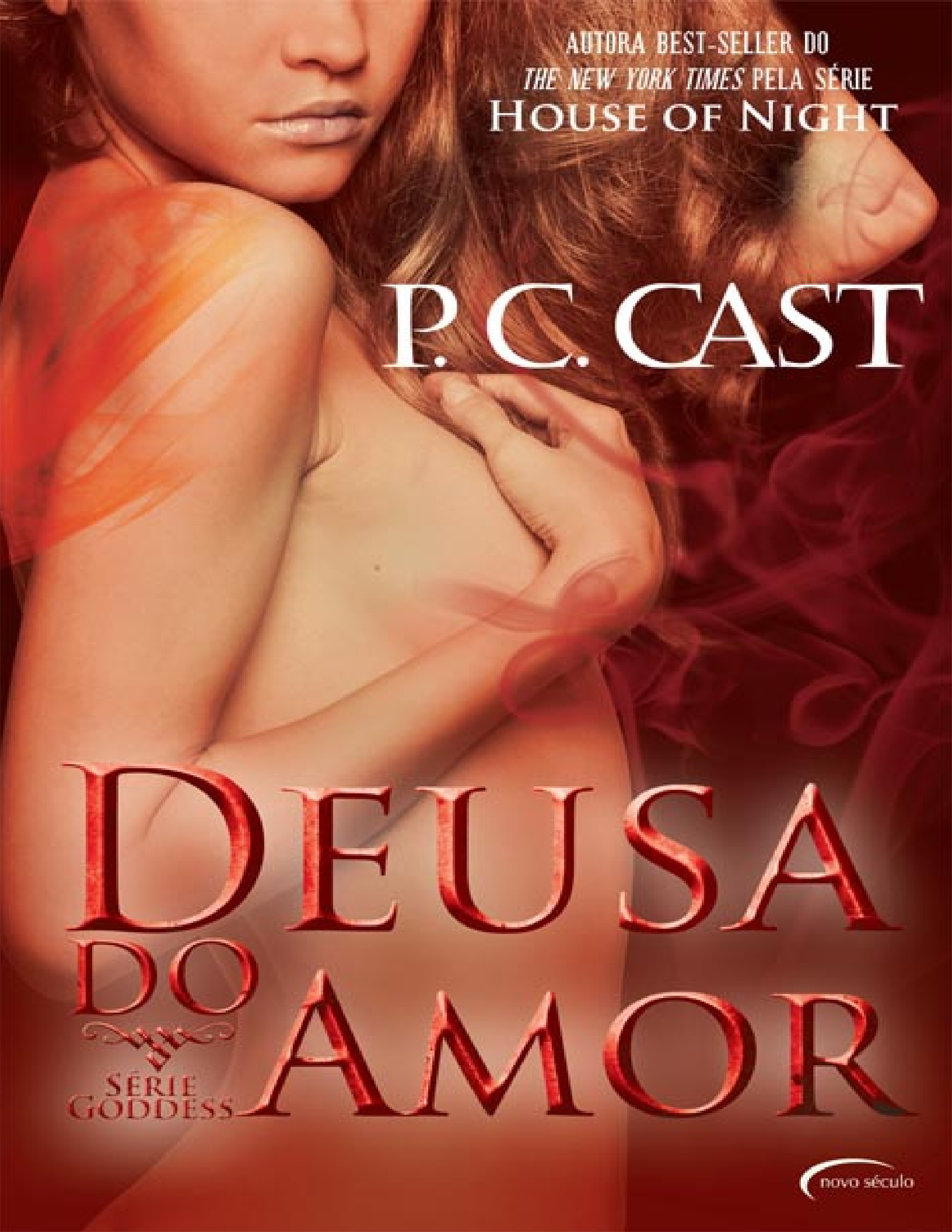


The background of the cover is a close-up photograph of a woman's face and shoulders. She has long, wavy brown hair and is looking slightly to the side. Her right hand is resting on her left shoulder. The lighting is warm and soft, creating a romantic and intimate atmosphere. The overall color palette is dominated by warm tones like reds, oranges, and browns.

AUTORA BEST-SELLER DO
THE NEW YORK TIMES PELA SÉRIE
HOUSE OF NIGHT

P.C. CAST

DEUSA
DO
AMOR

SÉRIE
GODDESS



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



P.C.CAST

A DEUSA DO AMOR

Série Goddess

livro

4



SÃO PAULO, 2012

Goddess of Love
Copyright © 2004 by P. C. Cast
Excerpt from Goddess of Rose Copyright © 2006 by P.C. Cast
All rights reserved including the right of reproduction in whole or in part in any form.
This edition published by arrangement with The Berkley Group, a member of Penguin
Group (USA) Inc.
Copyright © 2012 Novo Século

COORDENAÇÃO EDITORIAL	Equipe Novo Século
TRADUÇÃO	Vania Canto Buchala
DIAGRAMAÇÃO	Francisco Martins
REVISÃO	Fernanda Guerriero Antunes

TEXTO DE ACORDO COM AS NORMAS DO NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO DA
LÍNGUA PORTUGUESA (DECRETO LEGISLATIVO Nº 54, DE 1995)
DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cast, P. C.
A deusa do amor, livro 4 / P. C. Cast ;
[tradução Vania Canto Buchala]. -- Barueri, SP : Novo Século
Editora, 2012. -- (Série goddess)

Título original: Goddess of love.
I. Ficção - Literatura norte-americana I.

Título. II. Série.

12-01813

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:
I. Ficção : Literatura norte-americana
813

Edição Digital: 2013

Todos os direitos reservados à:
Novo Século Editora Ltda.
Alameda Araguaia, 2190, 11º andar – Barueri –SP

E-ISBN: 978-85-428-0137-8



PRÓLOGO

Vênus estava inquieta.

Não. Estava pior do que inquieta. Uma simples inquietação poderia ser acalmada por uma deliciosa taça gelada de ambrosia, e se ordenasse que uma ninfa a divertisse. (O que poderia significar desde ter o cabelo de deusa arrumado em uma coroa intrincada de tranças loiras até receber uma massagem de corpo inteiro de alguma ninfa da água – uma experiência sensual, que sempre era melhor se vivida na praia. Nua.) Ela, no entanto, não estava com vontade de convocar nenhuma ninfa. E já estava bebendo uma taça da ambrosia excelente daquela temporada, recém-colhida nos Campos Elísios.

Vênus suspirou e bateu o pé contra o suave e elegante piso de mármore de seus aposentos, no palácio subterrâneo de Vulcano. Havia deixado seu próprio templo de ouro, localizado no topo do monte Olimpo (de onde tinha uma vista espetacular), e descido para o palácio do marido pela mesma razão de séculos: ter um pouco de sossego e tirar uma folga dos cansativos deveres de ser a pessoa mais bela e desejável já criada. Literalmente, o amor personificado. Em geral dava certo se esconder das demandas de ser a deusa do Amor nas profundezas do reino de Vulcano. Afinal, não existia muita coisa interessante acontecendo entre eles... O pensamento deixou uma risadinha seca escapar dos lábios perfeitos da deusa. Por isso mesmo ela se casara com o deus do Fogo.

Bem, não *apenas* por isso. Para ela, casar-se com Vulcano também lhe proporcionara uma fuga do exaustivo trabalho de personificar o amor. Já para o deus, casar-se fora uma autoafirmação, uma tentativa de mostrar ao restante dos deuses do Olimpo que ele poderia, sim, ser um deles.

Mas seu casamento sem paixão e sem amor, pelo visto, tinha dado mais certo na teoria do que na prática.

Vênus colocou a taça de cristal cheia de ambrosia em cima da mesa. De onde vinha aquele pensamento cínico, afinal? Não existia nada de errado com o arranjo que ela fizera com Vulcano. Este vinha dando certo fazia séculos, e ainda continuaria a funcionar por muitos deles.

Com uma súbita inspiração, ela se levantou e correu do luxuoso aposento. Era isso! Precisava encontrar Vulcano. Afinal, eles eram amigos. Talvez ele pudesse ajudá-la a descobrir uma boa parceira para Hermes. Já era hora de o deus Mensageiro pôr aquelas asas em suas sandálias douradas para voar. Além do mais, nada como um *amorzinho proibido* para agitar as coisas.

Vulcano não era difícil de encontrar (como se ele pudesse proporcionar alguma surpresa, fosse esta grande ou pequena...). Estava, como de costume, no centro de seu reino, onde ficavam a forja e o grande pilar de fogo do Olimpo.

Vênus entrou na sala em silêncio. Vulcano se encontrava de pé, com os braços erguidos diante da coluna em chamas, e ela o estudou com especial interesse. Embora não fosse loiro, era mesmo um deus esplêndido, ágil e gracioso como a maioria dos olímpicos. Vulcano era forte e moreno, porém os deuses o evitavam por conta de sua imperfeição: ele mancava havia eras. Sua claudicação, entretanto, não era das maiores. Dificilmente seria notada se ele não vivesse em meio à perfeição dos deuses dourados.

Sim, Vulcano era muito atraente. Não que ela já o houvesse desejado (ou ele a ela, até onde sabia – se houvesse, sendo o Amor, ela já saberia).

Pendeu a cabeça para o lado, pensando em como era verdadeira a afirmação de que o desejo e a paixão muitas vezes tinham pouco a ver com o físico e muito mais com a misteriosa faísca que se dava entre dois espíritos. E aquela centelha, definitivamente, não acontecera entre eles.

Vênus sacudiu a cabeça. Tais pensamentos eram um desperdício de tempo, afinal, *ela* era o Amor. Poderia comandar tal faísca sempre que desejasse.

Então por que não arrumava um pouco de diversão e entretenimento para o vistoso Hermes? Seria uma boa diversão para Vulcano, também, que era sério demais e, muitas vezes, não fazia nada a não ser trabalhar, trabalhar, trabalhar...

Vênus se aproximou do deus moreno a fim de espiar um pouco sobre seu ombro largo, onde as chamas amarelas e laranjas do pilar de fogo sagrado giravam em resposta à magia que invocava... fosse ela qual fosse. Dentro das chamas, vislumbrou algo que se parecia com o céu noturno, repleto de constelações brilhantes, o que era estranho, mas não muito interessante.

Ela nunca tinha entendido o que havia de tão fascinante naquela coluna de fogo. Talvez porque Vulcano nunca houvesse compartilhado detalhes sobre sua magia com ela.

Vênus mordeu o lábio. Ela nunca pensara naquilo antes.

Deu de ombros. Que diferença faria?

– Vulcano? – chamou, às suas costas.

Ele olhou por cima do ombro e deu-lhe um sorriso distraído.

– Descansou?

– Na verdade, querido, estou muito entediada hoje. – Vênus caminhou, langorosa, para o banco de pedra ao pé do pilar de fogo e se reclinou com graça. – Que tal você e eu inventarmos alguma coisa interessante entre Hermes e, vamos dizer... – Ela hesitou, pensativa. – Entre Hermes e Éolo?

Com a atenção ainda voltada para as chamas que revolviam, Vulcano respondeu em um tom não muito preocupado:

– Éolo? Mas o deus dos Ventos não prefere jovens ninfas do sexo feminino a outros imortais?

Vênus fez um gesto de desprezo.

– Isso é apenas um detalhe. Eu escolho a magia, você decide qual chama vai lançar e...

– Perdoe-me, Vênus, mas estou no meio de uma... – o deus hesitou, escolhendo as palavras com cuidado – ... *pesquisa* muito importante. – Olhou para ela, porém apenas o suficiente para lhe dar um breve sorriso. – Talvez em outro momento.

Vênus o fulminou com o olhar, embora Vulcano nem sequer notasse sua irritação.

Pelo tridente em forma de falo de Netuno, Vulcano era insuportável! Ele nunca fora selvagem, apaixonado e divertido como Apolo ou seu irmão gêmeo, Artemis... O que, na verdade, fora parte da razão pela qual se casara com ele. Para estar a salvo da paixão. Então por que de repente achava aquele arranjo (assim como o próprio deus) tão aborrecido?

– Está bem. Não quero interromper a sua preciosa... – ela agitou os dedos benfeitos na direção da coluna em chamas – ... “*pesquisa ignescente*”. Como de costume, está terrivelmente maçante. Quem sabe outra hora? – entoou, no mesmo tom sarcástico que ele usara. Em seguida, levantou-se e, mal lançando um olhar na direção de Vulcano, desapareceu em uma nuvem de poeira brilhante, da cor da ambrosia.

Pelas barbas de Zeus!, pensou Vulcano, feliz, quando Vênus finalmente foi embora. Não que ele não gostasse da deusa. Na verdade, ela era sua amiga por séculos. O problema era que, nos últimos tempos, a amizade entre eles começara a azedar.

Suspirou e esfregou a testa. Não era culpa de Vênus. Ultimamente, tudo andava dando errado. Sua maior insatisfação era com sua própria vida.

E ela estava certa. Ele andava mesmo muito aborrecido.

Quando perdera a paixão pela vida? Pela aventura? Pelo amor?

A última pergunta flutuou por sua cabeça, surpreendendo-o.

Amor?

Vulcano bufou. Até onde sabia, ele se casara com a personificação do Amor. Nem por isso houvera algo além de respeito e amizade entre Vênus e ele. É claro que ela havia tido inúmeros flertes, porém isso nunca o incomodara. Eles tinham um acordo, não um casamento.

Não, não era seu relacionamento com Vênus o que o incomodava. Era a sua vida em geral.

Seu olhar se voltou para as visões de constelações que evocara dentro do pilar de fogo. Pareciam tão pacíficas, tão majestosas... tão livres!

Uma onda de frustração se abateu sobre o deus do Fogo. Se ao menos pudesse escapar para os céus e deixar o tédio de sua vida para trás...

E por que não poderia? Ele era um atleta olímpico. Um deus poderoso. Nada lhe era impossível.

Mas, obviamente, não poderia deixar seu reino abandonado.

Vulcano esfregou o rosto e começou a andar de um lado para o outro em frente ao pilar em chamas. Quem poderia governar o lugar se ele o abandonasse para sempre? Nenhum dos outros deuses se daria ao trabalho de assumir seu posto, que era mesmo muito baixo para eles... Ele não vivia cercado de paisagens encantadoras, ninfas brincalhonas, muito menos do

resplendor da decadência. Apenas controlava os fogos da Terra e do Olimpo. Era um trabalho importante, mas, com certeza, não tão chamativo como, digamos, puxar o Sol pelo firmamento ou levar a primavera à Terra.

Vulcano suspirou. Andar de um lado para o outro não estava fazendo nada para aliviar sua frustração. Iria caminhar. Isso o ajudaria a clarear as ideias.

Enquanto subia os degraus de pedra que levavam à superfície, tentou se concentrar nos pontos positivos: ele era um deus, e, embora fosse necessário um milagre para que pudesse se retirar para os Céus, os olímpicos eram conhecidos por sua capacidade de operar milagres.

O deus do Fogo atravessou devagar o Salão Nobre do palácio de Zeus e Hera. Podia se movimentar mais depressa, pois sua claudicação não limitava sua velocidade, apenas sua graça. Por eras ele aprendera a ser lento e constante, de modo a se poupar dos olhares desdenhosos e insultos murmurados. Como ele odiava os imortais e sua busca incessante pela perfeição! Eram tão superficiais e egoístas! A maioria não tinha noção do que eram dor, sacrifício e solidão.

Vulcano praguejou baixinho. Devia ter ido para a Terra antiga e caminhado por uma floresta deserta a fim de pensar. O que o fizera vir ao templo de seus pais? Fora muito estúpido de sua parte. A perfeição que o cercava só fazia destacar seus defeitos.

– Vulcano? Eu o invoquei várias vezes, mas não me ouviu... Sente-se bem, meu filho?

Vulcano parou e se virou para Hera, que corria atrás dele. Instantaneamente, relaxou a expressão e sorriu para a mãe.

– Sim. Eu estava apenas perdido em pensamentos. Perdoe-me se fui rude. – Beijou-lhe a face delicada.

– Você nunca seria rude, meu querido. – Olhos atentos o estudaram. – Parece triste. Tem certeza de que está tudo bem?

– Mãe, por favor, não se preocupe comigo. – Vulcano se obrigou a dar outro sorriso.

Hera respirou fundo.

– Sabe que eu me preocupo.

– Sem necessidade. Agora tenho que voltar para o meu reino. Foi bom vê-la, mamãe. – Ele tornou a beijá-la na face e, antes que aqueles olhos enxergassem sua alma, afastou-se, apressado. A última coisa de que precisava era que a mãe ou, que os deuses o livrassem, o pai bisbilhotassem sua vida muito de perto. Seguia seu próprio caminho, escolhia seu próprio destino, e definitivamente não desejava a interferência do rei e da rainha dos deuses.

Se Vulcano tivesse hesitado e olhado para Hera por cima do ombro, teria ficado surpreso ao vê-la circulando os dedos no ar e fazendo-os cintilar. E, se tivesse sido ouvido com atenção, poderia tê-la ouvido sussurrar:

– *Receba, ó meu filho, uma dose única de amor maternal, para ajudá-lo em tudo o que estiver tornando pesado o seu coração...*

Vulcano não se virou, no entanto, e não escutou o murmúrio da mãe. Tampouco notou o fio quase invisível de poder que o seguiu. Apenas continuou pelo palácio com a firme intenção de sair antes que deparasse com algum outro olímpico. Ainda se movia devagar, porém não com dificuldade ou vergonha. Na verdade, deslocava-se em silêncio, e com uma força inerente a seu ritmo.

Tinha acabado de chegar à saída do salão de baile quando ouviu uma risada tão solta, alegre e musical que não teve dúvida de a quem pertencia.

Não... Não queria encará-la outra vez naquele dia!

Parou e deslizou para as sombras, escondendo-se conforme Vênus se aproximava. Ela continuava rindo enquanto conversava, animada, com a deusa da Primavera. Obviamente, deixar o reino dele havia curado de pronto seu tédio.

– Está certa, Perséfone, eu admito. Depois de um vislumbre daquelas botas divinas, estou disposta a reconhecer que fui muito dura ao julgar seu pequeno reino – concedeu Vênus, rindo.

– Quantas vezes tenho que lhe explicar? Tulsa, em Oklahoma, não é um reino, e muito menos é meu! – O riso de Perséfone soou leve, despreocupado e belo a seu modo, embora não tão sedutor quanto o da deusa do Amor. – Pense em Tulsa como uma cidade antiga, assim como Pompeia e Mediolano... Ou Milão, como é chamada hoje em dia. A única diferença é que os sistemas de esgoto em Tulsa são melhores. – A deusa fez uma pausa e franziu a testa. – Não posso dizer que o tráfego tenha melhorado, contudo.

– Está me dizendo que passa seis meses do ano em uma cidade com banheiros em mármore fabulosos como os de Pompeia? – Vênus indagou, ansiosa.

– Não. Sinto muito, mas Tulsa não tem casas de banho como as de Pompeia.

– Mas tem aquele vinho tinto delicioso de Mediolano...? – A deusa do Amor gemeu de prazer ao se lembrar. – O vinho tinto daquela região da Itália é um pecado!

– Ah, não. Tulsa não é uma região vinícola, embora eles importem vinhos de todo o mundo. – Perséfone mordeu o lábio enquanto parava para pensar por um momento. – Na verdade eu acabei me apaixonando por uma bebida chamada coquetel de Martini, que é feita lá mesmo na cidade.

– Isso soa *vagamente* interessante. Mas não é suficiente para explicar essa sua obsessão pelo lugar.

– Não estou obcecada!

– É claro que está! – afirmou Vênus. – Você passa seis meses por ano em Tulsa. Nem é primavera ou verão lá, agora, e acabou de voltar de outra visita... Não pode enganar o Amor, Perséfone. Reconheço uma obsessão quando deparo com uma.

Vulcano imaginou que a deusa da Primavera fosse ficar irritada com as palavras de Vênus, por isso ficou surpreso ao ouvi-la responder com uma gostosa risada.

– Talvez eu esteja, mesmo, obcecada. E por que não? Adoro Tulsa. Há algo muito especial em caminhar pelas ruas de uma cidade moderna onde ninguém sabe que sou imortal, o que é

maravilhosamente libertador. Pense bem, Vênus... Lá ninguém a critica pelo que você fez ou deixou de fazer durante séculos. Ninguém sabe quem são seus pais. Ninguém se encolhe, com medo, se fica irritada... E o melhor de tudo: ninguém a adora por ser uma deusa. Se for adorada – ela sorriu, sedutora –, é porque é uma mulher desejável, inteligente e fascinante. Consegue imaginar como isso é bom? – Perséfone não deu chance para a deusa responder, no entanto. – E os homens! Os homens modernos são diferentes dos antigos mortais. Não são *alienados*.

Vênus enrugou a testa, confusa.

– Quero dizer, eles não são arcaicos, bárbaros ou tolos. Bem, ao menos a maioria deles... – A deusa da Primavera riu. – Os homens modernos não têm preconceitos como os antigos, pois consideram as mulheres como suas iguais, e que é muito, muito sexy.

Das sombras, Vulcano viu o belo rosto de Vênus suavizar com a compreensão. No mesmo instante, sentiu algo com as palavras de Perséfone que nem sequer reconheceu no início, pois lhe era estranho demais: uma súbita e doce esperança.

– Eu não seria reconhecida como o Amor? – Vênus indagou, no mesmo momento em que Vulcano se deu conta de que também ele não seria reconhecido – ou julgado, ou evitado – como o deus do Fogo.

Perséfone sorriu, maliciosa.

– Lá você pode praticar à vontade suas habilidades de sedução, sem ninguém saber que é a encarnação do amor. – A deusa suspirou, romântica. – Intrigante, não é?

– De fato.

Sim, Vulcano concordou em silêncio. Não ser reconhecido soava mesmo intrigante.

– Sem contar as excelentes opções de compras – Perséfone acrescentou, apontando as botas de caubói pretas, de couro de jacaré.

– Perséfone, minha amiga, não quer me mostrar um pouco desse seu divertido reino?

– Seria um prazer!

As duas deusas, de braços dados e rindo, saíram em direção ao templo da mãe de Perséfone, onde Vulcano sabia que Deméter mantinha aberto um portal para a moderna cidade de Tulsa.

– Maravilha – murmurou para si mesmo. Deixando o templo dos pais, correu para a escada que o faria regressar às entranhas do monte Olimpo e a seu próprio reino de fogo.

No momento em que chegou ao Salão Nobre, sua mente se encontrava tão agitada como as abelhas marrons da Grécia. Os homens modernos não tinham preconceitos como os antigos... E nem sequer reconheciam a divina Vênus como a encarnação física do amor! Assim, não era impossível que um homem moderno do fascinante reino de Tulsa se interessasse por assumir seu lugar como imortal. Muito menos se o próprio Amor inadvertidamente se envolvesse no assunto...

Sentindo uma onda de determinação, Vulcano caminhou até o centro do reino, livrando-se

da túnica enquanto isso, de modo que, no momento em que encarou o pilar de fogo que aquecia o mundo, seu corpo musculoso e nu já brilhava com suor.

Ergueu as mãos, as palmas abertas. Em reconhecimento à presença do deus do Fogo, as chamas alaranjadas ondularam e estalaram. Vulcano fechou os olhos e se concentrou. Então deu início ao encantamento.

*Arde, fogo, e queima, vivo e forte
Segue pelo caminho de Deméter, através do portal
Como a paixão faz de Vênus o amor ficar perto
E busca, testa, procura, encontra um mortal...*

O fogo dançou em torno das palmas de Vulcano tal como uma criança irrequieta, espelhando a excitação incomum que, de repente, ardia em seu âmago. E tão concentrado estava o deus do Fogo em seu feitiço que não percebeu o fio da magia de Hera serpenteando em torno de seu corpo, juntando-se ao pilar, fazendo-o reluzir com mais força e ganhar volume com a magia da rainha do Olimpo.

Vulcano bateu palmas e completou o encantamento:

*Com o poder inquebrantável da fé de um deus do Olimpo
Busca um mortal que me conceda alívio!*

O pilar ardente explodiu com um estrondo que teria ensurdecido qualquer pessoa normal. Incólume, o deus do Fogo viu quando uma chama dourada, invisível para todos, exceto para ele, se formou dentro da coluna e depois pairou, livre, no ar à sua frente.

– Vai! Obedece ao meu comando! – ordenou o deus.

Rápida como um dos infames raios de seu pai, ela correu do coração do monte Olimpo.

Vulcano conhecia seu caminho. A chama seguiria Vênus por toda a trilha através do portal de Deméter e para o reino de Tulsa. Lá iria procurar por algo que ele nunca poderia encontrar no mundo antigo: um homem moderno, um mortal que poderia tomar seu lugar como deus do Fogo.

Vulcano sorriu, satisfeito, e esperou.

Hera sentiu o empuxo de seu poder sendo utilizado e lançou um olhar sub-reptício na direção de Zeus. Ele estava ocupado com Deméter. Os dois discutiam, bem-humorados, sobre a qualidade da safra de ambrosia.

– Querido, preciso verificar alguns detalhes de última hora para o banquete desta noite. Pode me dar licença?

Zeus concordou com um gesto de cabeça e acenou, distraído, em sua direção. Deméter percebeu sua expressão, e Hera piscou para ela, discreta. A deusa da Colheita aquiesceu disfarçadamente, e lançou-se à discussão a respeito da ambrosia com nova disposição.

Hera se apressou a deixar o Salão Nobre, certa de que Zeus se manteria ocupado ao menos por alguns momentos. Entrou em um vão escuro do palácio e fechou os olhos, concentrando-se no poder que tinha dado ao filho.

Lá estava! Sob as pálpebras fechadas, podia avistar a linha invisível do fogo que Vulcano havia lançado. Viu quando esta serpenteou pelo Olimpo em direção ao templo de Deméter e depois desapareceu no portal que levava à moderna cidade de Tulsa. Surpresa, Hera se concentrou mais, e sua consciência se expandiu, engatando-se na chama por meio de seus poderes de rainha do Olimpo.

Por intermédio dessa centelha de conexão, Hera assistiu a Vênus e Perséfone entrarem no mundo moderno, e pôde sentir o peso da magia de Vulcano conforme ela seguia a deusa do Amor.

Por que Vulcano seguia Vênus e Perséfone? Teria se cansado daquela farsa que era seu casamento?

Hera sorriu. Tomara que sim. Seu filho merecia mais do que a prisão de uma união como aquela.

Com a determinação de uma mãe, estendeu a mão para o fio de fogo que carregava o dom de seu poder e falou a ele:

*Faz a minha vontade divina, ouve o meu comando
De meu filho desejo preencher o coração vazio
Sozinho por muito tempo foi o deus do Fogo
Então busca o que, entre os deuses, não pode ser achado
Aquele que o complete em qualquer ensejo
E com seu amor lhe desperte o desejo...*

Hera ergueu as mãos, e uma nova onda de magia contendo suas palavras voou, invisível, através do Olimpo, juntando-se à linha de fogo de Vulcano e aumentando sua força incandescente.

Ela sorriu, satisfeita, e refez os passos de volta para a sala do trono.

CAPÍTULO 1

Pea sentiu uma onda de alívio, que foi rapidamente seguida por constrangimento quando escutou a sirene se aproximando.

Droga, droga, droga! Que maneira de começar a manhã de sábado...

– Eles estão quase aqui, Chloe! – gritou para cima da árvore.

O ganido que soou do meio dos galhos desnudos pelo inverno fez seu coração apertar, porém Pea balançou a cabeça com firmeza para a cadela, recusando-se a ceder à sua manipulação.

– OK, escute!... Quantas vezes tenho que lhe dizer? *Você... não... é... um... gato!*

Um nariz preto apareceu em um galho alto da árvore. Por trás deste, Pea pôde ver o brilho de um par de olhos inteligentes fixos nela.

– *Hrumph!* – Chloe soltou o rosnado estranho e profundo de quando estava muito estressada.

– Que seja, criatura! Pode até amar gatos, mas não pode *ser* um!

Indignada, a cadela havia acabado de grunhir para ela de novo quando o ruído de um motor silenciou no meio-fio. Pea suspirou e lançou a Chloe mais um olhar de comando. Em seguida, começou a andar em direção aos homens que saíam do tradicional caminhão de bombeiros vermelho-vivo.

No mesmo instante, a cadela deu início a uma série de latidos e ganidos.

Esquecendo-se de qualquer constrangimento ou técnicas de adestramento, Pea apressou-se de volta para a árvore.

– *Chloezinha!*... Está tudo bem, querida. Eu estou aqui!

– Traga a escada, Steve! – Uma voz masculina chamou atrás dela. – É esta a árvore.

– Depressa! – Pea gritou, sem tirar os olhos da cadelinha assustada. – Ela está apavorada e, se cair, vai se quebrar inteira!

– Senhorita, gatos raramente se machucam quando pulam de árvores. Quando se diz que eles têm sete vidas, não é de todo brincadeira – afirmou a voz profunda.

Chloe ganiu outra vez.

– Ei, mas isso não é um gato!...

Pea virou-se para o bombeiro com uma carranca, levando as mãos à cintura e deixando a preocupação que sentia por Chloe se transformar em irritação.

– Eu disse ao atendente que era uma cadela e... – Parou. Um só olhar para o homem fez sua raiva se esvaír e seus lábios se entreabrir.

Pea sentiu o rosto se aquecer como se ao calor de uma chama. Maldição!... *Era ele!* Griffin DeAngelo. O homem mais lindo que já tinha visto na vida ou na TV. Era também o cara por quem ela havia passado o ano anterior inteirinho apaixonada, desde o dia em que caminhara

com Chloe até a casa dele (que era em sua mesma rua) e o vira cuidando do jardim. Sem camisa.

E ali estava ele. Em pé, bem na frente do *seu* jardim, como se saído de um de seus muitos sonhos.

Por sorte ele pareceu não notar sua camiseta e as calças de moletom largas; tampouco sua súbita incapacidade de falar. Olhava para cima, mirando Chloe com um sorriso divertido nos deliciosos lábios.

– Como diabos ele foi parar lá em cima?

– Não é *ele*, é *ela*... E Chloe simplesmente subiu – Pea explicou com um suspiro.

– Ah, perdão pelo palavreado, senhorita. Eu me esqueci de que estava aí. Sou Griffin DeAngelo, capitão da estação de Midtown. – Ele tocou o capacete em um gesto arcaico e adorável, como um cavalheiro cumprimentando uma dama.

– Eu sei.

– Sabe? – Griffin levantou uma sobrancelha, enfatizando a questão.

– Sim, você mora lá embaixo. – Pea apontou para a casa no quarteirão seguinte, tal qual um cão de caça. – Lembra-se? Nós nos encontramos na última festa de Quatro de Julho da rua, depois na do cachorro- -quente, no verão, e de novo na reunião dos vizinhos para enfeitar o bairro para o Natal – ela tagarelou feito uma matraca.

Ele enrugou a testa, confuso.

– Sinto muito, senhorita, não me recordo.

Claro que não. Ninguém se lembrava de conhecê-la.

– Não há problema, eu... – Pea parou de falar. Os olhos de Griffin eram tão grandes e azuis, e os cílios escuros tão longos, que ela se esqueceu até do próprio nome.

– Senhorita?

– Dorreth Chamberlain – falou de uma vez, estendendo a mão como uma idiota. – E a cadela presa na árvore é Chloe.

Ele pegou sua mão delicadamente, como se temendo que ela fosse explodir com seu toque.

E como não temeria? Ela acabara de contar que eles haviam se encontrado três vezes, nenhuma de que ele se lembrasse, e continuava de pé, fitando-o de boca aberta como uma criança de jardim da infância em uma fábrica de chicletes.

Deus, e o cabelo dela?!

Pea se obrigou a não soltar um gemido e ajeitou os fios desgrenhados que prendera com um de seus elásticos favoritos.

– Olhem só para isso... É um cachorro! – exclamou um jovem bombeiro que se juntara a eles, junto com outros dois homens carregando uma escada de extensão.

– Como diabos ele foi parar lá em cima? – indagou o outro, rindo.

Griffin limpou a garganta e gesticulou na direção de Pea.

– Perdão outra vez, senhorita – resmungou.

Pea riu, alegre, apontando para a árvore e se esforçando para soar bem-humorada e interessante.

– Ela subiu!

Como de costume, nenhum dos homens olhou para ela.

– Subiu? Mas deve estar a uns seis metros de altura nesse carvalho velho – um dos rapazes comentou.

– Chloe é uma boa escaladora... Só não é boa *descedora* – comentou Pea, e então quis afundar no chão de tanta vergonha. “Descedora”? Deus, ela era realmente uma imbecil.

– Bem, vamos trazê-la para baixo – decidiu Griffin.

Os homens se puseram a estender a escada, e Chloe começou a rosnar.

– De que raça ela é, senhorita? – Griffin quis saber.

– Ela é uma Scottish Terrier, mas pensa que é um gato. Eu tenho um gato chamado Max, e Chloe é apaixonada por ele... Por isso não faz ideia de que é uma cadela. Acho que está atravessando uma fase de negação. Não sei se compro outro cachorro, arrumo uns comprimidos de Prozac para ela ou a levo a um psiquiatra de animais.

Griffin riu, um som profundo e contagiante que fez a pele de Pea formigar de prazer.

– Talvez deva apenas investir em uma rede de segurança.

Pea riu também e tentou ter um daqueles momentos mágicos com aquele deus em forma de bombeiro, em que um homem e uma mulher compartilham um olhar longo, sexy, persistente e cheio de promessas.

Naturalmente, o momento não aconteceu.

Para começar, sua risada se transformou, *horror dos horrores!*, numa espécie de bufo. Em seguida, uma loira bonita e gostosa entrou em cena.

– Pea! Não me diga que Chloe ficou presa na árvore de novo!

No mesmo momento, Griffin voltou a atenção para sua vizinha, que corria até eles com a filha de seis anos logo atrás.

– Olá, Griffin – saudou Stacy.

– Que bom vê-la de novo – ele respondeu ao cumprimento, inclinando o chapéu da mesma forma que para ela.

Pea suspirou. Era claro que Griffin se lembrava da linda, alta e sempre elegante Stacy, embora, com toda certeza, ela só houvesse participado de *uma* das reuniões do bairro no ano anterior. Com Stacy por perto, não havia a menor chance de ele lhe dar mais atenção.

Se era que isso já tinha acontecido... Mesmo com uma criança nos calcanhares, Stacy era muito atraente.

Para sua surpresa, contudo, os olhos do bombeiro deslizaram de volta para ela.

– Pea? – Griffin repetiu, com uma sobrancelha levantada.

– Sim – ela aquiesceu, dando de ombros antes de soltar a versão mais curta de sua velha

explicação para a alcunha que lhe haviam dado¹.

– Pea é um apelido de infância infeliz que *pegou*... infelizmente.

– Ora, por quê? Não há nada de errado com o seu apelido.

– Pea é uma gracinha – concordou Stacy, sorrindo para ela.

– Também acho! – A filha de Stacy, Emili, interveio. – Eu gosto do seu nome. É bonito. Mas não tão bonito quanto ele... – completou, apontando para Griffin. – Você é casado? Pea não é casada. Você poderia se casar com Pea! Ela nem tem namorado, e minha mãe diz que isso é uma pena porque ela é mais bonita do que as pessoas pensam que ela é.

Pea prendeu o ar nos pulmões e sentiu o rosto arder quando Stacy pôs a mão sobre a boca da filha e tentou, sem sucesso, não rir.

Graças aos céus, Chloe escolheu esse exato momento para rosnar um aviso para o jovem bombeiro que posicionava a escada contra a árvore.

– *Chloe!* Está tudo bem! – Pea correu para o tronco, procurando o focinho preto e os olhos brilhantes.

A cadela tornou a ganir.

– Desculpe, ela não gosta de estranhos – Pea explicou ao rapaz. – Não acho que ela vá mordê-lo, mas vai avançar, sem dúvida.

– Deixem comigo – ofereceu-se Griffin.

– Ela é toda sua, capitão...

Griffin começou a subir a escada, e o rosnado baixo de Chloe se intensificou.

– *Chloe!* Olhe os modos! – Pea ralhou com a nervosa terrier.

Por favor, meu Deus, faça com que ela não avance nele!, rezou em silêncio.

Isso até Griffin fazer algo que fez os pensamentos de Pea, assim como o rosnado de Chloe, pararem. Ele chamou a cadela, claro, mas não como chamaria um cachorro, e sim um gato.

– *Pssss-pssss...* Venha, Chloe. Venha, menina, está tudo bem... *Pssss-pssss.*

Estupefata, Pea viu sua cadela levantar as orelhas e inclinar a cabeça para o homem que se aproximava.

– *Pssss-pssss...* Boa menina – murmurou Griffin, estendendo a mão devagar e deixando Chloe cheirá-la. – Veja, está sentindo o cheiro dela, não é? Isso mesmo. *Pssss-pssss...* Venha aqui. Isso...

Pea só pôde ficar parada, olhando enquanto Griffin chegava até a fenda na árvore e puxava Chloe, que continuou a cheirá-lo, curiosa. Uma vez com a cadela no braço, ele começou a descer a escada.

– Inacreditável! – exclamou Stacy com um suspiro. – Como ele fez isso? Chloe odeia estranhos!

– Ele é bonito demais para se odiar, mamãe – comentou Emili.

– Querida, vamos fazer disso um segredo nosso, está bem? – cochichou a moça. Em

seguida, olhou para Pea e sussurrou: – Mesmo que seja a pura verdade!

Pea fingiu não ouvir nenhuma delas, o que foi fácil, pois tinha toda a concentração voltada para o homem de seus sonhos, que caminhava agora em sua direção com Chloe abanando o rabo.

– Aqui está sua cadelinha, senhorita. – Griffin a entregou.

– O-Obrigada – gaguejou, Pea. – Como sabia?

– O quê?

– Aquele modo de chamá-la... Como adivinhou?

– Fazia sentido. Você disse que tem um gato, e que ela pensa que é um gato, certo?

Pea aquiesceu.

– Não é assim que chama seu gato?

Ela assentiu com um gesto de cabeça.

– Pois então. Imaginei que ela fosse reconhecer esse método.

Griffin afagou Chloe no topo da cabeça, e Pea assistiu, abismada, quando sua cadelinha que detestava estranhos fechou os olhos e suspirou, feliz.

– Mas isso foi apenas parte da minha estratégia – confessou Griffin. – Eu estava contando que Chloe sentisse o cheiro de Cali.

– Seu gato? – Pea compreendeu, de repente.

– Exatamente. – Griffin fez um último carinho em Chloe, depois se virou para os outros homens. – Muito bem, rapazes, vamos pôr a escada no lugar. Tenham um bom dia, senhoras... – Ele a cumprimentou, educado, depois Stacy. Piscou para Emili e, em seguida, se foi.

– Emili, querida, vá para dentro e espere pela mamãe. Eu estarei lá em um minuto – Stacy prometeu à filha.

– Você e Pea vão falar como o bombeiro é bonito?

– Claro que não, Emili! Agora vá.

– Tá bem! Tchau, Pea! – Emili saiu pulando para casa enquanto cantava uma canção sobre gotas de limão e unicórnios.

– Pea, eu tinha me esquecido de como esse bombeiro é maravilhoso! – exclamou Stacy. – Não é à toa que sempre teve uma queda por ele.

Pea pôs Chloe no chão, e esta trotou até a árvore, pondo-se a farejar ao redor do tronco.

– Nem pense em subir aí de novo, hein!? – Pea ralhou, severa.

Chloe olhou para ela e bufou.

– Eu poderia jurar que essa cadela entende cada palavra que digo – ela murmurou, inconformada.

– *Hellooo!* Estamos falando daquele homem divino e sexy, não da sua cadela maluquinha.

– Ela não é maluquinha – protestou Pea. – Mas tem razão, ele é divino. Talvez eu tenha mesmo uma queda por Griffin.

Stacy revirou os olhos, o que Pea optou por ignorar.

– De qualquer modo, ele se foi. Não há por que ficarmos falando sobre esse assunto.

– Como se não tivesse falado sobre esse “assunto” antes...

Pea se condenou em silêncio pelas poucas vezes – ou melhor, pelas dez ou doze vezes – em que comentara com Stacy como achava seu vizinho interessante.

– Que seja – replicou, tentando parecer indiferente. – Griffin foi embora, e não há sentido em continuarmos falando sobre como ele é lindo.

– A questão é, senhorita descompromissada, que ele me pareceu bastante interessado em você.

– Sem essa, Stacy! Griffin não estava interessado coisa nenhuma, ele só foi educado. É muito diferente.

– Sei.

– Stacy, ele nem sequer se lembra de mim, e esta foi a quarta vez que nos encontramos! Homens como Griffin não se interessam por mulheres como eu.

– Então ele tem uma memória de merda, pois muitos caras se interessam por você. E, o que quer dizer com “mulheres como eu”?

Pea suspirou. Não queria contar que a memória de Griffin não havia falhado quando ela se aproximara.

– Mulheres como eu: baixinhas, simples, sem graça... Griffin poderia se interessar por uma modelo ou deusa, não por mim.

– Quer saber? É esse o seu problema! Age como uma derrotada antes mesmo de tentar. Eu já lhe disse antes que tudo o que precisa é de um pouco de autoestima. Você tem uma aparência ótima, Pea!

Uma aparência ótima. Aquilo não resumia tudo? Ali estava a linda Stacy, dando-lhe o que ela imaginava ser uma boa dose de encorajamento, e o melhor que pudera articular tinha sido “uma aparência ótima”.

Pea estudou a loira alta e cheia de curvas, com seios fartos e um rosto tão perfeito que parecia esculpido em mármore. Como ela poderia compreender o que era ser comum, sendo que passara a vida sendo quase invisível? Stacy nunca entraria em algum lugar sem que várias cabeças se voltassem para ela.

Suspirou. Poderia apostar que o lindo Griffin já se esquecera dela. Os homens sempre se esqueciam. E também poderia apostar que os bombeiros iriam comentar sobre sua vizinha loira e gostosa por todo o caminho de volta para a estação. Alguém até poderia dizer algo como: “Ah, sim, aquela outra moça também estava lá...”.

Ela sempre fora “a outra moça”. Da qual era mais fácil esquecer.

– Vai fazer o que eu disse?

– Ahn? – Pea piscou, só então se dando conta de que Stacy continuara falando, e que ela não tinha ouvido uma só palavra.

Stacy suspirou, exasperada.

– Eu disse que não é nem meio-dia ainda, ou seja, tem tempo de sobra para ir para aquela sua cozinha fabulosa assar uma assadeira inteira daqueles seus brownies divinos e entregá-los para Griffin na estação como agradecimento!

– Deixe-me pensar... – Pea fingiu parar por um instante. – Não.

– E por que não? – Stacy não lhe deu tempo para continuar. – Porque vai estar cheio de homens batendo à sua porta para sair com você esta noite? Porque está em um relacionamento incrível com o homem dos seus sonhos? Hein?... Quem é ele?

– Sabe que não estou namorando ninguém, e obrigada por me lembrar disso – Pea replicou por entre os dentes. Depois parou para pensar pela enésima vez.

– É porque não acha Griffin atraente?

– Sabe muito bem que não é esse o caso.

– Então é porque você é detestável, rude, e não se importa em agradecer ao homem que acabou de salvar a vida de gato da sua cadelinha esquisita?

– Chloe não é esquisita e não estava prestes a morrer – protestou Pea.

– Mas podia ter se quebrado se houvesse caído dessa árvore.

– Stacy, é uma idiotice assar brownies como desculpa para ver um homem que não tem o menor interesse em mim!

– Griffin sorriu para você e perguntou sobre o seu apelido – lembrou a loira.

– Ele estava sendo educado.

– Talvez sim, talvez não... Se não assar os brownies, nunca vai saber.

Pea abriu a boca para dizer “não” outra vez, porém Stacy tornou a interrompê-la.

– Dê-lhe uma chance, Pea! Apenas uma! O pior que pode acontecer é um grupo de bombeiros com excesso de trabalho se deliciar com os seus dotes culinários. Por outro lado, talvez os seus brownies operem alguma magia e você possa viver um daqueles momentos que a gente só tem em sonho... – Stacy balançou as sobancelhas significativamente.

– Está bem! – Pea surpreendeu a si mesma dizendo. – A minha aula de dança é à tarde. Posso assar os benditos brownies e deixá-los na estação no caminho para a academia.

– Até que enfim marquei um ponto no jogo “Pea contra os homens”! Escute, não se esqueça de escrever um bilhetinho de agradecimento. De preferência naquele seu papel de carta novo, timbrado com o nome da empresa.

– Ahn?...

Stacy revirou os olhos mais uma vez.

– Isso vai servir a dois propósitos: em primeiro lugar, Griffin vai saber como é bem-sucedida e, em segundo, também vai saber como entrar em contato!

– Ah, claro... Está bem. Que seja. – Pea chamou Chloe, pensativa, e começou a recuar para sua aconchegante varanda.

– Vai escrever o bilhete ou não? – cobrou Stacy.

– Eu *vou* escrever o bilhete!

CAPÍTULO 2

Ela nunca sabia o que vestir. Como a maioria das mulheres fazia aquilo? Como colocavam a roupa certa com o cabelo certo e sapatos combinando?

Sapatos! Esse assunto, então, era um verdadeiro pesadelo! Não conseguia escolher modelos que não fossem um misto do que uma avó usava com os calçados de uma menininha de dois anos...

Pea puxou o suéter (por que este parecia tão estranho? Seus seios eram bonitos. Bonitos mesmo!) e se olhou no retrovisor de seu lindo carro novo.

Gemeu. A maquiagem também parecia estranha. Não sabia o que havia de errado nela, mas estava simplesmente... não era nada! Nem um pouco bonita, sofisticada ou sexy. E por que a sombra que ela se convencera a comprar no dia anterior de repente parecia alaranjada em vez da linda cor de pêssego da loja? Claro que agora não combinava nada com o batom violeta que, para piorar as coisas, se espalhara por seus dentes.

Pea os esfregou com força, depois examinou o cabelo. O céu podia estar claro e haver *zero* umidade em Oklahoma, mas seus fios continuavam arrepiados como os de um dente-de-leão. O que tinha na cabeça quando o deixara solto?

Com um suspiro de resignação, tirou um elástico da bolsa e o prendeu. Então pegou o prato de brownies e atravessou o estacionamento em direção à porta de entrada do corpo de bombeiros.

Ela não se abriu. Não estavam trabalhando? Era sábado, mas, mesmo assim, bombeiros viviam à disposição. Ou não? Eles haviam estado em sua casa pouco antes, e os incêndios aconteciam 24 horas por dia. Era impossível que o prédio estivesse fechado!

Mas e se ela estivesse na entrada errada?

Pea continuou parada no lugar, mordendo o lábio e analisando o que imaginava ser a porta da frente do antigo prédio de tijolos. Talvez devesse apenas deixar o prato com os brownies em algum lugar, afinal, estes se encontravam embrulhados em papel alumínio e nada iria acontecer. Ela escrevera um pequeno bilhete de agradecimento, “assinado” também por Chloe, portanto os homens iriam saber quem os tinha trazido e, provavelmente, não ficariam preocupados em morrer envenenados.

Mas bombeiros se preocupavam em morrer envenenados?

Talvez aquilo não tivesse sido uma boa ideia.

Pea mordeu o lábio com mais força.

Era sobre aquele tipo de coisa que Stacy havia lhe falado mais de uma vez. Sua vizinha não iria ficar ali, como uma idiota, com zilhões de perguntas pipocando na cabeça. Stacy teria ido para a porta da direita ou qualquer outra.

Mas quem ela estava tentando enganar? Um só vislumbre da linda loira através do vidro

escuro da porta (Deus, os bombeiros estariam ali dentro, observando-a?) e teria havido uma corrida em massa para abrir a porta antes de...

– Senhorita? – A porta se abriu, e um homem que ela reconheceu como um dos que tinham levado a escada para a árvore a fitou.

– Oh, olá... A porta estava trancada.

– Sim, senhorita, fica sempre assim. Basta tocar o sino aí do lado.

– Ah – Pea murmurou, sentindo o rosto arder ao ver a placa pouco abaixo: POR FAVOR, TOQUE A SINETA. – Eu trouxe isto para Griffin... Para agradecer por ele ter tirado a minha cadelinha da árvore – falou de uma vez e ergueu o prato.

– Ei, você é a dona da terrier que pratica arborismo! – Ele a reconheceu, rindo.

– A própria.

– Vamos lá para dentro. Vou chamar o capitão.

O rapaz segurou a porta para ela e, em seguida, fez sinal para que se sentasse em um banco junto à parede do pequeno saguão.

Pea se acomodou e tentou não parecer muito surpresa com a sede do corpo de bombeiros. Mais ou menos a três metros, à sua frente, viu uma porta em arco que levava à área da garagem onde ficavam os caminhões. Podia ver o piso de cimento liso e o para-choque dianteiro do veículo mais próximo. À sua direita havia um balcão separando um espaço que, aparentemente, servia como uma área de comunicação com complexos equipamentos de rádio e telefonia. O rapaz ali sentado a cumprimentou com um aceno de cabeça e depois voltou a se concentrar em seu livro, que Pea reconheceu como o mais recente de Christopher Moore.

– Adoro os livros de Chris Moore – comentou, simpática.

Ele olhou por cima do volume e soltou uma espécie de grunhido.

– Eu o acho hilário.

– Hum-hum – resmungou o sujeito, desta vez sem olhar para ela.

– *Bloodsucking Fiends* é o meu favorito, mas adorei *O Cordeiro* também – Pea completou.

Até ali conhecia o roteiro. Ela tentava puxar papo, e ele fazia ruídos como se a estivesse escutando. Homens faziam isso o tempo todo. Tanto que ela até elaborara uma teoria: eles só paravam para prestar atenção em mulheres bonitas. E a maioria apenas para tentar levá-las para a cama. Mulheres comuns, como ela, nem sequer fingiam ouvir.

– Hum-hum – o rapaz repetiu, distraído, enquanto ela comprovava sua doutrina mais uma vez.

Pea suspirou e começou a morder o lábio de novo. Depois parou.

Olhou para o bombeiro. Na verdade, ele também era apenas um sujeito comum. Muito jovem, com cerca de vinte anos, devia ser provavelmente apenas um ou dois anos mais moço do que ela. Tinha cabelos castanhos, de corte não definido, e um rosto e corpo normais. Usava a camiseta azul-marinho com a insígnia dourada do Corpo de Bombeiros de Tulsa e calças azul-marinho, o que, de certa forma, o tornava um pouco mais interessante. Mas, ainda assim,

o sujeito era para lá de comum.

Como ela mesma.

De repente, Pea se viu irritada por ele se achar no direito de ignorá-la. Que *todos* se achassem no direito de ignorá-la.

– Chris Moore é um grande contador de histórias – insistiu, cerrando o maxilar. – Sempre que leio os livros dele, rio tanto que chego a dar à luz uma ninhada daqueles macacos voadores de *O Mágico de Oz*...

– Hum-hum – respondeu o sujeito.

– Também fico me perguntando se há algo que se possa tomar para curar isto... – Soltou um arroto que provavelmente a fez soar como Chloe.

Foi então que seu olhar desviou do sujeito para a porta da garagem, onde Griffin estava de pé, com os braços cruzados, sorrindo para ela.

– Curar o quê? – o bombeiro atrás do balcão perguntou.

– Nada, Honeyman. Não se preocupe – descartou Griffin, ainda sorrindo.

Pea engoliu em seco, desejando que seu rosto não estivesse da cor que ela imaginava: um vermelho que nem de longe lembraria uma aparência saudável.

– Eu estava só... – Perdeu a voz. O que poderia dizer? “Eu estava fazendo papel de idiota porque o seu colega de trabalho decidiu me ignorar?”

Jamais.

Levantou o prato de brownies como se fazendo uma oferenda a um deus.

– Eu trouxe uns brownies. Como forma de agradecimento.

Griffin franziu a testa, e Pea percebeu que ele não a reconheceria.

Diacho! Três horas e meia tinham se passado desde que ele tirara Chloe da árvore, e já se esquecera dela. E pela quarta vez!

Que maravilha... Quase nada constrangedor.

Levantou-se de um salto e colocou o prato no balcão, o que ela devia ter feito havia muito tempo. Devia ter deixado os brownies ali com o maldito bilhete e ido para a aula de dança antes que...

– Ah, sim – Griffin falou, o rosto moreno suavizando com o reconhecimento. – Você é a minha vizinha. A dona de Chloe, a terrier que pensa que é um gato. – Ele fez uma pausa e depois adicionou, rindo: – Pea.

– Isso mesmo. Chloe e eu só queríamos agradecer. – Ela apontou o prato embrulhado em papel-alumínio e tentou não corar de novo, desta vez de prazer por ele finalmente ter se lembrado dela. – Fizemos brownies. Bem, na verdade, fui eu que fiz... Chloe e Max só imploraram por um pedaço.

– Max, o gato de verdade da família?

Pea sentiu outra ridícula onda de prazer por Griffin se recordar de tal detalhe.

– Isso mesmo. A diferença é que Max é tão bom escalador quanto *descedor*...

Essa não! Ela havia mesmo acabado de fazer a mesma piadinha infame outra vez?!

Sorriu, esperando que, de alguma forma, ele não percebesse que ela era o maior idiota do Universo.

– Você jamais vai ter que salvar Max.

– Não seria problema nenhum, senhorita – Griffin garantiu, fingindo tocar um capacete imaginário. – Faz parte do meu trabalho.

– N-Nós só queríamos dizer “obrigada” – gaguejou Pea, sentindo-se presa nas profundezas dos olhos azuis.

– Eu é que agradeço. Foi muita gentileza sua. Não imagina como é bom quando temos comida diferente por aqui.

– Obrigada – Pea repetiu, e então percebeu que agradecera várias vezes, desta vez por *ele* tê-la agradecido. Um horror! – Está bem... Vou deixar os brownies, mas não se preocupe com o prato, pois é muito velho. Pode jogar fora quando tiverem terminado. Ou ficar com ele, você é que sabe... – *Oh, Deus!* Ela estava tagarelando de novo! – Bem, obrigada... mais uma vez. Cuidem-se, rapazes. – Num impulso, bateu continência, depois saiu correndo.

Seu Thunderbird de edição limitada era um santuário de cor creme que Pea decidiu ser uma perfeita analogia para ela, já que tinha uma vida social tão intensa quanto Quasímodo, de *O Corcunda de Notre Dame*. Agoniada, fechou a porta e encostou a testa no volante.

– Eu bati continência para ele! – choramingou para si mesma. – Eu não devia poder andar em público sem supervisão!

A aula de dança, que vinha sendo a válvula de escape semanal de Pea para os aborrecimentos e decepções do mundo por 25 de seus quase trinta anos, não operou sua magia naquele dia. Ela se sentia lenta, e a sra. Ringwater, sua antiga, porém mais do que competente instrutora de balé, teve que repreendê-la pela falta de movimentos básicos.

Duas vezes.

Mas ela não conseguia parar de pensar em Griffin.

Sabia que era uma tolice, uma infantilidade, uma ilusão, contudo estava magoada. Sua paixão a distância de um ano tinha se transformado em um encontro devastador.

Ela era uma idiota.

– Dorreth! Concentração, *merci!* Pedi um *battement tendu jeté* e não o *battement dégagé* que executou com tanta displicência! – a sra. Ringwater falou, áspera, com seu forte sotaque francês, batendo com a vara prática contra o piso de madeira perfeito da sala.

– *Faites-l’encore!* Faça de novo!

Pea apertou os lábios e começou a levantar delicadamente o dedo do pé, tentando se concentrar e se mover em sincronia com a música clássica. Griffin sorria para ela e

encontrara seu olhar. Duas vezes. Stacy dissera até que ele estava interessado nela, e sua amiga devia entender do assunto, afinal, estava casada e feliz com Matt, uma verdadeira cópia do boneco Ken, e os homens continuavam se mostrando encantados ao vê-la.

Talvez Stacy estivesse certa. Talvez Griffin tivesse, mesmo, se interessado por ela.

Lembrou-se, então, de que Griffin não a havia reconhecido, pela quarta vez, quando a vira no corpo de bombeiros, e sentiu o estômago se apertar. Não. Ele estivera apenas sendo simpático e educado como um bombeiro devia ser. O que tinha dito mesmo? Era parte do trabalho.

Mas e se ela ficasse linda ou, de alguma forma, inolvidável? Seu pouco interesse nela se transformaria em algo mais consistente?

E como isso poderia acontecer? Como ela podia se tornar memorável? Já se esquecera de como fora desastrosa sua tentativa de fingir ser algo que não era?

Tudo o que Pea precisou fazer foi recordar seu primeiro ano do ensino médio como se este houvesse acontecido no dia anterior, em vez de há uma década ou mais. Ainda se recordava muito bem da humilhação, do constrangimento... da sensação de fracasso.

Não. O passado era o passado. E ela, uma mulher adulta agora. Não podia permitir que coisas tão infantis ainda mexessem com suas emoções.

Mas permitia.

Com um esforço sobre-humano, afastou as lembranças e se concentrou em seu reflexo na parede espelhada do estúdio. Viu o que sempre via: a Pea comum e sem graça. Vestia suas calças de dança cinza, que sobravam em torno dos quadris. (Se é que estes podiam ser chamados de quadris... Ela era franzina demais para ter as curvas sensuais que sempre invejara nas outras mulheres). Seu top de mangas compridas se encontrava bem amarrado sob as costelas, expondo mais da pele do que normalmente ela acharia confortável.

Mas aquela era uma aula de dança, disse a si mesma, e aquele tipo de aula adotava um padrão diferente em se tratando de exposição.

Quisera ela ter seios grandes para preencher a parte superior da blusa, mas não. Tinha o que a filha de Stacy uma vez chamara de “montinhos”. E seus cabelos estavam, como sempre, escapando da escravidão do elástico, com os fios castanhos grudando em seu rosto corado e suado.

Odiava aquele cabelo. Do fundo do coração.

Mas pelo menos não estava gorda, flácida e fora de forma. Na verdade, talvez nunca fosse ficar assim.

Seu “editor interno” sussurrou, malévolo, que era por não existir nada ali que pudesse ficar flácido, porém Pea se obrigou a ignorar a voz em sua cabeça, que sempre fora tão negativa.

Não importava o porquê de nada nela despencar. O que importava era que isso não iria acontecer, certo?

Não se deu tempo para responder à questão. Em vez disso, fez os pensamentos enveredar

por um caminho em que raramente se aventurava. Talvez tivesse algo que poderia ser trabalhado para se tornar original ou memorável. Talvez houvesse alguma coisa atraente nela, como Stacy vivia dizendo. Talvez só precisasse de alguma orientação para desenvolver a autoestima. Não estava mais no colégio, e não havia mais meninas do grupo de dança para lhe colocar apelidos e humilhá-la. Era uma adulta bem-sucedida agora. Na verdade, conseguira se sobressair em várias coisas: no balé, na culinária, em seu trabalho como diretora de programa da Faculdade Comunitária de Tulsa... E tinha autoconfiança o bastante quanto à própria capacidade de criar um lar perfeito.

Olhou-se no espelho enquanto fazia com perfeição um *battement tendu jeté*. Por que era tão difícil para ela transferir a autoconfiança que permeava o restante de sua vida a seu estilo pessoal e aparência? Era apenas seu passado o que a impedia de fazer aquilo? Seu medo de que, se tentasse, e desta vez falhasse como adulta, estaria condenada a frequentar um grupo de solteironas rejeitadas?

– Basta! *C'est fini* por hoje, Dorreth! – decidiu a sra. Ringwater, desgostosa. – Você não pode *concentre sur le ballet* quando sua mente está no *boudoir*!

Pea prendeu o ar e congelou na metade do movimento.

– Mas, sra. Ringwater, eu não estou...

A velha instrutora de dança levantou a mão bem cuidada, silenciando-a.

– *L'amour fait des imbéciles de nous tous...* Agora vá. Na próxima vez vai trabalhar dobrado, *oui*?

– Sim. Sinto muito, *madam*, eu... – Pea deu de ombros, sem saber ao certo se ficava constrangida ou aliviada.

Num impulso, abraçou a velha senhora antes de apanhar a toalha e correr para fora do estúdio. Ninguém nunca lhe dissera nada parecido antes! Nunca tinha sequer insinuado que ela poderia estar preocupada com o que se passava em seu quarto...

Talvez sua vida estivesse mesmo mudando.

Pois muito bem. Ela estava disposta a aceitar qualquer mudança. De verdade! Ela iria... iria...

Mordeu o lábio enquanto entrava no carro e deixava o estacionamento da academia. Não permitiria que aquilo, fosse o que fosse que de repente se apossara dela, terminasse.

Pea dirigiu sem rumo por algum tempo, então seus olhos se arregalaram diante da enorme placa vermelha e branca da livraria Borders da 21st Street. Era aquilo! Iria para a livraria e faria uma pesquisa sobre como adquirir algum estilo e evitar a “sem-gracice”. Poderia descobrir como preparar um prato *gourmet*, como mudar a pintura da casa, ou rasgar aquele papel de parede antigo e fora de moda e fazer um cômodo ficar magnífico.

Poderia até mesmo planejar as aulas para todo o Departamento de Educação Continuada da faculdade. Ou, no mínimo, aprender como ser menos estúpida.

Por que não pensara naquilo antes?

Sabia a resposta muito bem. Tinha deixado o passado governar o presente.

Pea teve vontade de dar um tapa na própria testa. Pois bem, não iria deixá-lo mais controlar seu futuro! Estilo pessoal não podia ser um território feminino tão obscuro, misterioso e desconhecido que estivesse fora de seus limites. Era apenas algo que ela precisava aprender.

Sem falar que não estava mais naquele maldito colégio. Após o ensino médio e a faculdade, ela aprendera a fazer muitas coisas difíceis. E com sucesso. Estilo devia ser apenas mais uma habilidade a ser adquirida.

Sem dúvida, era muito embaraçoso se informar sobre estilo pessoal com alguém tão perfeita como sua amiga “Barbie” Stacy, mas não podia apenas ler a respeito? *Caramba*, ela era mesmo uma imbecil! Afinal, já havia chamado um pouco da atenção daquele homem incrivelmente bonito pelo qual estivera apaixonada por um ano. Isso não significava que ao menos tinha potencial para tentar?

Pea apertou os lábios. Iria se obrigar a acreditar que sim.

Estacionou em frente à Borders e, determinada, marchou para a livraria.

CAPÍTULO 3

Apenas quando viu uma mulher já madura soluçando, quase histérica, no corredor de livros de autoajuda, Pea parou para pensar na tradução do que a sra. Ringwater lhe dissera. *L'amour fait des imbéciles de nous tous*, percebeu, significava: “O amor faz de todos nós uns tolos”.

Tentou, então, não olhar para a moça que segurava uma cópia de um livro intitulado *Por Que os Homens Amam as Mulheres Poderosas?*, concluindo que talvez estivesse na seção errada.

Deixou o corredor de autoajuda para mulheres e cruzou a seção de estudos para gays e lésbicas. Não havia sentido em parar ali... A menos que quisesse mudar de lado.

Fez uma pausa, analisando se estaria interessada em ter relações sexuais com uma mulher. Não.

Bem, ao menos tinha certeza sobre aquilo.

Pea saiu do departamento e se deslocou até as prateleiras adjacentes, intituladas “Nova Era”, onde lombadas coloridas prenderam sua atenção. O primeiro livro que puxou levava o título *Magia & Rituais da Lua* e, curiosa, ela o folheou. Capítulos como “*Esbat da Lua Cheia*” e “*A Magia das Luas Crescente e Minguante*” lhe eram tão estranhos quanto intrigantes.

Colocou o volume de volta e deixou os olhos vaguear ao longo dos outros títulos. *O Poder da Terra*, *Magia de Proteção Poderosa* e *Ritos Mágicos da Fonte de Cristal* continuaram a despertar seu interesse.

Nossa! Ela nunca tinha ouvido falar de nenhum daqueles livros ou de qualquer uma daquelas ideias. Aquilo era feitiçaria?

Notou um volume intitulado *A Wicca Desmistificada*, de Bryan Lankford. Hum... Devia ser bruxaria mesmo.

Deu de ombros. Ao menos não havia mulheres chorando naquele corredor.

Foi então que algo cintilou na borda de sua visão. Algo como a vibração das asas de uma borboleta, ou talvez como o bruxulear de uma vela sob a brisa.

Virou-se e sentiu uma espécie de sopro tocá-la, como se alguém lhe tivesse sussurrado um segredo. A lombada do livro de capa dura era cor de creme, e chamava a atenção por seu luxo. Em prata, o título parecia cintilar: *Descubra a Deusa em Você – Liberte Vênus e Abra Sua Vida para o Amor*.

Pea estendeu a mão, hesitante, embora sua atenção tivesse sido totalmente capturada. Com um ruído suave, o volume deslizou para longe dos outros dois entre os quais se encontrava preso.

Ela correu os dedos sobre a capa. O título se destacava em relevo prata, assim como o nome da autora, Juno Panhellenius, que podia soar estranho, mas embora Pea o tenha considerado adequado, uma vez que lembrava magia antiga e mistério. O único desenho era a

silhueta também prateada de uma deusa atemporal (e bastante curvilínea), que tinha os braços erguidos e a lua cheia descansando entre as mãos. A diva parecia tão sexy, misteriosa e desejável!

Franziu o rosto. O livro parecia muito frio sob seus dedos.

Abriu-o e estudou o índice: “Encontre Vênus e Adquirir Confiança”, “Encontre Vênus e Conheça a Beleza”, “Encontre Vênus e Adquirir *Sex Appeal*”, e assim por diante até o último capítulo: “Encontre Vênus – Invoque a Deusa!”.

Pea sentiu uma ponta de excitação atravessar o corpo. Era aquilo! Se conseguisse adquirir a confiança de uma deusa, com certeza deixaria de ser invisível.

E que divindade seria melhor do que a própria Vênus, a deusa do Amor? Quem poderia ignorar Vênus? Se uma mulher tivesse o fascínio de uma deusa, o que não poderia fazer? (Ou quem ela não poderia conquistar?)

Rindo discretamente, apertou o livro contra o peito e correu em direção à fila do caixa.

Sentia-se leve, feliz e esperançosa ao sair do estacionamento da Borders e, num impulso, dirigiu para o centro. Verificou as horas: 17h35. *Isso!* Seu restaurante favorito, o Lola's, na Bowery, já devia estar aberto, mas ainda era cedo para que estivesse muito lotado. Pegaria aquela mesa de canto, perfeita para leitura, e pediria seu aperitivo favorito: o prato de antepastos italianos.

Ah! Podia até mesmo se dar de presente um dos coquetéis de Martini do Lola's. Seria como se estivesse de férias!

Que melhor maneira haveria de virar a página?

– Admita, Vênus. Eu estava certa – declarou Perséfone.

– Estava mesmo, e não me importo em reconhecer: Tulsa é maravilhosa! Não acredito que tenha guardado segredo quanto a este reino tão moderno por todo esse tempo! – protestou a deusa do Amor.

– Eu não estava guardando segredo! Conteí a você sobre Tulsa.

– *Ha!* Só depois que eu vi aquelas botas divinas.

– Das quais agora também possui um par.

– Junto com estes brincos incríveis! – Vênus sacudiu a cabeça, de modo que os pingentes feitos à mão dançassem em torno de seu gracioso pescoço. – Como se chamava aquele lugar maravilhoso, cheio de contas, mesmo?

– The Bead Gallery. A mulher moderna de que sou amiga, Lina Santoro, apresentou-me à Donna Prigmore, proprietária da loja, em uma das minhas viagens por aqui. Como diz Lina, Donna fabrica joias dignas de uma deusa.

– Verdade. Que surpresa maravilhosa! Eu também sou obrigada a admitir que estava certa sobre estas bebidas. – Vênus tomou um gole da taça de Martini gelado e gemeu com um prazer quase sexual. – Como chamam esta criação inspirada?

– É um dos coquetéis de Martini do Lola's. Está bebendo o Nupcial, uma mistura de vodka Skyy sabor baunilha e *schnapps*, uma espécie de aguardente sabor caramelo. O cardápio diz que vai amar esse drinque até que a morte os separe!

– Muito apropriado para a deusa do Amor... Opa! – Vênus comentou, rindo, depois baixou a voz. – Pelos mamilos arrepiados de Hera, é difícil lembrar de que ninguém sabe quem eu sou aqui! Preciso ter cuidado com o que digo.

– Vênus, querida... Chamar a si mesma de deusa não fará com que os mortais modernos acreditem que é realmente uma divindade, mas usar essas exclamações arcaicas irá causar estranheza, sem dúvida. Isso para não dizer que Hera vai ficar louca se ouvir você! – Perséfone sorriu. – Como sabe que os mamilos dela são arrepiados?

– Bem, devem ser. Ela está sempre... – parou e procurou a palavra certa – ... *acesa*. E sabe que estou dizendo a verdade. Hera vive com aqueles quitões brancos e transparentes. Quem não nota seus mamilos? Estão sempre enrugados e eretos. Isso me faz pensar que Zeus pode não estar cuidando muito bem de suas necessidades. Como deusa do Amor, talvez eu devesse falar com ele.

Perséfone engasgou com o Martini, cuspendo-o.

– Isso eu quero ver! Você perguntando ao todo-poderoso Zeus se ele é bom amante ou não!

– É prerrogativa minha questionar até mesmo Zeus – Vênus se defendeu, altiva. – O Amor é a minha área de atuação. – Seus olhos se arregalaram, então, e ela sorriu, maliciosa. – Por isso mesmo comprei... – a deusa se abaixou e puxou uma caixa comprida e em forma de cilindro de uma das sacolas de compras a seus pés. – ... isto! – Levantou a caixa com um floreio.

Perséfone balançou a cabeça e tentou, sem sucesso, abafar uma risadinha.

– Não acredito que comprou aquela coisa!

– Como eu poderia não comprar depois de ver o nome? – Ela apontou a caixa preta e brilhante com as palavras “O Deleite de Vênus” escritas em brilhantes letras carmesins. – Como se abre esta coisa?

– Vai abri-la? Aqui?

Os olhos cor de violeta de Vênus se voltaram para Perséfone, confusos.

– Por que não?

– Porque parece um...

Vênus conseguiu abrir a tampa e deslizou para fora seu conteúdo.

– ... um pênis grande e preto! – exclamou, completando a frase por Perséfone.

– E não é que é mesmo? – Perséfone olhou o aparato, curiosa. – E parece tão real! Qual é a textura?

Vênus acariciou o eixo longo e escuro, correndo os dedos delgados pela cabeça arredondada e pelas saliências e veias perfeitas.

– É agradável! E muito mais realista do que os falos que os antigos esculpem. Verdade!

Nem mesmo o pênis de um deus fica tão rijo como este, por mais que Apolo se vanglorie... Como isto funciona? – Vênus sacudiu o enorme vibrador, entusiasmada, chamando a atenção de vários homens sentados no bar, aos quais ela optou simplesmente por ignorar. – A mocinha disse que ele vibra, mas não está vibrando – reclamou, franzindo a testa.

– Dê-me essa coisa aqui. Tem que colocar as baterias.

– Baterias?

– Uma magia moderna. Faz com que funcione.

– Ah. – Vênus tomou um gole do Martini enquanto assistia a Perséfone inserir as pilhas no eixo do vibrador. – Essas coisas vão fazê-lo vibrar?

– Pelo menos foi o que a garota da Pricilla's Toy Box disse.

– Estranhos aqueles brincos e alfinetes que ela usava. Não parecia uma amazona guerreira? – comentou Vênus.

– Agora que mencionou, havia mesmo algo de selvagem na vendedora. Ela pode não ser amazona, mas acho que Artemis a aprovaria – concordou Perséfone. – Tome. Tente ligar agora. – Passou o pênis por cima da mesa e apontou para o interruptor escondido na base. Vênus deslizou o botão, e o membro enorme ganhou vida, vibrando alegremente.

A deusa do Amor soltou uma exclamação.

– Pelos testículos pendurados de Zeus! Isto é mágico!

– Vênus... – Perséfone olhou ao redor do restaurante fino, fazendo uma carranca para os homens no bar que agora se divertiam com a demonstração desinibida da deusa. Determinada, tomou o vibrador das mãos da amiga, desligou-o e o colocou de volta na caixa. – Definitivamente precisa parar com essas imprecações.

– O quê?

– Os mamilos e testículos dos olímpicos não podem ser usados como maldições aqui. – Ela guardou o Deleite de Vênus na sacola de compras e a chutou para baixo da mesa.

– Perséfone, eu sou a deusa do Amor! – Vênus manteve a voz baixa, porém firme. – Por que não me seria apropriado praguejar, fazendo referência à genitália de alguém?

– Quer se adaptar a este reino ou não?

– Claro! Adorei os mortais modernos! Já pude perceber, inclusive, que os homens são galanteadores sem ser bajuladores, e que as mulheres se movem com uma liberdade e um poder... Planejo ficar muitos dias explorando este lugar maravilhoso.

– Então deixe os genitais dos deuses e das deusas fora dele!

Vênus franziu a testa, absorta.

– Não sei se consigo. Sabe que me refiro ao amor sempre que posso.

– Amor? – Perséfone levantou uma sobrancelha delicada.

– É óbvio. Genitais têm a ver com amor, amor tem a ver com genitais. Perséfone, querida, precisamos ter uma conversa mais particular? Como anda sua vida sexual? Tem tido orgasmos múltiplos? E, quando está sem parceiro, tem se dado prazer adequadamente?

Perséfone ergueu as mãos espalmadas.

– Pare! Está bem, você venceu. Use as imprecações que quiser. Basta estar preparada para ser questionada sobre elas.

– Estou sempre preparada para responder a perguntas sobre o amor. – Vênus sorriu. – Mas antes quero... – Ela acenou para a jovem garçonete, apontando para as duas taças quase vazias de Martini.

– Outra rodada, senhoras?

– Querida, disse que seu nome era Jenny, não disse? – Vênus perguntou.

– Isso mesmo. – A garçonete sorriu. – Mais dois Martinis?

– Sim, mas desta vez vamos tentar o Despertar – decidi Perséfone.

– Excelente! Vão adorar. Vou trazê-los agora mesmo.

– *Despertar?* – Vênus perguntou a Perséfone tão logo Jenny se afastou.

– É uma delícia: licor de chocolate, café expresso, vodka e gelo picado. – A deusa da Primavera lambeu os lábios e estremeceu de prazer. – Confie em mim.

– Ah, mas eu confio! Parece... decadente. Tenho certeza de que vou adorar. Amei tudo neste reino.

– Está bem, mas também terá de parar de chamar o lugar assim. Não se diz “reino de Tulsa”. É apenas Tulsa. Como Roma é apenas Roma, e não “o reino de Roma”.

– Tente dizer àqueles romanos antigos e obsessivamente patrióticos que Roma não é um reino!... – Vênus zombou.

– Tem razão. Não fui feliz no exemplo. A coisa é que aqui você pode ser excêntrica e diferente, não há problema. Mas é bonita demais e...

– Ah, obrigada, querida! – Vênus interrompeu.

– Só estou dizendo a verdade. Como eu dizia, o que diz pode causar estranheza nos mortais modernos por conta de sua beleza.

– Estranheza? Mas eu não sou estranha.

– Pela bunda gigante de Atena, claro que é! – Perséfone exclamou, imitando a voz da amiga e usando uma de suas frases favoritas.

Os olhos cor de violeta de Vênus brilharam.

– Mas o traseiro de Atena está ficando grande, mesmo! Vamos, admita... E ela anda muito aborrecida! Vive dizendo: “Olhem para mim! Sou a deusa dos olhos cinzentos, da Guerra, da Sabedoria e das Artes...” – Vênus exagerou num bocejo. – Atena precisa se soltar mais, e em mais de um sentido. Alguns alongamentos e uma boa corrida iriam ajudá-la tanto quanto arrumar um amante ou dois.

– Você é incorrigível – Perséfone riu. – Mas não vai me fazer mudar de assunto tão fácil. Escute, pode soltar as suas imprecações, pode até mesmo dar palpite na vida amorosa das pessoas, mas não pode sair por aí chamando Tulsa de reino.

– Está bem.. Não é um reino, então, é uma cidade. Entendi. Vou me lembrar disso, pode

deixar. Mas que estou me divertindo muito, estou! Adoro Tulsa e essa mistura de homens modernos e descarados com mulheres confiantes, ainda mais porque nenhum deles faz ideia de quem eu sou.

– Eu disse que seria uma experiência incrível visitar o mundo moderno.

– Bem, eu sou o Amor, portanto posso afirmar que o Amor está apaixonado por Tulsa!

A garçonete colocou mais dois Martinis na mesa, junto com duas fatias finas de um bolo branco, requintadamente decorado.

– Aqui estão os seus coquetéis, senhoras. E como a proprietária, Lola, está testando uma nova sobremesa, um bolo de casamento, por favor, aceitem uma amostra com os nossos cumprimentos.

– Bolo de casamento! – Vênus riu e bateu palmas em uma exibição de prazer tão espontânea quanto a de uma menina. – Perfeito!

– Vai se casar? – perguntou a jovem garçonete.

– Eu? Não! Já estou casada há tempo demais. Não é por isso que é perfeito. É que eu sou o Amor, e bolos de casamento são meus favoritos.

A garçonete continuou a sorrir, educada, porém seu semblante era um ponto de interrogação.

– Ela já uniu vários casais, por isso vivemos dizendo que é um amor – Perséfone tentou justificar, apressada.

– Ela é tão boa assim nisso? Que maravilha!

– Nem faz ideia! – Vênus murmurou em meio a uma enorme mordida no doce. – Paris e Helen, Pigmaleão e...

– Obrigada pelo bolo, Jenny! – Perséfone interrompeu, aflita. – E fique de olho nos nossos Martinis. Vamos querer pelo menos mais uma rodada.

– Podem deixar.

Quando a moça se afastou, Perséfone mordeu sua própria fatia, balançando a cabeça para Vênus.

– O que foi? Não gostou do bolo? Achei maravilhoso!

– O bolo está uma delícia. Em compensação, você não tem jeito.

Vênus tomou um gole do novo coquetel e gemeu baixinho.

– Pelo falo de ouro de Apolo, isto é delicioso!

– Vênus, será que poderia, *por favor*, se lembrar de que, para os mortais modernos, Troia existiu há milhares de anos, e que Pigmaleão ter esculpido Galateia no mármore é apenas um mito?

– Pigmaleão, um mito? Impossível. Ele detestava as mulheres antes de eu bancar a casamenteira e fazê-lo se apaixonar por uma estátua. – Vênus sorriu, maliciosa. – Devo dizer que, daquela vez, eu me superei. Como podem dizer que essa história de amor é uma fábula?

– Você os conhecia! – sibilou Perséfone. – E está acostumada a magia, ao contrário dos

mortais modernos.

Vênus pendeu a cabeça para o lado e estudou Perséfone.

– Parece muito tensa. Qual foi a última vez em que teve um orgasmo?

– Isso não tem nada a ver com o assunto!

– Claro que tem. Quando foi?

– Há cinco dias.

– *A-ha!* – Vênus assentiu, como se provando mais um ponto para uma plateia atenta. – Viu só? Aí está o problema.

– Não há problema nenhum.

– Não haverá se dermos um jeito nisso. – A deusa do Amor correu os olhos pelo restaurante, estudando os homens no bar.

– Vênus, francamente... Eu estou bem! E se não estiver, tenho uma boa lista de mortais que posso chamar – declarou Perséfone, presunçosa.

– Que bom, então faça isso! Cinco dias sem um orgasmo é tempo demais. Tem certeza de que não quer que eu lance um pouco de magia? – Vênus agitou os dedos longos e benfeitos, e um brilho começou a se formar no ar em torno deles.

– *Não!* – Perséfone gritou, segurando a mão da amiga, e o pó mágico caiu em uma pilha pequena e borbulhante sobre a mesa. Aflita, ela soprou a substância e acabou espirrando, o que fez a poeira cintilante dançar no ar ao seu redor antes de desaparecer de volta nos dedos da deusa do Amor.

– Tome cuidado! – ralhou Vênus enquanto terminava um último pedaço do bolo. – Esse material não faz bem para os pulmões.

– Obrigada por me lembrar – Perséfone disse, sarcástica, enquanto fungava, discreta. – E não se preocupe em lançar nenhuma magia do amor. Estou me virando muito bem sozinha. Além do mais, sabe o que acontece quando começa a se envolver muito na vida amorosa dos deuses...

– Do que está falando? Fiz incontáveis arranjos. E muito bem-sucedidos!

– Sim, fez. Entre os mortais. Mas, quando mexe com os imortais, como comigo, por exemplo, as coisas tendem a dar erradas. Muito erradas!

– Está exagerando.

– Exemplo 1: Atena e Ulisses. Você decidiu que Atena precisava amar um mortal. Olhe-me nos olhos e diga se a sua intromissão não fez com que o homem se distanciasse da esposa e da família por vinte anos.

Vênus deu de ombros, parecendo desconfortável.

– Se Atena não tivesse sido tão obsessiva, esse pequeno caso não teria sido tão ruim.

– Então está admitindo que não foi bom?

– Talvez.

– Muito bem. Exemplo 2: o fracasso Cila / Glauco / Circe.

– Não é justo! Eu não fazia ideia de que Circe era tão ligada a Glauco. Imaginei que ele e Cila fossem fazer um lindo par. Sabe que eu achei Glauco delicioso depois que ele se tornou uma divindade da água. Como eu ia saber que o fato de Cila rejeitá-lo faria com que Circe ficasse com tanta raiva? – Vênus fez beicinho. – Não sei como pode colocar a culpa disso em mim.

– Está bem. E quanto ao Exemplo 3: Zeus e...

– Você venceu. Apesar de que jamais irei compreender como pode me culpar por qualquer um dos casos de Zeus! – defendeu-se Vênus. – Não vou me intrometer na sua vida amorosa... Por enquanto – ela acrescentou em voz baixa. – De qualquer forma, tenho necessidade de, não sei, fazer algo por esses fabulosos mortais. Como recompensa por essa estada maravilhosa na *cidade*. – Vênus deu ênfase à palavra, arrancando um sorriso de Perséfone.

– Pois então se meta com os mortais. Por mim, está bem. Conscientes disso ou não, eles têm sorte por a deusa do Amor estar tão interessada em suas vidas.

– Verdade! – Vênus se entusiasmou. – Ah! Formar casais sempre me deixa excitada.

– Vênus, ID!

– ID?

– Informações Demais! Guarde suas sensações para si mesma, *por favor!*

– Sabe de uma coisa? Para a deusa da Primavera, você é muito puritana. – Ela estreitou os olhos para Perséfone. – Quando foi a última vez em que olhou a beleza de sua flor de lótus sagrada em um espelho?

Perséfone engasgou com o Martini.

– Como eu pensava. Precisa gastar mais tempo com o núcleo da sua feminilidade – declarou Vênus.

– Concentre-se nos mortais, Vênus! – Perséfone implorou em meio a um acesso de tosse.

– Já que insiste... – A deusa do Amor suspirou, voltando a atenção para as pessoas ao redor delas, enquanto pensava que daria a Perséfone um espelho especial assim que voltassem para o monte Olimpo.

Quando, logo em seguida, um grupo de homens entrou no restaurante rindo, todos os pensamentos a respeito de Perséfone e espelhos fugiram da mente de Vênus. Eles se sentaram no reluzente bar de carvalho e começaram um flerte bem-humorado com a própria Lola, que surgira da cozinha mostrando ser uma daquelas mulheres sempre atraentes, que poderia estar em qualquer ponto entre os 35 e 55 anos, e continuaria confiante e sexy entre os 65 e 75. Sem dúvida, os homens eram clientes assíduos, assim como os favoritos de Lola e sua equipe.

– Quem são eles? – Vênus perguntou à deusa da Primavera.

– Os bombeiros... – Perséfone ronronou a palavra.

CAPÍTULO 4

Com um marcador de texto na mão, Pea se debruçou sobre seu novo livro. *Descubra a Deusa em Você – Liberte Vênus e Abra Sua Vida para o Amor* foi mantido aberto com duas espátulas, de modo que ela pudesse beliscar o delicioso prato de antepastos e continuar lendo ao mesmo tempo. Já havia passado os olhos por todos os capítulos sobre confiança, beleza e bom sexo, destacando as seções para as quais precisava voltar, a fim de estudá-las mais a fundo.

Nossa... Ler aquele livro era como abrir os olhos! Tinha passado a vida ouvindo falar em profecias para satisfação própria, e em como se podia fazê-las acontecer, e acreditava totalmente naquele tipo de coisa em se tratando de progredir na carreira. Essa fora uma das razões pelas quais obtivera uma promoção incrível de diretora de programa assistente do Departamento de Educação Continuada da Faculdade Comunitária de Tulsa para honrada diretora principal. Era agora sua própria chefe, respondendo apenas ao presidente da faculdade e sua diretoria, além de a mais jovem dirigente.

Contudo, sempre acreditara em suas habilidades de administração e sabia que, sem sombra de dúvida, era especialista em escolher professores e aulas adequados para os adultos da comunidade. Sob sua influência, o departamento para adultos se tornara popular e bem-sucedido, agregando muito ao currículo da faculdade.

Ela nunca havia pensado que poderia utilizar o mesmo processo de pensamento lógico e positivo para aparar as arestas de sua vida pessoal.

Não. Era mais do que isso. Enquanto lia o livro e pensava com fervor sobre prognósticos pessoais, percebeu que acabara realizando a inépcia que tivera início na escola.

E como isso lhe pareceu tolo! Era como se adolescentes idiotas ainda a estivessem influenciando: uma mulher adulta.

Mas o livro iria ajudá-la a mudar tudo aquilo; iria lhe proporcionar uma perspectiva totalmente nova.

Quanto mais lia, mais intrigada Pea ficava. O texto parecia recheado de crenças matriarcais, as quais, no fim, se concentravam no valor das mulheres daqueles tempos e no que, pelo visto, se resumia a uma antiga crença na divindade do feminino.

Que coisa mágica pensar que ela era especial e digna de amor por conter parte da Energia Divina Feminina dentro dela!... Era tão ou mais inebriante do que o maravilhoso coquetel de Martini com romã que estava saboreando.

Pea devorou o livro e até mesmo pediu outro coquetel. Por que não esbanjar um pouco? Ela era, afinal, uma mulher fabulosa, que merecia ser tocada pela faísca poderosa e sexy do Divino Feminino!

Ansiosa, virou a página para o capítulo final: “Encontre Vênus – Invoque a Deusa!” e,

surpresa, correu os olhos pelo trecho relativamente curto. Dizia que ela deveria memorizar a oração de invocação a Vênus e, enquanto dava prazer a si mesma até atingir o orgasmo, recitar o chamamento em voz alta. A deusa do Amor iria ouvi-la, então, e abençoá-la com o poder do amor, da beleza, da confiança e do desejo. Em outras palavras, todas as coisas que ela tanto desejava!

Com certeza soava muito estranho se masturbar enquanto recitava uma invocação a uma deusa, e a antiga Pea jamais teria feito uma coisa daquelas. Na verdade, a antiga Pea nunca ficara muito à vontade com aquela questão de masturbação. Claro que costumava fazer isso, mas não com muita frequência, e sempre se sentia envergonhada depois.

Mas isso acontecia com a antiga Pea. E a antiga Pea era uma idiota insegura.

A nova Pea virou a página e começou a memorizar a invocação:

Deleite, prazer, bem-aventurança e alegria

Ah, querida Vênus, me concedas!

Com amor e esperança a ti invoco

Opera em mim a tua magia.

Por felicidade e êxtase, eu imploro

Bela Vênus, bendita sejas!

E então se esperava que atingisse um orgasmo.

Pea suspirou. Iria demorar a memorizar aquela invocação e fazer tudo direito.

Retomou a tarefa, decorando linha por linha enquanto roía os vegetais crus da bandeja de antepastos, tentando não engolir o segundo Martini de uma vez.

De repente, um ruído seguido por uma gostosa risada interrompeu sua concentração. Pea ergueu a cabeça e teve que reprimir, ela própria, uma risada. Duas mulheres absolutamente maravilhosas bebiam Martinis enquanto estudavam, divertidas, um enorme pênis negro que agora vibrava com força. Pea não acreditou que não as houvesse notado antes. Elas eram o tipo de mulher que até mesmo as outras mulheres encaravam.

De sua mesa escondida a um canto, foi fácil para ela observá-las, discreta. Como era possível que tivessem cabelos tão perfeitos?

Uma delas, que parecia a mais jovem das duas – embora nenhuma parecesse ter mais de trinta anos –, tinha cabelos longos e espessos, da cor da terra fértil ou de um caro móvel de mogno. Os cabelos da outra também eram compridos, batendo bem abaixo dos ombros em abundantes ondas da cor do sol.

Não, não era bem assim. Era mais prateado do que dourado, mais para a cor do luar do que para a da luz solar, e cintilava como um metal precioso.

Num impulso, Pea levou a mão ao próprio cabelo. Mesmo estando este ainda fortemente preso pelo rabo de cavalo que ela fizera para a aula de balé, podia sentir os fios castanhos e

rebeldes escapando. Seus cabelos eram compridos demais. Mas era claro que ninguém poderia afirmar isso, exceto quando estes se encontravam molhados. Quando secavam, eles se encolhiam em uma massa disforme e marrom. Não importava o quanto ela os escovasse; os fios nunca endireitavam ou ficavam no lugar. Nunca. Ela tentara até mesmo ir a um daqueles salões repletos de lindas mulheres negras e exóticas com cabelos incríveis, pedindo ajuda. O cabeleireiro trabalhara com competência, mas o produto que ele usara acabara deixando os fios gordurosos e ainda mais crespos.

E ela voltara a ficar com aquela *coisa*.

Não! Pea sacudiu a cabeça, determinada, e tornou a enfiar o nariz no livro da deusa. Já bastava daquela atitude derrotista. O Divino Feminino de Vênus não poderia prosperar com uma atitude tão negativa e derrotista.

Mas era difícil memorizar qualquer coisa quando aquelas duas mulheres fantásticas pareciam estar tendo uma conversa tão divertida. Não conseguia ouvir exatamente o que diziam, mas adorou observá-las.

Mastigou um pedaço de brócolis cru, desejando já não ter comido todo o queijo importado e o *prosciutto*, um tipo de presunto curado a seco, envelhecido e temperado. Talvez devesse mandar tudo para o inferno e pedir outro aperitivo...

Vozes masculinas chamaram a atenção das duas mulheres, e Pea sentiu uma onda de choque ao reconhecer o primeiro deles na entrada.

Era Griffin! Na verdade, eram todos os bombeiros que haviam atendido ao chamado para o resgate de Chloe. Ainda usavam seus uniformes casuais, azul-marinhos, com a insígnia dourada do Corpo de Bombeiros de Tulsa no peito e nas costas. Encheram o balcão comprido do bar, brincando e flertando com a mulher elegante que ela sabia ser Lola, a proprietária do restaurante.

Relutante, Pea desviou a atenção dos bombeiros, de Griffin em particular, e se concentrou nas duas lindas mulheres.

E sentiu o coração afundar no peito como uma rocha. Era claro que as duas tinham notado a entrada de um turno inteiro de homens bonitos. E era apenas uma questão de tempo antes que os bombeiros, por sua vez, notassem sua presença. O que iria acontecer era mais do que previsível: as mulheres se juntariam aos homens, e eles iriam flertar, conversar, rir e, sem dúvida, marcar encontros.

A loira era a mais impressionante das duas e, em termos de beleza, Griffin seria seu par, sem sombra de dúvida. E era óbvio que tinham notado um ao outro. Como não podiam? Pessoas bonitas como eles eram feitas para ficar juntas. Iriam se apaixonar, casar e ter uma porção de filhos maravilhosos.

Que deprimente!

E, nesse meio tempo, nenhum infeliz a notaria.

– Pea, quer mais alguma coisa?

A pergunta da garçonete a fez saltar, e Pea sentiu as faces arder ao ser pega encarando as duas mulheres. Devia estar parecendo uma daquelas crianças que ficavam acordadas até tarde para espiar a vida dos adultos.

Nervosa, ela se levantou e pegou a bolsa, disposta a encobrir a ridícula gafe indo para o banheiro das mulheres. Abriu a boca para dizer à garçonete “não, obrigada”, afirmar que estava satisfeita e que já ia pedir a conta, quando, para sua completa humilhação, o que saiu em vez das palavras foi o maior, mais alto e malcheiroso arroto na história conhecida do Universo. O maldito pareceu ecoar nas prateleiras de vidro repletas de bebidas que cobriam a parede atrás do bar e lançou uma nuvem com cheiro de brócolis ao seu redor.

Para variar, em vez de se sentir invisível como de costume, Pea viu o restaurante inteiro se voltar para fitá-la.

– *Caramba*, garota! Esse estava bem maduro... – comentou um bombeiro de cabelos grisalhos e barriga de cerveja incipiente. Então bateu na coxa grossa e gargalhou.

Pea quis morrer. Quis derreter no chão e deslizar sob a porta, de modo a se reestruturar do lado de fora, no estacionamento, longe de todos que ainda a olhavam e, uma vez sozinha... *morrer*.

Naturalmente, em vez de agir com calma e frieza, colocando duas notas de vinte sobre a mesa e caminhando porta afora, Pea desabafou:

– Perdão! Desculpem, mas vegetais crus sempre me dão gases.

Ouviu uma risada histérica e percebeu que esta vinha de sua própria boca. Por que não conseguia parar?

Enfim, foi capaz de dizer para a garçonete com um suspiro:

– Vou pagar a conta depois de ir à toalete...

Mantendo a cabeça baixa, passou correndo pelos homens e pelas duas mulheres lindas no bar. Pôde sentir seus olhares e soube que, ironicamente, seu rosto estava tão vermelho e brilhante como um caminhão de bombeiros.

Uma vez abrigada no banheiro, lançou-se em uma cabine e afundou o rosto quente nas mãos. Vênus, ou qualquer outra pessoa, iria ter muito trabalho para transformá-la numa mulher decente.

Enquanto, discreta, Hera via Vulcano estudar as imagens em seu fogo sagrado, lembrou a si mesma de que deveria sempre seguir a própria intuição.

E seus instintos lhe diziam para observar o filho em silêncio.

E lá estava Vulcano, parecendo encantado com a cena que se desenrolava diante dele.

Hera também sentiu-se intrigada ao observar a imagem refletida no fogo. O fio mágico que seu filho mandara seguir Vênus e Perséfone funcionava quase como um oráculo. Era uma passagem para outro tempo ou lugar – e, naquele caso, para outro mundo.

Perséfone e Vênus podiam ser vistas claramente, sentadas à mesa de um lugar luxuoso.

Como era típico das deusas, estavam rindo e, como de costume, se divertindo.

Então, de súbito, o foco do fio mágico mudou, e Hera concluiu que a risadinha tímida de outra moça era que devia ter chamado a atenção de Vulcano. Surpresa, teve que cobrir a boca com a mão e sufocar o próprio riso, o qual, de qualquer forma, não teria sido ouvido em meio ao bufar do deus do Fogo. Mãe e filho tinham notado o título do livro que a mortal estava lendo.

– *Descubra a Deusa em Você – Liberte Vênus e Abra Sua Vida para o Amor...* Como não? – Vulcano murmurou com sua voz grave cheia de sarcasmo. – É sempre Vênus. Apenas ela fica com os créditos da criação do amor.

Hera ficou muito quieta. Sempre ouvira o filho falar de Vênus com gentileza e respeito, embora todos no Olimpo soubessem que o casamento deles fora uma farsa desde o princípio. Dizia-se, embora ela não tivesse ouvido as palavras do próprio filho, que Vênus e Vulcano mantinham um casamento de conveniência, pois unir-se à deusa do Amor fizera o deus do Fogo parecer mais poderoso, mais “olímpico”, mais aceito pelo restante dos deuses. Vênus, por sua vez, teria a desculpa de que precisava para quando quisesse se ausentar do assédio constante daqueles que desejavam amor.

Hera suspirou. Sempre achara que o arranjo servira melhor a Vênus do que a seu filho. Quando estava esgotada, a deusa do Amor deixava o reino do marido, nas entranhas do Olimpo, e ressurgia cada vez mais revigorada. Mas ser casado com o Amor não tornara Vulcano mais aceito. Ficara claro, desde o começo, que aquele casamento acabara agindo contra ele. A opinião geral dos imortais era marcada pelo ceticismo. Como alguém poderia se casar com o Amor e permanecer intocado por ele?

– Pea? – indagou Vulcano, e então riu de verdade. – Que tipo de nome é Pea?

Hera permaneceu no lugar e balançou a cabeça em silêncio, ainda surpresa com o aparente interesse do filho pela pequena mortal de aparência tão comum.

Um som terrível emanando do oráculo incandescente fez Hera voltar a atenção para a cena do mundo moderno. A tímida jovem chamada Pea havia soltado gases! E ruidosamente, diante de todos!

Penalizada, a deusa a observou fugir do local.

– Eles deveriam deixá-la em paz! A pobre já está se sentindo humilhada o bastante sem que eles piorem as coisas – opinou Vulcano com um rosnado.

Que intrigante era ver seu filho demonstrando tanto interesse!

O fio invisível de fogo seguiu Pea, de modo que a deusa pôde ver seu embaraço. Vulcano a observou, também, deixando escapar outro resmungo.

Hum... Então ele estava se identificando com a mortal.

Um súbito pensamento atingiu Hera. Talvez fosse aquilo! Talvez Vulcano parecesse incapaz de amar porque sempre fora cercado pela perfeição do Olimpo; perfeição que sempre o rejeitara. Talvez necessitasse de alguém com quem pudesse se identificar, alguém que

realmente precisasse dele.

Hera estudou a mortal de nome estranho mais de perto. Ela parecia mesmo necessitar de algo.

E se fosse do amor do deus do Fogo?

– O que ela está fazendo? – Vulcano continuou a murmurar diante da cena em meio às chamadas.

Hera viu Pea em pé diante de uma pia, olhando para si mesma em um espelho, enquanto recitava uma...

A deusa sorriu. A menina era uma leitora atenta. Estava recitando sem parar uma invocação que só poderia ter vindo do livro ainda aberto sobre a mesa onde o havia deixado. Aquilo era uma bela reviravolta em uma situação já muito interessante.

Hera sentiu a cabeça borbulhar com ideias, planos... Não seria irônico se a invocação fizesse Vênus ajudar Vulcano a assistir a mortal que tão inesperadamente tinha capturado a atenção de seu filho? Afinal, era a Vênus que o fio mágico do deus do Fogo seguia.

Sim, aquilo estava tudo estava se encaixando!

Quando a mortal começou a recitar a invocação outra vez, Hera se prontificou a terminar aquilo a que já dera início. Das sombras, por trás de Vulcano, ela se concentrou, invocando seu poder de rainha dos deuses.

– Deleite, prazer, bem-aventurança e alegria... Ah, querida Vênus, me concedas! – entoou Pea.

Hera ergueu a mão e sentiu o calor divino se concentrar em sua palma enquanto sussurrava:

– *Com minha magia divina, do coração do lar eu clamo... Seja este rito a tua sina.*

– Com amor e esperança a ti invoco... Opera em mim a tua magia!

– *Abre os olhos de Vulcano, renova seu coração* – Hera prosseguiu, evocando cada vez mais o poder que era seu direito de primogenitura. – *E que o Amor pague sua dívida, então.*

Fechando os olhos, Pea proferiu as últimas palavras da invocação:

– Por felicidade e êxtase, eu imploro... Bela Vênus, bendita sejas!

Quase no mesmo instante, Hera concluiu a conexão, lançando seu poder invisível diretamente sobre o fio, de modo que apenas ela tivesse ciência de sua ação enquanto este chiava, indo do Olimpo para Tulsa.

– *Sob o meu comando, de Pea escuta o clamor. Vincula o auxílio de Vênus, e que em Tulsa esta apresada fique, até que à mortal liberte o verdadeiro amor!*

A evasão de poder foi tão violenta que Hera tropeçou. Vulcano olhou por cima do ombro, e a imagem no fogo oscilou, desaparecendo em seguida.

– Mãe? Não a ouvi entrar aqui.

Hera disfarçou seu deslize, assim como sua bisbilhotice, franzindo a testa e olhando para a parte de baixo de sua veste diáfana.

– Acho que pisei na barra da minha túnica nova e a rasguei... Vulcano, querido, será que

não pode tornar a escada até seu reino um pouco menos rudimentar e íngreme?

– A descida é mesmo escarpada, minha mãe. Devia ter pedido a alguma ninfa que me chamasse.

O deus do Fogo sorriu com indulgência enquanto conduzia Hera da sala das chamas para aquela onde raramente recepcionava convidados. Serviu-lhe um copo de vinho, ocupado demais em sossegá-la para perceber seu sorriso malicioso, e tampouco notar que não havia rasgo algum em suas vestes.

CAPÍTULO 5

– Pobre mortal! Sinto-me péssima por ela – lamentou Vênus, olhando para a moça que soltara um tremendo arrote e que agora fugia para a sala de banho.

– E aquele cabelo! – Perséfone comentou, penalizada.

– Não é tão ruim assim. É apenas pesado e encaracolado, e ela ainda não conseguiu domá-lo.

– Ora, vamos, é crespo e terrível! E o que não dizer sobre aquelas roupas? – Perséfone estremeceu. – Não compreendo como uma mulher pode usar calças largas e uma blusa medonha com um desenho na frente.

– Ela só precisa de uma orientação. – Vênus tomou um gole do Martini, em seguida arregalou os olhos. – Ei, eu poderia fazer algo por ela!

– Do que está falando?

– Essa pobre mortal com cabelo ruim. Eu poderia ajudá-la! – Vênus repetiu, entusiasmada, em meio aos protestos de Perséfone. – Adoro este reino... Quero dizer, esta cidade – ela se corrigiu depressa. – É muito menos deprimente e banal do que Troia, por exemplo – comentou, revirando os olhos cor de violeta. – Seria divertido fazer de uma mortal meu projeto especial.

– Isso se chama serviço comunitário aqui. Se quiser ajudar a população, posso colocá-la em contato com a Associação Cristã Feminina local e...

– Não é nada disso! – Vênus interrompeu Perséfone. – Não seria pessoal o suficiente. Pense bem... Essa moça pode ser aconselhada, ajudada e treinada pela própria deusa do Amor! Essa sim seria uma mortal de sorte!

– O problema é que ninguém aqui sabe invocar a sua ajuda, o que é parte da beleza do mundo moderno. Lembra-se?

– Não seja tão negativa.

– Eu não estou sendo negativa, estou sendo honesta – explicou Perséfone, paciente. – Aqui você não é uma deusa. É apenas uma mulher bela e desejável. Iria até ofender aquela pobre infeliz caso se oferecesse espontaneamente para orientá-la.

Vênus suspirou.

– Está bem, eu compreendo. – Em seguida, seu semblante tornou a se iluminar. – Mas, se alguém pedisse pelos meus conselhos, eu ficaria muito feliz em ajudar. Seria divertido! Muito mais do que lidar com o coração de pedra de Anaxarete, ou com Psiquê, aquela criatura irritante...

Perséfone deu de ombros.

– Se alguém aqui pedir por um conselho seu, não vejo nenhum mal em dá-lo.

– Como se o Amor fosse se intrometer onde não é chamado... Então estamos de acordo.

Perséfone revirou os olhos.

– Parece que vi um banheiro em algum lugar nesta direção – Vênus comentou com ar inocente, apontando para além do bar.

– É por ali, atrás daquela cortina de veludo. Mas ande depressa, pois precisamos ir embora. Acabei de me lembrar: prometi à minha mãe que iria para Elêusis esta noite. Sabe como é: “não se pode perder o grande festival de Mistérios de Elêusis...” – Perséfone imitou o tom régio de Deméter, em seguida secou a taça de Martini e sinalizou para que Jenny trouxesse a conta.

– Eu sei. – Vênus compartilhou o olhar de enfado da amiga. – Deméter leva tão a sério esses festivais! Mas, não se preocupe, não vou demorar. Ah! Não posso me esquecer disso... – Agarrou a sacola de compras da Pricilla's Toy Box e passou depressa pelo bar, quase ignorando os belos homens que a fitavam, embasbacados. Mesmo distraída como se encontrava, lançou-lhes um breve sorriso e diminuiu o ritmo, de modo que seus quadris passaram a se mover lenta e sedutoramente. Os bombeiros silenciaram, hipnotizados por sua beleza.

Vênus quase não percebeu sua reação. Quase.

Abriu a cortina e seguiu a placa que apontava para a esquerda. O banheiro não era grande, porém agradável e muito limpo. Cabines fechadas por cortinas de veludo alinhavam-se na parede à sua frente.

Estava admirando a forma como o tecido cor de vinho parecia brilhar à luz do lustre antigo que pendia do teto quando ouviu uma coisa estranha. Alguém chamava o seu nome!

Não, era mais do que isso. Alguém estava invocando sua ajuda! Que coisa extraordinária...

Em silêncio, avançou um passo. A pobre mortal do cabelo despenteado, a que soltara o arroto, se encontrava de pé diante de uma das pias antigas. Olhando para o espelho, recitava uma antiga invocação.

As palavras envolveram Vênus como um lindo manto de seda, acariciando sua pele e preenchendo-a com o que parecia o calor de uma magia.

– Deleite, prazer, bem-aventurança e alegria... Ah, querida Vênus, me concedas! Com amor e esperança a ti invoco... Opera em mim a tua magia. Por felicidade e êxtase, eu imploro... Bela Vênus, bendita sejas!

Terminada a invocação, Vênus sentiu um empuxo dentro dela, como se algo convencesse sua própria alma a ouvir o apelo da mortal. Precipitou-se para a frente e, ainda segurando a sacola da Pricilla's Toy Box, abriu os braços.

– Claro que vou ajudá-la!

Pea soltou uma exclamação e fez meia-volta, levando a mão ao pescoço.

– Merda! Você me assustou!... Pensei que estivesse sozinha aqui.

Vênus franziu a testa.

– Essa não é bem a recepção que eu costumo ter quando atendo a um chamado pessoalmente.

– Como assim? Quem é você?

– Vênus, é claro. E seu nome é...?

– Pea – ela respondeu de pronto.

– *Pea*? Que nome estranho! Tem certeza?

– Claro que tenho! É o meu nome. Bem, na verdade, esse é o meu apelido, mas é assim que todo mundo me chama. – Pea piscou, balançando a cabeça na tentativa de clarear a mente e assimilar melhor as palavras. – Quem disse que era?

– Vênus, a deusa do Amor Sensual, da Beleza e das Artes Eróticas – a outra respondeu com pompa, usando o mais formal de seus títulos.

Pea deixou cair o queixo.

– Você suplicou pela minha ajuda, e de bom grado eu a ofereço – anunciou Vênus, com um floreio que fez o papel de seda em suas compras farfalhar na sacola.

Pea fechou a boca, abriu-a e depois a fechou outra vez.

– Eu compreendo... Deve estar em choque de tanto prazer. – Vênus caminhou ao seu redor, estalando a língua suavemente. – Temos muito trabalho pela frente! – Estendeu a mão e tocou o casquinho de balé como se fosse um inseto raro que ela tivera a infelicidade de descobrir. Então, desviou a atenção para o cabelo de Pea, balançando a cabeça. – Pelo ânus gasoso de Éolo, temos que dar um jeito nisto!

– O quê?

– No seu cabelo, claro. Não o escova nunca?

– Claro que o escovo. O que mais eu... – Pea se interrompeu, passando a mão pela testa, confusa. – Escute, não quero ser rude, mas por que o meu cabelo seria da sua conta?

– Porque invocou a minha ajuda, ora. Lembro-me exatamente do que entoou: “Felicidade e êxtase, eu te peço...” Eu já disse que estou respondendo à sua súplica. Estou aqui para ajudá-la a encontrar a felicidade e o êxtase. Mas é óbvio que não poderá encontrar nenhum deles com esse cabelo.

– Está certo, eu... Bem, é muita gentileza sua... acho. Sou grata pelo seu, ahn, interesse, mas estou bem. Verdade. – Pea começou a se mover com cuidado em torno de Vênus, como se temesse que a mulher fosse ter um ataque ou algo assim.

– Vi quando correu para cá, morrendo de vergonha – Vênus explicou, delicada. – Não acho que esteja bem.

Pea sentiu o rosto pegar fogo, porém conseguiu esboçar um sorriso.

– Ah, eu sou assim mesmo. Vivo passando vergonha... Já estou acostumada.

– Se isso é verdade, por que seu sorriso não alcança os seus olhos?

– É que... Eu... – Os argumentos de Pea fracassaram. – Tenho que ir – decidiu, correndo para a porta.

– Se você lavá-lo e, em seguida, aplicar uma pequena quantidade de óleo de coco, penteando-o apenas com os dedos e deixando que seque naturalmente, acredito que vá

conseguir domar o seu cabelo.

Pea estacou. Virando-se, encontrou o olhar benevolente da deusa.

– Óleo de coco?

Vênus assentiu com um gesto de cabeça.

– Óleo de coco puro, da mais alta qualidade que puder adquirir. E é de extrema importância que pare de pentear os fios. Faça apenas assim.. – Ela passou os dedos por suas próprias madeixas, partindo do couro cabeludo. – Isso fará com que os cachos fiquem mais definidos em vez de... – fez uma pausa, procurando as palavras certas – ... em vez de rebeldes e indisciplinados como a juba de um leão. – Amassou um punhado do próprio cabelo, fingindo ter cachos desgrenhados em vez de ondas brilhantes.

– Dá certo mesmo? – Pea indagou, hesitante. – Está falando sério?

– O Amor iria mentir para quem invocou sua ajuda? – Vênus sorriu, afável.

Pea mordeu o lábio, sem saber se ficava intrigada ou se estava conversando com uma louca. – Obrigada – agradeceu, por fim, permitindo que as boas maneiras prevalecessem. – Vou tentar.

Vênus inclinou a cabeça para o lado, pensativa.

– Agora, antes de começamos a dar um jeito nesse seu modo infeliz de se vestir, preciso saber se tem gozado regularmente.

– Ah, meu Deus! Você não me perguntou uma coisa dessas!

– É claro que perguntei, minha querida. – Franzindo o rosto, Vênus tentou não demonstrar sua frustração com a aparente falta de inteligência da mortal. – É uma pergunta mais do que natural. Se não está dando prazer a si mesma, como pode esperar que...

– Chega! Não vou aguentar isso depois do dia que tive.

– Só estou tentando ajudar.

– É estranho, mas quase acredito em você.

Numa súbita inspiração, Vênus pôs a sacola de compras nas mãos de Pea.

– Considere isto como um presente da sua deusa.

Desajeitada, Pea segurou o pacote e começou a recuar em direção à saída, obviamente decidindo que era mais fácil concordar com a mulher e fugir do que discutir com ela sobre presentes e masturbação.

– Está bem. Mais uma vez, obrigada. Prometo seguir seu conselho quanto aos cuidados com o meu cabelo se também aceitar um conselho meu.

– Que coisa mais incomum! Uma mortal aconselhando uma deusa... Tulsa é mesmo um lugar fascinante. – Vênus a fitou, ansiosa e cheia de curiosidade. – Por favor, prossiga!

– De agora em diante, tente *pegar leve* nos Martinis. – Pea sorriu, nervosa, e desapareceu por detrás da cortina.

– Definitivamente não era o que eu esperava – Vênus resmungou para si mesma.

Ainda tentando compreender como uma mortal poderia implorar e depois rejeitar sua

ajuda, ela atravessou a cortina espessa e adentrou o restaurante a tempo de ver Pea tropeçar na barra ao longo do balcão do bar e deixar cair a sacola bem diante dos bombeiros. O enorme falo rolou para fora da caixa, vibrando aos pés de um homem tão excepcionalmente bonito que Vênus se perguntou como não o havia notado antes.

Ele se inclinou para apanhar o objeto. Segurando-o com cuidado, ofereceu-o de volta para a mortificada Pea.

– Parece que deixou cair isto...

Emudecida e aterrorizada, Pea continuou apenas olhando do vibrador para o lindo bombeiro.

– Senhorita...

Os homens ao redor começaram a rir, porém ele conseguiu manter uma expressão séria.

Então seus olhos se arregalaram em reconhecimento.

– Ei, você não é a Pea? A minha vizinha, cuja terrier pensa que é um gato? Os brownies que deixou na estação estavam ótimos.

Pea tomou o falo das mãos dele, desligou-o e o jogou de volta na sacola de compras. Vênus percebeu que seu rosto estava vermelho como fogo e que ela parecia prestes a chorar, mas, quando falou, por fim, sua voz soou cheia de uma alegria forçada.

– Isso mesmo... Pea! Sua vizinha, mãe da terrier que pensa que é um gato, arrotadora de primeira, dona de um enorme vibrador negro e excelente *fazedora de brownies*... Eu adoraria ficar e conversar, Griffin, mas pretendo passar vergonha em outro lugar agora. Já cheguei ao meu limite aqui. – Em seguida, com as gargalhadas dos homens soando às suas costas, Pea largou algumas notas sobre a mesa, pegou o livro e fugiu.

– Patético. Simplesmente patético – comentou Perséfone.

– Eu deveria lançar um feitiço neles para fazê-los calar a boca! – resmungou Vênus, sentindo os dedos formigarem enquanto estreitava os olhos para o grupo de homens viris que continuavam rindo.

– Vênus, não...

Ela ignorou Perséfone e continuou a encarar os bombeiros. O mais bonito deles, o que fora um pouco mais educado com Pea, encontrou seu olhar, e Vênus se viu aprisionada pelo azul de seus olhos sombreados por longos cílios. Ele a cumprimentou com um gesto de cabeça e um leve sorriso curvando os lábios.

Contrariada, a deusa se lembrou com firmeza que não importava o quanto ele parecesse cavalheiro; ainda fazia parte do grupo de homens que tinham rido de Pea, e portanto deveria ignorá-lo.

Mas havia algo no brilho de seus olhos, no modo como seus lábios se inclinavam... E, principalmente, na maneira com que ele a fitava: tão cheio de confiança e admiração, tão diferente da forma como os antigos guerreiros mortais ousavam olhar para ela, que não desviou o olhar. Não podia.

Foi então que aconteceu. Aquela centelha. Aquela maravilhosa e inexplicável fagulha que às vezes brotava entre as pessoas, e que nem mesmo o próprio Amor podia prever.

– Vênus, quer prestar atenção?! Estou dizendo para não fazer nada com eles. Não deveria puni-los. A mortal é, sem dúvida, uma pirralha ridícula.

– *Não, não é!* – Com relutância, Vênus desviou o olhar do intrigante espécime masculino e virou-se para Perséfone num acesso incomum de mau humor, sentindo como se ela própria estivesse prestes a chorar. – Ela apenas precisa de ajuda. Na verdade é um doce de pessoa. Confusa, talvez, mas muito boa.

– Vênus, o que andou aprontando? – Perséfone indagou, conforme segurava a deusa do Amor pelo braço e a levava para fora do restaurante.

– Eu só fiz o que falou que eu devia fazer.

– O quê?

– Você mesma disse que se uma mortal pedisse a minha ajuda, eu deveria concedê-la.

– Eu não disse isso!

– Disse, sim.

– Não, eu não disse!

– Claro que sim!

– Vênus! – Perséfone fez meia-volta à sua frente. – *O - que - você - fez?*

– Fui até a sala de banho das senhoras e Pea...

– *Pea?*

– A mortal que acha patética. Agora pare de me interromper.

– Perdão. Vá em frente.

– Pea estava recitando uma invocação. – Vênus lançou à deusa da Primavera um olhar de “Eu não falei?”. Quando Perséfone nada disse, acrescentou: – Uma das *minhas* invocações. Ela estava pedindo a minha ajuda e invocando o meu nome. *O meu*. E sabe que a pobre menina definitivamente precisa do meu auxílio.

– Está me dizendo que contou a ela quem você é?

– Claro! Ela estava me invocando.

– Disse que era Vênus, a deusa do Amor?

– É óbvio que sim. Sou eu mesma.

Perséfone começou a esfregar a têmpora direita.

– E essa pessoa, Pea, falou o que em resposta à sua declaração?

– Ficou surpresa e me pareceu um pouco lenta em sua capacidade de compreensão.

– Quer dizer que ela não acreditou em você.

– Pode-se dizer que não.

– Ótimo. Então o estrago foi mínimo. Agora, vamos... Vamos voltar para casa antes que acabe saindo no noticiário desta noite.

– No quê?

– Esqueça. Explico tudo isso mais tarde. Vamos voltar. Deméter vai ficar insuportável se eu chegar atrasada de novo. – Elas deixaram o restaurante, e Perséfone notou o escurecimento prematuro do céu. – Sem dizer que o momento é excelente... Ninguém, mortal ou imortal, gosta de ser apanhado em uma dessas tempestades desagradáveis de Oklahoma, e parece que uma delas já está quase aqui.

Vênus suspirou e não disse mais nada, acelerando o passo para acompanhar a deusa da Primavera. Sentia-se estranha, meio desnorteada, como se parte dela estivesse triste, envergonhada e muito, muito cansada.

De braços dados com Perséfone e em silêncio, Vênus correu pela calçada enquanto nuvens de chuva revolviavam o céu cinzento. Atravessaram a rua em frente ao Tribune Lofts, um antigo edifício de apartamentos reformado, e seguiram pela ponte para pedestres sobre os trilhos da ferrovia. Chegaram ao ponto central da ponte, que os moradores chamavam de “o centro do Universo” por conta do estranho fenômeno acústico que experimentavam quando se postavam bem no meio da calçada redonda, feita de tijolos e concreto, a qual, na verdade, era um portal para o Olimpo no mundo moderno.

Perséfone olhou ao redor.

– Bem, no fim essa tempestade está tornando as coisas mais fáceis para nós. Não há mais ninguém na rua. – Ela agitou a mão no espaço à sua frente e o ar ondulou. Uma abertura esférica, do tamanho de uma porta comum, se materializou e, sem hesitação, a deusa da Primavera passou por ela, desaparecendo no mesmo instante.

Vênus suspirou outra vez e deu um passo adiante. Ao bater o rosto em algo duro e impenetrável, soltou um gritinho e saltou para trás, esfregando o nariz.

A cabeça de Perséfone surgiu do meio da esfera, como se ela estivesse espiando de uma alcova com cortinas.

– Por que está demorando tanto?

– Eu não sei. Eu... – Hesitante, Vênus avançou, desta vez com as mãos estendidas diante do corpo. Quando se aproximou da área brilhante, próxima ao rosto de Perséfone, o ar solidificou de repente, impedindo sua entrada. – Não consigo passar! – reclamou baixinho.

– Não seja ridícula. Claro que consegue passar e... – Perséfone se interrompeu ao tentar agarrar a mão da amiga e puxá-la através do portal. Embora seu próprio braço deslizesse facilmente para a frente e para trás, de um mundo para o outro, Vênus parecia isolada por uma barreira invisível.

– Será que aconteceu alguma coisa e eu perdi os meus poderes? – ela perguntou conforme Perséfone retornava para o mundo moderno.

– Não importa. Até mesmo um mortal seria capaz de passar pelo portal de Deméter. Por isso mesmo tomo tanto cuidado para não ser vista indo e vindo.

Enquanto a deusa da Primavera falava, Vênus se voltou para uma bela árvore que crescia não muito distante dali. Lançou os dedos na direção de seus galhos desnudos pelo inverno e,

de repente, a pereira Bradford desabrochou em delicadas flores brancas, bem no meio da primavera.

– Meus poderes estão normais – concluiu, aliviada.

– Vamos tentar de novo. Talvez seja o portal, e este já tenha se corrigido. Vamos passar juntas. – Perséfone tornou a lhe dar o braço. – Pronta? Um, dois... três!

As deusas avançaram para a esfera brilhante. Perséfone se deslocou por ela com facilidade, mas o braço de Vênus foi arrancado do seu quando a deusa do Amor, mais uma vez, pareceu trombar com uma parede de vidro.

– Pelos sátiros fornicadores e suas bolas peludas! – Vênus gritou, frustrada. – O que, por todos os níveis do Submundo, está errado com esse maldito portal destruidor de deusas? – Mesmo enquanto praguejava, entretanto, uma lembrança se infiltrou por sua mente. Um pensamento que a levou de volta para o banheiro feminino do restaurante de Lola e a um simples chamado que atraía sua alma. – *A invocação!* Eu respondi àquela invocação e concordei em dar a Pea o meu auxílio – contou a Perséfone, conforme a outra deusa reaparecia no portal.

– E daí? Há eras atendemos a invocações, e elas nunca nos impediram de voltar ao Olimpo.

– Eu sei, mas há algo diferente acontecendo aqui. Não sei ao certo, porém aquele chamado me tocou de uma maneira que eu nunca fui tocada antes. – Vênus fez uma pausa, concentrando-se. – Estou ligada a ela!

– A ela, quem?

– A Pea! Por isso tenho me sentido tão estranha. Eu não sou assim. Estou conectada à mortal!

– Essa não... Vênus, o que dizia, exatamente, a invocação da mortal?

– Pea pediu que eu lhe desse felicidade e êxtase – ela recordou, combalida.

– E você concordou? Em voz alta?

Vênus assentiu.

– E lembro-me de que senti algo durante seu chamado. Uma espécie de empuxo dentro de mim que me levou a responder a ela de pronto. – A deusa fechou os olhos e balançou a cabeça. – Pensei que estivesse apenas experimentando os efeitos daqueles deliciosos Martinis, mas não era nada disso. Era a invocação em si. E ela foi literal e vinculativa.

Perséfone deixou escapar uma exclamação.

– O que significa que não será capaz de deixar este mundo até que traga felicidade e êxtase para aquela mortal patética!

CAPÍTULO 6

– Não diga que ela é patética, Pea só precisa de ajuda! – protestou Vênus de pronto.

– Bem, certamente ela a tem agora.

– Tem, sim! – Vênus se empertigou, endireitando a elegante espinha e levantando o queixo perfeito. – Eu sou a deusa do Amor. Posso muito bem trazer felicidade e êxtase a uma mortal, seja ela moderna ou não.

– Vênus, você não sabe nada sobre os mortais modernos.

– Que diferença isso faz? Conheço o amor, e o amor é intemporal.

– O que vai fazer?

– Ir até Pea, é claro. – Vênus pensou por um momento, então seu semblante começou a se iluminar.

– Ela vai precisar de uma reforma completa: roupas, cabelo, atitude, tudo novo! Na verdade, vai ser divertido, e eu ainda vou fazer uma boa ação.

Perséfone pareceu em dúvida.

– Assim que eu realizar sua transformação, vou tirá-la de casa e lhe dar algumas lições simples de como seduzir os homens – completou Vênus. – Só assim Pea será capaz de experimentar toda a felicidade e o êxtase que deseja.

– E como pretende encontrá-la?

Vênus parou e pensou por um momento, depois sorriu.

– Estamos ligadas, lembra-se? Eu sei onde ela está agora. – A deusa apontou para o centro de Tulsa. – Pea está lá.

Perséfone deixou escapar um resmungo nada digno de uma deusa.

– É claro que ela está lá. Mas é uma área bem grande.

– Não seja cínica. Eu quis dizer que posso sentir exatamente onde Pea se encontra. Posso bater à sua porta se quiser. – Vênus riu, leve. – Não estou sem poderes aqui.

– Não, mas se eu não lhe der isto, será o mesmo que não ter nada... – Perséfone revirou a bolsa e tirou uma carteira recheada, abrindo-a. – Muito bem, reparou no modo como eu paguei pelas coisas hoje? Isto... – ela correu a unha bem pintada por uma fileira de pequenos plásticos guardados com cuidado – ... são cartões de crédito. Pense neles como barras de ouro, com a diferença de que estes não terão fim. Eles não têm limite. Lembre-se apenas de assinar o pedaço de papel que o funcionário irá lhe dar e de se certificar que receberá o cartão de volta depois que fizer a compra. Ah, espere... Deixe-me corrigi-los primeiro. – Perséfone estalou os dedos, e o nome nos cartões passou de Perséfone Santoro para Vênus Smith.

– Por que eu tenho que ter um nome tão comum?

Perséfone revirou os olhos.

– Que tal este? – Estalou os dedos outra vez, e o nome em relevo se alterou para Vênus Pontia, que significava “nascida no mar”.

– Bem melhor.

– Agora, por favor, preste atenção e pare de reclamar. Isto... – Perséfone abriu um compartimento, expondo um maço de notas bem organizadas – ... é dinheiro.

– Eu sei como utilizar moedas – Vênus falou com um suspiro.

Um trovão ribombou acima de suas cabeças, e ambas as deusas olharam para cima.

– É Zeus? – questionou a deusa do Amor.

– Não, e nem precisa se preocupar com ele. O que está ouvindo é o prenúncio de uma autêntica tempestade de Oklahoma, que, na verdade, não devia estar acontecendo em fevereiro. Mas nunca se sabe o que esperar por aqui.

– É melhor ir antes que comece a chover – decidiu Vênus.

– Não sei. Não gosto da ideia de deixá-la sozinha.

– Eu vou ficar bem. Já percorri todo o mundo antigo, lembra-se? Posso muito bem me virar no reino de Tulsa.

– Não é um reino!

– Eu só queria saber se estava me ouvindo.

Perséfone revirou os olhos de novo.

– Não diga a ninguém, além de Pea, quem você realmente é. Na certa terá que inventar alguma mágica para convencer a moça de que não está delirando feito uma louca.

Vênus franziu o rosto.

– Não está mais no mundo antigo, Vênus. Ninguém acredita em nós aqui, o que não deixa de ser uma coisa boa. Mas, uma vez que se encontra presa neste plano, isso pode ser muito ruim se agir com muita excentricidade.

– Pelos mamilos arrepiados de Hera, eu não sou excêntrica! – Diante da expressão condescendente de Perséfone, Vênus ergueu as mãos em sinal de rendição. – O que foi agora? A imprecisão? Continua condenando as minhas pragas?

– Precisa parar de usá-las. É sério.

– Não vejo por quê – ela resmungou.

– Confie em mim, está bem? Tem que se adaptar, pois não vai poder cumprir o juramento feito na invocação da ala psiquiátrica de algum hospital!

A testa lisa de Vênus se enrugou em franca confusão.

– Apenas tente ser discreta – Perséfone aconselhou com um suspiro. – Siga o exemplo de Pea. Ela vai ajudá-la.

– Eu vou ficar bem – Vênus repetiu, dando-lhe um empurrãozinho em direção ao portal. – Vá em frente. Não quer deixar Deméter nervosa, quer?

– Está bem. – A deusa da Primavera retornou ao portal, relutante.

– Se alguém perguntar por mim, prefiro que diga a eles que estou de férias no mundo

moderno.

– Não se preocupe. Isso não é da conta de ninguém, a não ser da sua. Ah... – lembrou-se Perséfone antes de atravessar a esfera brilhante.– Tente não ficar questionando as pessoas sobre quantas vezes elas se masturbam, e se olham para seus órgãos genitais. Mortais modernos geralmente não compartilham esse tipo de informação com estranhos.

– Eles não falam sobre masturbação e seus órgãos genitais? – Vênus murmurou enquanto Perséfone desaparecia na esfera cintilante. – Não admira que este mundo precise da minha ajuda.

E, nesse exato momento, o céu se abriu, derramando a chuva fria de fevereiro sobre a deusa do Amor.

Vênus se materializou à sombra do carvalho grande em frente ao quintal de Pea. Tinha razão quando dissera a Perséfone que não teria problema algum para encontrar a moça. Era como se a pequena mortal a estivesse puxando por uma corrente indestrutível, o que era bom, pois a poupava de procurar por toda Tulsa em meio a uma desagradável tempestade.

De qualquer modo, sentia-se um *trapo*: molhada, tremendo e completamente infeliz.

Pensando bem, Vênus percebeu, poderia ter ordenado às gotas de chuva que não a tocassem. Mas isso não seria exercer o comportamento excêntrico contra o qual Perséfone lhe havia advertido? Ou a advertência se aplicava apenas às questões genitais?

Era tudo tão confuso! A única coisa que sabia com certeza era que a pequena casa de Pea parecia acolhedora e convidativa, com sua ampla varanda frontal e as luzes lá dentro brilhando.

Bem, lembrou a si mesma, esta é a minha mortal. A mulher que invocou meu auxílio. Não tenho por que ficar hesitante. Ela deve ficar muito feliz em me receber aqui.

Agarrando-se ao pensamento, correu através das poças de lama até a varanda de Pea, grata pelo generoso telhado mantê-la fora daquela chuva gelada e terrível. Levou um instante para lançar o cabelo para trás, sabendo que, apesar de encharcada, ele continuava liso e muito sexy. Fez uma breve careta ao olhar para o suéter de lã de seda, respingado por gotas pouco atraentes, e para suas novas e requintadas botas pretas de crocodilo, agora enlameadas e molhadas. Pelo menos a peça que Perséfone chamara de calças jeans resistira bem à chuva torrencial.

A deusa do Amor beliscou as bochechas, afastando a palidez que se instalara em seu rosto, e tratou de colocar um brilhante sorriso no rosto. Então bateu à porta de Pea.

Um latido estridente vibrou pelas paredes. *Que tipo de besta Pea criava? Um Cérbero?*, imaginou, preocupada.

Uma fresta se abriu na porta, e Vênus reconheceu os tufos rebeldes do cabelo de sua protegida. A menina ainda não tinha seguido seu conselho e comprado óleo de coco?

– Sim? Posso ajudar?

– Ei, sou eu! – ela proclamou. Quando a mortal não respondeu, acrescentou: – Vênus, a deusa do Amor... – Pea continuou emudecida, e Vênus deu um suspiro. – Sua deusa, lembra-se? Você me invocou no restaurante.

– Estou com o celular na mão e o dedo na discagem rápida da polícia, que posso acionar a qualquer momento!

– Que bom... – Vênus franziu as sobrancelhas. – Mas, querida, será que poderia fazer isso enquanto eu estiver aí dentro? Está um pouco molhado aqui fora.

– O que quer aqui?

Vênus reprimiu um suspiro de frustração.

– Satisfazer o seu desejo de felicidade e êxtase, é claro. Já não discutimos o assunto?

– Como me encontrou?

– Ah, essa é uma história interessante. Creio que a sua invocação e a minha pronta aceitação, de alguma forma, nos uniu. Você me atraiu para cá, então, aqui estou!

– Eu sinto muito, mas acho que deveria ir embora.

De repente, Vênus sentiu-se à beira das lágrimas novamente, e suas palavras saíram em meio a um inesperado soluço.

– Mas está frio aqui fora, e eu não sei mais para onde ir!

A abertura na porta ficou maior, e Vênus pôde ver que Pea soltara o cabelo, o qual agora caía em desordem por seus ombros. Pior: ela estava usando uma peça única de roupa de dormir cor-de-rosa que acompanhava, inclusive, o formato dos pés. Parecia uma pré-adolescente vestida daquele modo!

– Não chore – pediu Pea.

– Não estou chorando. – Vênus fungou e enxugou os olhos. – É que nada saiu como planejei hoje, inclusive você.

– Está bem... Pode vir para dentro se jura que não vai me assaltar nem me matar.

– Eu não sei o que significa “assaltar”, mas não soa educado. E não quero prejudicá-la, muito menos matá-la.

– Pode entrar, então – concordou Pea com relutância. Pondo-se de lado, recebeu-a no vestíbulo do pequeno bangalô.

Aliviada, Vênus entrou no ambiente aconchegante que cheirava a algo parecido com ambrosia cozida. Em seguida, uma bola de pelo preto rosnou furiosamente para ela.

– Quieta, Chloe! – Pea ralhou, severa.

A cadela rosnou outra vez, latiu num aviso, e Vênus riu.

– Com toda essa braveza, deve ser tão poderosa quanto o Cérbero!

Ao som da risada musical da deusa, Chloe parou de rosnar.

– Que bichinho mais passional! – Vênus se agachou em frente à cadela, e olhou para Pea. – Disse que o nome dela é Chloe?

– Sim, mas tenha cuidado. Ela não gosta de estranhos.

– Não há problema. O Amor nunca é estranho. Estou certa, Chloe, querida? – Vênus arrulhou, esticando a mão na direção da cadelinha. Chloe a cheirou e começou a abanar a cauda.

Nesse momento, um gato enorme e cinzento entrou na sala.

– Ah, que bicho bonito você é! – exclamou a deusa.

– Este é Max – apresentou Pea quando o gato começou a roçar o corpo em torno da inesperada visita. – Ele adora todo mundo.

– Nem precisa dizer – Vênus riu, feliz, correndo a mão pela pelagem macia em uma longa carícia, enquanto afagava as orelhas de Chloe com a outra. – O Amor reconhece um dos seus.

Quando finalmente se levantou para encarar sua protegida, tinha ambos os animais enroscados a seus pés.

– Boa noite, Pea. Obrigada por me receber aqui na sua casa.

– Está perdida? Quer que eu telefone para alguém vir buscá-la?

– Não, mas isso é muito gentil da sua parte. Você é mesmo uma pessoa muito boa, não é?

– Mas, se não está perdida...

– Eu não estou perdida, Pea. Estou presa aqui.

– Presa? Quer dizer, aqui na minha casa?

– Não, quero dizer no seu mundo – Vênus tentou explicar diante de seu olhar vazio. – O mundo dos mortais modernos. Eu costumava chamá-lo de reino de Tulsa, mas Perséfone me explicou que este não é um reino, é uma cidade.

– Perséfone? A deusa?

– Claro.

– E ela está lá fora, na chuva, também?

– Não... Perséfone conseguiu voltar ao Olimpo. Só eu não consegui passar pelo portal.

– Então não vive aqui?

Vênus franziu o rosto.

– Claro que não, querida. Tenho um templo adorável no monte Olimpo. Eu estava na cidade apenas de passagem. Até comprei estas botas maravilhosas. – Ergueu um pé para que Pea pudesse admirar sua nova aquisição. – Elas estavam melhores antes de ficarem molhadas e enlameadas...

Pea se agarrou à única coisa normal que a mulher havia dito.

– Por que não as tira e as deixa secar? Vou lhe arrumar uma toalha e algo quente para beber. Depois podemos descobrir o que... – fez uma pausa, obviamente lutando para encontrar a coisa certa a dizer – ... o que fazer para ajudá-la.

– Isso mesmo! E não apenas o que você pode fazer para me ajudar, mas também o que eu posso fazer para ajudá-la. Só assim serei capaz de retornar ao Olimpo e ao antigo mundo dos deuses.

– Que tal começarmos com uma toalha e um chocolate quente?

– Parece divino! – Vênus tirou as botas, enquanto Chloe e Max a observavam com evidente adoração, e Pea lhe trouxe uma toalha grossa e rosa que cheirava a lavanda. Em seguida, levou-a a uma cozinha aconchegante, bem iluminada e limpa, onde ela se sentou a uma antiga mesa de café com flores silvestres pintadas à mão.

– Eu já estava preparando chocolate quente para mim. Vai levar só um instante para eu aumentar a quantidade.

Vênus secou o cabelo com a toalha enquanto observava Pea se mover com confiança ao redor do cômodo.

– É excelente cozinheira, não é?

Surpresa com a observação, Pea sorriu por cima do ombro enquanto continuava a mexer a mistura de leite e chocolate amargo.

– Sou, sim.

– E sua casa é muito bonita e confortável. Já percebi que usa as cores sabiamente, de modo a torná-la ampla e acolhedora.

– Obrigada. – Pea corou de leve.

– O que torna sua aparência pessoal ainda mais difícil de entender.

Pea endireitou a espinha e parou de encher a caneca, deixando-a pela metade.

– Não quero insultá-la, pelo contrário – Vênus se apressou em explicar. – O que quero dizer é que talvez nem precisasse ter invocado a minha ajuda. Parece entender muito bem de estilo e estética.

– Apenas quando tem a ver com a minha casa ou com o trabalho. Quando se trata de mim é outra história... Ou pelo menos era, desde os meus tempos de colégio.

– Muito interessante – refletiu Vênus. Em seguida, abriu um grande sorriso. – Mas agora estou aqui, e o Amor vai ajudá-la a alcançar seus sonhos!

Pea juntou-se a Vênus na mesa, entregando-lhe uma caneca amarela e um guardanapo vintage de linho azul bordado à mão. Então se ergueu novamente e apanhou uma lata decorada com fotos de cães terrier no balcão de granito, abriu-a e ofereceu a Vênus um dos biscoitos feitos com fermento importado que sempre mantinha ali.

A deusa aceitou um e o mordeu com delicadeza; em seguida, tomou um gole de chocolate quente.

– Pea, isto é delicioso!

– Obrigada.

Comeram e beberam em silêncio por alguns instantes. Vênus estudou a casa adorável ao redor com evidente curiosidade, e Pea tentou não encarar muito sua bela, misteriosa – e mentalmente instável – convidada.

– O amarelo das paredes é da mesma cor que a das canecas em que estamos bebendo – comentou Vênus. – Que detalhe adorável!

– Muito bem... Quem é você, afinal? De verdade?

– Mas eu já lhe disse!

– É impossível que seja a deusa Vênus.

– Se acredita mesmo nisso, então por que invocou a minha ajuda com tanta convicção?

Pea brincou com um *cookie*. Depois fitou os olhos cor de violeta incomuns da mulher à sua frente, vendo apenas bondade neles.

– Eu estava cansada de ser invisível.

Vênus não precisaria estar ligada a Pea por um juramento para reconhecer a dor e a honestidade nas palavras. Segurou sua mão.

– Fale-me sobre isso.

– É que eu sou muito pior do que apenas uma mulher comum no que se refere aos homens. – Pea fez uma pausa, pensando com uma careta nos sujeitos sem graça que costumavam assediá-la. – Pelo menos no que se refere aos homens que eu considero atraentes. É como se eu não existisse.

Vênus apertou a mão dela.

– Continue.

– Como você já percebeu, não tenho estilo. Meu cabelo e roupas nunca estão bons. – Pea moveu os ombros, inquieta. – Tudo começou quando eu tinha uns catorze anos e entrei para um grande grupo de dança na escola. Um grupo em que era difícil entrar. Eu nunca havia me preocupado com a minha aparência, em saber como devia me vestir ou qualquer coisa do gênero antes disso. – Ela sorriu timidamente. – Acho que era uma idiota, mas estava mais interessada em tirar boas notas e ter zilhões de aulas de dança. De qualquer forma, pensei que me daria bem com o restante das meninas. – Pea hesitou, e uma sombra de dor escureceu seus olhos. – Eu estava enganada. Era uma boa dançarina, tirei boas notas, tentei ser agradável com todo mundo, porém nunca fui boa o suficiente.

– Oh, querida, é claro que é boa o bastante! – Vênus sentiu-se à beira das lágrimas outra vez.

– Bem, eu sou inteligente. – Pea sorriu, corajosa. – Então aprendi sozinha a manter a casa em ordem, a cozinhar como uma *gourmet*, a me destacar no trabalho. E agora decidi que, talvez, com, ahn, a sua ajuda e a de um livro, eu poderia aprender a ser uma mulher melhor.

– Oh, minha criança! Já posso dizer que é uma mulher maravilhosa. Não precisa aprender a ser melhor. Tudo o que precisa fazer é mostrar ao mundo a verdade do que você já é, e deixar o passado para trás.

– Eu gostaria que isso fosse possível.

– Claro que é possível!

Pea sorriu.

– Com a ajuda de Vênus, a deusa do Amor.

– Então acredita que eu sou Vênus?

Ela corou de novo.

– Bem, não. Mas acho que é linda o suficiente para ser a deusa do Amor.

– Na verdade, sou a deusa do Amor Sensual, da Beleza e das Artes Eróticas – Vênus a corrigiu, depois suspirou. – O que posso fazer para convencê-la? Tem algo que gostaria que eu transformasse em ouro? Uma árvore que gostaria que desse frutos? – Bateu com o dedo no queixo, pensativa. – Ainda estamos no meio do inverno... Não que isso importe muito, mas Perséfone diria que fazer uma árvore frutificar no inverno seria muito imprudente da minha parte.

Apesar da loucura das circunstâncias, Pea se viu sorrindo.

– Por que não transforma Chloe em um gato? Ela vive com Max desde pequena e cresceu acreditando que é uma gata, e não uma terrier.

Vênus olhou para Chloe, que se sentou ao pé de Pea.

– Você pensa que é um gato? – Chloe bateu o rabo alegremente contra o chão, e a deusa sorriu para a precoce cadelinha preta. – Bem, então deve ser mesmo... – Com um gesto pequeno e simples, tocou Chloe de leve.

O ar em torno da cadela começou a cintilar feito um diamante e, com um pequeno estalido, a terrier desapareceu, dando lugar a uma enorme gata preta, com grandes orelhas e fartos tufo de pelo ao redor do rosto, que faziam com que ela parecesse ter barba.

Cada milímetro de cor foi drenado do rosto de Pea.

– Chloe?! – ela indagou, quase engasgando com a palavra.

A gata abanou o rabo de leve no chão da cozinha.

Pea estendeu a mão trêmula e tocou aquela que costumava ser sua cadelinha. Chloe ronronou sediciosamente, e sua cauda se moveu com mais ímpeto. Pea arregalou os olhos para Vênus.

– Você é Vênus, a deusa do Amor! – Pôs a mão na cabeça. – Devo estar doente.

Preocupada com sua súbita palidez, Vênus a abanou com o guardanapo de linho.

– Quer beber alguma coisa? Posso fazer surgir uma deliciosa taça de ambrosia. É muito refrescante.

– Não! Eu só preciso respirar. – Pea engoliu o ar.

Max entrou na cozinha, viu Chloe, soltou um miado e se afastou tão rápido que suas garras e patas deslizaram como se no gelo em vez de no ladrilho. Chloe apenas inclinou a cabeça para o lado e miou.

– Será que pode, por favor, trazê-la de volta? – Pea implorou baixinho.

– Claro. – A deusa deu de ombros.

Com um só movimento de seu pulso e mais brilho no ar, Chloe recuperou sua forma de cão terrier. Como se tivesse acabado de sair da chuva, a cadela se sacudiu e, em seguida, espirrou antes de correr para fora da cozinha em busca de Max.

– Pronto! Aí está ela de novo – declarou Vênus.

Pea continuou a fitá-la, perplexa.

– O que foi? – indagou a deusa.

– Bem, ahn, senhora... quero dizer, Sua Majestade... Não, isso é para rainha, e não para uma deusa... – Pea murmurou, nervosa. – Eu não sei como chamá-la!

A deusa sorriu.

– Querida, Vênus é perfeito.

CAPÍTULO 7

– Conte-me sobre sua vida amorosa – pediu Vênus.
– É inexistente – declarou Pea.
– Você é virgem?
– Ah, Deus, não! – Ela levou a mão à boca. – Quero dizer, *deusa*... Acho.
– Acha que deveria dizer “deusa”, ou acha que não é virgem?
– Vênus, conversar com uma deusa de verdade já é estressante o suficiente sem que me confunda mais ainda!

Vênus sorriu, satisfeita pela mortal ter começado a relaxar.

– Quando irritada, fique à vontade para usar os órgãos genitais dos deuses como palavrões. Eu faço isso.

– Obrigada... Acho.
– Então não é virgem.
– Não.
– Mas também não é muito experiente sexualmente.
– Não.
– Você se masturba com frequência?

Pea corou.

– Temos que falar sobre isso?
– Quer mudar ou não?

Pea respirou fundo.

– Eu não me masturbo com muita frequência.
– Por que não?
– Pela mesma razão de eu não gostar de falar sobre isso. Esse assunto não me deixa à vontade; faz com que eu me sinta embaraçada e meio culpada.

– Que despropósito! – Vênus bufou, descrente, então a fitou de soslaio. – Antes de mudarmos seu cabelo, roupas e de corrigir a sua maquiagem, ou melhor, a falta desta, temos que mudar a sua atitude quanto ao prazer.

– Está bem – concordou Pea, insegura.
– Sente-se culpada e envergonhada quando prepara uma lauta refeição?
– Claro que não.
– Mesmo se for a única a comer?
– Não, isso é bobagem. Só porque estou sozinha não significa que eu não possa... – A compreensão iluminou o rosto de Pea. – Ah! Entendo o que quer dizer.
– O prazer, assim como esta excelente caneca de chocolate quente, é para ser saboreado e apreciado, não negado.

– Está certa – Pea concordou, desta vez com mais segurança.

– Se não conhece seu próprio corpo e o que lhe agrada, como espera que um homem saiba como lhe dar prazer?

– Isso é lógico.

– Claro que é. O Amor nem sempre é ilógico, não importa o que diga Perséfone. – Em resposta ao olhar interrogativo de Pea, Vênus completou: – A deusa da Primavera pode ser muito pouco romântica. Tenho que me lembrar de trabalhar essa questão no futuro... Mas um problema de cada vez. – Vênus sacudiu a cabeça e tratou de se concentrar de novo em Pea. – Pois então, para começar, quero que comece a se dar prazer regularmente. Seja mais desinibida. – Com um sorriso travesso, ela fez um gesto gracioso e, em meio a uma nuvem cintilante, uma garrafa de cristal com um líquido da cor do sol apareceu em cima da mesa, fazendo Pea pular de susto. – Tem taças de vinho ou vou precisar materializá-las também?

– Não! Eu tenho taças. – Ainda olhando para o líquido dourado, Pea recuou até um armário e tirou dele duas taças de vinho branco, trazendo-as para a mesa. – Pode fazer qualquer coisa aparecer assim?

– Claro que posso. Sou uma deusa. – Vênus serviu a bebida. – Isto vai ajudá-la a vencer suas inibições. – Ergueu a taça e Pea fez o mesmo. – Ao prazer! – ronronou num brinde.

– Ao prazer... – Pea tomou um gole, hesitante. Mal engoliu, seu semblante se transformou, repleto de alegria. – Este vinho é incrível! Nunca provei nada parecido.

– É ambrosia, o néctar dos deuses. – Vênus deu um gole longo e voluptuoso. – É feito de flores colhidas por ninfas, encontradas apenas nos Campos Elíseos. É simplesmente divino. – Deu outro gole. – Pois então, Pea, meu plano para trazer felicidade e êxtase à sua vida é bastante simples. Em primeiro lugar, precisa aprender a aceitar o prazer. – Vênus franziu as sobrancelhas benfeitas. – Em que pensa quando está se masturbando?

– N-Não sei. Não em muita coisa, acho.

A deusa balançou a cabeça devagar.

– Isso é triste. Muito triste. E também deve mudar. Na próxima vez em que for se dar prazer – o que deve acontecer esta noite – quero que fantasie.

– Sobre o quê?

– Ah, querida! Como é trágico ter que perguntar! Embora eu seja, é óbvio, a deusa perfeita para se fazer tal pergunta. – Ela deu um tapinha na mão da mortal. – Pea, fantasias são muito pessoais. Deixe sua mente viajar sem culpa. Por exemplo, há um homem especial, que você considere atraente?

Pea sentiu as faces arder com mais do que apenas o potente vinho dos deuses, e Vênus sorriu, perspicaz.

– Vejo que sim. Conte-me sobre ele – ordenou, servindo-a com mais ambrosia.

– O nome dele é Griffin. Pode-se dizer que tenho uma queda por ele já faz algum tempo, mas acho que nos encontramos formalmente apenas hoje. Na verdade, foi Griffin que me levou

a começar a ler seu livro. É o homem mais lindo que já vi, e parece ser muito bom, também. – O sorriso já meio alcoolizado de Pea desapareceu. – Mas ele mal sabe que eu existo. Ou melhor, agora sabe... Na saída do restaurante, tropecei e deixei cair a sacola que você me deu. O pênis de borracha rolou e começou a vibrar a seus pés. Tenho certeza de que agora Griffin vai se lembrar de mim como “a garota do vibrador”.

Vênus tomou um gole de ambrosia, recordando-se do lindo homem que tinha apanhado o falo de borracha... e se obrigando a esquecer a centelha que brotara entre eles. Pea era a principal questão ali, e não seu próprio prazer. E aquele belo espécime masculino sem dúvida poderia ajudar a trazer felicidade e êxtase à sua protegida.

– Vamos ter que mudar a maneira como ele pensa em você – declarou com determinação.

– Pena que não seja tão simples.

– Querida, com o Amor a seu lado, tudo se torna simples.

– E você – Pea apontou para ela, já não muito firme – é o Amor!

Vênus riu.

– Pelo visto, já deu conta da ambrosia – comentou, tirando a garrafa do alcance de Pea ao se recordar de que os mortais eram muito suscetíveis ao rico vinho dos deuses.

– Agora, preste atenção no que quero que faça...

– Lição de casa?

– Bem, está em casa, mas não creio que dar prazer a si mesma possa ser qualificado de lição.

Pea riu.

– Preste atenção. Quando for se dar prazer esta noite, quero que pense em Griffin.

– Está bem... Posso fazer isso.

– Ótimo. Quero que fantasie bastante.

Pea franziu o rosto, e Vênus suspirou.

– Imagine como seria ter as mãos dele em seu corpo, sua língua quente explorando a fenda úmida entre suas pernas, lambendo e provocando o seu centro de prazer até não poder aguentar mais. Depois imagine Griffin penetrando-a com seu membro túrgido, acariciando-a e afagando-a até que ambos estremeçam com a força de seus orgasmos...

– Eu posso fazer isso! – Pea disse sem fôlego. – Bem, boa noite! – Ela se ergueu da mesa e partiu, cambaleante, para fora da cozinha.

– Querida!

Pea parou e sorriu de volta para sua deusa.

– Embora este cômodo da casa seja muito confortável e bonito, não parece ter uma cama...

– *Ops!* – Pea riu. – Venha por aqui. – Tentou fazer um gesto amplo, porém estava tão instável que Vênus precisou segurá-la pelo braço a fim de mantê-la na posição vertical.

– Preciso me lembrar de colocar um pouco de água na ambrosia da próxima vez... – comentou com um suspiro conforme amparava sua risonha pupila corredor afora.

– Este é o quarto de hóspedes – declarou Pea, conseguindo se manter em pé e cambalear apenas ligeiramente. – O banheiro é na outra porta, fique à vontade. Há um roupão de banho no armário. Podemos cuidar das suas roupas e de outras coisas amanhã.

Vênus olhou o cômodo arrumado e confortável, decorado em diferentes tons de branco, creme e champanhe, antigos vestidos brancos e rendados adornando uma parede como arte tridimensional, e uma enorme foto emoldurada de um prado cheio de flores silvestres decorando a outra. A cama era de ferro forjado branco, adornada com um espesso edredom e almofadas feitas de renda vintage na cor creme.

– Obrigada, Pea. Este cômodo também é adorável!

– Que bom. Então... Vou deixá-la para fazer a minha lição de casa. – Rindo, ela cambaleou para longe.

Vênus a observou se afastar sorrindo. Pea era uma moça encantadora. Atender a seu desejo de felicidade e êxtase não poderia ser tão complicado.

Vulcano disse a si mesmo que estava tomando conta de Vênus. Sabia que, ao contrário de Perséfone, ela não tinha voltado ao Olimpo. Afinal, ele deveria prestar atenção aos homens que a deusa conhecia, tendo em mente que um deles poderia ter potencial para assumir seu lugar.

Mas estava curioso quanto à pequena mortal que observara no restaurante. E, sim, não parava de pensar nela.

De qualquer modo, esse não fora o único motivo pelo qual ele abrira a linha de fogo e olhara em sua janela para o mundo moderno.

– *Eu não me masturbo com muita frequência...*

Vulcano sentiu o choque pelo comentário inesperado de Pea refletir em suas entranhas. Vênus estava na casa da moça e, como de costume, preocupada com a vida sexual de alguém!

Mas por que teria ido até lá?

Continuou a ouvir, intrigado com a doce e tímida mortal. Pelo visto, a deusa do Amor fora até sua casa para lhe dar orientação e ajudar Pea a encontrar a felicidade e o êxtase.

– É bem típico de Vênus se intrometer na vida pessoal de um mortal – disse num resmungo.

Mas, quanto mais Vulcano ouvia, mais ele entendia que Pea pedira pela ajuda de Vênus; que a pequena desejava se tornar algo mais, o que ele, como deus do Fogo, compreendia perfeitamente.

Estudou Pea. Sim, ela era bastante simples e se vestia de uma forma pouco atraente, porém ele conseguia enxergar a mulher sensível por trás de seu desalinho. Podia ver também que a maioria das pessoas não se incomodaria em olhar o que existia sob sua aparência, assim como os imortais não enxergavam o que havia sob a pele.

Pea comentou a respeito de um homem bonito do restaurante, e Vulcano se enfureceu ao lembrar-se de como os mortais tinham rido de seu embaraço. Um homem como aquele não

merecia uma criatura rara como Pea!

Não que ele estivesse com ciúme. (Como poderia?) Estava apenas preocupado. Ele também era sensível, mas ninguém parecia compreender aquele seu lado.

Sua expressão dura se transformou em uma inusitada risada quando a ambrosia operou sua magia na moça. Surpreso, ele constatou que Vênus iria passar a noite na casa de Pea. Que estranho!

Sua admiração se multiplicou por dez, entretanto, quando o fio que devia ter ficado com Vênus tomou novo rumo, permitindo-lhe acompanhar Pea de forma invisível conforme ela oscilava alegremente pelo corredor.

Intrigado, Vulcano a viu entrar em seu confortável quarto, e franziu a testa, cheio de curiosidade, quando a mortal fez soar uma música suave e lenta, para em seguida começar a acender as velas que repousavam em sua cabeceira. Cantarolando baixinho, ela puxou a espessa roupa de cama e apagou a luz brilhante do teto, deixando que apenas as velas iluminassem o cômodo. Obviamente estava se preparando para dormir, mas não parecia cansada.

Os olhos dele se arregalaram quando Pea começou a dançar. De modo lento e sensual, ela levantou os braços acima da cabeça, girando-os com graça conforme se movia ao ritmo da música.

Vulcano piscou, atarantado. Até então a mortal não deixara transparecer sua graça ou – ele admitia agora – sua beleza. Enquanto dançava, no entanto, ela pareceu despir a capa de timidez e se tornou uma nova pessoa.

Hipnotizado, ele mal respirou quando Pea se desfez da peça única e disforme de dormir e continuou a dançar, girando, mergulhando e se alongando, vestida apenas com uma calcinha justa e sem adorno.

Algo o lembrou de que ele não deveria observá-la, que não era muito correto espionar tão íntima cena.

Mas não conseguia parar de assisti-la. Ignorando sua consciência, pela primeira vez na vida ele permitiu que seu desejo e seu coração o governassem.

O corpo de Pea era outra surpresa. Ela parecia tão pequena e frágil nas roupas largas que usava! Porém agora ele podia ver que ela era esbelta sem ser muito magra, e também musculosa, embora não de modo grosseiro.

Olhou os seios. Não eram grandes, mas eram muito bem-conformados.

Não. Eram mais do que bem-conformados. Eram como dois frutos maduros: firmes e convidativos. E as nádegas...

Vulcano se viu hipnotizado pela visão dos montes redondos e empinados se movendo de modo tão sedutor. Eles pareciam clamar por seu toque, pedir que ele a tomasse nas mãos, a erguesse e...

Não pôde suportar por mais tempo. Pea era como uma droga que invadira suas veias.

Excitado, sucumbiu ao impulso irresistível de tocá-la. Apenas por um instante, enviou um único fio de sua essência divina por meio da linha de fogo e permitiu que este lhe acariciasse o corpo.

Ela se contorceu.

Com um suspiro, Vulcano soltou a amarra do curto envoltório de linho que usava sobre os quadris, e sua ereção se ergueu, poderosa, contra o abdômen.

Como se pudesse sentir seu desejo, Pea parou de dançar. Com a pele brilhando com uma fina camada de suor que cintilou à luz das velas, deitou-se na cama, fechou os olhos e deixou as mãos deslizar sobre o próprio corpo. Hesitante no início, depois com crescente paixão, segurou os seios e, esfregando os mamilos, pendeu a cabeça para trás, de encontro aos travesseiros.

Vulcano viu sua boca delicada se abrir num gemido e percebeu quando suas carícias tímidas se tornaram mais urgentes.

A respiração do deus se acelerou junto com a dela, e seu batimento cardíaco aumentou.

Com um grunhido baixo, ele cobriu o pênis com a mão e começou a bombear lentamente enquanto continuava a observá-la.

Pea deslizou as mãos dos seios para o ventre, depois mais para baixo, tirando a calcinha em um movimento suave. Então ergueu os joelhos e deixou a ponta dos dedos brincar sobre a pele sedosa entre as coxas. Suas pernas se abriram, enquanto ela gemia outra vez. Seu corpo nu se encontrava exposto agora, e Vulcano pôde ver o centro rosado e úmido em meio ao triângulo escuro. Pea deslizou a ponta dos dedos de ambas as mãos sobre as ondas macias, afagando-as lenta, eroticamente, antes de afundar dois deles em seu núcleo.

Vulcano deixou escapar uma exclamação e se permitiu outra ousadia. Seguindo a linha de fogo de seu ser, sua essência cobriu o monte rosado, acariciando-a com seu calor e magia enquanto inalava seu cheiro e sentia seu gosto.

Vulcano aumentou a velocidade dos golpes. Com uma intensidade que nunca experimentara antes, desejou mergulhar o corpo entre as pernas de Pea, acariciá-la cada vez mais, sentir seu calor úmido e tomá-la para si.

Com os olhos ainda fechados, Pea começou a mover os dedos mais depressa, mais fundo, acariciando-se até que seus quadris assumiram um ritmo próprio.

A mão de Vulcano trabalhou mais rápido, também, e seu desejo a engolfou como uma nuvem clara e quente, passeando pelo corpo curvilíneo como se tivesse vida própria. De repente, seu mundo inteiro se resumia àquela sereia sedutora em meio ao fogo.

Quando Pea se retesou e, em seguida, gritou em êxtase, seu próprio desejo espiralou dentro dele, fazendo-o cair de joelhos e estremecer, impotente, diante de um orgasmo poderoso que o deixou fisicamente exausto, mas ainda querendo mais... muito mais.

Vulcano olhou Pea até que, saciada, ela caiu num sono pesado. Continuou a observá-la e a sonhar.

E se...?

CAPÍTULO 8

Um delicioso aroma despertou Vênus, e ela olhou para o céu através da janela do quarto. Por sorte, a chuva tinha parado. O dia estava claro e bonito e, a julgar pela posição do sol, metade da manhã já se passara.

Definitivamente, já era hora de a deusa do Amor começar a trabalhar.

Tomou um banho e se vestiu depressa, admirada com o banheiro de hóspedes bem equipado de Pea, que contava com uma generosa seleção de sabonetes perfumados e loções. Em seguida, cantarolando uma antiga canção sobre fertilidade, seguiu o aroma maravilhoso que a despertara até a cozinha, onde foi recebida com festa pela terrier e pelo gato. Dando bom-dia a Chloe e Max, acariciou os adoráveis animais.

– Bom dia, deusa do Amor! – Pea cantarolou. – Não sei como gosta do seu café, mas há creme e açúcar na mesa. Sente-se! Nossas omeletes estarão prontas num instante.

Vênus observou Pea, atenta, então sorriu.

– Eu disse que se dar prazer adequadamente era ótimo.

Pea olhou para a deusa por cima do ombro. Tinha o rosto corado, porém seus olhos brilhavam. – Deve ter sido a ambrosia. Juro que quase peguei fogo, Vênus... Estava certa.

– Claro que estava! Precisa aprender a confiar em mim nesses assuntos. Eu não só conheço, como *sou* o Amor. – Vênus serviu-se do líquido escuro que Pea chamava de café, depois acrescentou um pouco de creme e açúcar. Tomou um gole, e seus olhos cor de violeta se arregalaram. – Pelas nádegas duras de Ares, que bebida deliciosa!

– Ares? – Pea indagou, virando as omeletes e adicionando uma boa pitada de queijo ralado.

– O deus da Guerra. Ele é um tédio... Sempre preocupado com armas, estratégias de batalha e exercícios, mas seu traseiro é perfeito. – Vênus bebeu o café e mordiscou um pedaço de torrada com geleia. – O que me faz lembrar: que tipo de homem acha mais atraente? Musculoso ou magro? Alto ou baixo? Qual a sua preferência?

Pea deslizou uma omelete para o prato de Vênus e um para o dela, pensando com cuidado antes de responder à deusa.

– Seria um clichê idiota dizer que prefiro os altos e musculosos?

O sorriso de Vênus foi como o de um gato lambendo creme de leite.

– Querida, não há nada idiota em desfrutar um homem alto e bem-proporcionado.

– Não que ele tenha de ter tudo no lugar e ficar horas malhando, mas...

– Ares é assim – comentou a deusa, concordando.

– Quero um homem menos fútil. Como Griffin – Pea acrescentou, tímida.

– Claro. E vamos arrumar um desses para você. Quem sabe até mesmo esse Griffin, de quem gosta tanto – prometeu Vênus com naturalidade, congratulando-se mentalmente por não

estar mais tão interessada no bombeiro. – Mas primeiro temos que tomar providências a respeito disso tudo. – Acenou com o garfo na direção de Pea.

– Está bem. Estou pronta. – Pea olhou ao redor, nervosa. – Mas, se vai começar a fazer as coisas aparecem de repente, gostaria que esperasse até eu terminar de comer. Eu sei que parece bobagem para você, mas coisas surgindo do nada fazem meu estômago doer.

– Claro que eu poderia invocar o que desejasse, mas seria apenas uma correção temporária para os seus problemas. – Vênus fez uma pausa e lançou um olhar de desdém para o pijama inteiriço de Pea. – Querida, onde compra suas roupas?

– Em lojas de desconto. – Pea encolheu os ombros. – Onde quer que haja uma liquidação.

– Certo. Agora sei onde *não* compraremos nada. Diga-me, onde jamais faria compras porque acredita que só os muito bonitos e elegantes iriam?

– Na Saks Fifth Avenue da Utica Square – Pea respondeu, enquanto mastigava a omelete.

– Então é na Saks Fifth Avenue da Utica Square que iremos. Mas, primeiro... o seu cabelo.

Pea suspirou.

– Acho que não tem jeito.

– Querida, tudo tem jeito quando o Amor toma conta!

Pea estacionou o Thunderbird diante da Saks, e não pôde resistir a se olhar no espelho mais uma vez.

– Eu disse que o óleo de coco iria funcionar – comentou Vênus, presunçosa.

– É impressionante. Eu não sabia que tinha estes cachos! Achava que tinha apenas fios arrepiados. Milhões deles!

– Isso porque os estava escovando e não usava o produto correto.

– Nunca mais vou escovar o cabelo novamente. Juro!

– Basta lavá-lo – lembrou Vênus.

– A cada três dias, certo? E usando shampoo neutro e condicionador extraforte.

– Excelente. – Vênus assentiu. Mas ainda não terminei de cuidar do seu cabelo.

– Não?

– Confie em mim. Agora, vamos às compras.

Pea suspirou e, relutante, saiu do carro.

Vênus olhou os tênis surrados com uma careta.

– Nossa primeira parada será no departamento de sapatos.

– Querida, está divina nesses saltos altos! – Vênus se acomodou com graça em um banco almofadado e assistiu a Pea caminhar pelo departamento com os scarpins de couro prata, de saltos pretos tamanho dez.

– É *óbvio* que ela é bailarina – comentou o vendedor efeminado que se apresentara como Fábio.

– É bailarina, querida? – Vênus perguntou.

– Bem, sim... Tenho aulas de balé desde os cinco anos.

– Então não é de admirar que seu corpo tenha tanta elasticidade e graça. As ninfas das florestas bem que poderiam aprender uma coisa ou outra com você... Aqueles saltinhos já estão ficando muito sem graça.

– Ah, mas é tão difícil encontrar uma boa ninfa hoje em dia! Nem mesmo o show de *drags* do Holiday Inn tem uma decente – comentou Fábio, com um floreio das mãos bem cuidadas.

– Fábio, querido, onde conseguiu essa cor de lábios maravilhosa? – Vênus quis saber.

O rapaz corou.

– No balcão da Bobbi Brown. Eu *amo* este tom natural.

– Pea, precisamos nos lembrar de comprar um desses antes de irmos embora. – A deusa voltou seu sorriso divino para Fábio. – Vamos ficar com os sapatos que ela está usando e com os outros quatro pares que escolhi.

Pea soltou uma exclamação.

– E como pretende pagar, madame? – indagou o vendedor.

Vênus puxou o cartão dourado da bolsa carteira e piscou para sua pupila.

– Com isto.

Fábio olhou para o cartão e sorriu, o *gloss* cintilando à luz do candelabro de cristal do departamento.

– Vênus Pontia... Eu sabia que você era uma deusa no momento que vi esse seu cabelo fabuloso! – elogiou com afetação.

– É claro que sim, querido. Agora seja bonzinho e embrulhe os sapatos. – Vênus parou ao observar a aparência bem cuidada do vendedor e suas roupas impecáveis. – Fábio, será que não poderia ir até o departamento de roupas conosco e levar nossas compras? Eu gostaria muito que me ajudasse a vestir a minha amiga.

– Diga-me uma coisa, minha deusa... – O rapaz baixou a voz e fez sinal para que Vênus se aproximasse. – Quanto, exatamente, pretende gastar em nosso humilde estabelecimento hoje? Uma boa quantia ou uma quantia obscena?

O sorriso de Vênus foi manhoso.

– Uma quantia mais do que obscena. Isto... – levantou o cartão de crédito como se fosse a chave do paraíso – ... não tem nenhum limite.

– *Ah!* – Fábio e Pea exclamaram em uníssono. Em seguida, o vendedor se inclinou, afetado, para a deusa. – Vamos em frente, minha diva. Sou todinho seu!

O sorriso de Vênus se alargou.

– É claro que é, meu querido.

– E então, quais são as duas coisas de que vai se lembrar para sempre ao comprar roupas? – Fábio exigiu de Pea, parecendo um professor de Educação Física.

– Cor e corte – ela respondeu de pronto, incapaz de parar de se olhar no espelho do provador.

– Percebe a diferença que faz prestar atenção a esses dois itens? – prosseguiu o vendedor, satisfeito.

– Sim – Pea assentiu com entusiasmo.

– E você, minha deusa, aprovou? – Fábio recuou drasticamente, de forma que Vênus pôde ter uma visão completa de Pea.

Vênus se aproximou de sua pupila, estudando-a com cuidado, e acariciou a manga do suéter de caxemira, que parava um pouco acima do cós das calças, deixando apenas o mínimo de pele à mostra quando ela se movia.

– Deveria usar esse tom cor de malva mais vezes, pois ele faz com que sua pele se destaque. E lembre-se, você se esforçou muito para ter essa cinturinha... Não tenha medo de exibi-la.

Pea puxou o suéter para baixo, incomodada.

– Pense nisso tudo como faz com o carro maravilhoso que dirige – prosseguiu Vênus, com súbita inspiração.

– Como assim?

– Disse que pagou caro por ele.

– Sim, mas ele valeu cada centavo.

– E não trabalhou muito por cada uma desses centavos?

– Sem dúvida.

– Depois de trabalhar tanto e de adquirir algo tão bonito, não iria escondê-lo na casa de carros, iria?

– *Na garagem* – corrigiu Pea, apressada, lançando um olhar na direção de Fábio; porém ele estava distraído, vasculhando a arara de blusas.

– Que seja – Vênus falou com um suspiro. – A questão é que não iria escondê-lo.

– Não, eu nem mesmo pensaria nisso.

– Então pense em seu corpo como pensa no seu carro. Você se esforçou muito para obter ambos. E os dois são bonitos. Não podem ficar escondidos.

– Nunca pensei dessa forma.

– Assim como o prazer, a beleza deve ser saboreada e apreciada.

– *Divino!* – Fábio entou, afastando-se da seção de blusas. – “Assim como o prazer, a beleza deve ser saboreada e apreciada...” – Suspirou, dramático, depois tomou a mão de Vênus nas suas. – Saiba que colocou toda a minha filosofia da vida em uma frase primorosa! Não imagina como gostei de ajudar vocês duas esta tarde. Foi... – Fábio se interrompeu, comovido, e enxugou os olhos, respirando fundo. – Foi uma experiência transformadora!

– Ah, querido... – Vênus o acariciou no rosto gentilmente. – O amor e a beleza foram criados para transformar vidas. – Ela inclinou a cabeça e o estudou, atenta, antes de continuar:

– E, sim, deve abrir o negócio em que está pensando.

Fábio arfou e agarrou suas pérolas.

– Oh, meu Deus! Como sabia que eu estava pensando em abrir minha própria loja?

Vênus fez um gesto de desdém com a mão.

– Vamos chamar isso de intuição, está bem? E eu também sinto que a sua boutique será um sucesso.

– Própria de uma deusa? – o rapaz perguntou, ofegante.

– Sem dúvida, meu anjo.

Enquanto Fábio tornava a enxugar os olhos e reaplicava brilho nos lábios, Vênus voltou a atenção para Pea, e seus olhos atentos percorreram o comprimento das calças de *tweed* cinza, cujo corte impecável marcava as pernas bem torneadas de Pea.

– Maravilha. Perfeito! Agora vista aquela jaqueta de couro preta, e estará elegante o suficiente para o trabalho e, ao mesmo tempo, muito sedutora. – Vênus sorriu para o reflexo de Pea no espelho. – Porque parecer sedutora é sempre bem-vindo...

– É o que diz a deusa do Amor. – Pea sorriu de volta para ela.

A vendedora baixinha e gordinha, em cujo crachá se lia o nome “Donna Vivian” em dourado, enfiou a cabeça para dentro do enorme provador.

– Fábio, como está se saindo com as suas duas clientes?

Ainda se recuperando de sua explosão emocional, o rapaz fez um floreio na direção de Pea.

– Divinamente! Acho que atingimos a perfeição.

– Ótimo. Se as senhoras precisarem de mais alguma coisa, estou arrumando a coleção Marc Jacobs. – Donna Vivian começou a se retirar, porém Vênus fez um sinal para que ela se juntasse a eles no provador.

– Querida, seu cabelo é impecável!

Donna Vivian inclinou a cabeça, aceitando o elogio com a graça especial daqueles que atendem aos muito ricos.

– Obrigada, senhorita.

Vênus continuou a estudar os cabelos da moça.

– A cor está perfeita, não acha, Fábio?

– Sem dúvida – o rapaz concordou de pronto. – Donna Vivian é conhecida por seu extremo bom gosto. Aliás... – ele fungou, acrescentando: – Ela e eu frequentamos o mesmo cabeleireiro.

Vênus abriu um enorme sorriso.

– E posso perguntar quem é que faz o cabelo de vocês?

– Claro, senhora. Farah, o cabeleireiro e colorista do salão Cypress Avenue, especialista em corte e tintura – indicou Donna Vivian.

– Aquele salão bonitinho, ao sul da Utica? – Pea perguntou.

– Exatamente – concordou Fábio.

– Ótimo. Vamos para lá, então – decidiu Vênus.

– Oh, querida... – Fábio pareceu aborrecido, enquanto Donna Vivian balançava a cabeça, consternada. – Sinto muitíssimo lhe dizer isso, mas receio que vá levar semanas para conseguir um horário com Farah. O Cypress Avenue é um dos poucos salões de luxo em Tulsa que abrem aos domingos, por isso deve estar lotado. Impossível conseguir uma vaga hoje. O melhor que posso fazer é lhe dar um cartão de Farah, assim poderá agendar um horário. – Fábio apertou o braço de Vênus num gesto de desculpas. – Sinto muito. *Mesmo*.

Vênus sorriu com doçura.

– O cartão já está ótimo. Não se preocupe por não podermos ir até lá hoje. Ah, vamos levar tudo.

– Tudo?! – Donna Vivian e Fábio repetiram em uníssono.

– Tudinho. – O gesto de Vênus incluía todos os trajes pendurados na meia dúzia de ganchos de marfim. – E Pea vai com a roupa que está usando. Ah, Fábio, querido, não acha que esses scarpins prateados que acabamos de comprar combinam com o que Pea está vestindo?

– Divinamente!

Tal qual duas borboletas, os vendedores passaram a recolher os montes de roupas espalhados pelo provador.

Quando saíram, Pea virou-se para Vênus, as lágrimas fazendo seus olhos cor de mel mais brilhantes.

– Não sei como lhe agradecer por tudo isto!

Vênus tocou seu rosto.

– Não pedi por felicidade e êxtase?

Num impulso, Pea a abraçou.

– Você é a melhor deusa do mundo!

– É claro que sou, querida – concordou Vênus, fungando e enxugando os olhos. – Agora vamos ver o que podemos fazer pelo seu cabelo, e depois creio que seja hora de uma lauta e divertida refeição.

– Pode arrumar mais um pouco de ambrosia?

A deusa do Amor levantou as sobrancelhas.

– Só se misturada a um pouco de água...

– Minha amiga gostaria que Farah tingisse e cortasse seu cabelo – Vênus explicou. – Creio que o ideal seriam algumas mechas cor de mel escuras para ressaltar a cor de seus olhos, e uma aparada rápida, que não tire muito do comprimento.

A recepcionista extremamente jovem e loira franziu a testa.

– Sinto muito, mas Farah está com a agenda cheia até... – Checou os registros no computador. – Até o final do próximo mês. E, mesmo assim, só tem um horário livre.

– Receio que não possamos esperar tanto – lamentou Vênus, educada.

A expressão da recepcionista se tornou mais grave, porém, antes que ela pudesse responder, o telefone em sua estação de trabalho branca e impecável tocou.

– Cypress Avenue Salon, boa tarde. – Ela fez uma pausa. – Oh, eu sinto muito, sra. Rowland. – A loira apertou os lábios. – Não, eu não fazia ideia de que dobermanns poderiam fazer tal estrago em suas almofadas de penas... É claro que vou avisar Farah de que sua desistência é uma emergência e reservarei seu horário para o próximo mês. Até mais.

– Parece que Farah vai ter uma brecha – comentou Vênus.

– Bem, sim, mas tenho que chamar a primeira pessoa da lista de nossos clientes que estão à espera de um cancelamento. Sinto muito, senhora. Não tenho como encaixá-la sem um agendamento prévio – a moça falou com firmeza, e começou a clicar na lista de espera do computador.

– É mesmo? – Vênus respondeu com um suspiro.

– É melhor irmos – Pea interveio, discreta.

Vênus apenas sorriu e balançou a cabeça de leve.

O telefone celular na bolsa de Pea tocou.

– Alô?

– Olá, posso falar com Pea Chamberlain, por favor? – indagou a recepcionista do outro lado do balcão. Aqui é Mindi, do Cypress Avenue.

Pea sorriu, e, em vez de falar ao telefone, chamou a atenção da moça.

– Ahn, Mindi, *eu* sou Pea Chamberlain.

Mindi piscou, confusa.

– Ah! Bem... Parece que você é a próxima na lista de espera de Farah! Sinto muito, senhora. Eu não a reconheci como uma de nossas clientes.

– Ela fez uma transformação recentemente – explicou Vênus.

– E está maravilhosa – elogiou a moça.

– De fato... Por falar em maravilhoso, enquanto espero pelo corte e tintura de Pea, eu gostaria muito de uma pedicure.

A loira tornou a franzir o cenho, preocupada.

– Sinto muito, senhora, mas Cheryl está ocupada...

– Mindi, minha cliente das três horas acabou de ligar e cancelou a pedicure!

A recepcionista balançou a cabeça, meio em estado de choque.

– Cheryl, esta senhora acabou de pedir para fazer os pés.

– Então eu posso encaixá-la! – A moça sorriu.

– Que sorte a minha! – comentou Vênus. – Ah, e eu adoraria uma taça daquele champanhe especial que vocês mantêm no congelador lá do fundo.

– Claro, madame.

– Como sabia que elas tinham champanhe? – Pea cochichou, conforme eram conduzidas para o interior do salão.

– Querida, o Amor sempre pode sentir a presença de champanhe!

CAPÍTULO 9

– Farah é um gênio! – Parando no sinal vermelho da Utica Street, Pea virou a cabeça de um lado para o outro, de forma que suas novas luzes pegassem os raios do sol que começavam a desaparecer no retrovisor do carro.

– Ela fez um trabalho maravilhoso, mas precisa se lembrar de que tinha um cabelo incrível mesmo antes de Farah operar sua magia, assim como era dona de um corpo maravilhoso mesmo antes de nossa visita à Saks.

Uma batidinha na janela do carro fez ambas as mulheres pular, surpresas. Pea olhou para cima e suspirou.

– Ah, meu Deus! É Griffin!

– Abra a janela! – Vênus falou por entre os dentes, sentindo o estômago se apertar ao ver o bonito bombeiro. Isso porque ele era para Pea!

Pea apertou o botão para descer o vidro.

– Boa noite, senhoras. Estariam interessadas em doar seu troco para a unidade do corpo de bombeiros e ajudar as crianças de Jerry? – O olhar de Griffin passou de Pea a Vênus, e seu sorriso mudou de educado para sexy. – Que bom vê-la de novo...

Vênus tentou balbuciar um “olá” indiferente, e ficou mortificada quando a palavra mal saiu de seus lábios.

– Olá, Griffin! – Pea o cumprimentou efusivamente. – Claro que vou doar. – Sua mão tremeu de leve quando vasculhou a bolsa em busca de moedas.

Griffin ergueu a sacola de coleta e desviou o olhar de Vênus apenas por tempo suficiente para sorrir para Pea.

– Já nos conhecemos, senhorita?

– Sim, eu sou sua vizinha, lembra-se? Você tirou a minha terrier da árvore e depois me devolveu o pênis de borracha – tagarelou Pea, corando até a raiz dos cabelos em seguida.

Vênus suspirou e revirou os olhos.

Griffin franziu o cenho como se tivesse levado uma pancada na cabeça.

– Pea?!

– Eu mesma! – O sinal mudou, e alguém buzinou atrás delas. – A gente se vê! – ela gritou, acelerando.

– Da próxima vez é melhor não mencionar o pênis de borracha. Tanto os mortais quanto os deuses tendem a se sentir intimidados por mulheres que possuem pênis maiores do que os deles.

– Eu sou uma idiota – Pea respondeu com um gemido.

– É claro que não. Só ficou nervosa. Deixe-me contar mais algumas coisas sobre os homens que a ajudarão muito quando for conversar com eles... Eles nos desejam muito mais do que

nós os desejamos.

– Como isso pode ser verdade?

– Tem tudo a ver com essa coisa de pênis.

– Mas eu conheço mulheres que vivem correndo atrás dos homens. Elas me parecem muito mais interessadas neles do que eles nelas.

– Isso não é desejo, é carência. E você não é uma mulher carente. Estou falando sobre desejo de verdade. Essa coisa visceral, quente e apaixonada.

– Está falando sério?

– Claro que estou.

Pea balançou a cabeça.

– Não pode ser verdade. Pelo menos não era para mim até agora. Não vejo a menor possibilidade de Griffin me desejar mais do que eu o desejo. E, de qualquer maneira, ele me pareceu bem mais interessado em você.

Apesar de seu esforço, o ressentimento na voz de Pea ficou claro.

– Querida, eu tenho certeza de que foi a sua imaginação – refutou Vênus, recusando-se a reconhecer a conexão instantânea que tinha, mais uma vez, vibrado entre Griffin e ela. – Notou como ele pareceu satisfeito quando percebeu que era você?

Pea mordeu o lábio.

– Bem, suponho que sim, mas ainda não consigo acreditar que Griffin possa me querer mais do que eu o quero. Ele simplesmente não me parece interessado.

– Teria se interessado se a tivesse tocado, sentido a suavidade da sua pele, sentido o calor da sua paixão... Você o faria enlouquecer, mesmo antes de seu próprio corpo começar a arder por ele.

– Acha mesmo?

– Confie em mim. – Vênus apontou para uma vaga de que estavam se aproximando. – Pare ali.

– Mas o restaurante fica do outro lado da Utica Square. Vamos ter que andar quase um quarteirão para chegar lá.

– Exatamente – cantarolou a deusa.

– Aquele homem assobiou para nós! – Pea cochichou para Vênus, surpresa.

– Claro que assobiou. Olhe ao redor, querida. Todos eles estão olhando para nós. – Ela se inclinou junto à orelha de Pea e acrescentou com uma risadinha: – E eu disse “nós”. Também está sexy, confiante, bonita, e eles percebem isso.

Pea fitou Vênus, os olhos enormes e atordoados, então olhou à sua volta.

– *Pelo traseiro perfeito de Ares*, tem razão! – ela falou com um suspiro.

O riso de Vênus atraiu ainda mais atenção pelo caminho.

– Oh, não! Não vá pegar a minha mania de praguejar! Perséfone dirá que estou exercendo

péssima influência sobre você – a deusa do Amor pediu, porém sorrindo.

Estava tão orgulhosa de Pea! Elas não estavam apenas atravessando a luxuosa área de compras; estavam desfilando. *Pea* estava desfilando. Podia ver sua autoconfiança crescer a cada momento.

A pequena mortal jogou os lindos cabelos encaracolados para trás e ergueu o queixo de leve enquanto caminhava a seu lado, igualando-se a ela em postura.

Vênus sorriu. Não poderia estar mais feliz.

O jantar só fez reforçar a confiança recém-descoberta de Pea. O garçom, um jovem muito bonito, flertara com elas abertamente – com ambas –, e um homem no bar lhes enviara uma garrafa de um vinho delicioso.

No final das contas, a tarde inteira fora um excelente lustro no ego de sua pupila, refletiu Vênus.

No momento elas estavam de volta à mesa da aconchegante cozinha de Pea, entregando-se ao que ela agora considerava uma nova e maravilhosa tradição: beber seu excelente chocolate quente e conversar como se elas fossem velhas amigas.

Naquela noite, entretanto, Pea não estava usando aquela coisa terrível que ela chamava de “pijama de pezinho”. Usava a camisola de seda cor de malva que ela insistira em lhe comprar no departamento de lingerie de luxo da Saks, e um robe no mesmo tom. Com os cabelos caindo em volta dos ombros em grandes cachos brilhantes, e o rosto corado pela excitação e o vinho do jantar, Pea poderia facilmente ser confundida com uma deusa.

A deusa da Bondade, Vênus decidiu. Pea poderia ser a deusa da Bondade.

– Acha que ele vai estar lá amanhã? – perguntou a mortal, arrancando Vênus de seu devaneio.

– Ele, quem?

– Griffin.

Vênus sentiu uma ridícula pontada no estômago, porém disfarçou.

– Lá onde?

– Naquela esquina. Ei, não está prestando atenção em mim...

A deusa sorriu.

– Desculpe, na verdade eu estava pensando em como está bonita.

Pea sorriu de volta, satisfeita.

– E eu não tenho ideia se ele vai estar lá amanhã ou não. De qualquer forma, Pea, querida, a esquina de uma rua movimentada não é o lugar mais oportuno para que você o seduza.

– Não pretendo ir até lá para seduzi-lo! – Pea se indignou.

– É claro que pretende seduzi-lo. Só não vai fazer isso em uma esquina.

Vênus ignorou a estranha excitação que ouvir o nome de Griffin tinha lhe causado. Aquilo era ridículo. Mesmo se Pea não estivesse apaixonada pelo rapaz, fazia séculos que ela, Vênus, não se envolvia com um mortal. Na verdade, fazia séculos que ela não flertava com quem quer

que fosse.

– Vênus?

– Perdão, Pea. Eu estava divagando outra vez. O que disse?

– Perguntei como vou seduzir Griffin... – Pea parou e riu, como se chocada por estar pensando naquilo – ... se nunca o vejo?

– Deixe isso comigo.

– Não vai provocar nenhum incêndio, vai?

Vênus ergueu as sobrancelhas repetidas vezes.

– O Amor provocando um incêndio?

– Prometa que não vai queimar minha casa!

– Eu jamais pensaria em incendiar esta casa maravilhosa.

– Nem as casas dos meus vizinhos!

Vênus fez um beicinho.

– A ideia não é de todo ruim, mas acho que podemos pensar em outra coisa.

– Espero que sim! – Pea bocejou e olhou para o relógio. – Ah, Deus! É quase meia-noite. Tenho que levantar cedo para trabalhar amanhã. – Ela franziu a testa, preocupada. – O que vai fazer enquanto eu estiver fora?

– Pesquisa – Vênus respondeu sem hesitar.

– Pesquisa?

A deusa assentiu.

– Tem um computador, não tem?

– Claro, mas como...

Vênus dispensou a pergunta com um gesto.

– Perséfone me explicou tudo. Os computadores são como mágica. Pode-se descobrir qualquer coisa sobre o mundo mortal moderno por intermédio deles, principalmente se usar uma magia especial chamada Google.

Pea riu.

– Está certa. Sem problemas, então. Vou lhe dar uma lição rápida antes de ir trabalhar amanhã.

– Que tipo de trabalho você faz?

– Eu acabei de ser promovida. Sou a mais jovem diretora da Faculdade Comunitária de Tulsa. Estou no comando do currículo para o nosso Departamento de Educação Continuada. – Pea pensou por um instante e acrescentou: – Pode-se dizer que eu decido que tipo de aulas oferecemos aos adultos, a fim de que eles aprendam coisas novas e expandam seus horizontes.

– Parece uma grande responsabilidade.

– É mesmo. E amanhã será um longo dia. Estou entrevistando instrutores para várias aulas novas que vamos oferecer neste verão.

– Se é assim, precisa descansar.

As duas mulheres desejaram boa-noite uma para a outra e se recolheram.

Pea considerou se comprazer outra vez, mas estava exausta e caiu em um sono abençoado assim que sua cabeça tocou no travesseiro.

Ironicamente, Vênus nem sequer considerou a hipótese de dar prazer a si mesma. Em vez disso, ficou acordada por muito tempo, e quando caiu em um sono inquieto, sonhou com um mortal de olhos azuis cintilantes e cabelos escuros...

Vulcano tentou ficar longe do fio que abria uma janela para o mundo dos mortais – uma janela para Pea –, e conseguiu, na maior parte do dia.

Mas, no fim, estava tão cheio de pensamentos e dúvidas sobre a pequena mortal que não pôde aguentar mais. Invocou a linha e consultou o pilar de fogo.

Prendeu a respiração ao sentir emoções que julgara adormecidas cortá-lo dos pés à cabeça. Pea estava radiante! Atravessava um parque de compras ao lado de Vênus, vaidosa, graciosa e confiante. Exatamente como a mulher em que ela se transformara na noite anterior, quando começara a dançar.

E suas roupas, seu cabelo! Estava diferente, porém continuava a ser Pea: a criatura doce e única que ele passara a desejar com tanta paixão e de forma tão inesperada.

Na verdade, ela parecia ainda melhor agora. Vênus a transformara, operando nela sua magia.

Vulcano a estudou com cuidado. Sua primeira impressão estava errada... Não conseguia detectar a magia da deusa na mortal. Vênus conseguira transformá-la sem utilizar seus poderes divinos. Consequira tornar visível o que a moça mantinha escondido.

Sentiu o peito se apertar e engoliu em seco. Não era o único a notar sua beleza. Que tormento ver os homens olharem para Pea durante todo o jantar! Tinha vontade de explodir aquele garçom imbecil que sorria demais e não parava de elogiá-la.

E o homem no bar! Vulcano quis alcançá-lo por meio do fio e lhe dar uma razão *abrasadora* para sair do restaurante e sair correndo.

Mas isso não era o pior. Pea continuava falando daquele maldito Griffin! E Vênus ainda se dispunha a pensar numa maneira de unir os dois.

Não!, quis gritar por meio da linha de fogo. *Ele não é a pessoa certa para você, Pea!*

Mas não fez isso, claro. Afinal, como poderia impedir Pea de querer seduzir o tal Griffin? Ele estava no Olimpo e o mortal se encontrava lá, no mundo moderno.

Mas e daí se eles estavam em mundos diferentes?

Vulcano endireitou o corpo e parou de passar a mão pelo cabelo denso num gesto contínuo de frustração. Perséfone visitava o mundo moderno dos mortais. Vênus visitava o mundo moderno dos mortais. Ele também era um dos deuses do Olimpo. Tinha o poder dos deuses nas mãos, assim como a magia do fogo, caso decidisse utilizá-los.

Pois bem, já era hora de ele fazer isso. Não havia nada, além dele mesmo, impedindo-o de

seguir seu coração.

Sim. Já era tempo de o deus do Fogo fazer uma visita ao mundo moderno...

Vênus se viu encantada com a magia da internet. Após Pea ter lhe dado uma breve lição e saído para o trabalho (usando a blusa de seda castanho-avermelhada, suas elegantes calças pretas novas e as maravilhosas botas de salto da mesma cor), a primeira coisa que a deusa do Amor fez foi pesquisar sobre si mesma no Google.

– Noventa e um milhões de entradas! – praticamente gritou. E então, só por curiosidade, pesquisou “Perséfone”. – Três milhões novecentos e vinte mil entradas. Que interessante!

Mal podia esperar para contar à deusa da Primavera. E Perséfone ainda se achava especialista no mundo moderno!

Bem, talvez fosse mesmo, mas era óbvio que o mundo contemporâneo estava mais interessado em amor do que na primavera.

Vênus navegou por algum tempo. Por muito mais do que isso, aliás. Estava fascinada pelas diferentes interpretações artísticas que encontrara ao filtrar sua busca no Google de “Vênus” para “a arte de Vênus”. Sem dúvida estava familiarizada com Botticelli, mas, embora conhecesse seus quadros, nunca havia gostado deles. O homem a retratara como uma ninfa fútil. A Vênus de Milo era mais fiel aos seus sentidos estéticos, contudo não se parecia em nada com ela.

Encontrou uma escultura linda em alabastro verde de si mesma de que gostou muito, feita por uma artista moderna chamada Kelly Borsheim; em seguida descobriu a arte de fantasia de Michael Parkes, e ficou tão encantada que encomendou cinco das estampas de edição limitada.

– Vou levá-las comigo. Não que Perséfone vá me ajudar a carregá-las... – murmurou para Chloe, que se encontrava toda satisfeita, deitada a seus pés.

Começou a navegar, então, usando palavras e frases aleatórias, como: “romance”, “amor”, “sexo”, “erótica”, e descobriu um site fabuloso chamado *Smart Bitches Trashy Books*, algo como “Literatura Barata da Mulher Inteligente”, que a fez rir e ler os artigos por horas. Gostou principalmente das observações atiladas de como os homens tantas vezes subestimavam ou desprezavam coisas rotuladas de “apenas para mulheres”.

E, claro, adorou os xingamentos criativos do *Smart Bitches*, decidindo de imediato acrescentar vários de seus favoritos – como “cripentolha”, “heliodoro”, “bitetas” e “galdéria” – para sua já formidável seleção de palavrões.

E, enfim, dedicou-se à tarefa mais séria de descobrir uma maneira de continuar ajudando Pea. Ao pesquisar “Faculdade Comunitária de Tulsa”, instruiu-se a respeito do empregador de sua protegida antes de digitar seu cargo e saber exatamente o que ela fazia para viver.

Uma vez informada, bem como impressionada com as responsabilidades da moça, Vênus digitou no Google “Bombeiros de Tulsa” e se acomodou, acompanhada de uma caneca de café, a fim de navegar pelas 113 mil entradas.

Quase engasgou com o *cookie* ao clicar em “Calendário dos Bombeiros” e ver Griffin seminu na capa da última edição.

– *Putá merda!...* – ofegou, testando uma de suas novas imprecações e se abanando com o biscoito já consumido pela metade.

Griffin era, sem dúvida, uma delícia. Como ela gostaria de devorá-lo inteiro!

Na verdade, queria que *ele* a devorasse.

– Não! *Pea* quer Griffin, então *Pea* vai tê-lo!

Fechou o perigoso calendário, depois de salvar uma cópia para sua pupila, claro.

Três sites depois, ergueu os braços e soltou um gritinho de felicidade, acordando Chloe, que se pôs a latir freneticamente.

Vênus pegou a terrier e a abraçou.

– É isso, Chloe! Descobri como vou fazer Griffin e *Pea* ficarem juntos. E será esta noite!

Em seguida, percebendo quantas coisas ainda tinha de providenciar nas três horas que lhe restavam antes que a mortal chegasse do trabalho, Vênus saltou da cadeira.

CAPÍTULO 10

– *Querida, cheguei!* – Pea gritou brincando, conforme passava pela porta da frente.

Chloe correu para ela, bufando feliz, enquanto Max se esfregava em torno de suas pernas.

– Até que enfim! Precisa se apressar. Atrasar-se um pouco pode até ser de bom-tom, mas esta noite eu não quero que perca um só momento com Griffin – Vênus falou rapidamente, fazendo um sinal para que Pea a seguisse até o quarto.

Quando ela não se moveu, a deusa voltou e colocou as mãos nos quadris, aborrecida.

– Pea, não fique parada aí feito uma boba e comece a se mexer! Eu já disse que está atrasada.

– Você... – Pea engoliu em seco, os olhos enormes. – Meu Deus! Olhe só para você!

O aborrecimento de Vênus se desvaneceu.

– Gostou da minha roupa? – Ela se virou devagar para que a moça pudesse avaliar seu visual.

– É incrível. Quero dizer, você é linda de qualquer jeito, mas nesse, *ahn*, seja lá o que for, está de tirar o fôlego.

– Isto... – Vênus fez um gesto grandioso, exibindo a mistura de tecidos semitransparentes que cascadeavam sedutoramente ao redor de seu corpo, acompanhando suas curvas perfeitas – ... é o que uma deusa romana usa quando quer ser admirada em toda a sua glória: uma túnica. – Apontou para a bainha mais curta, de cor creme, que deixava parte de suas lindas pernas nuas. – A estola... – Estendeu a parte do tecido drapeado, de um branco perolado, que atravessava seu dorso de um lado para o outro e combinava com seus cabelos. – E, por fim, a pala. – Com um floreio, Vênus girou com graça, fazendo o pedaço de seda violeta (da cor exata de seus olhos), preso à parte traseira dos ombros delicados com broches de prata, se agitar como uma capa diáfana.

– Lindo! – exclamou Pea. – Está vestida assim porque vai voltar para o Olimpo? O portal se abriu para você outra vez? – Ela sorriu, porém seu sorriso não ocultou uma ponta de tristeza. – Não imaginei que fosse embora tão cedo. Não pode ficar pelo menos para o jantar e, talvez, por mais uma noite?

– Querida, já está cheia de felicidade e êxtase?

Pea enrugou a testa ao pensar na pergunta de Vênus.

– Bem, eu estou feliz. Quero dizer, o trabalho foi ótimo hoje. Precisava ter visto a maneira como todos olharam para mim. Todo mundo olhou para mim! Como se eu não fosse mais invisível. E perdi a conta de quantos elogios recebi pelo meu cabelo.

Vênus sorriu diante da exuberância de Pea.

– Sim, você está feliz. Mas já preencheu seu vazio com um sedutor, apaixonado e delicioso êxtase?

– Acho que não.

– Eu também não. E, enquanto não conseguir isso, não vou embora.

– Então, por que está vestida assim?

Vênus revirou os olhos.

– Toda essa conversa me fez esquecer. Siga-me, e eu vou lhe contar enquanto se troca.

– Por que tenho de me trocar?

– Vai colocar o seu próprio traje de deusa – Vênus informou com um suspiro.

– *Eu?* Por quê? – Pea indagou, porém a seguiu, ansiosa.

– Pea, querida, estamos indo a um baile de máscaras.

Pea estacou no corredor, do lado de fora do quarto.

– Vênus, do que está falando?

– Eu me informei enquanto estava na internet esta tarde. Que, por sinal, é uma magia maravilhosa... Sabia que há 91 milhões de sites sobre mim? *Noventa e um milhões!* E só quatro milhões de Perséfone. E ela é sempre tão presunçosa quanto a is... Ah, não importa. Estou fugindo do assunto. Enquanto eu estava procurando informações interessantes acerca do seu bombeiro, acabei encontrando o anúncio de um baile de máscaras naquele restaurante fabuloso onde você e eu nos encontramos.

– No Lola's?

– Exatamente! O anúncio diz que eles estão tentando levantar verba para um novo equipamento, ou algo assim, para o Corpo de Bombeiros Central de Tulsa, que é a estação de Griffin!

– Desfibriladores – corrigiu Pea.

Vênus levantou uma sobrancelha, e Pea encolheu os ombros.

– Deu no noticiário. O corpo de bombeiros quer dois desfibriladores novos para suas unidades paramédicas. O baile de máscaras é mesmo para angariar fundos.

– Já estava sabendo sobre ele?

– Estava. Mas não dei muita importância. Não é bem um lugar aonde eu gostaria de ir.

– Pois é aonde está indo! Aonde *estamos* indo, melhor dizendo.

– Mas temos de ter fantasias... – A voz de Pea foi diminuindo e seus olhos se arregalaram conforme ela compreendeu.

– Nós temos fantasias, minha querida. – Vênus a segurou pelo braço e a puxou para o quarto. – Depressa! Passei a tarde toda conjurando coisas do Olimpo, e mal posso esperar para lhe mostrar como é se vestir como uma deusa de verdade!

– Tem certeza de que eu não devia estar vestindo calcinha? – Pea passou as mãos pela frente da veste, nervosa, como se temendo que um vento pudesse soprar de repente e levá-la acima de sua cabeça.

– Claro que tenho certeza. Nada deve aprisionar sua flor delicada de mulher sob as sedas

das vestes de uma deusa. Além disso, ficar sem roupas íntimas é uma experiência libertadora, você vai ver. E sossegue, criatura! – Vênus amassou um pouco mais os cachos de Pea. – Teria sido muito mais fácil aprontá-la com a ajuda de um grupo de ninfas, mas estou satisfeita com o nosso resultado final. – Deu um passo atrás a fim de examinar seu trabalho. – Pronto. Pode virar agora e se olhar.

Juntas, elas estudaram a deusa no espelho. A túnica de Pea era da mesma cor creme e sedutora da de Vênus, porém deixava suas pernas mais expostas. Vênus as examinou, aprovando com um gesto de cabeça ao ver como eram fortes e bem torneadas. A estola que usava era de um tom rosa-escuro; uma cor que poderia parecer inocente, mas que envolvia o corpo de Pea com suavidade, acentuando o recuo da cintura delgada e o formato de seus seios com perfeição, evocando imagens das partes escondidas de seu corpo e tornando-a ainda mais atraente e sedutora. Sua pala era de um dourado intenso e brilhava ao menor movimento.

– Simplesmente lindo! Eu sabia que a estola iria combinar com a... – Vênus se interrompeu ao ver as lágrimas nos olhos de Pea. – O que foi, querida?

Pea assentiu com um gesto de cabeça.

– É uma roupa linda e, sim, é digna de uma deusa... Mas eu pareço um pardal tentando vestir as penas de um pavão.

Vênus piscou, surpresa.

– Isso não é verdade, Pea!

– É, sim! – ela afirmou em meio a um soluço. – Eu sei que é... Sempre foi verdade.

Vênus a tomou pela mão e a levou até a cama.

– Sente-se – pediu, antes de apanhar a caixa de lenços no banheiro e entregá-la a Pea. – Vamos, assoe o nariz.

Ainda soluçando, Pea obedeceu. Em seguida, Vênus sentou-se a seu lado e segurou sua mão.

– Agora, conte-me o que aconteceu para que tenha uma visão tão distorcida de sua aparência.

Pea fungou.

– Não foi apenas uma coisa...

– Então me conte tudo – a deusa pediu suavemente.

– Lembra-se de quando eu falei sobre o grupo de dança do qual eu fazia parte no colegial, e de como eu pensava que era aceita, mas não era?

Vênus aquiesceu.

– Bem... – Pea suspirou. – Não foi só isso. Eu sei que parece bobagem, mas eu não percebia que era tão esquisita em termos de aparência. Verdade. Eu achava que era normal, como todo mundo. Quero dizer, eu tinha amigos; não do grupo de dança, mas tinha. Não pensava que seria um problema fazer amizade com uma nova turma.

– O que aconteceu, afinal?

Pea deixou escapar um suspiro trêmulo.

– Entrei para o grupo sem nenhum problema. Fazia aulas de dança desde os cinco anos, portanto sabia o que estava fazendo. O fato é que entrei para a equipe no primeiro ano em que tentei. Fui a única novata que conseguiu.

Vênus notou, com estranheza, que Pea não parecia ter nenhum orgulho de ter feito algo tão difícil.

– No dia em que fui para a primeira aula do novo grupo, estava toda animada, feliz da vida; louca para fazer novos amigos e dançar muito. Atrapalhada como sempre, derrubei um monte de coisas da minha bolsa na porta do vestiário das meninas e, enquanto estava juntando tudo, ouvi que elas falavam de mim. – Pea engoliu com dificuldade, lutando contra as lágrimas. – Elas estavam fazendo piada, dizendo que não importava o quanto eu dançasse bem, pois nunca iria me livrar da minha feiura. E ainda me chamaram de “cabeça de brócolis”, por causa do meu cabelo.

Vênus balançou a cabeça, inconformada.

– Adolescentes podem ser muito cruéis, principalmente ao se sentirem intimidadas pelo talento de alguém.

– Mas elas não se deixaram intimidar por mim! – discordou Pea.

– Não? Há quanto tempo isso aconteceu?

– Começou há uns dez anos. Mas continuou por todo o ensino médio. Eu sei que é uma idiotice deixar algo que me aconteceu há tanto tempo me incomodar, mas...

Vênus ergueu a mão para impedir as palavras.

– Não é nenhuma idiotice ser afetada por algo que aconteceu durante seus anos de formação. Não foi por isso que perguntei há quanto tempo aconteceu. Perguntei porque quero que perceba: agora é uma adulta de sucesso, independente, analisando coisas que aconteceram a uma criança. Agora pode vê-las por meio dos olhos de uma mulher e, como tal, perceber claramente o ciúme e a insegurança das outras meninas.

Pea mordeu o lábio.

– Acho que nunca pensei sob esse ponto de vista.

Vênus tomou Pea pela mão e a levou de volta para o espelho.

– Então pense.

– Vou tentar – ela murmurou, em dúvida.

Vênus suspirou.

– Eu gostaria que pudesse se ver como os outros a veem... – De repente, os olhos da deusa se arregalaram. – *É isso!*

Pea franziu o cenho.

– O quê?

– Eu simplesmente posso lhe dar a capacidade de ver a si mesma como os outros a veem!

Pea deu um passo para trás ao notar os dedos da deusa já cintilando.

– Vênus, não gosto muito quando começa a fazer aparecer coisas!

– Querida, eu não vou fazer aparecer nada. Vou apenas lançar um pouco de magia sobre você. – E, enquanto Pea abria a boca para protestar, entoou: – *Permita que ela enxergue a beleza que tem, como se com os olhos de outrem!* – E lançou sobre ela uma nuvem de poeira cintilante.

Ao ver a pequena mortal espirrando com força, Vênus suspirou e entregou-lhe outro lenço. Então segurou Pea pelos ombros e a fez olhar para si mesma no espelho.

– Oh, meu Deus! – Pea respirou fundo, levantando a mão como se quisesse tocar a mulher no espelho. – Nunca imaginei que pudesse ficar tão linda! Mas isso é magia, não é? Vai desaparecer.

– É claro que não é!

– Mas acabou de... – Pea agitou os dedos, imitando Vênus.

– Querida, eu não mudei nada na sua aparência. Apenas pedi que se enxergasse como os outros a veem. Esta mulher... – apontou para Pea no reflexo – ... é absolutamente real.

– Tem certeza de que não usou magia para me fazer parecer assim?

– É isso o que estou tentando lhe dizer. Tem a sua própria magia, Pea. Sua beleza, bondade e inteligência são suficientes para escravizar qualquer homem.

– Mas eu não quero escravizar Griffin.

– Não?

Pea corou.

– Bem, talvez um pouco. Mas não desejo que ele me queira por conta de algum feitiço.

– Não se preocupe, meu anjo. A única magia que vai utilizar esta noite é aquela a que todas as mulheres confiantes têm acesso. Basta acreditar em si mesma. Relaxe e perca suas inibições. Entregue-se à paixão e ao êxtase, Pea, ao menos por esta noite.

– Está bem, vou tentar. Mas talvez precise de um ou dois dos Martinis de romã do Lola's.

– Faça como quiser. Estou levando aquele cartão de crédito maravilhoso. – Vênus bufou. – Quem diz que não se pode viver de amor está absolutamente equivocado. Eu jamais diria uma blasfêmia dessas!

– Nem eu. Pelo menos não nos dois últimos dias. – Pea sorriu para seu incrível reflexo. – Estou pronta. Vamos, antes que eu me esqueça de que estou bonita assim.

– Espere, eu quase me esqueci! – Vênus remexeu as pilhas de tecidos e coisas sobre a cama. – Tome... Esta é para você, e esta é para mim – explicou, entregando-lhe uma meia-máscara espetacular, coberta com minúsculas lascas de cristais de ouro, e que se podia amarrar com uma fita de veludo rosa. A que escolheu para si própria era muito semelhante, exceto por ser recoberta com o que pareciam minúsculos brilhantes, e amarrada com uma fita prateada. – O anúncio na internet dizia que qualquer traje era bem-vindo. A única exigência era que todos usassem algum tipo de máscara.

As duas mulheres se ajudaram a colocar os aparatos e, em seguida, olharam-se no espelho.

Pea estendeu a mão e segurou a de Vênus.

– Você me transformou em uma deusa.

Vênus apertou seus dedos e sorriu.

– Não, minha pequena amiga mortal. Tudo o que fiz foi lhe mostrar como liberar a deusa que sempre existiu dentro de você. Agora, vamos naquele seu carro maravilhoso direto para o baile de máscaras do Lola's, aproveitá-lo como se estivéssemos no paraíso!

– Ei, e quem eu vou ser? – Pea perguntou, rindo. – Quero dizer, você já é Vênus... Que deusa eu vou representar?

– Será a minha encarnação grega: Afrodite. As pessoas tendem a descrever Afrodite como sendo mais baixa e delicada, assim se encaixa perfeitamente no papel.

– Quer dizer que você e Afrodite são a mesma deusa?

Vênus suspirou.

– Não imagina como isso é desagradável para mim, ainda mais depois que encontrei tantas referências irritantes na internet, dando a entender que somos duas divindades diferentes.

– Confesso que eu também achava que fossem. Nunca tinha parado para pensar nisso.

– Pea, caso se mudasse para a Europa, e as pessoas de lá comesçassem a lhe chamar por outro nome, apenas por este se encaixar melhor na sua cultura, isso a tornaria uma pessoa diferente?

– Claro que não.

– Pois então. Na Itália, eles me chamam de Vênus. Na Grécia, meu nome é Afrodite. Mas em qualquer um desses lugares ainda sou eu!

– Ei, esta noite eu também vou ser você...

– Claro que sim. Portanto, deixe-me orgulhosa, e aproveite-a como uma verdadeira deusa do Amor!

– Estou prontinha para isso, se também estiver.

– Querida, o Amor está sempre pronto para qualquer coisa...

Rindo juntas, elas deixaram a casa.

Um baile de máscaras... Vulcano coçou o queixo, pensativo. Todos deveriam usar uma máscara, e Vênus havia dito que era um evento de gala. O local estaria lotado com mortais, todos usando fantasias que iam desde as mais comuns até as mais extravagantes.

Não que houvesse estado em muitas festas de mortais ou do Olimpo. Mas não era totalmente ignorante quanto à forma como o mundo funcionava, fosse ele mortal ou imortal. Tinha apenas preferido observar a participar delas.

Até aquele momento.

Vênus estava indo ao baile de máscaras como ela mesma, então ele também iria como ele mesmo. Usaria apenas uma máscara e teria o cuidado de se manter longe da deusa. Afinal, era a última pessoa, mortal ou imortal, que ela esperava ver. Contanto que sua claudicação não

chamasse a atenção, não havia como ela reconhecê-lo. Permaneceria fora de sua vista, misturado à multidão, e talvez conseguisse encontrar um modo de levar Pea para longe.

– Estou me sentindo um idiota – Griffin confessou ao colega do corpo de bombeiros, o tenente Robert Thomas.

– Ah, sem essa. Está ótimo.

– É fácil para você dizer. Seu traje não é tão curto a ponto de mostrar sua bunda.

Robert riu.

– Pois, para mim, é uma das poucas ocasiões em que ser baixinho está ajudando. – Robert ajustou uma parte da túnica. – Não sei por que o chefe exigiu que todo mundo viesse vestido como na Roma antiga.

– Deve estar assistindo demais ao History Channel. Mas não teria sido tão ruim se ele não tivesse tido a brilhante ideia de que eu precisava vir como deus do Fogo! – Griffin olhou para o próprio crachá com os dizeres “Olá, sou o deus do Fogo” e balançou a cabeça. – Em que diabo ele estava pensando?

– Que, como nosso capitão e líder destemido, fazia sentido que viesse com o melhor traje...

– Pois, por mim, pode ficar com esta coisa. – Griffin fez um gesto desolado para a armadura romana com músculos forjados, e a túnica curta e plissada que terminava pouco acima dos joelhos. – Se eu quiser ir lá para fora e me livrar um pouco desta multidão, vou congelar.

– Não, o Lola’s tem aqueles aquecedores a gás propano espalhados pelo passeio. As pessoas estão dançando lá fora, não congelando. Vai ficar bem, capitão.

Griffin bufou, lembrando a si mesmo para não se sentar com as pernas muito abertas no banco do bar.

Droga, odiava aquele tipo de evento. Não que angariar fundos para a estação fosse ruim, mas toda aquela bajulação e politicagem lhe davam nos nervos. Era a única coisa de que ele não gostava em sua promoção a capitão. Queria mais era que seus chefes o deixassem fazer seu trabalho em paz.

E seu trabalho, decididamente, não era vestir saia e ficar desfilando em público. Já tinha passado vergonha suficiente ao posar para aquele calendário idiota. Jamais teria feito aquilo se suas irmãs não tivessem insistido. Elas haviam adorado a ideia de ver o irmão mais velho na capa do calendário nacional dos bombeiros.

Mulheres... Griffin deu um longo e profundo suspiro. Elas o levavam à loucura. Claro que gostava delas e, por ter sido criado com quatro irmãs, até mesmo as compreendia... Às vezes.

Inferno. Ter sido criado no meio de quatro mulheres era a razão pela qual ele continuava solteiro, embora nunca fosse dizer isso para Alicia, Kathy, Stephanie ou Sherry. Elas ficariam loucas e o atormentariam ainda mais para que ele se casasse e sossegasse.

Mas, não, obrigado. Já vira três das quatro passarem por divórcios infernais e, no fundo,

achava que era apenas uma questão de tempo antes que Alicia, a mais jovem e recém-casada de suas irmãs, dispensasse Mike. O sujeito não passava de um idiota controlador.

Não. Enquanto não tomasse conhecimento de pelo menos uma estatística favorável ao amor duradouro, ele continuaria solteiro.

– *Caraca!* – Robert deu-lhe um tapa na armadura, quase fazendo-o derramar a cerveja. – Pode me bater e me chamar de otário, mas acho que estou apaixonado!

– Que diabo deu em você?

O rapaz apontou para a entrada do restaurante lotado, e Griffin sentiu a boca seca.

– ... Que deusas são essas? – murmurou, perplexo.

Duas mulheres tinham parado a fim de deixar sua contribuição na entrada e preencher seus crachás.

E Robert estava certo. Eram duas deusas. Deusas familiares, inclusive. Não que fosse possível dizer com certeza quem estava por detrás daquelas malditas máscaras, porém seus olhos se viram atraídos para a mais alta delas.

Griffin sentiu o choque do reconhecimento se refletir na virilha. Era a mulher do bar, a mesma que ele vira no carro de Pea, no dia anterior! Não conseguia ver seus olhos cor de violeta através da máscara, do outro lado do salão, mas aquele cabelo... Não havia como confundi-lo com o de outra pessoa. Era de um tom extraordinariamente claro de loiro, longo e espesso, e se derramava bem abaixo de seus ombros.

Deus, ele amava o cabelo dela! Tinha vontade de passar as mãos pelos fios e de movê-los para fora do caminho a fim de sentir o gosto do ponto suave e doce entre seu ombro e pescoço, e...

O celular tocou, arrancando-o de seu devaneio.

– O que é? – rosnou em resposta.

– Griffin, que mau humor!

– Alicia, estou meio ocupado aqui, no baile beneficente.

– Eu sei, mas eu só queria lembrá-lo de que prometeu trocar o óleo do meu carro – resmungou a irmã.

– Alicia, não pode pedir ao seu marido para assumir essa tarefa? Já está casada há um ano!

– Sabe que Michael é um inútil em se tratando de carros. E eu não sabia que se incomodava tanto.

Griffin teve vontade de dizer que Michael era inútil quando se tratava de qualquer coisa, e que, definitivamente, não era bom o suficiente para ela.

– Eu não me incomodo – viu-se dizendo, porém, diante do tom magoado da irmã caçula. – Que tal eu ir até aí depois do meu próximo turno? Eu levo a pizza.

– *Legal!* Vou providenciar a cerveja. Não vai se esquecer?

– Só se continuar me atormentando.

– Está certo, *Zangado*. Vejo você em alguns dias. Tchauzinho.

Griffin resmungou um adeus ao telefone e o fechou.

– Uma de suas irmãs? – Robert quis saber.

Ele assentiu com um gesto de cabeça.

– Stephanie?

– Não. Alicia.

– Alicia, é? Ei, ela está solteira outra vez?

– Ainda não, mas estou torcendo para que caia em si em breve. De qualquer forma, pode esquecê-la.

– Por quê? O que há de tão errado comigo?

– E quanto àquela... Como é mesmo o nome dela? Melissa? Pensei que ainda estivessem juntos – comentou Griffin.

Robert deu de ombros.

– Mais ou menos. Mas não é nada demais.

– É isso o que há de errado com você. – Griffin deu-lhe um soco no ombro e começou a descer do banco do bar com cuidado, de modo que a maldita saia não subisse demais.

– Ei! Com sua irmã eu seria diferente – protestou Robert.

– Como eu disse antes, pode esquecer.

Griffin deixou Robert ainda resmungando no bar e tratou de abrir caminho em meio à multidão de foliões mascarados, mantendo o olhar fixo na cabeleira platinada da mulher cujo traje quase diáfano era típico de uma deusa. Ele iria lhe pagar uma bebida.

Ou duas. Que mal poderia haver? Não iria cair de amores por ela ou algo estúpido do gênero.

CAPÍTULO 11

– O que quer escrito no seu crachá?

A moça olhou para ele, na expectativa, porém Vulcano apenas devolveu o olhar em silêncio.

– É que precisa fingir ser alguém esta noite – ela explicou, ansiosa.

– Eu sou Vulcano.

– Vamos ver... – A recepcionista bateu a ponta da caneta no balcão. – Vulcano era o deus do Fogo, certo?

– Correto.

– Ah, bem que eu arrasei na aula de mitologia, no semestre passado. Xii... Acho que há outro deus do Fogo aqui. Tomara que não estejam com a mesma fantasia. – Ela riu. – De qualquer forma, tentem não se cruzar. Vocês poderiam incendiar o restaurante, o que seria embaraçoso com todos esses bombeiros por perto...

A moça riu da própria piada e lhe entregou um crachá com os dizeres “Olá, eu sou o deus do Fogo” escritos com marcador preto.

Copiando o que faziam os outros, Vulcano o colocou no peito e então se deslocou devagar pelo restaurante amplo e lotado, aliviado por a iluminação ser fraca o bastante para que ninguém notasse sua claudicação caso ele se distraísse.

Não Vênus, pelo menos. Havia esperado até que ela e Pea tivessem encontrado uma mesa perto da pista de dança do salão antes de entrar, embora tivesse sido difícil ficar atento às duas, em meio àquela porção de gente fantasiada. Normalmente iria odiar uma multidão como aquela, mas naquela noite era diferente.

Continuou lembrando a si mesmo de que ali ninguém sabia quem ele era. Pelo visto era verdade, pois nenhuma pessoa o olhava ou apontava. Não existiam deuses ou deusas rindo dele pelas costas, tampouco mortais se afastando, com medo. Ao menos por aquela noite parecia estar sendo aceito; não era diferente de nenhum outro.

E aquela estava sendo, assim como Vênus e Perséfone já tinham comentado, uma experiência incrivelmente libertadora.

Vulcano relaxou a postura tensa, soltando os braços e permitindo que seu corpo se movesse com uma facilidade que quase nunca experimentava fora de seu próprio reino. Até mesmo sua claudicação tornou-se mais suave. Se fosse capaz de observar a si mesmo, teria ficado chocado ao ver um homem alto, de ombros largos, emanando poder. Seu cabelo espesso e escuro, que ele usava curto por conta do calor em seu mundo, costumava evocar olhares desdenhosos dos platinados Olímpicos. Ali, entretanto, ele se encaixava muito bem aos bombeiros e seus cortes militares de cabelo. Usava uma meia-máscara no tom da chama de uma vela, e apenas o azul de seus olhos, os lábios e a linha quadrada do queixo ficavam à

mostra.

– Ei, bonito... – ronronou uma mulher, passando um dedo pela couraça de bronze. Vestia uma saia curta e preta, combinando com um suéter também preto, que brilhava com minúsculas tramas prateadas. Usava o suéter parcialmente desabotoado no decote, deixando entrever um sutiã vermelho e uma porção generosa dos seios fartos. Sua máscara também era vermelha, assim como os chifres em sua cabeça e os cabelos longos que lhe iam até os ombros. No crachá estava escrito “Olá, eu sou Satanás”.

Vulcano teve que se controlar para não pular de surpresa com seu toque.

– Deus do Fogo, hein?... Pois você pode acender o meu fogo a qualquer hora, *baby*... – ela disse com voz rouca.

– Não vou me esquecer disso, Satanás – ele se surpreendeu dizendo com um sorriso.

A mulher umedeceu os lábios vermelhos e sorriu, coquete, permitindo que a multidão a carregasse para longe conforme avançava para a pista de dança.

A mortal havia flertado com ele! Então ninguém sabia mesmo quem ele era.

Claro que ele já percebera isso antes, tanto que ficara afirmando aquilo para si mesmo enquanto se movia pelo restaurante. Mas não internalizara a coisa até o momento em que a desconhecida o abordara.

Foi o suficiente para que Vulcano jogasse a cabeça para trás e gritasse, feliz, pela primeira vez em sua longa existência.

Com crescente confiança, encarou várias outras mortais. Nenhuma delas se desviou dele com desprezo. Nenhuma delas se encolheu com medo. Na verdade, uma até piscou, e outras tantas sorriram num convite. Mesmo através de suas máscaras ele percebeu seu interesse.

Vulcano sentiu o coração bater mais forte. Se aquelas mulheres – mortais com as quais ele nunca tinha falado, mas que claramente se mostravam atraídas por ele – o consideravam desejável, talvez Pea pudesse desejá-lo também.

Recostou-se na parede, ao lado de uma fila de outros homens fantasiados e viris. Quando a garçonete veio anotar seu pedido, ordenou o mesmo que o rapaz mais próximo a ele: uma cerveja Boulevard.

Enquanto tomava a bebida, que era mesmo bastante saborosa – apenas um pouco menos doce do que a cerveja de inverno dos sátiros –, concentrou a atenção em Pea e Vênus.

Usando o fio invisível de fogo para ampliar sua já divina audição, ouviu e esperou.

– Deus do Céu! Isto está tão divertido! – Pea tomou um gole do Martini de romã e mordiscou a noz-pecã assada com chili que a garçonete, Jenny, havia trazido.

– *Deusa do Céu* seria bem mais apropriado – reclamou Vênus.

– Desculpe, está certa. Somos deusas... Preciso começar as palavras corretamente.

Vênus sorriu com indulgência para sua pequena amiga mortal.

– Não seja tão rígida com você mesma. Eu tive uma eternidade para me acostumar com isso. Está se saindo muito bem para sua primeira noite como divindade. – Ergueu o drinque. –

A nós, deusas por dentro e por fora!

Vênus e Pea bateram as taças geladas de Martini.

– Que música divina é essa? Nunca ouvi nada parecido!

– É uma banda chamada Full Flava Kings. Eles são especializados em *flashbacks*. Estão cantando um clássico da era Motown, superdançante! – Pea começou a balançar ao som de *The Way You Do Things You Do*, cantando junto com o coro.

– Deveria ir dançar – comentou Vênus, sorrindo diante dos movimentos fluidos da pupila ao som da música.

– Ah, não. Eu não danço.

Vênus riu.

– Claro que dança! Pois não faz aulas desde criança?

– É diferente. – Pea baixou o tom de voz e olhou em volta, sem graça. – Aquilo é *aula* de dança.

– Então não gosta de dançar?

– Eu adoro dançar! – Pea respondeu depressa. – Mas esse tipo de dança... – apontou a pista lotada usando o queixo – ... é muito diferente.

– Precisa relaxar e confiar no seu corpo. Acredite em mim. O Amor é especialista no físico. *Esse* tipo de dança é exatamente do que precisa.

Pea abriu a boca para discutir com Vênus, contudo uma voz masculina a interrompeu.

– Você me honraria com uma dança, bela deusa?

Pea e Vênus olharam para o homem mascarado diante da mesa. Estava todo vestido de negro: calças de couro pretas, camisa de seda preta, capa preta, máscara, e levava um florete na bainha da cintura. Seu crachá dizia “Olá, eu sou o Zorro”.

Vênus arqueou uma sobrancelha, um movimento que se perdeu por trás da máscara, mas a ligeira curva em seus lábios carnudos foi inconfundível. O rapaz era, sem dúvida, muito alto e musculoso, com um maxilar forte. Seus modos também eram educados. Sim, para começar, ele poderia ser bem interessante.

– Olá, Zorro – Pea o cumprimentou, entusiasmada.

O homem mal olhou em sua direção. Só tinha olhos para Vênus.

A deusa franziu o cenho.

– Dance comigo, linda Vênus – ele insistiu.

Não. De maneira nenhuma. Ela queria que *Pea* dançasse. Já flertava com homens havia séculos e fazia isso com a maior naturalidade do mundo. Aquela noite era da sua protegida.

– Vá, Vênus! – incentivou Pea com excesso de entusiasmo. – Eu fico esperando aqui.

Vênus a fitou, enxergando por detrás da máscara; tanto a material, que ela usava naquela noite, quanto a emocional, da qual Pea lançara mão quase a vida toda. Ela estava habituada a permanecer nas sombras enquanto os outros dançavam, se amavam... viviam.

Mas não naquela, Vênus prometeu a si mesma.

E, com uma inspiração súbita, a deusa do Amor abriu a boca e soltou um arrote típico de um marinheiro grego.

O homem mascarado recuou meio passo, e ela levou a mão à boca.

– Nossa! Acho que bebi demais! E essas nozes-pecã devem estar fazendo efeito...

Enquanto o homem fantasiado e Pea trocavam olhares constrangidos, Vênus moveu os dedos sub-repticiamente na direção do Zorro. Não o enfeitiçou; não faria isso com Pea. A pequena mortal estava certa em não querer um homem sob efeito de magia. Ela merecia atrair alguém que se interessasse por ela por seu próprio mérito.

Tudo o que fez foi apagar qualquer interesse que o sujeito pudesse ter em sua pessoa, permitindo assim que sua atenção se voltasse para a outra “deusa”.

Ele piscou, desconcertado por um momento, contudo se recuperou.

Com um floreio da capa, curvou-se para Pea.

– Afrodite, a outra deusa não me parece interessada em dançar comigo... Não parta meu coração recusando o meu convite.

– Ela não faria isso – Vênus respondeu por Pea, cutucando-a por debaixo da mesa.

– Mas, eu...

– Você é uma deusa – lembrou Vênus. – A deusa da dança. – Seus olhares se encontraram por trás das máscaras cintilantes. – Confie em mim... e em você mesma.

– Está bem... Eu adoraria dançar, obrigada. – Pea tomou a mão que o mascarado lhe oferecia e se deixou levar para a pista de dança lotada.

Vênus sorriu, feliz, enquanto observava sua pupila começar a se mover ao ritmo da música. A pequena mortal era realmente muito graciosa.

E, claro, estava com a razão. Tão logo começou a dançar, a habilidade natural de Pea e anos de treinamento se fizeram notar. Mesmo ali, da mesa, pôde perceber que ela também cantava e se divertia a valer.

A música mudou para outra, chamada *Brick House*, e mais pessoas entraram na pista de dança. Vênus percebeu que Pea começou a dançar de volta para a mesa, através da multidão, e tratou de lançar um pouco mais da magia do desejo em um dos homens vestidos com túnica que ladeavam a parede atrás dela. Instantaneamente, ele interceptou sua protegida.

Satisfeita, a deusa encontrou o olhar da moça e fez um gesto entusiasmado para que ela continuasse dançando. Entretanto, mesmo depois que Pea voltou para a pista e continuou girando ao som da nova canção, Vênus pôde sentir sua reticência.

Foi então que percebeu o que se passava. Pea estava preocupada com ela! Sabia o que era ser deixada para trás, ser a única sem par. Na certa só dançaria mais aquela vez, e insistiria em voltar à mesa.

A solução parecia simples. Ela, Vênus, também deveria dançar. Tudo o que precisava fazer era encarar qualquer um dos muitos homens que a haviam cobiçado, e este se prontificaria a acompanhá-la até a pista de dança.

Mas, se fizesse isso, sabia o que iria acontecer, pensou com um suspiro. O mesmo que acontecera por incontáveis eras. Ela atrairia a atenção de todos os espécimes masculinos ali presentes, assim como a luz de velas atraía mariposas. As outras mulheres na sala, incluindo Pea, pareceriam completamente sem graça se comparadas ao Amor encarnado e, então, aonde aquilo iria dar?

Pea não receberia atenção suficiente, e elas estariam de volta à estaca zero.

Talvez pudesse espalhar um pouco de sua magia divina em volta, de modo a diminuir seu poder de sedução, mas sabia como era difícil camuflar o Amor. E, se fosse embora e voltasse para a casa de Pea, a moça sem dúvida iria atrás dela.

Bateu as unhas longas contra a taça de Martini, inquieta. O que, pelas nádegas brancas e firmes de Diana, ela deveria fazer?

– Foi muito gentil o que fez por sua amiga.

A voz profunda devolveu a atenção a Vênus. O homem estava vestido com o que pensava ser a cópia de um antigo uniforme de soldado romano. A fantasia era muito bonita, verdade. Mesmo quando observava os detalhes nada autênticos, porém, ela não pôde deixar de notar as pernas fortes e longas, os ombros largos e os lábios sensuais que se curvavam apenas ligeiramente sob a máscara.

Vênus leu seu crachá e não conseguiu conter um sorriso.

– Eu sinto muito, deus do Fogo, não tenho ideia de a que está se referindo.

– O arrote. Fez isso de propósito para que o Zorro dançasse com sua amiga em vez de você, não fez?

Vênus tirou o olhar dos bonitos lábios e fitou os olhos azuis sob a máscara vermelha, amarrada sobre o cabelo farto e escuro.

Aqueles olhos...

Sentiu um choque de reconhecimento cortá-la dos pés à cabeça. Era Griffin!

Olhou para a pista de dança antes de responder. Por sorte, Pea se encontrava de costas para ela. Precisava mandá-lo embora antes que a moça o reconhecesse também.

Voltou-se para Griffin. Havia tanto calor em seus olhos azuis e cintilantes que ele parecia um predador por trás da máscara. E era óbvio quem era sua presa...

Os homens não costumavam olhar para a deusa do Amor daquela maneira. Costumavam demonstrar mais respeito, mais medo. Praticamente a adoravam. Aquilo não estava sendo muito adequado da parte de Griffin.

Mas era muito excitante.

Vênus não respondeu. Em vez disso, jogou os longos cabelos para trás do ombro. Tomou um gole do Martini, esperando que ele usasse o equivalente masculino da estratégia feminina para preencher o silêncio que se instalara: passasse a desenvolver aqueles monólogos intermináveis que tantos deles utilizavam para cobrir qualquer indício de constrangimento. Aquilo sem dúvida diminuiria a atração que estava sentindo.

Mas Griffin não incorreu em nenhum monólogo autoindulgente. Continuou a aprisioná-la com seu olhar inabalável e seu silêncio paciente e confiante.

– Você é muito perspicaz – Vênus cedeu por fim.

– Talvez porque eu tenha quatro irmãs. Mas não respondeu à minha pergunta.

– Não. Quatro irmãs e quantos irmãos?

– Nenhum. Apenas irmãs.

Vênus sorriu.

– É o mais velho?

– Infelizmente.

Seu tom a fez rir e, como se seu divertimento houvesse determinado, *Brick House* mudou para uma canção sobre um sedutor lugar chamado *Baker Street*. Por cima do ombro de Griffin, Vênus pôde ver Pea, com uma expressão de resolução no rosto atraente e corado, começar a caminhar de volta pela pista de dança em direção à mesa, embora o rapaz em sua companhia estivesse claramente tentando persuadi-la a ficar.

– Vamos, minha deusa. Precisa de um pouco de ar. – Griffin segurou Vênus pelo cotovelo e, antes que ela pudesse fazer qualquer tipo de protesto por ter sido coagida, ou pela maneira presunçosa com que ele a chamara de “minha deusa”, ele se pôs a conduzi-la pelo salão.

Vênus olhou para trás e, ao perceber o olhar surpreso de Pea, acenou, tentando explicar que iria lá para fora, e se abanou como se com muito calor. Com um gesto, deixou bem claro para Pea que ela deveria continuar dançando.

O parceiro de Pea testemunhou a comunicação entre elas e aproveitou a oportunidade para puxá-la de volta para a pista, enquanto Griffin manobrava Vênus através da porta da frente do restaurante.

Lá fora, a noite estava calma e fria, e a lua, cheia e linda. Grandes aquecedores em forma de poste emanavam calor em meio às mesas e cadeiras de ferro forjado que haviam sido colocadas por toda a calçada em frente ao Lola's. Um enorme forno ao ar livre perfumava o ar com fumaça de pinhão. Pequenas luzes brancas decoravam as árvores ornamentais, lançando um brilho mágico de seus ramos desnudos pelo inverno. A música da banda podia ser ouvida dali, e alguns casais fantasiados dançavam na calçada.

Era uma cena adorável, romântica, e Vênus se encontrava muito consciente do homem alto que ainda a segurava. Verdade que não tinha tentado se desvencilhar dele, o que era (disse a si mesma com firmeza) mais pela surpresa de ter sido tocada sem permissão do que por conta da atração que sentia por Griffin.

Claro que deveria se soltar daquela mão quente, daquele braço musculoso...

– Por aqui – Griffin orientou e, não lhe dando nenhuma chance de se afastar, guiou-a para uma mesa vazia. Puxou uma cadeira para ela e só então a soltou de modo que ela pudesse se acomodar. – Agora me diga. Por que quis que Pea fosse dançar em vez de você? – indagou, enquanto sentava-se à sua frente.

– Reconheceu Pea? – Vênus odiou a ponta de ciúme que a aguilhoou.

Ridículo. Afinal, sua intenção fora justamente fazer com que ele notasse a moça naquela noite.

– É claro. Assim que vi você, percebi que devia ser ela em sua companhia. Vocês duas estavam aqui no Lola's, outro dia, e anteontem também estavam juntas naquele T-Bird.

– Mais uma vez, é muito observador. É óbvio que está interessado em minha amiga. – Vênus se obrigou a acrescentar uma mentira. Em nenhum momento Griffin ficara olhando para Pea na pista de dança. Sua atenção estivera focada *nela*. – Portanto, devemos voltar lá para dentro, assim você e Pea poderão...

A mão de Griffin cobrindo a dela interrompeu as palavras.

– Não estou interessado na sua amiguinha.

– Não? – Vênus sentiu a boca seca.

– Não. – Ele fez um círculo preguiçoso com o polegar em sua mão macia. – E fiquei feliz por ter se livrado do Zorro. Abordá-los em uma pista de dança lotada podia ter causado constrangimentos, e eu teria feito isso de qualquer forma.

Vênus sentiu a mão formigar e o estômago se contrair.

Tirou a mão da dele.

– Não estou com vontade de dançar esta noite – defendeu-se, seca.

– Por que não? – Griffin não perdeu a serenidade quando ela se afastou. Ao contrário, deu-lhe outro sorriso, lento e seguro.

Vênus abriu a boca para fazer uma observação leviana, porém se viu desconcertada pelo modo como ele a olhava.

Foi então que se deu conta. Griffin não fazia ideia de que estava com a deusa do Amor.

Está tentando me seduzir como se eu fosse uma mortal!

O pensamento calou tão fundo que Vênus acabou deixando escapar a verdade.

– É importante que minha amiga se destaque esta noite. Quando danço, costumo chamar muito a atenção, principalmente do sexo masculino, de modo que achei melhor deixar a dança para Pea.

Mesmo através da máscara, ela viu a expressão de surpresa no rosto moreno.

– É generoso demais da sua parte.

– Acha que não sou generosa?

Como já acontecera antes, ele levou algum tempo para responder.

– Diz minha experiência que mulheres muito bonitas podem ser insensíveis quanto aos sentimentos alheios.

– É um ponto de vista um tanto cínico.

Griffin encolheu os ombros.

– Eu acho que é realista.

– Suas irmãs são bonitas?

Os lábios benfeitos se curvaram num sorriso.

– Bastante.

– E insensíveis?

Ele ergueu as mãos em sinal de rendição e riu.

O som sensual fez um arrepio correr pela espinha de Vênus.

– Eu jamais diria uma coisa dessas. Em vez disso, prefiro afirmar que minhas belas irmãs são complicadas como todas as mulheres.

Foi a vez de Vênus sorrir.

– Excelente resposta. Mas você deve saber que eu sou a deusa do Amor... – Ela apontou o crachá, adorando a liberdade de poder proclamar a verdade e, ao mesmo tempo, permanecer incógnita. – Assim, falo com autoridade quando digo que o amor pode parecer insensível, mas apenas para os que não foram tocados por ele.

– Eu a reconheci imediatamente, minha deusa. Na verdade, Vênus é a minha divindade favorita.

Ela arqueou uma sobrancelha.

– É mesmo?

Griffin deu de ombros.

– Bem, é a única deusa sobre a qual eu sei alguma coisa.

– E o que sabe sobre ela? – Vênus perguntou, intrigada.

– As coisas mais simples: que nasceu do mar, que é a deusa do Amor e da Beleza... Isso. De qualquer forma, estou mais interessado no que estava falando antes. Quis dizer que o verdadeiro amor é generoso, ao contrário de suas máscaras, como o desejo e a paixão?

Vênus sorriu, encantada. Ele não apenas sabia sua origem como também conseguia acompanhar sua conversa. Muitas vezes os homens, mortais ou imortais, não faziam nada além de fitar seus olhos, ou então seus seios, apenas se imaginando entre suas pernas enquanto falavam com ela. Griffin, ao contrário, era sexy, confiante e inteligente. Uma combinação letal.

– Sim, foi exatamente isso o que quis dizer. O verdadeiro amor pode ser diferenciado de seus impostores pela generosidade. É sempre tão perspicaz quanto às mulheres e ao amor?

– Muita gente diria que eu não costumo prestar muita atenção a nenhum deles.

– Não acredito. Não em se tratando do irmão de quatro lindas mulheres.

– Generoso e sábio da sua parte – ele falou com um sorriso, apreciando o claro elogio. – Mas acontece que estou na presença de uma deusa.

– De fato. – Vênus inclinou a cabeça com graça, desfrutando a brincadeira quase tanto quanto estava gostando da maneira tranquila com que Griffin conversava.

Assim como do modo fascinante com que ele continuava a encará-la. Não havia submissão ou adoração em seu olhar. E aquilo era muito animador... bem como sedutor.

Um garçom tatuado limpou a garganta e indagou por seu pedido.

– Quero outro daqueles maravilhosos Martinis de romã, querido – Vênus decidiu.

– Um scotch *Macallan*. Puro.

O garçom assentiu e se afastou, apressado, ao mesmo tempo que a música mudava outra vez. Vênus, então, se viu incapaz de parar de se mover ao ritmo da canção que proclamava “It’s raining men!”. Riu quando todas as mulheres na calçada começaram a dançar juntas, erguendo os braços e cantando em voz alta, num só coro.

– Vá em frente... Dance com elas.

Olhando pela janela de vidro do restaurante, ela avistou Pea ainda embrenhada na pista de dança.

– Pea está bem. Dance para mim, deusa do Amor. Vou protegê-la, caso alguém comece a se engraçar com você.

O tom de Griffin era um claro desafio. Talvez ele devesse experimentar um pouco da paixão que o Amor poderia evocar.

– Depois não diga que não avisei.

Griffin sorriu, malicioso.

– Por que não ver do que o Amor é capaz?

– Sim, querido... – ela volveu num ronronar. – Por que não?

Sentindo-se sexy e deliciosamente decadente, Vênus se juntou às outras mulheres. A música entrou em seu corpo, como sempre acontecia, e ela se deixou levar. Dançou para Griffin, esquecendo-se da paixão de Pea, esquecendo-se das outras pessoas na calçada, esquecendo-se de tudo, exceto do ritmo, da gloriosa magia da noite... e dele.

Jogando os cabelos e movendo-se em perfeita harmonia com a música moderna, mostrou-se graciosa e sedutora, fascinante e habilidosa. As mulheres que dançavam ao seu redor bem que tentaram concorrer com a deusa envolta em sedas, com sua máscara cintilante, atraídas por seu riso e beleza. Os homens, por sua vez, a fitavam, cheios de desejo.

Principalmente Griffin. Vênus podia sentir o calor de seu olhar como se suas mãos estivessem sobre ela, e isso a fez se aquecer com emoção e ansiedade.

Continuou dançando e, pela primeira vez em eras de existência, deliciou-se com o fato de ninguém saber que ela estava longe de ser apenas uma bela e sedutora mortal. Não precisou considerar o que o Amor liberto significaria para Griffin. Ele não estava adorando uma divindade. Estava apenas apreciando uma mulher bonita.

Quando a música terminou, Vênus caiu contra as outras, e todas riram, sem fôlego.

A música mudou de novo, e o vocalista da banda começou a entoar:

Thanks for the times that you’ve given me

The memories are all in my mind...

– Dance comigo.

Ela ergueu a cabeça e encontrou o olhar de Griffin. Seus olhos azuis pareciam flamejar com

a mesma intensidade do brilho de sua máscara de fogo.

Porém, ele não esperou por resposta. Sem mais palavras, puxou-a para os braços, uma das mãos segurando a dela, a outra pressionando a base de suas costas, o corpo colado ao seu.

Vênus não se opôs. Nunca se permitira tomar por qualquer homem, mas Griffin a guiou magistralmente para longe dos outros, moldando o corpo ao dela enquanto os fazia se mover ao ritmo sedutor da música, até que se viram dançando sozinhos sob uma árvore, em meio às sombras, iluminados apenas pelo piscar de luzes.

Nunca alguém a tinha tomado nos braços sem sua permissão ou sem sua ordem expressa, pensou Vênus. Ninguém. Nenhum homem ou deus, em todas as eras de sua existência, a havia tocado sem sua aprovação.

Até aquele momento.

E ela mal podia acreditar em como aquilo era sedutor.

Encontrou o olhar de Griffin e deixou que a intensa química sexual entre eles crepitasse. Ela o desejava.

O pensamento a surpreendeu. Em seguida, Vênus ficou chocada com a própria surpresa.

Pelo falo desproporcional de Netuno! Por que não se permitia amar aquele homem delicioso? Por que não se entregava àquele jogo sedutor de fingir ser mortal?

Porque Pea também o desejava.

Mas Griffin deixara claro que não sentia o mesmo por ela. Então, por que negar a si mesma um amante tão viril? Não fazia sentido. Certamente, Pea iria compreender. Não continuaria interessada em um homem que não se mostrava nem um pouco interessado nela. Além do mais, havia quanto tempo ela, Vênus, não dava atenção a seus próprios desejos?

Sabia a resposta. Durante séculos adotara o hábito de acolher as necessidades dos outros, de atender às vontades alheias – e ignorar as suas próprias. Sabia até mesmo quando essa prática começara: por ocasião de seu casamento com o pobre e solitário Vulcano.

Que erro absurdo fora aquele!

De repente, Vênus se deu conta de que talvez Pea não fosse a única cuja vida precisava de uma transformação.

CAPÍTULO 12

A partir do instante em que Vênus começou a dançar, Griffin sentiu como se alguém tivesse lhe dado um soco no estômago. Ele nunca tinha visto nada tão bonito.

Não, não era bem assim. Ela não era apenas bonita. Bonita era uma palavra simples demais para descrevê-la. Se o amor pudesse encarnar, aquela mulher, em cujo crachá tão adequadamente se lia “Vênus, deusa do Amor”, seria a escolha perfeita.

E não era apenas em termos de sexo, ainda que ele tivesse a maldita certeza: todos os homens ali fora, incluindo ele próprio, tinham se excitado ao vê-la se mover. Havia algo mais no modo como ela ria, desinibida, na maneira alegre como jogava os cabelos para trás e se entregava à música; como se fosse mesmo uma antiga deusa pagã diante de quem eles deveriam cair de joelhos para adorar.

Agora compreendia por que ela não queria dançar lá dentro. Depois de observá-la, concluiu: como um homem poderia se interessar por qualquer outra mulher?

– Que coisa estranha!... – murmurou para si mesmo, sem tirar os olhos dela. Não conseguia se lembrar da última vez em que uma mulher o abalara tanto.

Merda, as mulheres o perseguiram desde que ele superara as espinhas e as tolices da adolescência. Sempre ficara feliz por corresponder ao interesse delas, entretanto nunca havia tido o desejo de assentar com nenhuma. Duas de suas irmãs até diziam que ele era um “compromissofóbico”. As outras duas afirmavam que ele mantinha padrões altos demais, e por isso não se envolvia com ninguém. A verdade, provavelmente, ficava no meio-termo.

Até que aquela loira surgira em sua vida.

A dança terminou, e Griffin se viu de pé, indo na direção da sua deusa do Amor. Vários dos outros homens tiveram a mesma ideia, e ele se ouviu praticamente rosnando para eles.

Ele a queria. Mais do que quisera qualquer mulher na vida.

– Dance comigo.

Não esperou por resposta. Apenas a tomou nos braços e começou a rodopiar com ela para longe dos olhos dos outros. Ela era macia, quente e emanava um perfume exótico que ele nunca havia sentido.

Dançaram devagar sob a árvore, ainda sem se falar, até que ele começou a se perguntar se fizera algo errado. Teria apenas imaginado que ela era tão amável e inteligente quanto bonita? Ou talvez não estivesse falando nada porque não tinha o que dizer.

Tentou enxergar através da máscara, mas tudo o que podia ver eram aqueles olhos cor de violeta. Os lábios deliciosos, que antes tinham sorrido tão facilmente, agora pareciam apertados em uma expressão meio distante e triste.

– Estava certa – murmurou, utilizando-se do truque que sempre funcionara com suas irmãs. Bastava deixá-las seguras, e tudo ficava melhor.

– Sobre o quê?

– Sobre não poder dançar lá dentro, no restaurante.

– Sim – ela concordou, distraída.

“Once, twice, three times a lady...” Era tudo o que preenchia o silêncio entre eles, e Griffin começou a ficar aflito.

Desnortado, deixou escapar a verdade:

– Você me parece triste.

Ela pareceu acordar e, por fim, se concentrou nele.

– Não triste. Apenas pensativa.

– Há algo em que eu possa ajudá-la?

– Está tomando conta de mim como se eu fosse uma de suas irmãs?

Ele espalmou a mão intimamente na curva das costas delgadas, consciente de que tudo o que o separava da pele quente eram duas camadas de seda fina. Sustentou seu olhar, então.

– Eu não me sinto nem um pouco fraternal a seu respeito.

– Que bom – ela respondeu, meio sem fôlego.

Griffin a puxou para mais perto e sentiu o corpo reagir a seu calor.

– Eu nem sei o seu nome! – lembrou com voz rouca.

Ela abriu um sorriso travesso.

– Pois deveria. Está dançando com a sua esposa.

As palavras o tiraram do prumo.

Ela riu, e o som foi tão fantástico que a vontade de vê-la rir e sorrir mais de repente superou seu desejo físico.

– Não fique tão chocado – ela falou, ainda rindo. – Você é Vulcano, o deus do Fogo, e eu sou Vênus, a deusa do Amor. Vulcano e Vênus são casados.

Griffin deixou a mão passear em círculo por suas costas.

– Desculpe, Vênus, meus conhecimentos em mitologia estão mais do que enferrujados. Tem certeza de que o deus do Fogo é Vulcano? Pensei que fosse Ares.

Então se divertiu ainda mais ao perceber que era um total ignorante no assunto. Seu comentário a fez pender a cabeça para trás e soltar uma gargalhada.

– Ah, disso eu tenho certeza!

Ele sorriu.

– Quer dizer que somos casados.

– Pode apostar. – Ela baixou a voz para um sussurro e se inclinou ainda mais para perto dele. – À boca pequena, porém, dizem que é apenas um casamento de conveniência, estritamente de fachada.

– Uma ova! – ele exclamou, fingindo-se ofendido, o que lhe pareceu surpreendentemente fácil. Apenas imaginar manter um casamento de fachada com aquela mulher era suficiente para fazê-lo cerrar os dentes. – Não é à toa que eu nunca me deixei levar por esses mitos. São

absurdos demais para se acreditar.

– Não acredita que o nosso casamento é de fachada?

– Nem por um instante.

Vênus encolheu os ombros, os olhos cintilantes ainda risonhos.

– Quem sou eu para discutir com meu marido?

Foi a vez de Griffin rir.

– Eu não acredito que a deusa do Amor seja uma esposa submissa, assim como duvido que ela viva sem paixão.

– Fico contente em ver que estamos nos entendendo, marido. – Vênus fez uma pausa, depois acrescentou com uma voz hesitante e um pouco tímida: – Pode se surpreender, no entanto. Mesmo uma deusa pode cometer erros... Além do mais, quem iria imaginar que o Amor pudesse se sentir solitário?

– Sente-se solitária, esposa? – A intenção de Griffin foi soar provocante, contudo a evidente sinceridade na expressão dela fez seu tom sério.

Vênus o fitou nos olhos, e ele sentiu o coração se apertar. Quem tornara aquela mulher incrível tão triste?

Não fazia ideia. Só sabia que, se o sujeito em questão estivesse ali, ele o faria se arrepender de ter nascido!

– Sinto-me, sim – ela admitiu em voz baixa. – Nós nunca deveríamos ter nos casado. Temos vivido, ambos, insuportavelmente tristes. A amizade pode ser uma bênção, mas não substitui o amor verdadeiro.

Griffin sentiu as palavras calarem fundo dentro dele. E, como se houvessem aberto uma cortina, percebeu como sua própria vida era vazia de amor.

– E nenhum de nós o espera ou busca mais? – Ele respirou fundo, sem ter certeza de aonde aquilo os levaria, porém sem querer romper o feitiço gerado por tanta intimidade. Inclinou-se para mais perto dela e sussurrou: – Existe alguma forma de podermos nos reconciliar? Como podemos tornar este relacionamento melhor para nós dois?

Vênus ergueu o olhar violeta para o dele, procurando seu rosto.

– Quem sabe, apenas por esta noite, possamos nos tornar pessoas diferentes?

– Qualquer coisa por você, minha deusa.

– ... Queria lhe falar sobre esse seu modo de me chamar de “sua deusa”. Não acha que é muito presunçoso da sua parte? – A preocupação dela desapareceu, e seus lábios carnudos se curvaram num sorriso.

Griffin viu-se irremediavelmente atraído pela suavidade convidativa da boca carnuda.

– Bem, já que sou seu marido, e que estamos recém-reconciliados com esse fato, creio que eu tenha direito a um pouco de presunção... – Ele se inclinou e, antes que ela dissesse alguma coisa, beijou-a.

Vênus enrijeceu apenas por um momento. Griffin manteve o beijo suave, permitindo que ela

tivesse tempo para interrompê-lo e se afastar dele.

Isso não aconteceu, porém. No instante seguinte, sua deusa relaxou e praticamente derreteu em seus braços.

O que começou quase como uma interrogação, ou uma doce provocação, se aprofundou. Griffin sentiu que ela deslizava as mãos por seus ombros e se perdeu nela, que abriu a boca, permitindo-lhe beber de seu néctar.

E a mulher tinha gosto de tempero, de sexo. Tanto que sua resposta foi primitiva e feroz. Mesmo com os pensamentos enevoados pela luxúria, Griffin concluiu que ela o incendiara de tal modo que ele poderia muito bem ser o deus do Fogo...

Então não conseguiu pensar em mais nada. A única coisa que pôde fazer foi tocá-la, prová-la e desejá-la ainda mais.

Puxou-a mais para a sombra da árvore, de modo que o tronco largo os protegesse da vista das pessoas que se encontravam do lado de fora do restaurante, e se posicionou de forma que seu próprio corpo ficasse entre ela e a rua. Então, em seu pequeno oásis de privacidade, devorou-a.

Vênus se inclinou para ele, moldando as coxas às suas. Gemeu em sua boca, e Griffin a segurou pelas nádegas, levantando-a de modo a esfregar sua ereção nela.

– Está bom? Gosta?

– Sim! – ela soprou contra seus lábios.

Ele puxou a alça do ombro macio, expondo um seio. O mamilo rosa estava contraído e pronto para sua boca. Griffin se inclinou para prová-lo, circundando-o com a língua antes de sugá-lo com volúpia.

O suspiro de Vênus o fez levantar a cabeça. Ela estava ofegante, os lábios entreabertos e úmidos.

– Tem um gosto tão bom! – conseguiu dizer, atordoado.

Abrindo as pernas, Vênus moveu os quadris, dando-lhe mais acesso, e ele a pressionou com o próprio corpo.

– Deixe-me sentir você!

Ela gemeu e assentiu, afoita.

O sangue correu mais rápido pelo corpo de Griffin, deixando-o ainda mais ingurgitado e insuportavelmente rijo. Afoito, ele encontrou uma fenda no vestido de seda.

– Ah, Deus! Não tem nada por baixo! – Sua voz soou rouca e estranha até para ele próprio, tal foi a luxúria que o acometeu quando seus dedos deslizaram pelo calor úmido.

Vênus não falou. Em vez disso, levantou uma perna, enroscando-a no topo do seu quadril. Em seguida, moveu-se de modo que a ponta do pênis se juntou aos dedos de Griffin, que lhe roçaram sem penetrá-la.

– Se não quer isto, tem que dizer agora! – ele ofegou, sabendo que logo seria incapaz de agir com a razão. – Mas, por favor, não me peça para parar!

– Não pare! – ela ordenou num sussurro.

Com um grunhido, Griffin a ergueu mais pelas nádegas e a prensou contra a árvore. Vênus se apoiou em seus ombros e ele projetou o corpo, deslizando para dentro com torturante lentidão enquanto ela o envolvia com ambas as pernas até que ele a ocupasse com firmeza.

– Meu Deus, você é incrível!

Em meio ao ruído de sua própria pulsação, Griffin ouviu seu suspiro e cobriu-lhe a boca novamente, bebendo seus gemidos e abafando seus gritos conforme ia mais fundo. Quando espasmos sacudiram o corpo quente sob ele, inclinou a pélvis ainda mais, de modo a mergulhar dentro dela, sentindo seu próprio orgasmo espiralar...

– Capitão, é o senhor que está aí?

Griffin não fazia ideia de como a voz do tenente conseguiu se infiltrar na paixão avassaladora que o consumia, mas depois ficou grato por isso. Jamais se perdoaria se alguém o visse perder o controle daquela maneira.

– Capitão?

Griffin levantou a cabeça e viu Robert acenando e vindo em sua direção.

– O que foi!? – rugiu, transtornado, ao mesmo tempo que se afastava de Vênus e a ocultava melhor, de modo que ela pudesse se pôr de pé e ajeitar a roupa.

Robert parou onde estava, claramente surpreso com o tom usado pelo amigo.

– Ahn, o chefe está à sua procura. Ele quer que explique para o prefeito o plano que elaborou para treinar a comunidade no uso dos minidesfibriladores. Parece que a prefeitura tem um financiamento que poderíamos usar.

Griffin lutou para colocar o cérebro em funcionamento enquanto acalmava a respiração.

– Vá, Griffin.

Ele a fitou, atordoado, vendo-a ajeitar o traje. Nem sequer olhava para ele.

– Vá de uma vez! – ela repetiu, impaciente.

Vênus tentou se afastar dos braços fortes, contudo estes só a apertaram mais.

– Diga ao chefe que já vou – Griffin pediu a Robert.

O rapaz acenou com a cabeça, lançou mais um olhar curioso em sua direção, depois desapareceu no meio do restaurante.

– Está tudo bem. Ele já foi.

– Precisa ir, também.

Griffin sentiu uma onda de frustração apertar o estômago. Aquilo não poderia terminar daquela maneira. Não terminaria assim.

Estendeu a mão e puxou a fita de seda que ainda segurava a máscara de sua deusa no lugar. Esta se soltou como um pássaro, deixando o rosto delicado à vista. Ela era tão linda que as palavras que ele planejara dizer simplesmente não saíram.

O silêncio entre eles cresceu e, em um gesto que era um misto de orgulho e vulnerabilidade, Vênus ergueu o queixo e encontrou seus olhos.

– Eu disse que é melhor ir também.

– Não faça isso – Griffin respondeu, rouco, reencontrando a voz.

Ela desviou o olhar, tentando esconder a própria mágoa, e ele segurou seu rosto com ambas as mãos, obrigando-a a fitá-lo.

– Não me conhece, então vai ter que acreditar no que eu digo até que eu possa lhe provar. Não sou o tipo de homem que usa uma mulher e depois se afasta. Isto... – apontou para a árvore – ... nunca aconteceu comigo antes. Eu deveria lhe pedir desculpas, mas estaria mentindo se dissesse que sinto muito. Não vou mentir para você. – Fez uma pausa, acariciando as faces macias com os polegares. – Vou pedir desculpas apenas por ter que me afastar.

Ela o fitou por muito tempo com seus expressivos olhos cor de violeta.

– Isso também nunca aconteceu comigo antes – confessou numa voz tão baixa que ele teve de se esforçar para ouvi-la. – Geralmente sou eu quem fica no controle.

– Deixe-me cuidar desse assunto com o prefeito. Vou tentar ser breve e voltar em seguida. Diga que vai esperar por mim na mesa.

– Vou esperar por você.

– Maravilha. – Ele a beijou com ímpeto, depois se afastou, relutantemente indo atrás de Robert no restaurante.

CAPÍTULO 13

O que, em todos os níveis sem sexo do Submundo, acabara de acontecer com ela? Tudo parecia bem. Estava brincando de ser mortal e aproveitando o momento como nunca na vida, ainda mais ao desfrutar a volúpia com que Griffin a abordara. Tinha adorado dançar para ele, e o modo como ele a tomara nos braços sem sua permissão, levando-a para longe da multidão.

Então tinham começado aquela conversa estranha sobre Vulcano.

Pelas coxas flácidas de Baco! Por que ela abrira aquela caixa de Pandora? Ou, mais precisamente, por que admitira tanta intimidade com alguém que lhe era desconhecido, sem dizer um mortal?

Tudo acontecera quando Griffin a beijara. Ela havia perdido o controle.

Com mãos trêmulas, Vênus recolocou a máscara, grata pelo disfarce, e caminhou depressa para a mesa, onde seu Martini de romã a esperava. Tomou um longo gole, deixando a bebida gelada aliviar o calor que ainda pulsava por seu corpo.

Um mortal a fizera gozar!

Não que ela não fosse capaz de ter um orgasmo. Era a deusa do Amor, e esse tipo de coisa era tão natural quanto respirar para ela. O que a chocava era o fato de o orgasmo ter sido absurdo.

E não tinha planejado nada daquilo. Griffin fizera acontecer.

Outro pensamento se abateu sobre Vênus, e ela praguejou em voz alta. Pea era louca por ele, e ela, Vênus, fornicara com o homem apoiada em uma árvore! Pior, desejara o amado de sua amiga como nunca desejara nenhum outro!

Deveria mais era ir atrás dele e fulminá-lo com seu poder divino. Poderia fazer isso num piscar de olhos, e nenhum mortal nem sequer tomaria conhecimento.

Também poderia repreendê-lo. Colocá-lo em seu devido lugar. E depois apagar o encontro que haviam tido da memória de Griffin, plantando nesta um desejo avassalador por Pea.

Vênus não se moveu, no entanto. Ele afirmara não ter nenhum interesse por sua protegida, e Pea também já deixara claro que não desejava nenhum tipo de magia que o convencesse a amá-la. Se ela, Vênus, modificasse algo na mente de Griffin e a enchesse de paixão por Pea, estaria indo contra a vontade da amiga.

Além do mais, seria hipócrita demais de sua parte acusá-lo de assédio quando fora justamente a maneira ousada como Griffin a tratara que ela achara mais excitante.

Bufou e deu mais um longo gole no Martini. Mal podia acreditar que seus joelhos continuavam fracos, e que ainda se sentia quente e com a respiração acelerada. Era óbvio que fazia muito tempo que não se regalava com uma boa dose de paixão, e uma sensualidade reprimida ardeu dentro dela, até que o toque de um homem qualquer a levara a pegar fogo.

Francamente! Deveria ter vergonha.

Vênus tamborilou os dedos na haste da taça de Martini, tentando se lembrar de qual fora a última vez em que havia se masturbado.

De qualquer modo, não tinha sido excitante como ser violada atrás de uma árvore, e por um homem tão irreverente, contrapôs uma voz dentro dela.

– Garçom! – Ergueu o braço, e o rapaz tatuado correu até ela.

– Quero outro Martini e também algo doce. De preferência com bastante chocolate.

– O Lola's tem uma mousse de chocolate excelente no menu desta noite.

– Pode ser. Aliás, melhor trazer duas de uma vez. – Diante do olhar surpreso do rapaz, Vênus acrescentou, distraída: – Estou esperando por uma pessoa.

Ele assentiu e se afastou, apressado.

– Não deixa de ser verdade – Vênus resmungou dentro da taça de Martini já meio vazia. Ou ao menos imaginava que fosse. Griffin lhe pedira para esperar por ele. Prometera voltar. Mas se não fizesse isso...

Vênus se desesperou. Não fazia ideia do que ela poderia fazer naquele caso! A deusa do Amor não possuía nenhuma experiência com a rejeição.

Pea estava vivendo o melhor momento de sua vida! Nunca tinha dançado tanto (exceto nas aulas de balé), e decerto nunca se sentira tão bela.

E estava flertando!

Até agora, entretanto, nenhum homem em especial lhe chamara muito a atenção. E, infelizmente, não havia encontrado Griffin.

Não que não tivesse procurado por ele. Tinha, sim! Mas dançar uma música atrás da outra e, ao mesmo tempo, tentar descobrir quem estava por trás de cada máscara... Griffin poderia ficar a seu lado e ela nem iria saber.

O Full Flava Kings terminou de cantar *Do You Love Me* e, rindo, quase sem fôlego, Pea agradeceu ao soldado romano com quem dançara as duas últimas músicas.

– Que tal a próxima? – ele convidou, segurando-a pela mão na tentativa de mantê-la na pista de dança quando a vocalista do conjunto começou a cantar *You Can't Hurry Love*.

– Obrigada, mas preciso de uma pausa. Estou morrendo de sede.

Ele continuou a prendê-la pela mão.

– Vamos lá, só mais uma...

– Obrigada, mas não – Pea repetiu enquanto tentava se livrar do rapaz, não gostando de sua insistência.

– Não pode abandonar um sujeito assim. Não depois da maneira como dançou.

– Desculpe, mas não sei o que está querendo dizer. Era apenas uma dança – Pea rebateu com a testa franzida, tentando não deixá-lo estragar seu bom humor.

Os olhos do desconhecido se estreitaram por trás dos buracos da máscara.

– Pelo modo como se moveu, não foi apenas uma dança. Não adianta fingir outra coisa –

acrescentou em voz baixa.

Pea o encarou, sem saber se ria ou gritava. Ter um homem tão interessado nela não era algo com que estivesse acostumada.

Talvez devesse arrotar perto dele!

– Uma deusa só é tocada quando dá sua permissão, caso contrário irá evocar sua ira. E a ira de uma deusa é uma coisa terrível de se ver... Até mesmo os deuses tremem só de pensar – uma voz profunda ribombou de algum lugar atrás dela.

Pea começou a se virar para ver quem estava falando, porém se viu perplexa com a expressão de seu ex-parceiro. Sob a máscara bege, seu rosto perdeu a cor e, através dos dois buracos, ela pôde ver que o medo havia substituído a raiva em seu olhar.

– O que é isso, irmão... Eu não quis dizer nada.

– Então deveria pedir desculpas – interveio Pea, sentindo a necessidade de se defender por conta própria. – Mas não porque sou uma deusa. Deveria pedir desculpas por ter sido rude e agressivo. Quando uma mulher diz “não”, ela quer dizer não.

– Perdão – o rapaz se desculpou depressa, em seguida se embrenhou na multidão que agitava a pista de dança.

Ainda de cenho franzido, Pea o observou se afastar rapidamente. Em seguida, voltou-se para olhar quem era seu salvador.

– Agradeço por ter agido como um cavalheiro e interferido, mas não era nada demais. Eu podia ter lidado com isso soz... – As palavras morreram em sua garganta. O homem atrás dela era magnífico!

Não foi apenas seu tamanho o que a fez prender a respiração, ainda que ele fosse alto: devia ter no mínimo um metro e noventa e cinco. Não foi o cabelo escuro e farto, e de alguma forma meio rebelde apesar do corte militar. Não foi pela fantasia que ele usava: uma couraça moldada no peito que parecia autêntica, além de uma túnica de couro pregueada que deixava grande parte das pernas musculosas descobertas. Nada disso a deixou sem palavras...

O que a deixou emudecida foi a expressão em seus escuros e expressivos olhos castanhos. Seu olhar parecia brilhar através da máscara cor de fogo, tocando-a com tanto desejo que a fez estremecer.

Nenhum deles falou por um momento. Um momento estranhamente íntimo.

Então ele se manifestou, por fim.

E sua voz profunda soou tão suave que ela mal pôde acreditar que fosse do mesmo homem rígido e ameaçador de poucos minutos antes.

– Disse que estava com sede... Eu ficaria muito honrado se me permitisse lhe oferecer algo.

Pea percebeu que tinha a boca entreaberta e a fechou depressa.

– E-Está bem – gaguejou, enquanto sua voz interior gritava: *Não é hora de agir como uma idiota!* Respirou fundo e se obrigou a evitar aquele balbuciar ridículo. Ela era uma deusa! E deusas eram capazes de conversar de uma forma racional com homens bonitos.

Até porque era bom praticar com alguém que lhe tirasse o fôlego, de modo a ser coerente caso tivesse outra chance de conversar com Griffin.

– Está bem – repetiu em um tom mais razoável, recompondo-se. – É justo que eu lhe deixe me pagar uma bebida. Afinal, veio em meu socorro, embora eu pudesse ter lidado muito bem com ele sozinha.

– Claro que podia. – Ele olhou seu crachá, e seus lábios se curvaram ligeiramente. – Afrodite, deusa do Amor.

– É – Pea respondeu, e em seguida se deu conta de que soara como se tivesse dezesseis anos. – Mesmo assim, eu lhe devo um favor pelo gesto tão cavalheiresco – completou depressa.

– Não falemos em dívidas, minha deusa. Quero que beba comigo apenas se desejar.

Ela sentiu um arrepio. A voz profunda parecia vibrar ao longo de seu corpo como uma música lenta e sensual.

– Bem... estou com sede mesmo.

O leve sorriso do estranho se alargou, fazendo seu estômago se apertar. Ele a levou de volta para a mesa, e Pea percebeu que ele mancava um pouco, o que não o impediu de afastar sua cadeira e, como um cavaleiro da Idade Média, inclinar-se para ela.

– Obrigada – murmurou, tensa.

Por sorte, a garçonete estava passando, e ela pediu um Martini de romã, além de uma garrafa grande de água mineral Pellegrino que poderia ajudá-la a se manter sóbria. Já havia algo inebriante o bastante naquele homem sem que ela precisasse se embriagar.

Ele pediu o mesmo à atendente.

– Quer dizer, então, que é... – Pea apertou os olhos para enxergar o nome no crachá – ... o deus do Fogo. Nossa! É uma responsabilidade e tanto.

O estranho deu de ombros, parecendo pouco à vontade com o comentário.

– Não tenho como escapar dela.

– Eu diria que não. Quero dizer, sem você, como teríamos luz e calor na Terra? – ela respondeu, orgulhosa do comentário expressivo.

Infelizmente, ele pareceu ainda mais desconfortável, e seus ombros largos se moveram, inquietos.

– Desculpe – Pea acrescentou depressa, querendo deixá-lo à vontade. – Imagino o quanto vocês, bombeiros, estão constrangidos por terem sido obrigados a se vestir como deuses esta noite. Quero dizer, verdade seja dita, eu também não tenho nada de deusa... Sou apenas eu.

Os olhos cor de chocolate escureceram ainda mais, e ele se inclinou para a frente.

– Eu sei quem você é. E é muito melhor do que a deusa perfeita do Amor.

Pea sorriu, pensando na beleza de Vênus.

– Quem poderia ser melhor do que a deusa do Amor?

– Você, Pea – ele respondeu, sincero. – Não precisa da magia dos imortais. Você é única,

honestas e reais, o que supera a perfeição fria dos deuses.

As palavras fizeram o batimento cardíaco dela se acelerar.

– Como sabe o meu nome?

– Eu já a vi aqui antes, no sábado. Você...

– Ah, que maravilha! – Pea levou as mãos ao rosto mascarado. – Você me viu arrotando e deixando cair aquele pênis de borracha enorme!

– Não foi nada disso o que eu vi.

A voz dele soou tão suave que Pea tirou as mãos do rosto, e seus olhares se encontraram.

– O que viu, então? – indagou baixinho.

– A mim mesmo.

Ela piscou, sem ter certeza de que tinha escutado bem.

– A você mesmo? Não compreendo.

O sorriso dele foi tímido desta vez.

– Parece inacreditável, eu sei – murmurou, como se encontrando dificuldade em se expressar. – Mas, no sábado, quando a vi, só consegui pensar que sabia como estava se sentindo. Eu sabia... – Fez uma pausa, depois recomeçou. – Eu sei o que é se sentir excluído.

– Você? – Pea indagou, incrédula.

– As aparências enganam.

– E eu não sei? Quero dizer, você me viu no sábado. Deve ter reparado que passei por uma grande mudança desde então. Isto – ela fez um gesto, abrangendo a si mesma – não é o que eu fui a vida toda. Acontece que tive uma ajudazinha recentemente. Mas, já que me viu naquele dia, o que foi antes da minha transformação, já sabe que não sou bem assim.

Devagar, ele estendeu a mão e cobriu a dela.

– Vi como é autêntica e boa, e isso, sim, acho muito bonito.

A mão dele era quente, grande e forte. Pea pôde sentir a aspereza de seus calos na pele, e se comoveu ao pensar que ele ganhara aquelas calosidades combatendo incêndios e salvando vidas.

No entanto, o gesto evocou outras coisas também. E coisas que a chocaram: imagens da noite em que a ambrosia afrouxara suas inibições e ela havia se tocado, alcançando um clímax devastador. Tinha sido tão bom, tão decadente, tão sensual e...

– No que está pensando? – A voz do estranho soou como uma carícia.

– Eu? – Pea forçou os pensamentos de volta ao presente, tentando ignorar o calor que lhe subiu ao rosto. Sentiu-se quente e úmida, e a sensação ficou ainda mais evidente por não estar usando calcinha. – Não sei... Estava apenas divagando, acho. Sinto muito.

– Não se desculpe. Apenas me conte em que estava pensando.

– Não posso! – ela deixou escapar. Em seguida, limpou a garganta e tentou rir, como se fosse apenas um devaneio adolescente que a fizera corar.

Em vez de aceitar a resposta pouco sincera, ele apertou mais a mão dela.

– Está sentindo também, não está?

Pea fez menção de rir e fazer uma observação cínica, mas algo no olhar dele a impediu.

E foi como se pudesse enxergar seu coração. De repente, inexplicavelmente, sabia o que ele queria dizer.

– Está se referindo a esta nossa... conexão, não é? – respondeu, tão baixo que ele teve de chegar mais perto para ouvir.

Seus ombros roçaram, e ela sentiu o corpo todo formigar.

– Isso mesmo. Há algo entre nós. Senti isso no sábado, e vim aqui esta noite na esperança de vê-la de novo para conversar com você.

Pea pensou como era irônico ela ter ido até ali naquela noite torcendo para encontrar Griffin, e aquele homem maravilhoso ter feito o mesmo na esperança de encontrá-la!

Vulcano se moveu na cadeira, inquieto.

– Não sou bom nessas coisas. Nunca fui bom em falar com as mulheres, mas você me atraiu para cá. Perdoe-me se não sou mais experiente na arte do amor.

– Pois eu acho que está indo bem demais – ela murmurou, sincera.

CAPÍTULO 14

Houve uma pausa na conversa enquanto a garçonete trazia as bebidas, e Pea ficou satisfeita ao notar que ele não havia tirado a mão da dela. Tomaram seus Martinis em silêncio, apenas olhando um para o outro, meio tímidos, a princípio. Logo ela sentiu a temperatura mudar, no entanto, e os olhos dele pareceram querer devorá-la.

A vocalista do Full Flava King's passou o microfone para o cantor do grupo, a música abrandou, as luzes diminuíram, e ele começou a cantar uma velha canção de amor dos anos setenta: *Always and Forever*.

Pea balançou o corpo com o ritmo suave.

– Dance comigo – pediu, rouca.

Ele estremeceu como se tivesse levado um choque.

– Eu não danço. Não sei fazer isso.

Pea viu algo mais em seus olhos escuros, porém. Não fazia ideia do motivo de ele lhe parecer tão transparente, mas, por mais estranho e impossível que fosse aquilo, sabia, no fundo da alma, que não era porque ele não queria dançar com ela. Estava mesmo com medo.

E sua transparência deu-lhe a coragem para falar, escolher palavras que nunca tinha sequer considerado proferir a qualquer homem.

– Não é bem dançar. – Sua voz soou suave e persuasiva. – Basta me segurar em seus braços e se mover no ritmo da música.

Ele fechou os olhos.

– Minha perna.

– Dói?

– Um pouco – ele respondeu depressa. Em seguida acrescentou com mais honestidade: – Ela faz com que eu me mova de um modo meio desajeitado, por isso nunca dancei.

– Nunca?

– Nunca.

– Se é assim, deixe-me ensiná-lo. – Ela se levantou e estendeu a mão. – Confie em mim. Prometo que vai dar certo.

Devagar, como se estivesse nadando contra uma grande correnteza, ele se levantou e pôs a mão na dela, permitindo-se levar para a pista de dança.

Pea o orientou a ficar na posição certa: a mão esquerda segurando a sua, a direita apoiada na base de suas costas.

– Agora é só se mover lentamente com a música – murmurou, encarando-o. – Eu vou segui-lo.

No começo, ele não se moveu. Continuaram no meio da pista de dança lotada como duas estátuas vivas, congeladas no tempo. Então, hesitante, ele começou a se movimentar no ritmo

da canção, e Pea o seguiu.

Tão perto dele, viu-se mais uma vez impressionada com sua altura e a largura de seus ombros.

Mas ele não olhava para ela. Ao contrário, mirava algum lugar além de seu ombro com o corpo todo tenso. Era quase como dançar com uma montanha.

– Relaxe, está indo muito bem.

Ele a fitou, por fim, e Pea se viu tocada por sua expressão preocupada. Como era possível que um homem tão grande, musculoso e bonito fosse tão inseguro?

Os homens eram tão engraçados às vezes! Era incrível que uma dança lenta pudesse pegar um másculo bombeiro tão desprevenido.

Apertou sua mão e sorriu.

– Solte um pouco esses ombros ou vai acabar fraturando alguma coisa.

– Estou segurando você com muita força? – ele indagou, afrouxando o abraço e recuando quase meio passo para trás.

– Não! Não há problema em me segurar com firmeza. É uma dança lenta. – Pea tornou a fechar o espaço entre eles. – Quando eu disse que podia fraturar alguma coisa, quis dizer em você.

– Ah... Agora compreendi. – Ele deu-lhe um sorriso nervoso e tornou a segurá-la, ainda que voltasse a olhar por cima de seu ombro, como se as respostas às questões mais complexas do Universo estivessem ali, atrás dela.

– Ei...

Ele voltou a fitá-la.

– Poderia ser melhor se olhasse para mim. Esqueça o seu nervosismo e se concentre na música. – E em mim – quis acrescentar. Concentre-se em mim.

Mas não conseguiu proferir as palavras.

– E quanto a você? – ele indagou, como se tivesse lido sua mente. – Posso me concentrar em você?

Pea sorriu, radiante.

– Deve.

– Isso eu posso fazer. – Ele a puxou para mais perto e, desta vez, seu olhar não a deixou.

“Every day love me your own special way...”

Pea ouviu a primeira parte do refrão, mas, quanto mais seus olhares se mesclavam, quanto mais próximo o corpo dele ficava do seu, mais tudo se apagava ao redor: a música, as pessoas... o mundo. Como podia enxergar tanto em um rosto que se encontrava parcialmente mascarado? Era como se ele fosse um código, e ela houvesse recebido a chave para compreendê-lo.

E como o entendia!

Chocada, Pea percebeu todo o desejo, o medo, a solidão e saudade em seus olhos.

E também amor. Era incrível, inexplicável, impossível... mas era amor.

– Sim – sussurrou, embora ele não tivesse dito nada em voz alta. – Sim, eu quero... Eu quero.

Então se deu conta de que a música mudara da balada lenta para uma versão entusiasmada de *Super Freak*, de Rick James, e eles eram as únicas duas pessoas que não se moviam no ritmo do funk.

– Você quer? – ele perguntou, aturdido.

Ela o desejava. Muito. Quase deixou escapar que queria sentir seu gosto, que queria conhecê-lo e amá-lo.

Que diabo tinha dado nela?

Desconcertada, Pea gaguejou:

– Eu... preciso ir ao banheiro. Vai esperar por mim?

– Sempre. – Ele ergueu a mão que já estava segurando, virou-a, fechou os olhos e pressionou os lábios contra a pele quente.

Pea sentiu um choque quente e violento percorrê-la da palma até a virilha.

Um casal vestido como trajes hippies dos anos sessenta e máscaras pintadas em motivos psicodélicos trombou com eles, rompendo a bolha de intimidade. Relutante, Pea puxou a mão.

– ... Eu volto já.

Sentindo-se um pouco tonta, Pea abriu caminho através da multidão para o cômodo fechado com cortinas cor de vinho do toalete das mulheres. O banheiro era dividido em duas partes: do lado direito da entrada ficava uma série de cabines e, em frente à porta, havia um espaço para maquiagem e cabelo. O lugar era típico do anos vinte, com um balcão de mármore, um lavatório e um enorme espelho.

Ela correu para dentro do toalete e fechou a porta. Encostou-se no balcão e se olhou no espelho de moldura dourada...

... E uma linda desconhecida a fitou de volta por detrás da máscara cintilante.

– No que estou me transformando, afinal?

A maçaneta da porta girou, e ela usou a torneira às pressas, puxando uma das toalhas da prateleira.

– Já estou saindo – falou, desligando a água e tentando não soar tão ofegante e confusa como se sentia.

A porta se abriu e Pea se virou, pronta para lançar à outra mulher um olhar de reprovação.

Mas foi ele quem entrou no banheiro e trancou a porta, bloqueando sua saída.

Entreolharam-se por alguns instantes.

– Eu queria ficar sozinho com você – falou por fim. Em seguida, balançou a cabeça, frustrado. – Não... Eu precisava ficar sozinho com você.

Pea sabia que deveria pedir que ele saísse, passar correndo por ele ou então ameaçar gritar. Mas, quando recuperou a capacidade de falar, sua voz traidora não exigiu que ele fizesse nada disso.

– Faria algo por mim? – ouviu-se dizendo em vez disso.

– Qualquer coisa ao meu alcance.

– Tire a máscara.

Ele desamarrou a fita de veludo preto que segurava o aparato sobre metade de seu rosto e o deixou cair no chão.

Pea não falou. Apenas ergueu o braço e desatou a própria máscara, deixando-a cair também.

Em seguida, estudou o rosto moreno. Não era lindo como o de Griffin, mas sem dúvida devia fazer cabeças se voltarem e receber olhares persistentes e convidativos. Seus traços eram fortes e benfeitos, as maçãs do rosto altas, o queixo quadrado. O nariz era quase aquilino, o que, junto com o cabelo e os olhos escuros, davam-lhe uma aparência de mau.

E a boca...

Os olhos de Pea se fixaram nela. Seus lábios eram cheios e sensuais.

Ergueu o olhar para encontrar o dele e vislumbrou um novo mundo esperando por ela no daquele homem estranho e ao mesmo tempo tão familiar.

– Se eu não tocá-la de novo vou enlouquecer – ele murmurou.

Pea não pensou. Apenas respondeu.

– Então me toque.

Ele cobriu o espaço entre eles tão depressa que Pea prendeu o fôlego e recuou um pouco, assustada. Ele estacou, as mãos já levantadas, prontas para puxá-la para mais perto.

– Por favor, não tenha medo de mim. Eu não suportaria se tivesse medo de mim.

Aqueles olhos... Eles a capturaram, e ela pôde sentir a dor e a honestidade nas palavras.

– Não tenho medo de você. É que você é tão grande! – Pea riu um pouco, nervosa.

– Perdão por eu não ser menor.

Ela levantou a mão e a fez descansar no peito largo.

– Não se desculpe. Eu não disse que não tinha gostado.

Surpresa, sentiu que ele estremecia sob seus dedos.

E a reação enviou uma faísca de desejo por seu corpo.

Olhando no fundo dos olhos escuros, ela ordenou:

– Beije-me.

Ele se curvou e tomou sua boca na dele.

Não havia nada de hesitante ou delicado no beijo. Apenas calor, desejo, e uma paixão inebriante e avassaladora. Os braços de Pea subiram para se agarrar aos dele, e ela se viu correspondendo com a mesma ânsia. Seu calor e seu gosto a envolveram, lembrando chamas ardentes de um fogo que não cessava de ser alimentado.

Espremeram-se um contra o outro, e Pea teve a impressão de que ele tentava entrar sob sua pele.

– Sim! – sussurrou contra a boca sedenta. – Mais perto!

Ele gemeu e a ergueu para sentá-la sobre o balcão de mármore. Então seu gemido se transformou em um grunhido quando ela deslizou as longas pernas nuas em torno de seus quadris, de modo a encaixar o membro rijo em seu núcleo já úmido.

– Mais perto! – Pea repetiu, e soltou uma exclamação quando mãos ásperas escorregaram pela parte externa de suas coxas, levantando a seda fina das vestes e prendendo-a pelos quadris. Em seguida, elas deslizaram entre ela e o mármore frio do balcão, segurando-lhe as nádegas.

– Pelos deuses! Acho que me enfeitiçou. É tão doce e macia... Deixe-me prová-la, Pea. Eu quero você! – ele implorou em meio a novo gemido.

Antes que a mente de Pea pudesse alcançar o ritmo de seus próprios harmônios, ele se pôs de joelhos à sua frente e a puxou para ele, segurando-a de modo a lhe manter as pernas abertas, o que a deixou mais do que exposta.

Ela não conseguia acreditar no que estava acontecendo!

Um pensamento fugaz a assaltou: sem dúvida era algo como aquilo que Vênus tinha em mente quando insistira para que ela não usasse calcinha naquela noite.

O problema era que ela, Pea, não era a deusa do Amor. Seu primeiro instinto foi o de se afastar e fechar as pernas, entretanto ele olhou para cima e encontrou seu olhar.

– Não se afaste de mim! Deixe-me lhe dar prazer.

Hipnotizada pelo fogo em seus olhos e o calor de seu toque, ela assentiu e, mais uma vez, implorou:

– Mais perto!

Ele beijou primeiro o interior de uma coxa, depois o outro, a língua circulando sua pele e cada vez mais perto de seu âmago. Então suas mãos a apertaram mais, e os lábios quentes se concentraram nas dobras macias, iniciando um processo lento e constante de carícias por toda a sua intimidade.

A princípio ele apenas a provou, provocando o centro de seu prazer enquanto explorava a pele úmida. Pea moveu-se, inquieta, querendo mais, e afastou ainda mais as pernas.

A resposta foi instantânea. Com um gemido, ele mergulhou a língua dentro dela, fazendo-a soltar nova exclamação.

– Você tem gosto de ambrosia... só que é mais quente!

Pea sentiu as palavras vibrando no centro do corpo. Em seguida, a língua úmida deslizou sobre ela em movimentos ritmados, circulando seu clitóris, para em seguida se afastar outra vez.

– Oh, Deus! O que está fazendo comigo? – ela ofegou, entontecida.

– Apenas tornando-a minha!

– Sim! – Pea concordou num sussurro. – Mais perto! – Afundou os dedos nos cabelos espessos e o puxou mais firmemente contra ela.

Com um grunhido, o ritmo da provocação mudou. Agora ele se concentrava no ponto mais sensível, circundando-o com a língua e depois sugando-o. Circundando e sugando...

Pea sentiu o mundo espiralando para baixo. Arqueou as costas e tudo o que sentiu foi a boca quente em seu corpo, a vibração insistente da língua inquieta. Levantou as coxas e começou a se mover contra ele, mostrando a intensidade de seu prazer.

– Pea! – ele sussurrou contra sua pele. – Entregue-se a mim! – pediu, usando a mão para abrir mais seu sexo e cobri-lo com a boca.

Seu ritmo mudou novamente, desta vez para uma massagem firme e ritmada em seu clitóris. Pea se agarrou a ele, extasiada. A língua quente a atormentava cada vez mais, e ela ouviu os próprios gritos ecoando ao redor, mesclando-se aos gemidos guturais de prazer do homem à sua frente, criando uma cacofonia de sexo e sons.

Então, quando pensava que não podia mais aguentar, ele acelerou ainda mais. Começou a sugá-la com mais ímpeto, até que a pressão em seu âmago se tornou insuportável e um fogo explodiu dentro dela num orgasmo que pareceu varrê-la até a alma.

Pea jogou a cabeça para trás e gritou de prazer.

A batida violenta na porta foi dura e insistente.

– Tudo bem aí?! – Uma voz masculina exigiu.

Ela mal conseguia pensar. Sentia como se seu corpo tivesse dissolvido.

Então braços fortes a ancoraram de volta ao mundo real, e ele a beijou suavemente.

– Responda, pequena, ou serei obrigado a me livrar dele.

Pea limpou a garganta e olhou para a porta por cima do ombro largo.

– Sim! – falou em voz alta, tentando não soar muito sem fôlego. – Está tudo ótimo – completou, sorrindo para ele.

– Ah, bom... – respondeu a voz. – É só para avisar: o bar está fechando. E, caso haja algum bombeiro escondido aí, avise que os outros já estão partindo nos caminhões da estação de Midtown.

– Oh, meu Deus, tem que sair daqui! – Pea corou só de pensar que todos iriam vê-lo e concluir que eles haviam acabado de fazer sexo na toalete feminina.

Viu a compreensão nos olhos castanhos, no entanto. Em seguida, ele a tocou no rosto com a ponta dos dedos.

– Ninguém vai saber sobre isto. O que aconteceu aqui continuará apenas entre nós.

– Não vai contar ao restante do corpo de bombeiros? – Ela sabia que estava agindo como uma adolescente, mas sentia-se vulnerável e perdida diante do que acabara de acontecer.

– Minha deusa estará sempre segura comigo. – Ele a beijou novamente.

– Saia primeiro. Eu vou em seguida. – Pea colocou os braços em volta do pescoço forte. – Encontre-me em frente ao restaurante. Quero que conheça uma pessoa.

– Vou encontrá-la, pequena – ele assegurou. Tirou-a do balcão e a observou com um olhar possessivo enquanto ela endireitava as vestes. Virou-a, ajudou-a a amarrar a máscara, depois puxou seus cachos espessos para um só lado a fim de beijá-la no ponto sensível entre pescoço e ombro.

Pea estremeceu e se recostou nele, de modo que o membro ainda ingurgitado lhe pressionasse o vale entre as nádegas.

– Se não for embora agora, eu a mantereí aqui comigo pela eternidade! – ele avisou com voz rouca contra sua pele.

Ela se virou e sorriu.

– Isso não soa tão terrível.

Ele a tocou no rosto outra vez.

– Vá, pequena.

Beijaram-se, e Pea correu para a porta, contente por a máscara esconder seu rosto corado enquanto se juntava à multidão que rumava para a porta da frente do restaurante.

Com a mão trêmula, ela tentou ajeitar o cabelo ainda meio despenteado e colocar a túnica no lugar. Que diabo tinha acabado de fazer? Agora que se encontrava sozinha, sentia-se cheia de dúvidas.

E quem era ele, afinal?

O pensamento a fez estacar. Deus! Ela nem sequer sabia seu nome!

O homem atrás dela trombou com suas costas.

– Ei, tem que continuar andando com esta multidão!

– Ah, desculpe – Pea murmurou e forçou as pernas a se mover de novo. Mortificada, abaixou a cabeça e continuou caminhando em direção à porta. Tomara que Vênus ainda estivesse lá fora. Não porque quisesse apresentar a deusa a um homem cujo nome ela nem sabia, mas porque acabara de deixar que ele a levasse ao orgasmo no banheiro feminino...

Céus! Onde estivera com a cabeça?

Ela, definitivamente, precisava do conselho (ou da absolvição) de uma deusa.

CAPÍTULO 15

A porta do banheiro se fechou, e Vulcano começou a andar de um lado para o outro. Emoções que nunca experimentara antes tinham sido despertadas dentro dele. Quando o arranjo de flores secas sobre a pequena penteadeira pegou fogo, ele respirou fundo várias vezes, tentando se acalmar. Não podia atear fogo ao lugar.

Mas, ah, como gostaria de explodir em chamas e pôr para fora o incêndio que grassava dentro dele!

Havia chocado a si mesmo. Sua intenção, naquela noite, fora simplesmente ficar perto dela; apenas falar com ela. Nunca, nem em suas fantasias e sonhos mais loucos, ele pensara em violar Pea!

Mas algo lhe acontecera quando aquele imbecil tentara obrigá-la a ficar na pista de dança. De repente todo o desejo e paixão que mantinha latentes dentro dele tinham entrado em ebulição. Já a desejara antes, porém, naquela noite, encontrara determinação para agir.

E tinha funcionado! Ele a tocara, provara, e lhe dera prazer.

Sentiu o membro túrgido apenas com a lembrança dos sons da satisfação de Pea. Será que nunca se fartaria dela? Ele a queria cada vez mais! Queria levá-la consigo para casa e lhe mostrar...

Vulcano parou de caminhar. Mostrar o que a Pea? Como fora rejeitado e se tornara um pária em meio à glória do Olimpo? O que ela sentiria por ele? Pena? Desprezo?

Não. Não iria levá-la para o Olimpo. Iria cortejá-la ali mesmo, no mundo moderno, como qualquer mortal faria.

Resoluto, tirou a máscara e caminhou até a porta. Pea havia dito que o encontraria do lado de fora do restaurante e que iria apresentá-lo a...

– Pelos deuses! Onde eu estava com a cabeça? – rosnou para si mesmo. Só existia uma pessoa a quem ela poderia apresentá-lo: Vênus!

Sua mente tinha parado de funcionar? Podia imaginar o choque da deusa se Pea o apresentasse a ela...

Não que a deusa do Amor fosse ficar com raiva por sua infidelidade, pelo contrário. Desde o início, não houvera qualquer pretensão da parte deles a não ser respeito e uma amizade bastante tênue. Seu casamento fora um acordo destinado apenas a beneficiar a ambos. Nunca tinham estado apaixonados. Na realidade, aquela união sem paixão fora motivo de muitas piadas no Olimpo.

Se Vênus descobrisse que ele se tornara amante de Pea, iria rir dele?

Apenas o pensamento o fez estremecer.

Não, a deusa do Amor não era cruel. Vênus poderia não rir, mas sem dúvida ficaria chocada. E, sem dúvida, acabaria revelando a Pea sua verdadeira identidade.

E, se isso acontecesse, ele não seria mais seu amante mortal apaixonado. Seria mais uma vez o desprezível deus do Fogo, que fora rejeitado pelo próprio Amor.

– Não! – Vulcano gritou. Seu relacionamento era novo demais. Talvez mais tarde, depois que houvessem tido tempo de construir uma boa base entre eles, pudesse confessar a Pea seu segredo. No momento, a única coisa que poderia fazer era voltar ao Olimpo e planejar voltar a vê-la num outro dia.

Também iria rezar para que Pea o perdoasse por ele abandoná-la naquela noite.

Com um profundo suspiro, o deus do Fogo fechou os olhos e se transportou de volta para o portal, deixando apenas um brilho no ar e o calor de sua passagem como prova de que ele já havia estado ali.

Griffin não tinha voltado para ela.

Vênus não podia acreditar! Era ridículo, realmente. Quem desprezava o Amor?

Mais uma vez, considerou a hipótese de ir atrás dele, confrontá-lo e derramar sobre aquele tolo, insolente e arrogante sua ira de deusa, reduzindo-o a nada.

Mas não poderia. Já era humilhante o suficiente que estivesse sentada ali fora, bebendo sozinha (e devorando ambas as musses de chocolate). Se voltasse ao restaurante em busca dele seria uma prova do que Griffin fizera com ela, e sua própria vergonha já era o bastante.

Quando caminhões vermelhos e brilhantes estacionaram no meio-fio, Vênus os ignorou, assim como os homens fantasiados e mascarados deixando o Lola's. Se Griffin viesse falar com ela, iria fingir nem conhecê-lo. Apenas depois iria lançar uma...

– Vênus! Aí está você! Estou tão feliz por ter lhe encontrado! – Pea correu até a mesa.

– Olá, querida. – Vênus sorriu para ela, distraída, tentando eliminar seus pensamentos de vingança. – Espero que tenha tido uma noite deliciosa.

– Bem...

O tom estranho de Pea finalmente chamou a atenção da deusa. Vênus franziu a testa e encarou a mortal. Sim, todos os sinais estavam ali: o rubor nas faces, os lábios mais rosados do que o normal...

– Pea! – ofegou, surpresa. – Acabou de ter um orgasmo?

– Nossa, é boa mesmo em descobrir essas coisas de amor, não? – A moça corou ainda mais, depois pareceu à beira das lágrimas. – Sim! – sussurrou, movendo então a boca para pronunciar as palavras “sexo oral”. – Eu sou tão idiota! – Escondeu o rosto mascarado nas mãos.

– Querida!... – Vênus começou a falar, sem saber por que Pea parecia tão aborrecida por algo tão bom. – Não há por que esconder o rosto ou se envergonhar! É maravilhoso que tenha tido um contato sexual tão delicioso!

O que, pelo mundo antigo, estava errado com aquela menina?

Em seguida, Vênus compreendeu. Não havia nada de errado em ter uma boa relação sexual, a menos que o homem se comportasse de forma grosseira ou inadequada... como ela bem

sabia, infelizmente.

Vênus tirou as mãos de Pea de seu rosto e obrigou a mortal a encará-la.

– Pea, com quem fez sexo?

Ela fungou.

– No crachá dele estava escrito “deus do Fogo”.

Vênus sentiu o coração afundar dentro do peito.

– Pela bunda cor-de-rosa de Cupido! – A maldição explodiu de sua garganta. – Griffin fez um cunilíngua em você?!

– Griffin? Não, estava escrito “deus do Fogo” no crachá, não “Griffin”. Tomara houvesse sido ele! Pelo menos eu o conheço.

– Querida, estou confusa. Está me dizendo que permitiu que um homem, em cujo crachá se lia “deus do Fogo”, mas de quem não sabe nem mesmo o nome, fizesse sexo oral em você?

Pea mordeu o lábio, assentiu com um gesto de cabeça, então começou a chorar, o tempo todo lançando olhares furtivos por cima dos ombros em direção à multidão que ainda fluía para fora do Lola’s.

– Eu pedi a ele que viesse me encontrar aqui, mas agora não sei onde estava com a cabeça! – completou com um soluço. – Acho que imaginei essa conexão entre nós dois, mas... – Pea fez uma pausa, tirou a máscara e enxugou o rosto. – Deus, eu nem sei o nome dele! Como podíamos estar tão ligados? E ele era um dos bombeiros, tenho certeza. E se Griffin descobrir que deixei um estranho fazer isso comigo no banheiro das mulheres? Ele nunca mais vai olhar para mim! – afirmou com um gemido.

Vênus empalideceu. Era mais provável que Pea nunca mais fosse falar com ela se descobrisse que, enquanto estava fazendo sexo com um estranho, sua amiga e mentora fornicava sob uma árvore com o homem por quem ela estava apaixonada.

Pela genitália de todos os deuses, como aquela noite fora terminar em tanta confusão?

– Vamos sair daqui – decidiu, agarrando o braço de Pea a fim de conduzi-la ao estacionamento.

Nenhuma delas viu Griffin sair do restaurante e ficar parado com as mãos nos quadris, olhando a multidão, até que, relutante, também foi conduzido até um dos carros de bombeiro.

– Querida, beba o seu chocolate quente – Vênus pediu. – E enxugue o rosto. Já chorou demais.

– Tem razão. Prostitutas não choram a cada... a cada encontro ilícito que têm. – Pea lutou para utilizar um vocabulário adequado.

Vênus tentou, sem sucesso, esconder um sorriso.

– Pea, ter uma relação sexual com um desconhecido não a torna uma promíscua. Além do mais, é arcaico demais acreditar que mulheres não podem ter prazer como os homens. Isso é muito restritivo e cheira a hipocrisia. O mundo moderno não permite às mulheres maior

liberdade?

– Suponho que sim – Pea murmurou dentro da caneca. Em seguida olhou para Vênus. – Estou me sentindo uma boba.

– Por quê?

Ela suspirou.

– Imaginei essa conexão entre mim e ele, e acabamos ficando íntimos demais. Mas a verdade é que eu não o conheço. Quero dizer, eu fui até lá para tentar me acertar com Griffin, o homem em quem eu penso há mais de um ano, e acabei com outro no meio das pernas!

– Diga-me por que sentiu que tinha uma ligação com ele – Vênus insistiu, nervosa, querendo desviar a conversa para longe da paixão de Pea por Griffin.

– Vai soar bobo e romântico – avisou Pea.

– O que significa que eu vou ser capaz de entender perfeitamente. Conte de uma vez – Vênus a incitou.

– Bem, apenas senti essa conexão absurda com ele. Foi como se eu pudesse olhar para aqueles olhos escuros e incríveis e enxergar sua alma. De alguma forma, era como se ele e eu fôssemos a mesma pessoa. Soa idiota agora, mas na hora parecíamos ter muitas coisas em comum. Coisas importantes que normalmente não se encaixam.

Vênus levantou uma sobrancelha diante do comentário.

– Verdade? Como se conheceram?

– Ele apareceu de repente e foi um amor. Achou que precisava me salvar de um idiota que não queria aceitar um “não” como resposta. – Pea sorriu pela primeira vez desde que havia deixado o restaurante. – Perguntou se podia me pagar uma bebida, e eu disse que sim. Então conversamos por um bom tempo. Ele foi sensível, romântico, sexy... Uma coisa levou a outra, e, de repente, estávamos sozinhos. Tudo o que conseguia pensar era em como ele era incrível e em quanto eu o desejava – Pea terminou de uma vez, corando profundamente.

– Querida, não fez nada de errado. Exceto não perguntar o nome dele – completou Vênus.

– Mas e quanto a Griffin e...

– Não foi Griffin que foi atrás de você, e sim esse homem – Vênus a interrompeu devagar, estudando-a. Seria aquele o momento de contar a Pea que seu amado Griffin tinha fornicado com a própria deusa do Amor e depois a descartado?

– Eu sei que está errado, mas não posso evitar: ainda sinto essa coisa por Griffin.

Mais uma vez, os olhos de Pea começaram a lacrimejar, e Vênus percebeu que não era hora de dizer nada.

– Essa coisa que sente por Griffin é por ele mesmo, ou pela ideia do que Griffin representa para você? – perguntou, gentil.

– Eu não sei.

– Está interessada no homem que conheceu esta noite, não está? – ela redirecionou a conversa.

Pea assentiu.

– Mas nem sei quem ele é.

A deusa sorriu.

– Claro que sabe. Disse que ele é um dos bombeiros.

– Sim, mas há um zilhão de bombeiros em Tulsa.

– Se é assim, querida, é melhor começarmos a trabalhar. – Vênus sentou-se mais ereta, sentindo brotar as sementes de um plano. Talvez tudo o que Pea precisasse era ver aquele homem misterioso outra vez, de forma a poder comparar seu óbvio interesse nela ao total desinteresse de Griffin.

A menos que o infeliz houvesse fingido gostar de Pea apenas para poder usá-la e descartá-la em seguida!

Vênus apertou os lábios. Se fosse esse o caso, sabia o que fazer com ele. E não seria nada bonito.

– Começar a trabalhar? Como? – indagou Pea.

– Andei pensando... – ela bateu as unhas contra a caneca. – Na batalha, muitas vezes a melhor forma de envolver um inimigo é trazê-lo para seu próprio território.

– Ahn?

– Precisa ver esse bombeiro de novo.

– Griffin? – Pea se entusiasmou.

Vênus franziu o cenho.

– Eu quis dizer o seu outro bombeiro, mas certamente não seria de todo ruim se visse os dois de novo. – Ela tratou de melhorar o próprio tom. – É sempre bom para uma mulher ter escolhas.

– Isso soa interessante – Pea assentiu. – Mas de que jeito?

– Com o seu trabalho.

– O meu trabalho?

– Isso mesmo. O seu trabalho. Está coordenando as aulas educativas e recreativas da comunidade, certo?

– Sim.

– Os bombeiros que estavam no baile de máscaras eram todos do Corpo de Bombeiros de Midtown. Correto?

– Eram.

– Então, pense: e se esse Corpo de Bombeiros fosse obrigado a fazer aulas na sua universidade?

– Na verdade, é apenas uma faculdade comunitária – corrigiu Pea.

– Isso é irrelevante. – Vênus fez um gesto de desprezo. – O mais importante é que os rapazes devem ir até o seu quartel-general. Apenas lá poderá saber mais sobre os homens e escolher entre eles. Escute...

Joe Daniels, chefe adjunto de capacitação do Corpo de Bombeiros de Tulsa, pensou que tinha morrido e ido direto para o Céu quando uma loira estonteante entrou em seu escritório na manhã seguinte. Ele se pôs de pé, mexeu na gravata e encolheu a barriga.

– Chefe Daniels... meu nome é Vênus Pontia.

Quando ele estendeu a mão para que ela a tomasse, Vênus apenas inclinou a cabeça.

Ele limpou a garganta e depois o suor da mão nas calças.

– P-por favor, sente-se.

– Obrigada.

Ela se acomodou na cadeira de couro diante da mesa e cruzou as pernas incrivelmente longas. O homem tentou não olhar ou gaguejar.

– Por favor, pode me chamar de Joe.

O sorriso de Vênus iluminou o lugar.

– E pode me chamar de Vênus.

Daniels concluiu que nunca um nome lhe parecera tão adequado.

– O que posso fazer por você, Vênus?

– Eu sei que é um homem muito ocupado e importante, Joe, então vou direto ao ponto. Estou trabalhando com a srta. Chamberlain no Departamento de Educação Continuada da Faculdade Comunitária de Tulsa. Chegou ao nosso conhecimento que alguns dos seus homens, especificamente os da estação de Midtown, têm estado sob um bocado de estresse.

Joe franziu a testa, perguntando-se o que ela sabia e ele não. Não tinha conhecimento de que os homens de Midtown vinham tendo qualquer tipo de problema. Inferno, o grupo havia acabado de ter uma festa beneficente de sucesso na noite anterior!

Mas, antes que ele dissesse qualquer coisa, o sorriso da loira e um descruzar e cruzar de pernas incríveis o distraíram.

– Por conta desse estresse, a srta. Chamberlain elaborou uma série de aulas para os bombeiros de Midtown que irão ensiná-los a utilizar técnicas de relaxamento.

Joe abriu e fechou a boca. Do que ela estava falando?

– Ah, não precisa agradecer, querido. O resultado das aulas já será uma boa recompensa para nós. – Vênus entregou-lhe um papel. – Aqui estão todos os detalhes. Cuide apenas para que os rapazes estejam no campus Metro para a primeira aula amanhã, às nove em ponto.

– M-Mas, senhorita... – ele gaguejou. – Não posso...

E perdeu a linha de pensamento no instante em que a sensual Vênus agitou os dedos em sua direção, como se estivesse dizendo um “olá”. *Estranho... Muito estranho.*

– Desculpe, Joe, o que estava dizendo?

– Quem, eu? – Ele não conseguia parar de sorrir para ela. Santo Deus, a mulher era um espetáculo!

– Sim, sobre as aulas para os bombeiros de Midtown.

Joe piscou e, em seguida, seus pensamentos se organizaram, fazendo com que soubesse

exatamente o que estivera prestes a dizer.

– Excelente ideia! Muito boa. Mandarei os homens para lá sem falta, amanhã cedo. Já ouvi relatos de que o corpo de Midtown estava sob profundo estresse, e essa é a solução perfeita para o problema.

– Ora, Joe, a ideia foi sua. Afinal, foi você quem telefonou para o escritório da srta. Chamberlain e lhe pediu que elaborasse as aulas... Estamos apenas seguindo seus instintos, os quais são no mínimo louváveis. – A bela Vênus sorriu, em seguida moveu os dedos em sua direção novamente.

Deus!, ele não conseguia se lembrar da última vez em que se sentira tão satisfeito! E, pensando bem, aquele ideia fora mesmo sua.

– Excelente, Vênus! Excelente!

– Obrigada, Joe. Contate-nos sempre que quiser, e nossa faculdade virá em auxílio dos bombeiros. – Ela se pôs de pé, sorriu para ele, e então deixou o escritório.

– Isso sim é mulher! – ele murmurou, assobiando baixinho.

Mas não tinha tempo para ficar sentado ali. Havia muito trabalho a fazer. Cada um dos meninos de Midtown que não estivesse em serviço na parte da manhã precisava ir para aquela aula de relaxamento na faculdade, e ele era o homem certo para fazer isso acontecer.

Num impulso, ergueu o fone e começou a discar.

CAPÍTULO 16

– Você não falou que *eu* daria as aulas! – Pea protestou.

– Claro que vai dar as aulas. Não posso encantar a faculdade inteira. – Vênus fez uma pausa, pensando por um momento. – Bem, talvez eu possa, mas seria terrivelmente complicado. E quem poderia dizer como isso afetaria a população em geral? – Balançou a cabeça. – Não. É mais fácil eu ajustar uma coisinha aqui, outra ali, como fiz com o chefe adjunto, e mantermos isso para nós tanto quanto for possível.

– Vênus, eu nunca dei uma aula na vida!

– Ah, mas não tem nada com que se preocupar. Basta ensinar o que sabe.

– A cozinhar? Para aliviar o estresse?

– Na verdade, querida, eu estava pensando na sua dança.

Pea arregalou os olhos.

– Quer que eu ensine balé para os bombeiros?

– Por que não? – Vênus deu de ombros.

Pea riu.

– Só pode estar brincando!

– Nem um pouco. A dança é uma atividade relaxante, e você, uma dançarina mais do que experiente. Além do mais, irá proporcionar uma boa oportunidade para que todos aqueles homens deliciosos a vejam na sua melhor forma.

– Eu não sei. E se eles estiverem lá? Griffin e o outro, quero dizer. De maneira nenhuma serei capaz de ensinar com algum deles... você sabe... olhando para mim. Não depois do que fiz com ele.

– Querida, por favor, lembre-se de que manipulamos os eventos para que os homens venham a você, no seu território, no seu lugar de poder. Está no controle neste momento. Você faz a escolha. Além disso, serei sua assistente por detrás do palco. Se estiver em apuros, eu simplesmente... – Vênus balançou os dedos.

– Claro. – Pea pareceu apenas um pouquinho menos preocupada.

– Então está decidido. Vamos tomar mais uma xícara deste café divino, e depois partiremos para a faculdade. Não podemos nos atrasar para a aula.

Pea olhou o relógio e franziu a testa.

– O que foi, querida?

– Se tivesse me dito ontem que eu teria de dar uma aula de balé, eu podia ter comprado algo um pouco mais agradável do que aquelas camisetas manchadas de suor que costumo usar.

O sorriso de Vênus foi lento.

– Eu já cuidei desse pequeno detalhe. Há uma linda mochila nova no seu armário. Dentro dela encontrará tudo o que vai precisar para o seu primeiro dia como instrutora de dança.

– Você pensa em tudo, Vênus! – Pea a abraçou.

A deusa lhe deu um tapinha no braço.

– Nem tudo, querida. Apenas no que é importante.

Com um esforço, ela afastou o pensamento de que, se realmente calculasse tudo e fosse tão centrada como Pea acreditava, não teria deixado que Griffin a abandonasse, tampouco estaria escondendo o fato da amiga.

Não importava, concluiu enquanto assoprava o café e observava Pea se apressar pelo corredor até o quarto, a fim de apanhar sua nova bolsa de dança. De alguma forma iria fazer Griffin se arrepender de ter brincado com o Amor, e descobriria como dar um jeito naquela paixão de Pea pelo infeliz.

Ignorou o mal-estar no estômago. Não era possível que Griffin a houvesse magoado. Ele a tinha apenas surpreendido ao deixá-la sozinha e não voltar mais. Era isso.

Precisava ajudar Pea a encontrar seu amante misterioso ou, se este não fosse adequado, descobrir para a amiga um homem que fosse honesto e íntegro, e que tivesse apelo sexual. Então voltaria à sua rotina no Olimpo. Talvez pudesse planejar uma deliciosa orgia com sátiros e ninfas da floresta. Um pouco de devassidão talvez a animasse um pouco.

Afinal, era impossível que a deusa do Amor se sentisse solitária.

– Está linda, querida! Simplesmente linda. – Vênus tirou um cisco inexistente do ombro de Pea. – Eu sabia que esse collant rosa e essa saia transparente iriam combinar com a sua silhueta e tom de pele. E não se preocupe. Não há nada com que ficar nervosa.

– Eu posso vomitar!

– Não, não pode.

– ... Está bem, mas tem certeza de que encantou todos no meu escritório para que eles achem que essa aula é normal?

– O que os bombeiros virem hoje lhes parecerá completamente natural. E amanhã eles não vão se lembrar de coisa alguma. Vão pensar nessa aula apenas como algo que foram orientados a fazer; nada fora do comum. A única coisa de que vão se recordar é da sedutora instrutora de dança chamada Pea... – Vênus fez uma pausa, pensativa. – Depois me avise se ficou interessada em algum deles. Posso fazê-lo pedir o número do seu telefone.

– Nossa... Pode fazer tudo isso mesmo?

– Querida, o Amor pode fazer qualquer coisa.

– Ah, claro. Às vezes eu até me esqueço. Não tenho muita experiência com o amor de verdade.

– Pois vamos corrigir isso muito em breve. – Vênus deu-lhe outro tapinha no braço. – Se está pronta, vamos indo.

Elas caminharam pelo corredor, indo do escritório de Pea para uma enorme sala de aula ali perto. Pararam e olharam pelo pequeno retângulo de vidro da porta fechada.

– Não vou conseguir fazer isso! – Pea se encostou na parede, pálida.

– Claro que vai. Eu estarei bem aqui e...

– Não! Não posso entrar lá sem saber o que esperar.

– Está bem. – Vênus decidiu, pensando rápido. – Eu vou primeiro e... – Hesitou. E o quê?

– Pode fazer a chamada? – arriscou Pea.

– Claro! – Vênus exclamou, aliviada. – Faço a chamada, verifico se todos estão presentes, e pronto. Enquanto eu fizer isso, fica assistindo aqui de fora. Dessa forma vai saber se Griffin e o seu bombeiro misterioso vieram, então saberá o que esperar.

– E-Está bem – Pea gaguejou, em dúvida.

– Ótimo – Vênus falou com firmeza. Alisou o elegante terninho violeta, ajeitou o corpete de seda preta, cujo decote baixo expunha apenas o topo dos seios macios, e agitou os dedos. Uma caneta e uma prancheta com aparência profissional, contendo uma lista de nomes, surgiram do nada.

– Eu queria muito que parasse de fazer as coisas aparecerem de repente sem me avisar! – exclamou Pea, sobressaltada.

– Desculpe, querida. Vivo me esquecendo do quanto é sensível. – Vênus verificou o batom no vidro semirrefletivo da porta. – Pronta para a batalha?

– Bem...

– É claro que está. Eu já volto. Encare isto como um reconhecimento do território inimigo.

Vênus ignorou o gemido de Pea e girou a maçaneta da sala de aula que já havia encantado anteriormente, dando fim às carteiras e tudo o que considerara desnecessário. Sentia-se feliz por Pea estar nervosa. Aquilo a obrigava a dar um bom exemplo e parecer confiante e centrada.

Verdade seja dita: por dentro, a própria deusa do Amor se sentia ridiculamente tensa. Mas não se permitiria hesitar mais. Adentrou a sala, adotando sua mais séria postura.

Como já era de se esperar, os homens se reuniram no meio da classe em silêncio, lançando-lhe um olhar mais do que apreciativo. Pareciam atentos, porém casuais, vestidos com jeans e camisetas do Corpo de Bombeiros de Tulsa.

– Bom dia, senhores – Vênus saudou, toda profissional. – Quando eu chamar por seu nome, por favor, digam “presente”. – Começou a recitar a lista em ordem alfabética, olhando, atenta, para cada bombeiro que respondia. – Allen, James.

– Presente, senhorita.

– Barber, Joshua.

– Presente.

– Bennett, Kevin.

– Aqui, senhorita.

– Carter, Corey.

Ficou contente por pronunciar o nome seguinte sem uma pitada de hesitação.

– DeAngelo, Griffin.

O grupo de homens se afastou, de modo a permitir que ele viesse do fundo da sala.

– É bom vê-la novamente... – Olhos azuis e inconfundíveis encontraram seu olhar frio como o aço. Então Griffin tocou um chapéu imaginário com o sorriso confiante e sexy que ela conhecia muito bem.

Vênus corou. A deusa do Amor enrubesceu, e o sangue tingiu seu pescoço delgado, assim como as faces benfeitas.

Ao se dar conta disso, ela respirou fundo. Estava ali por uma causa justa, não por amor.

– Griffin? – Vênus repetiu, usando um tom de dúvida.

– Sim, senhorita, Griffin DeAngelo. – Ele se adiantou e estendeu a mão como um perfeito cavalheiro. O brilho em seu olhar era a única evidência de que havia mais coisas entre eles do que se podia imaginar. – Não creio que tenhamos sido formalmente apresentados naquela noite.

Vênus olhou da mão estendida para os olhos azuis. E, pela primeira vez em sua existência, não soube o que dizer.

Pelos sacos peludos de todos os deuses, que homem arrogante! Ele a tinha violado, depois a deixado, e agora ficava ali, sorrindo e querendo cumprimentá-la como se fosse um *gentleman*?

– Não imagina como estou feliz em revê-la, minha deusa – Griffin disse baixinho.

Vênus percebeu que ainda estava olhando para ele, e que a mão morena continuava estendida à sua frente. Endireitando o corpo, tomou-a devagar.

– Muito prazer, Griffin DeAngelo.

Ainda segurando a mão dela, ele sorriu devagar.

– Seu nome é...?

– Vênus. Vênus Pontia.

O sorriso dele se alargou.

– Então é mesmo uma deusa.

– Claro que sou, querido – ela confirmou de pronto, e puxou a mão. Em seguida continuou a chamar os nomes da lista, metódica.

Sua mente, entretanto, entrara em um turbilhão. Tentou ignorar o fato de que podia sentir os olhos azuis e brilhantes fixos nela, com aquele olhar possessivo que a aprisionara com tanta facilidade antes. Griffin agia como se não tivesse feito nada de errado, porém a deixara – a deusa do Amor! – sentada lá fora, na frente do restaurante, à sua espera, e não tinha retornado.

E ninguém desprezava uma divindade!

Terminou a lista e, sem nenhum outro olhar para Griffin DeAngelo, saiu da sala.

Recostou-se na porta fechada.

– Griffin está lá dentro! Eu o vi. – Pea olhou por cima dela. – Ei, você está bem?

– Sim, claro que estou. – Vênus respirou fundo e tentou se recompor. Por que permitia que

o mortal a afetasse tanto?

E esse, ela temia, era justamente o problema. Não havia permitido coisa nenhuma a Griffin. Pela primeira vez em sua existência, um homem não esperara por sua permissão para tocá-la, sentir seu gosto, possuí-la.

– Vênus?

Ela sacudiu a cabeça.

– Griffin está lá, mas e quanto ao seu homem misterioso?

– Não. – Pea suspirou.

– Tem certeza?

– Tenho. Quero dizer, eu o reconheceria depois do que fizemos. – Pea ficou da cor do collant que usava.

Vênus respirou fundo.

– Bem, pelo menos isso está resolvido. Ele não está aqui, e Griffin está. Portanto é só ir lá para dentro e dar a aula. Será o centro das atenções durante uma hora inteira. Se Griffin não demonstrar nenhum interesse por você depois disso, então poderei afirmar que ele não é digno da sua atenção.

– Eu não vou conseguir!

– Claro que vai. – Vênus suspirou. – Pea, todos passamos por esse tipo de coisa. É boa na dança, basta ir até lá e provar isso.

Pea agarrou a mão dela.

– Por favor, não me obrigue a fazer uma coisa dessas!

– Querida, eu não vou obrigá-la a nada. Isso é algo que precisa ter confiança para fazer.

– Vou fazer papel de boba outra vez. – Os olhos de Pea se encheram de lágrimas. – Não é uma questão de confiança, e sim de estar à vontade diante de um grupo de pessoas. Eu sei que me encantou e fez com que eu enxergasse a mim mesma como os outros me veem, por isso agora sei que não sou mais a pateta que eu era no colégio... Mas isso não significa que eu seja boa diante de uma plateia. Acho que nunca serei.

– Mas, Pea, você...

Pea não a deixou continuar.

– Mudar o meu jeito de ser é a única forma de ser aceita?

– É claro que não! Eu nunca quis que se sentisse assim. – Vênus a abraçou com força. – Você é boa o suficiente exatamente como é. É assim que quero que se sinta, Pea.

– Eu sei, mas...

Vênus se afastou e fitou a mortal nos olhos.

– Não queria isto. Não esta parte, não é?

– Ver a mim mesma de forma clara e ter confiança na minha beleza é uma coisa. Conseguir o afeto de um homem fingindo ser algo que não sou é outra. Fiquei parada aqui, pensando, e decidi que nem quero Griffin se for obrigada a fazer isso.

– Sabe de uma coisa, Dorreth Pea Chamberlain? É muito sábia para uma mortal.

Pea sorriu.

– E então?... Vai dar a aula por mim?

– Mas eu não estou vestida para dançar.

– Ora, por favor. Vai me dizer que não pode fazer surgir uma malha...?

– Eu não sei dançar balé!

– Ensine o que sabe, oras.

– Ensinar o que eu sei? Hum, pode ser interessante – concordou Vênus, pensativa. – Quer saber? Acho que está certa. Vou seguir o seu conselho. – Ela levantou a mão e, em seguida, olhou para Pea. – Prepare-se. Vou usar magia.

Pea fechou os olhos.

Vênus agitou os dedos, e uma sacola enorme e lotada apareceu.

– Pode abrir os olhos agora – falou, colocando-a sobre o ombro.

– O que vai ensinar?

O sorriso de Vênus foi radiante.

– O que eu sei, é claro, minha querida.

Além de uma lição a um certo mortal, acrescentou para si mesma.

CAPÍTULO 17

– Bom dia novamente! Podem me chamar de Vênus. Serei sua professora de relaxamento. Podem sentar-se em qualquer lugar. – Ela moveu os dedos em direção ao fundo da sala de aula, e várias cadeiras se materializaram. – Puxem aquelas cadeiras para cá, por favor... Elas estão longe demais. – Foi tão natural que os homens nem sequer se lembraram de que não havia cadeiras na parte de trás da sala quando tinham entrado ali.

Enquanto os bombeiros arrastavam seus assentos e se acomodavam, Vênus remexeu a bolsa e apanhou várias folhas de papel vegetal, cada uma delas coberta com um complicado desenho.

Ignorando Griffin que, claro, sentou-se bem na frente e no centro da classe, ela começou a distribuir os papéis.

Os homens olharam os esboços em silêncio, visivelmente confusos.

– Já que vamos falar sobre como dar prazer a uma mulher, vou me referir a esse desenho da flor de lótus feminina durante a nossa discussão. Por favor, sintam-se livres para fazer perguntas. – Ela fez uma pausa e deixou que os bombeiros assimilassem as palavras. Contudo, notou que muitos pareciam atordoados. – Estão confusos, senhores? Têm alguma dúvida?

Um dos mais velhos levantou a mão, hesitante, e Vênus acenou com um gesto de cabeça, pedindo que ele se manifestasse.

– Bem, senhorita, creio que a maioria de nós está se perguntando o que esta “flor de lótus feminina” tem a ver com o alívio do estresse.

– Querido, estou usando o termo “flor de lótus feminina” apenas como uma alegoria. – Ela parou e notou que os rapazes continuavam confusos. Então suspirou. – Uma representação para a vulva – esclareceu de uma vez.

Vários deles a fitaram, chocados, e Vênus tentou ignorar o fato de Griffin estar sorrindo.

– Ahn, senhorita... – O mesmo homem ergueu a mão novamente.

– Sim? – ela respondeu, alegre, tentando ser paciente com o inconveniente mortal.

– Eu ainda não entendi o que a... flor da vulva tem a ver com o alívio do nosso estresse.

– Flor de lótus – ela corrigiu. – Qual é o seu nome?

– J. D. Maples.

– É casado, J. D.?

– Sim, senhorita.

– Não conseguiria aliviar grande parte do estresse em sua vida se soubesse como dar à sua esposa um prazer tal que ela quisesse acolhê-lo em sua cama com muito mais frequência e procurasse desculpas para que pressionasse seu corpo nu contra o dela?

J. D. abriu e fechou a boca várias vezes.

– Agora compreendo, senhorita.

O restante do grupo murmurou seu acordo.

– Imaginei que compreenderia. – Vênus sorriu. – Muito bem... As mulheres têm vários tipos de orgasmo, mas, para evitar muita discussão hoje, irei me concentrar em apenas dois deles: o clitoriano e o vaginal. Além disso, vamos falar também sobre a descoberta do principal ponto de prazer de uma mulher... – Vênus pensou por um momento antes de se lembrar do nome que tinha aprendido durante uma de suas muitas pesquisas no Google. – ... O ponto “G”. Você devem saber que as mulheres tendem a ter preferências sobre um determinado tipo de orgasmo, mas...

Griffin ergueu a mão.

– Sim? – Vênus se obrigou a não franzir a testa. – Disse que seu nome era DeAngelo, certo?

– Griffin – ele corrigiu com aquele sorriso confiante que nunca vacilava. – Pode me chamar de Griffin.

– Muito bem. Tem uma pergunta, Griffin?

– Sim, senhorita. Eu estava pensando sobre os orgasmos. Como podemos saber qual o que nossa amante prefere?

– Basta perguntar a ela – Vênus respondeu, fria. – Mas creio que eu possa responder a parte dessa questão em nome de todas as mulheres... Elas preferem o tipo de orgasmo que têm com um homem íntegro, o qual mantém sua palavra e não desaparece depois. – Sustentou o olhar, satisfeita ao ver que o sorriso de Griffin tinha desaparecido. Outra mão subiu no lado esquerdo da sala. – Sim? Qual a pergunta?

– Acho que há algo errado com o meu desenho, senhorita – explicou um bombeiro muito jovem.

Vênus caminhou até ele e olhou a folha.

– Querido, a sua flor de lótus está de cabeça para baixo.

– Ah, perdão – ele murmurou, corando.

– Por favor, não se desculpe. Estão aqui para aprender. E todos sabem que, embora o falo masculino seja extraordinário, a flor de lótus feminina, ou seja, o centro da sexualidade de uma mulher, é bem mais complexa.

– E, dependendo das circunstâncias, as coisas podem ser ainda mais complicadas – Griffin disse de repente, fazendo com que os homens lhe enviassem olhares curiosos.

Vênus piscou com fingida inocência.

– Não, Griffin, as circunstâncias não importam. A vagina é sempre mais complicada do que o pênis.

Ela tentou não se deixar afetar pelas ruguinhas bem-humoradas ao redor dos olhos azuis, nem pelo fato de que ele agora sorria abertamente diante da argúcia de sua resposta.

Mas teve que admitir, pelo menos para si mesma, que Griffin era muito bonito.

– Não tenho dúvida alguma de que flores de lótus são tão complexas quanto intrigantes. Eu só queria saber o que um homem deve fazer quando, ahn, a *complexidade* de uma situação

advém de circunstâncias além do controle do homem e de um orgasmo interrompido... para ambas as partes. O que recomendaria, então?

– Comunicação – Vênus respondeu sem pestanejar.

– Só isso? – Ele sorriu.

– Isso e rastejar! – gritou um homem da parte de trás da sala, fazendo todos caírem na risada.

– Vejo que tenho pelo menos um aluno de nível avançado... – Vênus replicou, sorrindo para a classe e encontrando o olhar de Griffin apenas por um momento.

– E então, senhorita? – ele prosseguiu, abrindo-lhe um sorriso caloroso e íntimo. – Estou pronto para aprender.

Houve um bem-humorado murmúrio de acordo geral.

– Aprecio alunos atentos – parabenizou Vênus, incapaz de evitar os olhos azuis e brilhantes de Griffin. Em seguida, caminhou rapidamente para o quadro-negro e tirou uma caixa de giz colorido da sacola. Localizando o giz cor-de-rosa, voltou-se para a classe: – Por favor, sigam por meio dos seus próprios desenhos enquanto faço uma versão mais simples.

Outra mão foi erguida.

– Desculpe-me, senhorita. Devemos tomar notas?

– Só se desejar o prazer de uma mulher.

Ao se voltar para o próprio desenho, Vênus ouviu Griffin rir enquanto ele e o restante dos homens buscavam canetas e lápis.

Talvez ela devesse ouvir o que ele tinha a dizer sobre o porquê de não ter voltado para ela. Dificilmente poderia ficar mais ferida ouvindo o seu lado da história.

Afinal, o amor deveria ser gentil, justo e paciente.

Sim, ela iria escutá-lo, e então se sentaria com Pea e lhe contaria tudo. Se a desculpa de Griffin fosse muito esfarrapada, iria dizer à amiga que canalha ele era; e que, decerto, esta ficaria melhor sem ele.

Mas se Griffin tivesse um razão razoável para não ter retornado para ela... simplesmente contaria a verdade à moça. Pea era inteligente e compassiva. Iria entender. Sentindo-se mais leve e feliz do que em muitos dias, Vênus terminou o esboço com um floreio e virou-se de volta para a classe.

– Agora, alguém pode me dizer onde está localizado o clitóris?

Sorriu para a enxurrada de mãos erguidas.

Vulcano não conseguia se concentrar. Verdade que continuava alimentando a grande fornalha que aquecia o núcleo da Terra antiga, e que também prosseguia verificando vários vulcões, tanto na terra como sob os oceanos. A última coisa de que precisava era de uma erupção aquele dia, ainda mais tendo as emoções já tão tumultuadas. Como sempre, estava consciente dos muitos incêndios florestais que, supostamente, encontravam-se fora de

controle.

Todas essas coisas, entretanto, ele fazia a esmo, pois seus pensamentos estavam em Pea.

Com um grunhido, desistiu de trabalhar e caminhou pelos cômodos resplandecentes de seu palácio subterrâneo até o pilar central da infinita chama. Tocou o fogo e encontrou o fio que o ligava a Vênus, ao mundo moderno e a Pea.

Como de costume, a linha o levou primeiro a Vênus.

Vulcano franziu o cenho.

O que, por todos os níveis do Submundo, ela estava fazendo? Desenhando uma vulva em uma placa enorme com giz colorido?

Incrédulo, ele ouviu uma sala cheia de homens viris questionando-a sobre o orgasmo feminino. A deusa do Amor estava dando uma aula sobre a arte de estimular uma mulher!

Vulcano fez um sinal, de modo a materializar uma cadeira, e se acomodou para prestar atenção. Seu casamento não fora um sucesso, contudo não havia dúvida de que Vênus era incomparável em termos de conhecimento quanto à complexidade do prazer.

E ele sabia que não era muito experiente na arte de fazer amor. Outras deusas tinham se afastado dele porque sabiam que o próprio Amor o desprezara. E, ironicamente, nenhuma mortal quisera se arriscar a ofender a deusa, cobiçando seu marido. Vulcano respirou fundo. Ao longo das eras, tinha se cansado de tentar explicar que, na verdade, Vênus não o rejeitara, que o casamento deles era de conveniência, ainda que o arranjo não tivesse dado certo. Assim, fora mais fácil permanecer sozinho.

Até aquele momento.

Com Pea, vinha experimentando algo completamente novo, uma chance de ser amado por quem era, e não pelo que as pessoas imaginavam que ele fosse.

E era evidente que gostaria de usar toda a ajuda que pudesse obter sobre o assunto “sedução”, de forma que tratou de prestar atenção à discussão promovida pela deusa a respeito de algo que ela chamava de “ponto G” da mulher.

Mas nem assim Vulcano conseguiu tirar Pea da cabeça.

Quando o fio invisível seguiu seus pensamentos, deixando a sala de aula para serpentear, incansável, pelo corredor, não fez nada para impedi-lo. Rápida e silenciosamente, a linha fez sua vontade.

Pea encontrava-se sentada à organizada mesa de escritório em que ele já a vira trabalhar outras vezes, segurando uma pasta com papéis enquanto fazia perguntas a um homem de aparência desleixada, sentado à sua frente, do outro lado. Não demorou muito para que Vulcano concluísse: devia haver alguma vaga de professor na faculdade, no campo de História, à qual o sujeito estava se candidatando.

Pea não pareceu muito impressionada com o sujeito, contudo. Na verdade, suspirou e mordeu o lápis depois que ele deixou a sala.

– Aborrecido... Seco... Não. Não serve. Colocaria todo mundo para dormir na sala de aula

– murmurou para si mesma. Depois olhou para o relógio. – Meia hora até a próxima entrevista. – Suspirou outra vez e começou a mexer no tal computador, uma geringonça que detinha tanto conhecimento que, aparentemente, era a versão moderna da magia.

Uma próxima entrevista...

Por que não poderia ser com ele?, indagou-se Vulcano de repente. Vênus estava fazendo papel de professora na faculdade de Pea; por que ele não poderia fazer o mesmo?

Endireitou o corpo, chocado com seu próprio pensamento.

Mas por que não? Ele queria vê-la de novo, queria cortejá-la e fazê-la sua. E já decidira que nunca iria trazê-la para o Olimpo, de modo que teria de ir até ela eventualmente.

Por que não naquele momento? Por que esperar mais? O deus do Fogo estava pronto para agir, e era o que ele faria. Só precisava ficar fora do caminho de Vênus, pelo menos até que Pea estivesse apaixonada por ele.

Ora, ele já observara que Vênus se encontrava ocupada. Era uma ocasião excelente para fazer outra incursão ao mundo mortal moderno e, com sorte, ao coração de sua amada. O importante era ficar com Pea outra vez. Poderia se preocupar com detalhes mais tarde.

Precisava apenas das roupas corretas. Algo como o que o outro homem usava, porém menos amarrotado. Seu desleixo certamente não tinha impressionado a moça.

E ele não contava com muito tempo. Precisava chegar lá antes do candidato seguinte, a fim de reorientar o mortal – algo fácil de fazer – e, em seguida, assumir seu lugar no escritório de Pea a fim de ganhar seu coração.

Porque isso era, de fato, o que ele queria. Que se danassem o Olimpo, os deuses e suas intrigas e preconceitos. Queria alguém como ele próprio, alguém intocado por eles.

Também queria uma vida própria, e – por todos os níveis escuros do Tártaro! – faria qualquer coisa para consegui-la.

CAPÍTULO 18

– Entre! – Pea disse em resposta à breve batida na porta de seu escritório. Olhou para o relógio. Seu entrevistado estava cinco minutos adiantado.

Bem, pensou, remexendo os papéis sobre a mesa e colocando o arquivo de Robertson Brown no topo da pilha, ao menos o sr. Brown estava ansioso. Tomara ele fosse mais interessante do que o último candid...

Quando o homem entrou no gabinete, todo o ar deixou seu corpo. Literalmente. Da mesma forma que na ocasião em que ela cometera o erro de andar a cavalo. Havia caído e não conseguira respirar por vários e desconfortáveis segundos.

Pois a sensação era a mesma. Tudo o que pôde fazer foi continuar sentada, buscando por ar.

– Olá – ele a cumprimentou com um sorriso que pareceu se infiltrar em seu corpo e transformá-la em líquido.

Pea respirou fundo.

– É Robertson Brown, minha próxima entrevista? – indagou de uma só vez.

– Não... Sim! – Ele parou e também respirou fundo. – ... Sinto muito. Parece que estou mais nervoso do que imaginei. Não sou Robertson Brown, porém gostaria de ser o seu próximo entrevistado.

– Pensei que fosse bombeiro.

Ele assentiu com um gesto de cabeça, como se já esperasse por aquilo.

– Na verdade tenho lidado com fogo já há um bom tempo... Mas decidi mudar.

– Para o ensino de História em nosso Departamento de Educação Continuada? – Ela sentiu-se corar e teve que entrelaçar as mãos a fim de impedi-las de tremer.

– Sim. Eu gostaria muito de fazer isso.

Pea apenas o fitou. Não podia acreditar que ele se encontrava bem ali, na sua frente, em um terno meio fora de moda, mas impecável e que caía muito bem.

E o homem parecia encher seu escritório. Ela não se lembrava de ele ser tão alto, musculoso e imponente.

Mas aquela boca... dessa ela se recordava bem!

– Importa-se com a minha intrusão?

Pea pulou ao se ver arrancada do devaneio.

– Não, não... De modo algum. Mas, se o sr. Brown aparecer, terei que interromper a entrevista. Ele tem hora marcada.

– Sem problemas – Vulcano assentiu.

– Está certo, então. Bem... sente-se.

Em vez de se acomodar na cadeira de couro diante da mesa, porém, ele caminhou até ela, a leve claudicação em nenhum momento ofuscando a força e o poder que emanava. Estendeu a

mão e, persuadindo-a a desentrelaçar as dela, levantou uma delas, levando-a aos lábios.

O calor do toque a cortou dos pés à cabeça. Seus olhos se encontraram, e Pea sentiu o choque de seu olhar como se este também fosse algo físico.

Jamais imaginara aquela conexão. E ela estava ali, na sala com ele, viva, pulsante e real.

– Perdoe-me por tê-la deixado naquela noite.

– Não pensei que fosse vê-lo de novo.

Ainda segurando a mão dela, ele balançou a cabeça.

– Não poderia ficar mais tempo longe de você, pequena.

– Quem é você, afinal?

– Sou o homem que você enfeitiçou.

Pea sorriu e puxou a mão com relutância.

– Não sei se posso colocar isso no seu currículo. Eu quis dizer: qual é o seu nome? – perguntou, tentando recuperar um pouco do profissionalismo.

A pergunta simples o deixou meio perdido, o que a fez se sentir melhor. Ele não estava exagerando quanto a ela deixá-lo nervoso se tinha se esquecido até do próprio nome.

– V. Cannes – ele murmurou, por fim.

– V. Cannes? C-a-n-n-e-s?

Como se em estado de choque, ele balançou a cabeça devagar.

– O “V” é do quê? Victor, ou algo terrível como Vlad?

– Victor – ele respondeu rapidamente e, parecendo se lembrar, sentou-se.

– Bem, Victor, sabe que não era para ser meu próximo entrevistado, portanto, como ficou sabendo sobre esta vaga? E como diabos me encontrou? Ou isto foi apenas uma estranha coincidência?

Ele permaneceu imóvel por um momento, a testa franzida, depois limpou a garganta e apontou para o computador.

– Descobri sobre o trabalho por meio do computador, mas não foi apenas por isso que vim aqui. A verdade é que eu precisava ver você novamente.

– Não está se candidatando ao emprego? – Pea tentou soar séria, entretanto não conseguiu evitar que um sorriso lhe curvasse os lábios. Não tinha sido uma coincidência!

– Admito que meu primeiro pensamento foi apenas revê-la. A proposta de trabalho chamou minha atenção depois.

– Então não está aqui porque queria ensinar História?

– Estou aqui por sua causa, mas acredito que gostaria de ensinar História. História antiga.

– Verdade? Que parte da História antiga? – Pea indagou. Céus, precisava parar com aquilo! Aquela não era uma entrevista de verdade!

Mas Victor era tão interessante, tão sexy e...

O sorriso dele foi lento e com uma ponta de malícia.

– Estou bem familiarizado com antigos mitos.

Pea sorriu de volta.

– Eu mesma ando muito familiarizada com a mitologia.

Ele se inclinou para a frente, a expressão indo, de repente, de brincalhona a séria.

– O que acha dos antigos mitos, das histórias de uma época em que deuses e deusas andavam sobre a Terra?

Pensando em Vênus, ela sorriu calorosamente.

– Gosto daquilo que aprendi até agora.

– Mesmo? – Ele cobriu-lhe a mão com a sua.

E aconteceu outra vez. Pea teve vontade de se afogar nele. Assim como naquela noite mágica, os olhos escuros capturaram os dela.

Não. Foi mais do que isso, mais do que apenas seu olhar. Era como se ele conhecesse sua alma.

Como era possível? Parecia real, mas com certeza aquilo devia ser produto de sua imaginação excessivamente romântica.

– Não está imaginando coisas – Victor afirmou com calma.

– Como sabe o que estou pensando?

– Conheço você. Estamos conectados. Não sei como, mas acho que sei por quê. Creio que somos muito parecidos, você e eu. Até conhecê-la, sentia-me como um exilado... Tinha me resignado a ficar sozinho. Então a vi e senti que havia chegado em casa, enfim. – Ele soltou uma risada fraca. Passou a mão pelo rosto, como se pensasse estar sonhando e precisasse acordar. – Inacreditável, não é?

– Sim... É incrível.

Quando a decepção começou a tomar conta de seus expressivos olhos castanhos, Pea continuou:

– Parece inacreditável, mas não é.

– Quer dizer que não sou o único que se sente assim? Não estou nisto sozinho?

Pea sabia que devia fazer piada, rir ou dizer algo que contradissesse o que Victor afirmava a fim de amainar o que estava acontecendo entre os dois. Deveria lembrá-lo de que eles não se encontravam em um filme romântico com uma garantia de final feliz. Amor à primeira vista só era possível no cinema e em livros de ficção. No mundo real ele desmoronava com frequência, deixando para trás os destroços de um divórcio e corações partidos.

E também havia Griffin.

Mas havia mesmo? Ou sua paixão por ele era mais como a impossibilidade dos filmes, enquanto o que acontecia com o homem à sua frente era mais parecido com a vida real?

Encontrou seu olhar novamente e não pôde afirmar nenhuma dessas coisas porque o que viu ali era muito forte, muito possível. De repente, ela o quis com uma ânsia que a surpreendeu. Queria que eles ficassem juntos, e aquela nova possibilidade de um futuro – que não era a vida repleta de animais de estimação e trabalho, de noites e refeições solitárias, de sonhos

com um homem que ela não poderia ter enquanto assistia a tantos outros casais se formando – de repente lhe pareceu viável.

– Não está sozinho nisso – murmurou, mesmo sentindo o estômago se apertar e a respiração em suspenso. – Mas estou com medo. Isto tudo é tão...

– Não diga que as coisas estão acontecendo muito rápido – ele a interrompeu. – Depois de eras sem acreditar que poderia acontecer, como podemos não acolher esta magia que existe entre nós? Não importa que esteja acontecendo depressa demais. Será que não podemos nos dar uma chance e ver aonde esse novo caminho nos conduz?

Pea franziu a testa enquanto considerava as palavras. Era como se ele tivesse captado exatamente o que ela sentia.

– Por favor, não diga “não”.

Pea continuou a estudá-lo em silêncio e, de súbito, foi como se uma chave girasse dentro dela, destrancando um quarto secreto em sua alma onde todo o amor que havia guardado para dar a um homem, o seu homem, fora armazenado. Em vez de se sentir insegura, com medo ou hesitante, viu-se preenchida pela incrível sensação de estar fazendo a coisa certa.

– Victor, eu vou lhe dar uma chance... uma chance para nós, na verdade. Mas tem que me prometer uma coisa.

– Qualquer coisa que estiver ao meu alcance.

– Não vai mais desaparecer.

– Tem a minha palavra. – O sorriso se alargou no rosto moreno. Aliviado, ele a beijou na mão outra vez e seu olhar encontrou o dela, cheio de esperança. – Não vai se arrepender. Se depender de mim, jamais vai se arrepender, Pea.

– Acredito em você. – Ela teve vontade de rir.

Ele se levantou de um salto.

– Venha! Vamos sair daqui. Vou levá-la a qualquer lugar que quiser. Basta pedir e tornarei seu desejo realidade.

Desta vez, Pea riu.

– Admito que essa foi a melhor proposta que já tive, mas não posso deixar o trabalho pelas próximas... – olhou para o relógio – ... seis horas.

– Seis horas?

Ela assentiu com um gesto de cabeça.

– Mas não tenho planos para esta noite.

Foi a vez de ele sorrir.

– Posso vê-la ainda hoje?

– Pode. – Ficaram sorrindo um para o outro até que Pea se deu conta do tempo passando. – Oh, meu Deus! Onde estou com a cabeça? Minha amiga deve estar terminando de dar uma aula daqui a pouco. Preciso ir até lá encontrá-la e... – Hesitou. Não podia dizer “... e ver se ela conseguiu chamar a atenção de Griffin a meu respeito” ou então “... e assegurar que ela não vá

fazer coisas surgirem do nada, pondo a classe em polvorosa”. – ... e me certificar de que a aula foi bem. É a primeira dela.

– Se é assim, vou deixá-la terminar seu trabalho e vê-la novamente daqui a seis horas.

– Poderia ser daqui a sete horas? Quero ter tempo para chegar em casa e, você sabe... – Ela fez um gesto, mostrando as roupas.

– Ah, claro. Daqui a sete horas, então. – Vulcano virou-se para sair.

– Ahn, Victor? Não quer ficar com o meu número de telefone e endereço para saber onde me buscar esta noite?

Parecendo envergonhado, ele voltou para a mesa e apanhou um papel onde pudesse rabiscar a informação.

– Não sou muito bom nessas coisas, desculpe. Merecia alguém mais... – Moveu os ombros largos, constrangido. – ... Mais experimente na arte do amor.

O sorriso travesso de Pea se desvaneceu. Ela sabia muito bem o que era se sentir desajeitada e incompetente naquelas coisas.

– Não diga isso. Eu gosto de você como é. Não quero nenhum conquistador. Quero alguém com quem eu consiga me dar bem. Alguém que me entenda e com quem eu possa contar.

– Eu lhe dou a minha palavra de que poderá confiar em mim. Sempre.

– Estou torcendo por isso.

Ele pegou a mão dela e, quando se inclinou, Pea imaginou que Victor fosse beijá-la outra vez. Desta vez, porém, ele a surpreendeu inclinando-se para a frente e beijando-a nos lábios.

Foi um beijo cheio de promessas, mais do que de paixão, contudo seu perfume a envolveu, assim como o calor de seu corpo. Victor lembrava um fogo quente em uma noite fria, e ela se viu correspondendo com a mesma intensidade.

Quando os lábios dele deixaram os seus, quis puxá-lo de volta e se perder em sua boca. Em vez disso, porém, reencontrou a própria voz:

– Vejo você daqui a sete horas.

– Até mais tarde, pequena.

Antes de voltar ao Olimpo, Vulcano seguiu as indicações para o centro de pesquisa da faculdade. Precisou lançar alguma magia sobre um ou outro mortal, entretanto logo estava sentado diante de um computador, testando seu conhecimento rudimentar nas ferramentas de busca.

Não poderia transitar pelo mundo moderno sem ter o mínimo de compreensão quanto àqueles tempos e pessoas.

Com um suspiro, estalou os dedos e começou a manusear e clicar o pequeno e intrigante dispositivo que chamavam de mouse.

CAPÍTULO 19

– Obrigado, senhorita. Foi uma aula e tanto!

Vênus sorriu, carinhosa, para o jovem bombeiro que, no início da aula, havia segurado seu desenho de cabeça para baixo.

– Obrigada, querido. Fico contente que tenha gostado.

– Mais do que isso, senhorita! Mal posso esperar para... – Ele se interrompeu, corando. – Quero dizer, aprendi muito, obrigado.

– De nada! – Vênus falou da porta da sala de aula, de onde se despedia do grupo. Os rapazes tinham ido muito bem, mantendo-se atentos e entusiasmados o tempo todo.

E ela também se divertira, admitiu para si mesma. Principalmente porque o aluno mais atento, animado e bonito da classe fora Griffin, que agora ficara para trás de propósito, sem dúvida à espera de que o restante dos homens se despedisse e fosse embora.

O último bombeiro saiu por fim, e a deusa sentiu o estômago se contrair conforme Griffin se aproximou, os olhos sorrindo para ela.

– Eu não sabia que era professora.

– Na verdade não sou. Pelo menos não com frequência. Mas acho que mando bem quando o assunto é amor. – Vênus fez uma pausa, torcendo para ter utilizado a expressão moderna da forma correta.

– É terapeuta?

Aliviada por ele lhe ter atribuído uma profissão viável, ela acenou com um gesto de cabeça e sorriu, inocente.

– Isso mesmo. Terapeuta sexual. Dei esta aula de hoje como um favor para uma amiga que trabalha aqui na faculdade.

– Então vou ter que me lembrar de agradecer à sua amiga por estar aqui hoje.

– Verdade? Por quê? – Exceto pelo incômodo interrogatório a respeito de sua presença ali, Vênus se viu mais à vontade na conversa.

– Voltei para encontrá-la naquela noite, porém você não estava mais lá.

Griffin parecia estar sendo franco, e ela decidiu se igualar a ele na honestidade.

– Esperei até que ficou claro que não estava com nenhuma pressa em voltar para mim. Depois fui embora.

Ele soltou um longo suspiro, frustrado.

– Eu não queria ter demorado tanto, mas o prefeito e meu chefe não deixaram com que eu me afastasse enquanto não expliquei todos os aspectos do plano de educação da comunidade que propus para a estação de Midtown. Sinto muito se pareceu que eu a desprezei.

Vênus sentiu a respiração se acelerar.

– Eu não achei que havia me desprezado – mentiu, seca. – Apenas me cansei de esperar e

resolvi ir embora.

Griffin franziu o cenho em resposta ao tom arrogante.

– Bem, foi ótimo vê-lo novamente. Espero que tenha gostado da aula. – Vênus virou-se e se pôs a encher a sacola com o giz e os desenhos. Por que estava sendo tão fria e rude? Queria que Griffin conversasse com ela, queria que ele se desculpasse... e ele estava fazendo ambas as coisas. Ainda assim, ela o tratava daquela maneira.

Analizou as próprias emoções em silêncio. Estava magoada! Pelo escroto defeituoso de Hércules, Griffin a tinha magoado ao não retornar, e o fato de ela ter acreditado que ele a desprezara ainda doía!

– Oh, Deus! Olá, Griffin. – A voz doce de Pea rompeu o silêncio.

Vênus se voltou, vendo Pea estender a mão para o bombeiro, nervosa, e seu coração deu um salto dentro do peito. O sorriso de Griffin parecia genuíno quando aceitou o cumprimento.

– Olá, vizinha. É um prazer vê-la outra vez, Pea. Eu devia ter imaginado que era a amiga que Vênus estava ajudando aqui na faculdade.

– Devia? – Pea perguntou com um sorriso incerto.

– Sim, no baile de máscaras Vênus contou que vocês duas eram muito próximas. Na verdade, talvez possa me ajudar... Estou tentando convencê-la de que só me afastei e a deixei sozinha por muito tempo naquela noite por causa do trabalho.

– No baile de máscaras do Lola's?

– Sim, e agora ela está aborrecida. – Griffin olhou para Vênus, e o que viu o fez acrescentar: – Não que eu a culpe. Mas posso compensá-la por tudo esta noite, com um jantar. Que tal sair em minha defesa, Pea, e convencê-la de que sou apenas um cara comum, e não um aproveitador?

– Ou um mentiroso – completou Pea. Mas não olhava mais para Griffin. Estava olhando para Vênus.

– Claro que não sou mentiroso! – ele se defendeu. – É justamente isso o que quero provar a ela.

– Pea, eu posso...

A expressão vazia da moça não mudou, porém ela interrompeu a deusa:

– Vênus vai deixar que você a compense por seu deslize, Griffin.

A deusa abriu a boca, contudo Pea tornou a cortá-la:

– Tenho um encontro esta noite, por isso é justo que ela também tenha o dela.

Vênus piscou, chocada.

– Um encontro? Esta noite? Com...

A expressão de Pea abrandou um pouco.

– Com ele. Victor veio ao meu escritório enquanto você estava dando a aula.

– E está tudo bem entre vocês dois?

– Tudo certo – Pea respondeu, fria, antes de lançar um olhar para o bombeiro. – Não há

nenhuma razão para que não saia com Griffin. Nenhuma mesmo. – Deu-lhe um sorriso tenso antes de se afastar rapidamente.

Griffin se aproximou de Vênus, e ela sentiu o estômago se apertar de novo.

– Diga que vai sair comigo esta noite. – Os olhos azuis se fixaram nela, obrigando-a a desviar o olhar das costas de Pea.

Entreolharam-se, então. Griffin estava tão perto que Vênus pôde imaginar seu corpo contra o dele e, a despeito de sua preocupação com Pea, perguntar-se como seria se eles estivessem nus e dedicando seu tempo a dar prazer um ao outro. Seria tão bom quanto aquele acesso de luxúria que haviam experimentado em seu encontro precipitado à sombra da árvore?

– Vou – ouviu-se dizendo.

Ele avançou mais um passo, e ela pôde sentir seu perfume, assim como o calor de seu corpo.

– Não vai se arrepender – Griffin falou, rouco.

– E-Eu tenho que falar com Pea – Vênus decidiu, tensa. – Vejo você esta noite. – Começou a se afastar, porém a voz dele a deteve.

– Onde e a que horas?

– Às seis – ela resolveu, distraída, e já concentrada em descobrir o que poderia dizer à amiga. – Ah... Estou morando com Pea no momento. – *Ou assim ela esperava*, completou em pensamento.

Griffin sorriu e acenou com a cabeça.

– Estarei lá às seis em ponto, minha deusa.

Pea estava sentada à mesa, olhando para a parede, quando Vênus entrou no escritório sem ter noção de quando já se sentira tão constrangida.

– Perdoe-me, Pea – falou sem preâmbulos. – Eu devia ter lhe contado que estava com Griffin naquela noite.

Pea encolheu os ombros, porém não chegou a encará-la.

– Tudo bem. Você é uma deusa, e deusas podem fazer o que quiser.

– Não, isso não é verdade. – Vênus sentou-se na cadeira de visitantes. – Está certa apenas em parte. Como uma deusa, posso realmente fazer o que quero, mas, sendo também sua amiga, há coisas que eu não faria.

– Como se insinuar para o homem por quem sou apaixonada faz tempo enquanto finge que está me ajudando a conquistá-lo?

– Não foi isso o que aconteceu.

Pea a encarou, e Vênus detestou ver a mágoa nos olhos da mortal.

– Então explique-se, porque, do meu ponto de vista, parece que foi isso o que se passou. Pior do que isso: está me lembrando uma daquelas meninas que me fizeram tão mal no colégio.

– Oh, Pea, não! – Vênus sentiu os olhos se encherem de lágrimas. – Por favor, não diga isso... O que aconteceu foi um acidente, e o maior erro que cometi foi justamente não lhe contar nada.

Pea levantou o queixo e encontrou o olhar de Vênus por fim.

– Eu só quero saber uma coisa: tudo aquilo que falou sobre mim... era tudo mentira?

– Não! – As lágrimas escorreram pelo rosto de Vênus. – Eu não menti para você, nem mesmo sobre Griffin. Eu só não lhe disse tudo o que devia ter dito. E eu queria, Pea. Até comecei a lhe falar... Mas não quis magoá-la. – Ela enxugou o rosto com as costas da mão. – Não queria perder a sua amizade.

– O que aconteceu, afinal?

Vênus respirou fundo e contou tudo: desde sua conexão instantânea com Griffin, e o esforço que ela fizera para ignorá-lo, até o momento em que ele se aproximara dela no baile de máscaras. Quando revelou que o bombeiro a tinha tomado sob a árvore, Pea arregalou os olhos. Tensa, Vênus contou como acreditara que o bombeiro a havia abandonado logo depois.

Pea se mantivera em silêncio até então, mas, nesse ponto, não se conteve:

– Pensou que ele a tinha abandonado! Por isso estava tão estranha e triste quando eu a encontrei do lado de fora do restaurante...

Vênus abriu a boca para garantir a Pea que aquilo não fora nada de mais. Afinal, a deusa do Amor estava sempre no controle, sempre bem.

Mas, antes que proferisse as palavras, percebeu o quanto estas eram falsas.

Também percebeu algo diferente: queria conversar com Pea sobre tudo aquilo. Precisava falar com Pea, porque a mortal realmente se tornara sua amiga.

– Nunca fui desprezada antes e... e-eu não sabia o que fazer nem como agir – admitiu, constrangida. – Por isso fiquei lá, sentada e magoada. Eu devia ter lhe contado o que tinha acontecido, mas nem sabia como. Depois, quando me falou sobre o seu amante desconhecido, imaginei que, se eu pudesse juntá-los de alguma forma, veria como esse estranho era melhor do que Griffin. E se, mesmo assim, não se desse conta do quanto Griffin era canalha, dou minha palavra, não teria deixado que ele a usasse e magoasse.

– Assim como pensou que ele a havia usado e magoado.

– Sim.

– É uma sensação terrível sentir-se rejeitada e enganada por alguém de quem a gente gosta, não é? – Pea indagou, calma.

Vênus não conseguiu reencontrar a voz. Apenas assentiu e enxugou as lágrimas com o lenço que a amiga lhe entregou.

– Gosta mesmo de Griffin? – perguntou Pea.

– Gosto – ela conseguiu responder. – Mas não tanto quanto gosto de você. Se isso a magoa, nunca mais vou vê-lo novamente. Dou-lhe a minha palavra.

Pea sorriu, e Vênus ficou indescritivelmente aliviada ao ver o amor e a confiança

regressarem a seus olhos.

– Quer saber? Tinha razão sobre Griffin.

– Ele é um canalha? – Vênus indagou, fungando.

Pea riu.

– Talvez... Mas eu estava me referindo ao que disse sobre Griffin ontem. Em como eu me sentia sobre ele. Não era Griffin que eu queria, Vênus. Era o que ele representava para mim: o homem perfeito que eu nunca poderia encontrar, nunca poderia ter.

– Está enganada. Pode encontrar o homem perfeito para você e pode fazê-lo seu.

O sorriso de Pea foi mais do que malicioso.

– Agora eu sei disso.

– Sua vez de falar, então! Quero saber tudo sobre esse Victor.

– Eu quero lhe contar sobre ele, mas primeiro acho que vou tirar uma folga pelo restante do dia. Nós duas temos que nos aprontar para os nossos encontros. – Pea agarrou a bolsa e se levantou, olhando interrogativamente para a deusa quando esta não se moveu.

– Você me perdoa, Pea? – Vênus perguntou, séria.

– Claro que sim, minha deusa. Isso é o que os amigos fazem: perdoam os erros uns dos outros.

Vênus olhou para Pea, comovida.

– Obrigada, Dorreth Pea Chamberlain. Você é mesmo uma pessoa muito boa.

Pea corou e sorriu.

– Prefiro olhar o lado positivo das coisas.

– Excelente prática.

– Aprendi com a Oprah. Como ela diria, ser forte e positiva é a melhor maneira de a gente se tornar poderosa e moderna.

– Oprah?

– Pense nela como uma deusa-irmã.

– Verdade? Uma mulher moderna que é como uma deusa-irmã? Depois quero saber tudo sobre essa Oprah também – decidiu Vênus, pondo-se de pé.

– São deusas demais na minha vida para tão pouco tempo!... – Pea riu, enquanto as duas caminhavam de braços dados para fora do escritório.

– Não há motivo para ficar tão nervosa! – Pea disse a Vênus pela enésima vez.

– Claro que há. Eu nunca tive um encontro antes.

Pea riu.

– Tem noção de como isso é inacreditável? Você é a deusa do Amor!

Vênus franziu a testa.

– Claro que sou. Mas o que isso tem a ver com o meu encontro?

– Como pode nunca ter vivido um encontro antes? É a mulher mais bonita que já vi. Os

homens devem se ajoelhar aos seus pés.

A expressão de Vênus se iluminou.

– Obrigada, querida. É verdade que os homens vivem aos meus pés.

– Então por que não teve nenhum encontro até agora?

Vênus suspirou e sentou-se junto a Pea na borda da cama.

– É diferente com os imortais. Nós não namoramos. Temos tórridos casos de paixão. Encontros amorosos que fulguram pelos Céus e que podem até causar guerras ou fazer uma civilização inteira prosperar.

– Caramba, se é assim, por que está tão preocupada com Griffin?

– Porque ele me tratou como uma mortal. Ele me seduziu. Não porque sou a deusa do Amor, mas porque ele desejava a mulher que acreditava que eu fosse. – A voz de Vênus soou tão fraca que Pea precisou chegar mais perto para ouvi-la. – Até aquela noite no Lola's, sempre estive no controle. Se desejo um deus, ele sucumbe a mim. Se eu desejo as atenções de um mortal, ele me adora, agradecido. Eu sempre fui a sedutora, nunca a seduzida. Estive no controle a ponto de ter me decidido por um casamento de conveniência.

– Você é casada!?

Vênus acenou com a cabeça, porém deu de ombros.

– Na realidade é um casamento de fachada. Por ele não ser fisicamente perfeito, tornou-se uma espécie de pária no Olimpo. Achou que ganharia aceitação se casando comigo. E eu imaginei que, se me casasse com ele, eu poderia...

Ela fez uma pausa. Estivera prestes a dizer o mesmo de sempre: que se casara pensando em ganhar um pouco de liberdade. Que até mesmo o Amor se cansava e precisava de um refúgio de vez em quando, e que imaginara que o estoico Vulcano e seu reino de fogo pudessem lhe proporcionar isso.

Mas ultimamente vinha questionando seus reais motivos.

– Não. Isso não está certo – ouviu-se admitindo em voz alta. – Eu fingi que precisava dele para algo, quando na verdade eu o estava usando como desculpa. Acabei me escondendo por trás do casamento para não olhar o vazio que era a minha própria vida. – Vênus sorriu para Pea, tristonha, os olhos cor de violeta marejados. – Pelos membros enormes dos Titãs, há séculos eu não chorava tanto! Ridículo que o Amor possa se sentir solitário, não? – falou com voz embargada.

– Não há nada ridículo em você. – Pea passou o braço pelos ombros da deusa. – Eu a considero linda, amável e surpreendente. E creio que descobrimos algo muito importante hoje. Não veio até aqui apenas por minha causa. Veio também por você mesma.

– Por mim?

– Talvez a deusa do Amor tenha vindo para Tulsa a fim de encontrar a si mesma.

– Mas eu sei quem sou. Eu sou o Amor.

– E quanto tempo faz que não vive esse sentimento? – Pea indagou baixinho.

Vênus estudou a mortal cujo braço a amparava tão carinhosamente. Mortais antigos não ficavam tão relaxados em sua presença. Estavam sempre evocando seu nome, rogando para que ela realizasse suas fantasias.

Mas Pea não era assim. Embora seu desejo a houvesse trazido àquele mundo, a moça parecera, desde o início, mais preocupada com o seu bem-estar do que com o dela própria. Mesmo naquela tarde, quando confessara tê-la traído e pensara tê-la magoado profundamente, Pea permanecera de coração aberto e até a confortara.

Vênus fez algo que não fazia havia eras: respondeu à pergunta de Pea com total honestidade, admitindo a verdade para si mesma.

– Não me lembro da última vez em que me permiti amar. É difícil de acreditar, não é? Fui amada, evoquei o amor, lutei pelo amor e fiz brotar o amor... mas é bem possível que eu mesma nunca o tenha conhecido.

– Então já é hora de mudar, não acha?

– Não tenho certeza de que saberei como agir.

– Bem, estou longe de ser uma especialista nesse assunto, mas creio que a chave é se deixar levar pelo sentimento.

– Deixar-se levar? – Vênus indagou, sentindo-se perdida. Estava se aconselhando sobre amor com uma mortal que até dois dias antes não sabia nem mesmo como domar o próprio cabelo!

Quando Vênus fitou os olhos de Pea e viu quanta sabedoria e comiseração havia neles, recordou-se de algo de que nunca devia ter se esquecido: não se encontrava o verdadeiro amor em um cabelo impecável, em boas roupas, na maquiagem ou nos sapatos perfeitos. O verdadeiro amor se encontrava na alma, assim como a sabedoria e a compaixão.

– Sim, deixar-se levar. Pense sobre isso. Faz sentido. Não pode conhecer o amor a menos que esteja disposta a abrir mão de uma porção de coisas como o medo, o egoísmo e o controle.

– Controle?

– Sim, o controle.

– Tem certeza?

– Receio que sim.

– Como pode ser tão sábia, Pea?

Ela sorriu.

– Tenho andado muito com uma certa deusa ultimamente. Foi ela que me lapidou... Agora chega de onda. Trate de fazer surgir um belo par de calças pretas e um suéter de caxemira violeta. De preferência um da cor exata dos seus olhos, que realce suas curvas e esses seus peitos maravilhosos. Faça aparecer também uma jaqueta preta para combinar com as calças. E prenda os cabelos esta noite. Assim Griffin poderá ver que lindo pescoço você tem. Se ele for um bom menino, talvez possa soltá-los para ele mais tarde... – Pea terminou, maliciosa.

Vênus deu-lhe um abraço rápido e então se levantou.

– Preciso lembrá-la de fechar os olhos?

– Não. – Pea os fechou de pronto. – Ah, espere! – Abriu um olho para fitar Vênus. – Esqueça a jaqueta.

– Mas e se o tempo esfriar?

– É provável que esfrie mesmo... e a deixe toda arrepiada, pobrezinha. – Pea deu um suspiro exagerado. – Como Griffin poderá aquecê-la?

– Não me recordo de ter lhe ensinado esse tipo de coisa! – admirou-se Vênus.

– Você me ensinou a atitude. Eu apenas a coloquei em palavras.

– Feche os olhos. – Vênus fez surgir a roupa que Pea recomendara e decidiu que deixar de fora a jaqueta seria mesmo uma estratégia e tanto. Estudou-se no espelho, satisfeita com o que viu, então olhou de volta para a cama. Pea continuava sentada, com os olhos bem fechados e um leve sorriso nos lábios. Céus, ela adorava aquela mortal! – Pode abrir os olhos agora, querida, e vamos começar a aprontá-la para o seu próprio encontro.

Pea obedeceu.

– Isso vai ser fácil. Decidi que vou oferecer um jantarzinho para Victor aqui mesmo, e usar aquelas calças jeans maravilhosas que escolheu para mim junto com o suéter de lã e seda. E minha lingerie nova, de renda branca – completou, corando de leve.

Vênus ergueu as sobrancelhas.

– Planeja deixá-lo ver a sua nova lingerie?

– Oh, meu Deus, espero que sim! – Pea admitiu meio sem fôlego, enrubescendo de vez. – Estou errada? Estou ou não estou? Talvez eu devesse ir mais devagar. Quero dizer, não importa o que eu vejo no olhar dele, eu não o conheço realmente.

– Querida, se existe algo que eras de experiência me ensinaram é que o amor não segue nenhum calendário. Tenho visto casais sendo cuidadosos e responsáveis acerca desse sentimento apenas para vê-lo escorregar por seus dedos como areia em uma peneira. Também já vi casais cuja chama ardeu no primeiro momento em que se entreolharam e nunca se apagou, nem de uma vida para outra. Tem a ver com o casal, não com o tempo.

– E como eu posso saber se é amor de verdade?

– Da mesma maneira que esses amantes souberam por toda a eternidade: tendo confiança em si mesma e ouvindo a voz do coração.

– Está bem. Vou tentar fazer isso, se também tentar.

– Fechado – concordou Vênus. – Agora me ajude a prender meu cabelo, e eu passarei um pouco de óleo de coco nesses seus cachos maravilhosos.

CAPÍTULO 20

– Está bem, agora lembre-se: essa história de namoro não é nada de mais. Quero dizer, não é nada muito importante até que ele a apresente para a família. Aí, sim, terá todos os motivos para ficar nervosa.

Vênus lançou a Pea um olhar de puro pânico.

– Não, não... Não precisa se preocupar com isso esta noite – corrigiu-se Pea. – Desculpe, eu nem devia ter mencionado esse assunto. O que tem de fazer esta noite é deixar de lado o seu famoso controle e ver o que ele planejou para vocês dois. Tudo no que tem de se concentrar é em relaxar e curtir.

– Relaxar e curtir – Vênus repetiu.

Mas, que diabo? Estava com as palmas das mãos úmidas? Impossível. A deusa do Amor não ficava com as palmas suadas!

Esfregou-as nas calças só por precaução.

A campainha tocou, e Vênus sentiu o batimento cardíaco disparar no pescoço. Pea piscou para ela, gritou para Chloe parar de latir e abriu a porta.

Pelas gônadas incandescentes de Hermes, pensou Vênus, Griffin estava demais! Usava calças pretas, um suéter da mesma cor e um blazer de caxemira camelo. E estava bem barbeado, notou. Sabia que se chegasse perto dele seria capaz de sentir aquele cheiro de homem mesclado a apenas um toque de sabonete.

E como ela queria se aproximar dele!

– Olá de novo, Griffin – Pea cumprimentou.

– Olá. – Ele se agachou e estendeu a mão para Chloe, que continuava resmungando. – Lembra-se de mim, terrier gato? Psss-psss...

Pelo visto, Chloe se lembrava, pois seu resmungo cessou, dando lugar a um rabinho que balançava alegremente enquanto ela permitia que Griffin a afagasse na cabeça.

Quando ele se levantou, seus olhos encontraram os de Vênus.

– Boa noite, Vênus.

– Griffin. – Ela disse apenas seu nome, porém este saiu como uma carícia, o que fez os lábios dele se curvarem em resposta.

– Posso saber aonde vão esta noite, crianças? – Pea perguntou, travessa.

Ele riu.

– É surpresa.

Vênus começou a franzir a testa, porém, antes que dissesse que não gostava de surpresas – principalmente de mortais –, Pea já se manifestava.

– Que maravilha! Vênus adora uma surpresa... É tão bom não estar no controle, não é mesmo, amiga?

– Sim – ela respondeu, relutante, captando a mensagem.

– Ótimo – Griffin falou com um suspiro. – E então, está pronta para irmos? Está ficando meio tarde.

– Estou pronta – concordou Vênus, enquanto pensava: “Claro que não!”

Conforme passou por ele na porta, Griffin franziu o cenho.

– Não vai apanhar um casaco?

Vênus lançou um olhar por sobre o ombro, na direção de Pea.

– Não, estou bem... Sou naturalmente quente.

Pea sorriu para ela, discreta, enquanto fechava a porta.

Vênus caminhou, confiante, para o veículo estacionado em frente à casa, até que sua mente registrou o que seus olhos estavam vendo.

– Por que um carro tão grande?

– Bem, eu preciso desse carro para transportar... umas coisas.

– Que modelo é esse?

– Um Dodge Ram Dooley – ele explicou, abrindo-lhe a porta do passageiro. – Desculpe pelo degrau.

Vênus olhou para o interior da enorme caminhonete preta, cujo chão ficava a uma altura quase ridícula do solo.

– Pelo chapéu... fresco de Hermes... caraca! – Vênus se corrigiu depressa, usando uma das imprecensões modernas do site Smart Bitches Trashy Books ao se lembrar do comentário de Perséfone sobre mortais modernos não apreciarem xingamentos envolvendo a genitália divina.

– Como vou subir nessa coisa?

Griffin riu.

– Pelo chapéu fresco de Hermes?

– É que todo mundo sabe que ele é gay e usa aquele ridículo capacete alado o tempo todo como bandeira.

– Todo mundo sabe?

O olhar de Vênus se deslocou da caminhonete para Griffin.

– Mitologia é o meu hobby – justificou-se, nervosa.

– Seu nome é Vênus, é terapeuta sexual e seu hobby é mitologia. Tem certeza de que não é mesmo uma deusa? – ele indagou, brincando.

– Se eu fosse, poderia me transportar para dentro dessa coisa com magia – ela murmurou.

Griffin riu outra vez e estendeu a mão.

– Vamos lá... Vou ajudá-la.

Conforme a mão forte a estabilizou e o choque do contato com a carne quente formigou deliciosamente por seu corpo, Vênus se viu grata pela enorme caminhonete e pela necessidade de obter ajuda.

– Obrigada.

– É um prazer, senhorita. – Griffin estendeu o braço e puxou seu cinto, prendendo-o no suporte, o rosto tão próximo do dela que Vênus pôde sentir o perfume de homem mesclado ao de banho, como havia fantasiado anteriormente.

Griffin a fitou nos olhos e abriu um sorriso lento e sexy.

– Quero ter certeza de que vai ficar segura – explicou, o hálito quente e doce soprando em sua face.

No entanto, ele não a beijou. Ao contrário, desceu da caminhonete e a contornou.

Vênus ficou surpresa ao ver como o automóvel era suave enquanto se movia, e gostou da sensação de estar acima de todos os outros veículos na estrada. Griffin pressionou alguns botões e uma música suave flutuou entre eles, lembrando-a da dança lenta que tinham compartilhado... o que acabou mexendo novamente com seus nervos.

– Para onde vamos? – ela quis saber, com uma voz que soou meio áspera. Então respirou fundo. – Quero dizer, disse que era uma surpresa, mas não pode me dar uma dica?

– Desculpe, não queria parecer tão misterioso. Eu só estava brincando com Pea. – Olhou-a de esguelha e Vênus concluiu que ele, também, de repente parecia um pouco tenso. – Estamos indo à inauguração de uma mostra de arte, se não se importa.

Ela ergueu as sobrancelhas.

– Está me levando a uma exposição de arte?

Griffin a observou em silêncio antes de voltar a se concentrar na estrada.

– Acha difícil de acreditar que eu possa apreciar arte, não é?

Ela levou algum tempo para responder. A voz dele soara neutra, contudo a tensão em seus ombros dizia que, inadvertidamente, ela o ofendera.

– A verdade é que me parece mais um guerreiro do que um artista.

– Não é possível que um homem seja ambas as coisas ao mesmo tempo? Você é a especialista em mitologia; se bem me lembro, vários dos deuses também não eram artistas, músicos, assim como guerreiros?

Vênus sentiu um pequeno choque de surpresa. Griffin estava certo. Apolo era um músico talentoso, bem como um guerreiro habilidoso e deus da Luz. Ares era o deus da Guerra, porém também era poeta, embora um tanto seco em sua opinião. Atena, que era a deusa da Guerra e da Sabedoria, também era reconhecida como a deusa das Artes.

Até Vulcano atuava como um talentoso escultor de metal além de ser deus do Fogo.

– Sim, os deuses e deusas eram conhecidos pela dualidade de suas naturezas. Mas, a menos que pretenda me surpreender esta noite, revelando que também é um deus, minha experiência diz que os mortais tendem a ser uma coisa ou outra: ou artista ou guerreiro. De qualquer forma... – Vênus fez uma pausa e Griffin olhou para ela, o que a fez sorrir, feliz. – ... imagino que um mortal excepcional possa mesmo ser as duas coisas.

– Iria me considerar excepcional se descobrisse que sou ambas as coisas?

– Eu disse excepcional? – ela repetiu, brincando. – Quis dizer incomum, anormal,

extravagante... ou simplesmente peculiar.

Griffin riu, e Vênus ficou feliz em ver a tensão deixar seus ombros.

Um edifício na rua chamou sua atenção.

– Não foi o Lola's que acabou de passar?

– Sim, a mostra de arte é no fim da rua, em um dos armazéns reformados da Brady Street. Espero que não se importe em andar um pouco. A noite está uma delícia, e é difícil encontrar um bom lugar para esta caminhonete na rua, então pensei em parar no estacionamento em frente aos Tribune Lofts e caminhar até lá.

– Não me importo com uma rápida caminhada – ela garantiu, embora a menção aos Tribune Lofts a houvesse distraído. Eles ficavam próximos ao portal. Estranho que tivesse se esquecido deste, assim como do fato de estar mesmo presa ao mundo mortal moderno.

Engraçado... Não se sentia nem um pouco presa ali. Não depois que Pea abrisse sua casa e sua vida para ela. Ela parecia estar bem e feliz, e, depois de seu encontro daquela noite com o sensual Victor – o qual, pelo visto, era um especialista em sexo oral –, sua vida muito provavelmente seria preenchida com êxtase.

Vênus suspirou. Isso a faria cumprir o juramento que a mantinha cativa naquele mundo. Portanto, era bem possível que pudesse descer a rua naquela noite e desaparecer, de volta ao mundo antigo... O seu mundo.

– Vamos?

Vênus piscou, saindo de seus devaneios. Griffin havia estacionado a caminhonete, e agora segurava a porta com a outra mão estendida, pronto para ajudá-la a descer do banco do passageiro.

Ela desafiou o cinto de segurança e aceitou o auxílio. Pensaria sobre o Olimpo mais tarde.

O armazém reformado era um excelente lugar para uma mostra de arte. Vênus ficou impressionada com a iluminação e com as paredes altas, pintadas de um branco que lembrava neve recém-caída e noites de inverno. Elas dariam um excelente destaque a qualquer pintura, refletiu.

Mas, naquela noite, a arte exibida era um pouco diferente. Naquela noite a mostra era de esculturas feitas de diferentes tipos de metal, soldadas em um surpreendente conjunto de formas e tamanhos.

Vênus estudou as peças e não precisou olhar as placas de identificação ou o folheto para reconhecer que todas elas tinham sido criadas pelo mesmo escultor.

– Graça – falou de repente.

– O quê?

Ela olhou da escultura que vinha admirando para Griffin. A tensão estava de volta em seus ombros, e ele parecia apreensivo, como se tivesse um fio esticado demais dentro de si. Tinha

começado a agir daquele modo desde o momento em que eles haviam entrado na galeria.

Verdade que continuava atencioso e charmoso, e que, definitivamente, existia uma forte tensão sexual pairando de forma constante entre eles; entretanto, Griffin parecia também à beira de um colapso nervoso.

– Acabei de perceber o que todas essas esculturas têm em comum: uma graça inconfundível. Mesmo sendo diferentes entre si, passam a mesma emoção, como se tivessem sido moldadas com o mesmo sentimento. – Vênus obteve toda a atenção de Griffin com as palavras, o que ela adorou. – Não tenho que ler a placas de identificação para saber que todas elas foram criadas pelo mesmo homem.

– O que a faz pensar que o artista é um homem?

Vênus sorriu.

– Sei reconhecer o toque de um homem. Por exemplo... – Ela fez um sinal para que Griffin a seguisse até uma escultura de que havia gostado muito. Era uma peça grande e feita de cobre, intitulada Fênix. Retratava os contornos de uma mulher nua e com asas, voando de um ninho de chamas irregulares. – Olhe para as curvas desta mulher, principalmente para os quadris e os seios. E veja como ele nos dá a ilusão de cabelos longos e esvoaçantes se misturando com as chamas, de modo que ambos, cabelos e chamas, pareçam um só. Isto foi criado por um homem que ama as formas femininas e tem uma sensibilidade incrível quanto à beleza.

– Uma mulher também não poderia amar as formas femininas?

– Claro que poderia. Mas esta peça tem a sensualidade e a energia das mãos de um homem.

– Gostou dela?

– Sim, muito. Gostei de todas as esculturas, na verdade. Conhece o artista?

Uma cacofonia de vozes femininas impediu a resposta, e Griffin virou a cabeça em direção à entrada da galeria, vendo um animado grupo de quatro mulheres jovens e atraentes invadir o armazém.

– Elas vieram – murmurou sem olhar para Vênus, a voz soando tensa.

– Elas? – Vênus franziu a testa para o barulhento grupo. Por que Griffin parecia tão interessado naquelas moças quando estava em um encontro com ela?

– São minhas irmãs. – Ele a fitou por fim. – Espero que não se importe com uma pequena reunião de família...

– Sua família? – Vênus percebeu que soara estridente, porém não conseguiu evitar. Pea tinha dito que conhecer a família só acontecia mais tarde!

Ele sorriu e assentiu, desculpando-se.

– Sim, imagino que eu devia tê-la avisado antes, mas não quis assustá-la.

– Ah... claro – foi tudo o que Vênus conseguiu balbuciar.

– Outra coisa... – Griffin falou, apressado, conforme o grupo de moças o avistava e começava a se deslocar em sua direção rapidamente. – Eu sou o escultor.

– Você é o...? – Vênus começou, depois parou e o encarou, conforme a verdade a atingia. O

nome gravado nas placas era “D. Angel”. DeAngelo! Claro que era ele o artista. Isso explicava por que Griffin estivera tão tenso e silencioso. Aquela exposição de arte era sua!

– Extraordinário – murmurou, atônita.

CAPÍTULO 21

As irmãs de Griffin eram verdadeiros turbilhões femininos e encantadores. Lembravam as ninfas da floresta, pensou Vênus.

E também a lembravam do porquê de ela conseguir ficar apenas algum tempo na companhia das deidades. As pequenas criaturas eram de enlouquecer.

– Verdade! Há anos dizemos a Griffin que ele não devia ser tão discreto a respeito de sua arte. As esculturas são o máximo e não o tornam “menos homem”. Não é como ser um designer de interiores ou algo assim. Griffin bombeiro. Impossível ser mais macho do que isso – afirmou Alicia, revirando os olhos na direção em que o irmão tinha desaparecido na companhia do dono da galeria. Era a caçula do grupo, e Vênus concluiu que a moça era dona de uma beleza natural, embora fosse claramente a mais desmiolada das irmãs.

– Não faz ideia de como foi difícil fazer esta exposição – comentou Sherry, a mais velha e também a mais bonita. Era muito parecida com o irmão, com os cabelos fartos e escuros e aqueles incríveis olhos azuis.

– Foi mesmo. Sherry precisou tirar fotos do trabalho de Griff às escondidas, e depois levá-las para o dono da galeria, fingindo ser sua empresária – contou Kathy.

Vênus adorou o corte de cabelo curto e espetado da moça, que fazia seu pescoço parecer com o de um cisne. Também gostou do brilho em seus olhos azuis, que era igual ao de seu irmão.

E o trabalho de Kathy também a fascinou: a moça trabalhava em uma rádio, em algo que chamava de “estação de soft rock”.

Vênus mordeu o lábio. Adoraria saber mais a respeito, até porque poderia escutá-la mais vezes. A voz de Kathy era feminina, rouca e cheia de sex appeal. Era uma experiência sensual apenas ouvi-la falar.

– ... Eu não estava fingindo – dizia Sherry, jogando os longos cabelos para trás, por cima do ombro, antes de sorrir para Vênus. – Sou publicitária, mas normalmente promovo bandas, e não escultores.

– E Griffin não está lhe pagando nada – lembrou Stephanie, que também tinha os mesmos cabelos escuros do irmão, porém os olhos mais para o verde do que para o azul. Ela explicara antes que trabalhava em um estágio avançado da Universidade de Tulsa.

Vênus não sabia o que era uma jurisprudência, mas soou importante, e ela gostava da intensidade de Stephanie.

Sherry riu.

– Claro que Griffin não está me pagando nada. Mas ele prometeu trocar o óleo do meu carro pelos próximos oitenta mil quilômetros.

– Ei! Ele vai mudar o óleo do meu carro – protestou Alicia.

– Já estão brigando por mim outra vez? – Griffin sorriu para as irmãs, em seguida entregou um copo de champanhe gelado a Vênus. – Tome, minha deusa. Achei que fosse precisar de uma bebida depois de passar algum tempo com este grupo.

– Sua deusa? Não acha que é muita presunção da sua parte? – opinou Sherry.

– Sim, não precisa da permissão de uma deusa antes de torná-la sua divindade pessoal? – Kathy praticamente ronronou.

Vênus sorriu e capturou o olhar de Griffin, divertida.

– Seu irmão é o tipo de homem que pode reivindicar o que quiser. Imagino que seja uma boa coisa Vênus ser a deusa do Amor e não da Guerra. O Amor tem um temperamento mais dócil.

– Dócil? Você? – Os lábios de Griffin se curvaram.

– Vênus não disse que era dócil, pateta. Disse que era mais dócil do que a maluca da deusa da Guerra, o que significa que deve continuar esperto – alertou Alicia.

– Exatamente – concordou Vênus.

– Pois eu já conclui que ela é mais travessa do que dócil.

– Ele está me insultando? – Vênus perguntou a Sherry.

– Não creio. De certa forma, penso que Griff está lhe fazendo um elogio, isso sim.

– Ei, eu estou aqui!

Em perfeita harmonia, as quatro irmãs viraram os olhos para ele.

– Estão assustando Vênus e me condenando a uma existência solitária e sem paixão, em que serei conhecido como o velho bombeiro e artista maluco, que passa todo o tempo trocando o óleo dos carros das irmãs e nunca tem um momento para si mesmo.

– E qual seria o problema? – provocou Sherry docemente.

– Por acaso ficaria todo curvado e adotaria um sotaque francês como o de Kevin Kline em *Surpresas do Coração*, resmungando coisas como “aquelas meninas são um pé no saco” enquanto traga um cigarro nojento e bebe taças de vinho tinto? – exigiu Kathy.

– Kat, tem que parar com essa assinatura de filmes pela internet! Está gastando tempo demais vendo e revendo filmes – ralhou Sherry.

– Eu gosto de cinema – Kathy protestou com um beicinho.

– Já está com vontade de gritar e sair correndo daqui? – Griffin perguntou a Vênus.

Ela riu.

– Adorei conhecer suas irmãs.

Era evidente que as moças amavam o irmão tanto quanto ele as amava. Que homem multifacetado era Griffin! Bombeiro e guerreiro, artista e irmão amoroso.

As moças continuaram a discutir sobre Griffin e o cronograma de troca de óleo. Vênus tomou um gole de champanhe e olhou por cima da borda da taça, capturando seu olhar. Enquanto ele a observava, ela pegou o morango que enfeitava a borda do cálice e lambeu a ponta, vendo-o prender a respiração. Sim, ele certamente era multidimensional, o que incluiu a

dose de paixão que, ela sabia muito bem, pairava logo abaixo da superfície. A paixão que ela adoraria provar mais e mais...

– Iu-huuu! Pombinhos? Que tal irem para algum motel? – Alicia deu uma risadinha.

Griffin soltou uma gargalhada, em seguida estendeu a mão para Vênus.

– E então, minha deusa, está com fome? Posso levá-la para casa e alimentá-la.

Vênus sorriu ao ouvir o apelido carinhoso e percebeu, agora que não se sentia tão nervosa a respeito do encontro, que estava mesmo faminta e que gostaria que ele a levasse para casa. – Sim, estou. – Deu a mão a ele, gostando do modo como Griffin a apoiou no braço, tal qual um guerreiro escoltando a amada que lhe pertencia... E pensou mais uma vez no quanto estava gostando de ser tratada como uma mulher, e não como uma divindade. Em seguida, lembrou-se exatamente do porquê de eles estarem ali e acrescentou: – Mas não pode deixar a sua própria exposição.

– Por que não? Minha empresária está aqui. Ela é melhor do que eu nesse tipo de coisa – afirmou Griffin, sorrindo para a irmã. – Vejo vocês mais tarde, meninas – completou por cima do ombro enquanto puxava Vênus em direção à porta do armazém.

– Adeus, meninas! – ela se despediu da mesma forma.

As moças acenaram, ao mesmo tempo que jogavam beijos para o irmão mais velho.

Lá fora, a calçada se encontrava lotada de pessoas entrando e saindo da exposição de arte e das pequenas lojas que tinham ficado abertas até mais tarde de propósito, a fim de aproveitar a inauguração da mostra na galeria. A noite estava clara, porém um vento forte soprava, tornando-a um pouco fria, o que fez Vênus se aconchegar junto a Griffin.

– Aqui, vista isso. – Ele tirou o blazer e o colocou sobre seus ombros. – E deixe-me andar do lado da rua. Nunca se sabe se algum idiota vai beber e subir na calçada com o carro... – Fez com que ela enroscasse o braço no dele novamente e se pôs do seu lado esquerdo, mantendo-a junto dele.

Vênus se viu envolta por seu calor e sentiu-se protegida e cuidada; dois sentimentos estranhos para a deusa do Amor. Normalmente, era ela que cuidava para que essas coisas acontecessem na vida de outros. Por acaso alguém, deus ou mortal, já estivera preocupado com algo tão simples, como se ela estava sentindo frio ou calor, ou se sentia protegida?

Sabia muito bem a resposta. Ela fora adorada por eras. As pessoas faziam peregrinações a fim de pedir pela bênção do Amor em suas vidas. Mas jamais tinham cuidado dela ou a protegido. Afinal ela era uma grande deusa que não necessitava tampouco desejava seus cuidados...

Pois estavam erradas.

– Obrigado por ser tão paciente com as minhas irmãs. Eu sei que as quatro juntas podem ser meio estressantes.

As palavras invadiram os pensamentos de Vênus, e ela sorriu para Griffin.

– Elas vão ficar zangadas por ter saído tão cedo da exposição.

– Não... Até porque vou passar o resto da vida trocando o óleo de seus carros. O segredo – ele se curvou para sussurrar em seu ouvido – é que eu não me importo de fazer isso. As meninas sempre ficam agradecidas, e eu gosto de saber que estão sendo bem cuidadas. Também levo o carro da minha mãe para trocar o óleo a cada cinco mil quilômetros.

Vênus não entendia exatamente por que ele precisava mandar trocar tanto óleo, ou pelo que este deveria ser trocado, mas gostou da ideia de Griffin fazer aquilo pelas mulheres mais importantes de sua vida quase tanto quanto da maneira como sua respiração fez cócegas em sua orelha, causando-lhe sensuais arrepios pescoço abaixo.

– Pena que não conheceu a minha mãe esta noite. Ela está em um cruzeiro com duas amigas. Vai ficar aborrecida quando voltar e descobrir que perdeu a inauguração da exposição.

– E quanto ao seu pai?

A expressão aberta e entusiasmada de Griffin oscilou.

– Ele nos deixou quando eu era adolescente. Conheceu uma mulher mais nova e constituiu uma nova família.

– Sinto muito – murmurou Vênus. Então, ele tinha sido pai e irmão das moças, bem como o homem do qual sua mãe dependia. Não admirava que Griffin entendesse tão bem as mulheres.

– Não precisa. – Ele deu de ombros. – Aconteceu há muito tempo.

– Azar o dele...

– Isso era o que eu costumava dizer às meninas quando elas indagavam sobre o assunto.

Pararam do lado do passageiro da enorme caminhonete.

– É um bom irmão, Griffin DeAngelo – declarou Vênus num impulso. – Que você seja ricamente abençoado por sua bondade para com a sua família...

Beijou-o no rosto, enviando-lhe um pouco de magia com sua bênção. Não o suficiente para que Griffin notasse, mas o bastante para lhe trazer uma sorte incomum nos dias seguintes.

Quando se afastou, imaginou que ele fosse sorrir, abrir a porta para ela e ajudá-la a subir na caminhonete. Em vez disso, Griffin a surpreendeu, tomando-a nos braços e baixando a boca para a sua.

Por cima do ombro largo, Vênus avistou a plenitude da lua de inverno, que parecia lançar um feixe de luz prateada sobre eles. Um presságio, pensou, enquanto seus olhos se fechavam e ela entreabria os lábios para que Griffin se apossasse deles.

A lua dos amantes brilhando para nós é um excelente presságio. Significa que devo me permitir um amante que não seja um suplicante ou um imortal, e que eu preciso me permitir amar...

Então não foi capaz de pensar em mais nada, exceto na boca de Griffin e na maneira perfeita como eles se encaixavam quando deslizou os braços ao redor de seu pescoço e se moldou a ele.

– Venha para casa comigo – Griffin murmurou contra seus lábios.

– Está bem – Vênus sussurrou, feliz.

O sobrado de estuque de Griffin ficava na mesma rua da confortável casa de Pea. Ele destrancou a porta e a conduziu para um cômodo espaçoso, pouco iluminado. Instantaneamente, uma enorme gata malhada começou a se enroscar em torno de suas pernas, ronronando boas-vindas.

Griffin lhe afagou o topo da cabeça.

– Vênus, esta é Cali do Beco. Na verdade ela não é uma gata vira-lata, pelo menos desde que me adotou, mas o nome pegou. Vou lhe dar seu pires de leite, do contrário ela nunca vai me deixar em paz. Fique à vontade... – Ele correu para algum ponto na parte traseira da casa, depois chamou por cima do ombro. – As luzes ficam perto da porta. Desculpe, eu devia tê-las acendido para você.

E desapareceu no que Vênus imaginou que fosse a cozinha.

Com um suspiro, ela tateou às suas costas e ligou o interruptor. Virou-se para olhar a sala e congelou, em choque, ao deparar com a imensa escultura de ferro que predominava na sala. Embora ele tivesse aproveitado a ideia de outro artista, ela sabia que o trabalho era de Griffin. Tinha as mesmas linhas graciosas e sensuais de todas as suas outras esculturas. Era linda, e a fez se sentir comovida, sem fôlego e mais surpresa do que jamais estivera em séculos.

– Esta peça é a minha favorita. Não a exibi esta noite porque nunca vou colocá-la à venda – ele explicou suavemente, entregando-lhe uma taça de vinho branco.

– É *O Nascimento de Vênus*, de Botticelli... – Ela ficou espantada por sua voz soar tão normal. – E ao mesmo tempo não é.

– Eu me inspirei na pintura, mas a Vênus de Botticelli nunca me pareceu muito fiel à imagem que eu fazia dela. Então decidi “consertá-la”. – O sorriso de Griffin saiu meio nervoso. – Ou pelo menos tentei.

– E conseguiu – murmurou Vênus, os olhos ainda fixos na escultura. A concha fora talhada no que parecia uma única e imensa folha de cobre, e Griffin a envelhecera e manchara com uma tinta verde-musgo que lembrava o mar. A Vênus que nascia do oceano também fora esculpida no cobre, entretanto o metal fora polido até brilhar como gemas facetadas.

E seus contornos eram arrebatadores e eróticos. A deusa tinha os cabelos feitos com fios de metal sobrepostos, os quais pareciam um rabo de sereia envolvendo as curvas generosas de seu corpo. Não se parecia mais com uma ninfa. Agora contava com a sensualidade de uma mulher adulta, madura, experiente e intrigante.

Vênus se aproximou da escultura.

– É difícil acreditar que tenha conseguido fazer isso tudo com metal. É tão quente, tão realista...

– É uma espécie de homenagem ao que as mulheres são, não acha? Elas parecem frágeis, porém são mais fortes do que os homens consideram.

Ela olhou por cima do ombro, vendo seu sorriso travesso, contudo não o achou arrogante, e

sim sexy e atraente. O homem certamente conhecia bem as mulheres.

– Por que Vênus? – perguntou sorrindo.

Griffin sorriu ainda mais.

– Não se lembra? Quando nos conhecemos, eu disse que ela era a minha deusa favorita.

Vênus assentiu de leve. Não se recordava. Na verdade, nem tinha pensado naquilo.

– Sim, estou intrigado com ela – Griffin continuou, olhando para sua obra.

– A deusa do Amor, nascida do mar, que nem mesmo precisou de um homem para vir a ser.

– Ele balançou a cabeça. – Tenho a impressão de que ela sempre foi um pouco triste.

– Triste? Por quê? – Vênus sentiu os pensamentos alçar voo, como se invadido por inúmeras e confusas borboletas.

– Pense bem. A deusa do Amor não precisa de um homem, o que me faz crer que ela carrega o Amor com ela, designa-o para outras pessoas, mas não o guarda para si mesma. Ele a faz parecer intocada e intocável. – Griffin ergueu a taça em sua direção, e seu sorriso brincalhão retornou. – Mas a mitologia é o seu hobby. O que acha da sua homônima?

Ela levou algum tempo para responder. Depois foi o mais honesta que podia.

– Acho que ela adoraria a sua escultura.

Griffin caminhou até ela e tocou os cachos do cabelo loiro-platinado que escapavam do penteado.

– E então, minha deusa, já decidiu o que eu sou?

– O que você é? – A proximidade dele fez a respiração de Vênus se acelerar.

– Antes de chegarmos à galeria, afirmou que um homem que é um artista e um guerreiro tem que ser excepcional, incomum... – Fez uma pausa, enrolando um fio de cabelo suavemente em torno do dedo. – O que mais disse, mesmo?

Vênus ergueu uma sobrancelha.

– Que um homem que é um artista deve ser excepcional, incomum, anormal, extravagante, ou peculiar.

– E qual é a sua decisão sobre mim, minha deusa? – Os olhos azuis cintilaram, travessos.

– Estou inclinado a dizer que é excepcional ou peculiar.

Griffin se deslocou ainda mais para perto dela.

– Deixe-me ver se posso mudar essa opinião a favor do “excepcional”...

Não lhe deu tempo para responder. Apenas a segurou pelo rosto e se inclinou para lhe tomar a boca.

Vênus permitiu que ele a dominasse com um beijo que pareceu arder por todo seu corpo, e se deliciou com o fato de que aquele homem a tomava sem qualquer hesitação, sem fazer de seu toque um jogo que terminava sempre com algum pedido de bênção. Tantas vezes, século após século, ela ouvira as palavras: “Aceita o meu corpo como uma oferenda, grande deusa do Amor, e faz com que a mulher que eu desejo me ame”...

Nem mesmo os imortais se privavam de implorar que ela os ajudasse.

Já Vulcano, por ironia, havia-se casado com ela porque sua vontade fora justamente se esconder do amor.

Pois ela já estava farta daquilo tudo. Naquela noite não seria a deusa Vênus. Naquela noite seria uma mortal sendo amada por um mortal, o que significava que ela iria abdicar de seu controle em favor de Griffin.

Sem uma só palavra, ele colocou sua taça de vinho ao lado da dele, sobre uma mesa de centro de metal baixa. Em seguida a puxou pela mão em direção à escada larga que levava ao segundo andar e ao quarto do loft. A cama era grande, com estrutura de ferro, coberta com um edredom escuro e espesso, além de travesseiros *king size*. Não acendeu mais nenhuma luz, porém manteve a iluminação da sala lá embaixo, de modo que ela incidia sobre eles, criando um efeito muito parecido com o da luz de velas.

Griffin sentou-se na cama e a puxou para perto, a fim de que ela ficasse entre suas pernas. Em seguida mergulhou as mãos em seu cabelo, fazendo com que o precário penteado se desfizesse em torno de suas costas e ombros.

– Eu queria fazer isto desde o momento em que a vi esta noite – sussurrou.

Vênus balançou a cabeça para que todos os cachos pendessem, livres. As mãos de Griffin se moveram pelos fios, depois por seu pescoço, e então, devagar, bem lentamente, continuaram descendo e delineando seu corpo, como se ele quisesse memorizar sua forma e conteúdo.

Ela estremeceu ao pensar na capacidade daquelas mãos em criar obras de arte tão lindas e sensuais, em como tinham sido capazes de criar uma versão perfeita dela sem que nem mesmo a conhecessem.

– Está com frio? – Griffin indagou baixinho, as mãos se movendo pela parte de trás de suas coxas, para cima e ao redor, até que seus polegares acariciaram o centro de sua feminilidade. Vênus deixou escapar um gemido de prazer.

– Posso aquecê-la – continuou ele, a voz saindo rouca, como se falar houvesse se tornado difícil de repente.

Ela moveu os quadris para a frente, de encontro ao toque firme, já excitada com a mão que a acariciava através das camadas suaves da calcinha e mais ásperas das calças.

– Lembro-me de como reagi naquela noite e não consegui tirá-la da cabeça desde então. É como uma droga que não sai do meu sangue, Vênus... – A voz de Griffin ficou mais profunda e sua respiração se acelerou. – Ainda me recordo de como estava quente e úmida, de como deslizei em você, e de como pude senti-la gozar...

Vênus encontrou a paixão nos olhos azuis, e o calor e desejo que viu neles fez o desejo vibrar por seu corpo já sensibilizado.

– Pensou em mim quando se masturbou depois?

– Sem parar! – ele gemeu. – Pensei que a tinha perdido.

– E eu pensei que tinha me usado e depois me abandonado – ela admitiu, ofegante.

– Nunca! – Os olhos dele cintilavam com paixão. – Eu nunca faria isso com você. Venha cá, Vênus... – Ele a puxou para baixo e colocou a boca na dela.

Vênus entreabriu os lábios e aceitou a pressão da língua quente, permitindo que Griffin a devorasse. Sem parar de beijá-la, ele a ergueu nos braços e a deitou na cama, lutando com o zíper das calças. Vênus levantou os quadris para que ele pudesse tirá-las, e Griffin as puxou junto com os scarpins, jogando-os no chão. Seus dedos se espalmaram sobre o ventre macio, em seguida deslizaram sedutoramente para baixo, cobrindo a seda preta da calcinha que ela ainda usava para lhe circular o clitóris com o polegar, depois ainda mais para baixo a fim de afagar as dobras macias na mesma carícia que ele usara antes de deixá-la seminua.

– Está tão molhada que até a calcinha está úmida – ofegou, excitado.

Vênus gemeu de frustração quando ele lhe abandonou o clitóris a fim de arrancar as próprias roupas em movimentos impacientes. Era um homem magnífico. Mais moreno e másculo do que Adonis, mais alto e mais forte do que Aquiles.

O desejo de que Griffin a fizesse sua foi tão violento e tão poderoso que a deixou tonta. Quando ele se deitou a seu lado, Vênus buscou o falo rijo e se permitiu acariciá-lo enquanto, mais uma vez, as línguas se encontravam. Griffin soltou uma risada abafada e agarrou seu pulso.

– Não quero que isto acabe tão cedo. Esta noite vamos ter um ao outro com calma.

– Eu não sei se posso esperar – ela confessou meio sem fôlego.

– Mas eu posso. – Ele sorriu. – E você também pode. Desta vez serei eu o professor... – Começou a desabotoar sua blusa, seguindo a trilha deixada por seus dedos com os lábios e a língua.

Quando o sutiã de seda preta ficou finalmente à mostra, ele fez a língua passear ao longo do bojo até encontrar o cerne rijo do mamilo excitado. Lambeu-o e sugou-o por cima da fina camada de seda, até que Vênus passou a respirar em pequenos espasmos. Suas mãos de artista se lançaram para baixo numa carícia firme, removendo a calcinha. Então Griffin a segurou pelas nádegas, trazendo-a com firmeza de encontro à sua ereção.

Em vez de mergulhar no corpo úmido, porém, ele posicionou a cabeça do pênis de modo que pudesse deslizar para a frente e para trás, do clitóris para baixo, e depois de volta. Moveu seu corpo contra o dela, e Vênus soltou uma exclamação, projetando-se para mais perto.

– Está me deixando todo molhado! – Griffin sussurrou contra o mamilo que ainda provocava com a língua e os dentes.

– Entre em mim! – ela pediu num gemido. – Por favor...

– Ainda não, minha deusa, quero que goze primeiro.

– Sim! – Vênus choramingou. – Oh, Griffin, sim! – Esfregou o corpo macio contra a cabeça ingurgitada cada vez mais rápido até sentir uma deliciosa explosão se edificar entre suas pernas e cascadear pelo corpo.

Em vez de parar durante seu orgasmo, Griffin arrancou-lhe o sutiã e cobriu-lhe os seios em

concha com as mãos, massageando-os e acariciando-os enquanto se reposicionava contra seu calor úmido. Desta vez, a ponta do membro rijo pressionou mais abaixo, de modo a deslizar por toda a extensão de sua intimidade, provocando-a sem nunca entrar nela.

– Eu me lembro do que nos ensinou na aula de hoje... – A voz dele soou carregada de luxúria. – ... Que se um homem se preocupa verdadeiramente com o prazer de uma mulher, ela pode ter um orgasmo atrás do outro. Ele só tem que mantê-la excitada e poderá levá-la ao clímax seguidas vezes. – Empurrou o corpo contra o dela, o falo rijo escorregando em sua umidade macia. – É este o lugar certo?

– Sim! – Vênus gemeu.

Griffin continuou a afagá-la com o próprio corpo, indo para a frente e para trás. Uma de suas mãos a segurou com firmeza pela nádega, a fim de mantê-la no ritmo, e a outra estimulava um seio, segurando-o de encontro à sua boca quente. Quando Vênus chegou ao orgasmo outra vez, não conseguiu evitar de chamar seu nome.

– Agora... – Griffin ofegou, prensando-a na cama e se controlando até poder fitá-la nos olhos. – ... Agora preciso estar dentro de você – avisou, e afundou dentro dela, invadindo sua vagina com uma ferocidade que a fez gemer de prazer.

A sensação de plenitude foi quase demais para Vênus suportar. A respiração pesada de Griffin soava em perfeita harmonia com a sua própria, e ela podia sentir o cheiro de seu sexo se mesclando. Ele capturou sua boca, e Vênus se deliciou com seu gosto salgado e sexy. Tudo se combinava para aumentar seu desejo por ele.

Excitada, Vênus o segurou com uma das mãos, apertando-o suave e provocantemente. Com a outra, acariciou o membro ingurgitado enquanto este se movia para dentro e para fora dela, adorando perceber que o fluido que cobria seu falo era o seu próprio.

– Você é minha! – Griffin disse em um tom gutural, movendo-se de sua boca para a lateral do pescoço, onde seus dentes provocaram e mordiscaram, como um animal viril demarcando seu território. Excitada além da imaginação por tal demonstração de posse, Vênus levantou os quadris, investindo contra ele com igual paixão.

Ainda o acariciava quando percebeu que o membro rijo começava a sofrer espasmos. Griffin investiu contra ela tão fundo que encontrou o centro de seu prazer, e finalmente liberou um prazer esmagador conforme seus gritos de êxtase espelharam os dele.

CAPÍTULO 22

Dois dias antes, Pea teria achado bizarro não estar se sentindo nem um pouco nervosa por estar perambulando pela cozinha e se preparando para um encontro que tinha potencial para ser incrível.

– Ganhei confiança – ela disse a Chloe, cuja atenção estava toda concentrada nela, como se isso pudesse fazê-la deixar cair alguma coisa interessante.

Chloe suspirou, descontente com a habilidade de Pea.

– É verdade. E não apenas em termos de cabelo, roupas e maquiagem. – Pea continuou conversando com a cadela, ignorando o mau humor de Chloe enquanto temperava a salada. – Tem a ver com a deusa que eu encontrei aqui dentro. – Apontou para si mesma com uma folha comprida de alface.

Chloe latiu para ela, e Pea riu, dando-lhe um biscoito canino.

– Tente se comportar hoje. Há algo de especial nesse cara... Posso ver isso em seus olhos.

Levou a salada até a varanda, colocando-a sobre a pequena mesa que já se encontrava forrada por uma alegre toalha xadrez em vermelho e branco, com guardanapos combinando. Seu melhor jogo de porcelana parecia em total harmonia com o chique casual do piquenique italiano que havia preparado. O Chianti já se encontrava aberto, mantinha o pão de alho aquecido no forno, e o molho para o espaguete estava pronto.

Acendeu as velas sobre a mesa de madeira e colocou mais lenha no aquecedor. Em seguida, deu um toque final, acendendo as pequenas lanternas que pendurara ao longo da treliça de madeira do deque.

Pea sorriu. Estava tudo perfeito. Até mesmo o tempo estava cooperando e permanecera surpreendentemente quente para aquela época do ano, como previra o sujeito do Canal 6 de notícias.

– Comer fora em fevereiro... Que coisa mágica!

Aquilo tinha que ser um bom presságio.

Pea estava remexendo o molho quando ouviu a batida na porta da frente. Sentiu o estômago se apertar, porém mais por ansiedade e emoção do que por nervosismo. Então amassou os próprios cachos mais uma vez e reaplicou o gloss nos lábios rapidamente, antes de abrir a porta.

Ele vestia um suéter de tricô preto e uma camisa escura, com um par de jeans que lhe caíam tão bem que Pea sentiu água juntar na boca por bem mais do que apenas o espaguete.

– Olá – saudou baixinho.

– Oi – ela respondeu, meio ofegante.

Continuaram parados no lugar, olhando um para o outro e sorrindo, até que o ladrar insistente de Chloe chegou a seus ouvidos.

– Como ela se chama? – ele quis saber.

– Chloe. Desculpe seus modos... Minha cadela não gosta muito de homens, mas assim que se acostumar com você vai ficar quieta.

Ele se agachou e estendeu a mão devagar, a palma para baixo, oferecendo-se para ser farejado.

– É bom que ela a proteja – afirmou, concentrando-se na agitada terrier. – É uma defensora feroz da sua dona, não?

Pea o observou, curiosa. Seu tom era sério. Ele não soava persuasivo ou bajulador como tantas pessoas quando confrontadas por um cão rosnando. Ao contrário, parecia compreensivo, algo a que Chloe reagiu positivamente, parando de rosnar e inclinando a cabeça, atenta, para o homem alto à sua frente.

– Eu jamais iria fazer mal a Pea... Juro, pequena.

Chloe cheirou a mão dele e abanou o rabo. Então bufou e foi em busca de seu gato.

– Que coisa estranha!... Chloe nunca se dá bem com homens. – Pea sorriu para ele. – O fato de tê-la conquistado deve significar que é seguro deixá-lo entrar.

Victor avançou um passo para dentro da casa e levantou a mão dela, levando-a aos lábios numa saudação, enquanto seus olhos se encontraram.

– As horas passaram muito devagar. – Ele a soltou com relutância.

– Pensei que fosse ser assim comigo também, mas eu precisava ajudar a minha, ahn... – Pea hesitou, sem saber como chamar a deusa – ... amiga a se arrumar para um encontro esta noite, e o tempo acabou passando rápido demais. Eu tinha muito a fazer.

Ele sorriu e cheirou o ar.

– O cheiro está delicioso. Não vamos sair para jantar esta noite?

– Achei que seria melhor se comêssemos aqui mesmo. – Se não se importar, ela quase acrescentou.

Mas depois pensou melhor. A antiga Pea teria se preocupado e se desgastado, perguntando-se se não estaria sendo muito atrevida decidindo sobre o programa daquela noite. Mas a nova Pea, recém-reformada por uma deusa, acreditava que tinha o direito de escolher o local do encontro, e que sua vontade era relevante. Queria comer em casa, portanto iriam comer ali mesmo. Se ele não gostasse de sua comida fabulosa e de sua casa incrível, então não era o homem certo para ela. Ponto.

– Fico honrado que tenha cozinhado para mim.

Pea sorriu. Victor lhe dera uma resposta perfeita.

– Eu amo cozinhar.

– E também tem uma casa muito confortável – ele comentou, olhando em torno da sala de estar.

– Sim, isso é importante para mim – ela assentiu, contente por ele ter notado.

Já trouxera outros namorados para casa antes. Não uma porção deles, apenas alguns. Uns

poucos tinham feito comentários pertinentes como “Bela casa”, “Legal aqui” ou “Esta área vai valorizar muito”, mas nenhum captara seu dom de transformar uma “bela casa” num lar de verdade.

E Chloe havia odiado cada um deles.

– Claro que isso é importante para você – Victor aquiesceu, como se realmente compreendesse. – A casa é uma extensão de nós mesmos.

– Deixe-me mostrar o meu cômodo favorito: a cozinha. – Pea fez um sinal para que ele a seguisse. Foi direto para o fogão e remexeu o molho, sorrindo para ele por cima do ombro. – Espero que goste de espaguete.

– Vou gostar de qualquer coisa que tenha preparado.

O sorriso dela se alargou.

– Quer experimentar para ter certeza?

– Se é isso o que quer... claro. Esta noite, Pea, todos os seus desejos serão uma ordem.

Pea sentiu a emoção por trás das palavras e começou a tremer. Ela desejava muito aquele homem alto e forte, cuja leve claudicação o tornava, de alguma forma, mais acessível e humano. Ela o queria e também a promessa de futuro que lia em seus olhos.

Levantou a colher para ele e a soprou delicadamente, como se acariciasse sua pele com a respiração.

– Então prove... Mas tenha cuidado, pois está quente.

Um sorriso enrugou os cantos dos olhos escuros.

– Fico muito à vontade com tudo o que é quente.

Victor experimentou o molho e foi como se a estivesse degustando. Outra vez.

– Uma delícia...

– Está com fome?

– De muitas coisas.

Pea adorou a onda de calor que a cortou dos pés à cabeça. Parte dela desejou largar a colher e fazer com que ele a possuísse ali mesmo, na mesa da cozinha, enquanto a outra (a parte mais racional) queria prolongar aquele doce jogo de preliminares que havia apenas começado.

Seu lado sensato acabou ganhando, mas por pouco.

– Ótimo. O jantar está quase pronto. – Ela pôs para ferver a água que aguardava pelo macarrão cabelo de anjo. – Vou lhe mostrar onde iremos comer. Levou-o lá para fora, direto para o pequeno pátio.

– Perfeito – foi tudo o que ele disse.

Contudo, foi mais do que o suficiente: exatamente o que Pea pensava.

– Por que não serve um pouco de vinho para nós enquanto termino a massa?

Na porta, ela voltou atrás, prestes a lhe pedir que alimentasse o aquecedor com um pouco mais de lenha, porém Vitor antecipara seu pedido. A súbita e estranha intensidade das chamas,

no entanto, a fez duvidar de que o fogo precisasse ser mais atizado.

Bem, pensou Pea, enquanto colocava o macarrão na água fervente, ele era bombeiro. Sabia lidar com fogo melhor do que ninguém.

Não demorou muito para dar os últimos retoques no jantar. Estava ansiosa por ficar junto dele e feliz por ter escolhido macarrão cabelo de anjo, que cozinhava em um piscar de olhos.

Adorou o modo como seus olhos brilharam quando ela voltou, e ficou ridiculamente feliz com a vontade com que Victor mergulhou na refeição, o que foi um elogio ainda maior do que suas palavras.

Analisando a refeição, ficou surpresa ao se dar conta dos temas amenos sobre os quais tinham conversado: o clima quente, como as lanternas davam um ar de contos de fada ao deque, sobre a receita para o espaguete, que ela descobrira em um velho livro de culinária italiano já fora de circulação. Coisas comuns. Coisas mundanas. Era quase como se tivessem estado sempre juntos.

– Gostei de ter resolvido comer aqui fora – Victor comentou após engolir sua última garfada e servir a ambos mais um copo de Chianti. – Fiquei preocupado que fosse esfriar, mas a noite continua agradável e o aquecedor foi muito útil.

Pea assentiu em silêncio, surpresa ao perceber que o fogo ainda queimava alegremente.

Victor sorriu.

– Um bom fogo sempre aquece as coisas...

– Nunca imaginei que um bombeiro gostasse tanto de fogo.

– Quando se é íntimo do fogo, fica difícil não apreciá-lo e não aprender com ele, bem como não respeitar sua capacidade destrutiva.

– Apreciá-lo e aprender com ele... – Pea fez uma pausa, bebericando o vinho. – O que o fogo lhe ensinou, afinal?

– O fogo ensina sobre purificação e renovação. Por exemplo, um incêndio que assola uma floresta é, à primeira vista, um desastre. Mas, na verdade, a floresta volta a crescer mais saudável depois, porque se livrou de ervas daninhas e de madeira morta.

– Faz sentido. O que mais aprendeu?

– Vejo histórias no fogo.

– Histórias? Como assim?

Ele a estudou, atento, antes de responder, e Pea teve a nítida e estranha impressão de que ele considerava o quanto podia revelar.

– Pense no fogo como um oráculo. Ele vive em constante mutação e tem vida própria. O fogo respira, se alimenta e pode morrer. Mesmo assim, ele é antigo como o tempo. Por que não poderia colecionar histórias?

Pea refletiu a respeito. Aquilo era estranho, mas também fazia sentido.

– Suponho que sim. Mas imagino que seja necessário alguém que saiba ouvi-las e interpretá-las.

O sorriso de Victor foi radiante.

– Exatamente.

– Então me conte algumas delas.

Victor pensou por um momento, olhando para o céu enquanto vasculhava suas lembranças.

– Venha comigo, e eu lhe mostrarei. – Levantou-se e estendeu a mão para ela.

Pea a tomou sem hesitar, e ele a levou para a extremidade da varanda de madeira, cujo parapeito beirava a cintura. Durante a primavera e o verão, Pea mantinha sobre ele enormes vasos de gerânios, de modo que todo o deque parecia estar em flor.

Victor soltou sua mão, e ela já começara a se ressentir da perda do contato quando ele descansou ambas as mãos sobre sua cintura.

– Posso? – indagou num murmúrio.

Ela fitou os olhos escuros, sem se importar com o que ele perguntava.

Qualquer coisa, pensou. Naquela noite, ela permitiria qualquer coisa.

– Claro – respondeu baixinho.

Surpreendendo-a, ele a levantou a fim de colocá-la sentada no parapeito, então a virou de modo que, em vez de ficar de frente para ele, Pea pudesse se recostar em seu corpo, e seus braços fortes a amparassem de ambos os lados. Quando falou, seus lábios estavam colados à orelha dela, o rosto descansando em seu cabelo.

– O fogo conta histórias de tempos antigos, antigos povos, antigas crenças. – Apontou para o céu. – Por exemplo, você sabia que a lua cheia deste mês é conhecida há muito tempo como lua acelerada?

Pea olhou para cima, seguindo sua direção.

– Lua acelerada? O nome é lindo.

Victor desceu a mão e a deixou descansar em sua coxa, onde começou a acariciá-la suavemente, como se seu toque fosse parte da história que tecia para ela. – Há muitas gerações, ela incitava as pessoas a olhar para dentro delas mesmas e encontrar novas possibilidades, enquanto as criaturas que dormiam no ventre da Terra se encontravam à beira do despertar da primavera.

– O que mais sabe sobre ela? – Pea perguntou, enquanto apreciava a lua cheia de fevereiro, hipnotizada por sua voz profunda e pelo calor que irradiava de seu toque.

– O fogo deste mundo chama a atenção para o brilho das constelações, dessas estrelas distantes que têm o seu próprio fogo frio. – Ele olhou para o sul e apontou logo acima do horizonte.

Pea virou a cabeça e sentiu um arrepio delicioso quando ele afastou seu cabelo e beijou-a na curva do pescoço.

– Vê aquela pequena constelação? – Os lábios de Victor roçaram sua pele enquanto ele falava. – A que tem uma estrela dupla?

– Sim. – Murmurou a palavra, de modo que ela soou mais como um gemido do que como

um reconhecimento. E pôde sentir os lábios dele se curvando num sorriso, assim como a ponta da língua quente provocando sua pele.

– Aquela é a constelação de Áries. Diz a lenda que o rei da Tessália teve dois filhos, Frixo e Hele, que sofreram abuso de sua madrasta. Os deuses ouviram os gritos das crianças, e Hermes enviou um carneiro com pelo de ouro para resgatá-los com segurança em seu dorso. Hele caiu do carneiro enquanto este sobrevoava o mar conhecido como Helesponto. Frixo ficou com o coração partido, contudo foi levado são e salvo para as margens do Mar Negro, na Cólquida, onde sacrificou amorosamente o carneiro em agradecimento aos deuses, cuja lã foi guardada por um terrível dragão. Os deuses honraram o carneiro enviando sua alma para os Céus.

Enquanto Pea admirava a beleza das estrelas, Victor a beijou e acariciou, as mãos fortes percorrendo suas coxas enquanto evocava imagens de um passado antigo com voz rouca. Ela se recostou nele e, erguendo os braços, enlaçou-o por trás do pescoço, dando-lhe completo acesso a seus seios.

– Mais – pediu em um sussurro. – Conte mais.

– Vou lhe contar a história da minha constelação favorita, então. – A mão de Victor a deixou por um instante para apontar outro grupo de estrelas com o qual ela já estava familiarizada.

– Ali é a Via Láctea e aquele é o Cruzeiro do Sul – ela os reconheceu de pronto.

– Olhe mais além... – ele instruiu, deslizando as mãos hábeis sob o suéter para lhe segurar os seios.

Pea não pôde reprimir um gemido e sentiu que ele sorria contra sua pele novamente.

– No mundo antigo, esse grupo de estrelas é conhecido como Centaurus. As estrelas são a alma de Quíron. – Seus polegares afagaram os mamilos arrepiados e sensíveis. – Ele foi um dos professores mais talentosos que já viveram, e, em sua honra, o poderoso Zeus colocou a alma do centauro entre as estrelas.

Pea estava fascinado por Victor. Era como se ele houvesse criado um mundo mítico para ela, preenchido com a magia de sua voz profunda e a paixão de seu toque ardente. Tanto que se sentia lânguida e muito, muito sexy quando se virou para ele. Os olhos escuros cintilavam de desejo, e suas mãos ainda acariciavam seu corpo intimamente, como se ele estivesse memorizando cada curva.

– Suas histórias são lindas – ela murmurou sem fôlego.

– Você me faz querer partilhar meu mundo.

– Gosto da maneira como vê o mundo. – Pea o tocou no rosto, depois passou os polegares por seu lábio inferior, lembrando-se de como era sentir aquela boca contra o corpo. Em seguida, desceu a mão, de modo a pousá-la no peito largo, pressionando-o onde ficava o coração. Pôde senti-lo bater, forte e firme, quando se inclinou em direção a seu calor.

– Quero que conheça o meu mundo. Eu a quero sempre comigo – ele falou, então se inclinou para cobrir seus lábios.

E o desejo varreu todo e qualquer pensamento a respeito de estrelas e eternidade da mente de Pea.

Quando eles interromperam o beijo, por fim, foi para olharem um para o outro.

Ela tocou o rosto de Victor outra vez.

– Disse que eu poderia ter qualquer coisa que desejasse esta noite?

– Sim.

– O que eu desejo é você.

CAPÍTULO 23

O quarto de Pea era um retrato fiel dela, concluiu Vulcano. Aconchegante e convidativo, exatamente como ele imaginara na noite em que a vira por meio da linha de fogo, dando prazer a si mesma.

A lembrança tornou seu membro ainda mais rijo, e o sangue que já corria quente e espesso por seu corpo fez suas entranhas doerem com a necessidade dela.

Não tinham se falado mais desde que Pea lhe confessara seu desejo. Ele apenas a beijara de novo com volúpia. Ela interrompera o beijo, então, mas apenas para tomá-lo pela mão e levá-lo até seu quarto.

Agora se deslocava ao redor, acendendo velas coloridas que perfumavam o ar com a doçura da gardênia.

Vulcano sorriu, observando-a com um desejo que já se tornara algo familiar e tangível. Pea se pôs diante dele, o cabelo pendendo em cachos em torno de seu rosto e ombros, e captando a luz emanada pelas chamas perfeitas das velas tal qual um véu trabalhado e cintilante. Ele desejou afundar as mãos nos fios e puxá-la para si, e fez um movimento involuntário em sua direção, mas as palavras sussurradas de Pea o detiveram.

– Quero tirar a sua roupa.

Vulcano sentiu um aperto no estômago ao pensar que ela o veria nu. Sabia que sua perna não era grotesca. Ela apenas se curvava para dentro, e isso era muito mais perceptível quando ele caminhava do que quando estava parado.

Mas muitas vidas haviam lhe ensinado que até mesmo aquela pequena imperfeição era motivo de zombaria.

– A-A menos que não queira e...

Ele pressionou um dedo contra os lábios macios. Sua hesitação, por conta de suas próprias inseguranças, solapara a autoconfiança que Pea exibira naquela noite, e ele não pôde suportar a sombra de constrangimento e dúvida em seus olhos.

– Eu quero que me dispa. Mas receio que não vá gostar de ver a minha perna – disse, honestamente.

Ela o tocou no rosto outra vez e acariciou seu lábio com o polegar macio, assim como tinha feito antes, ao lhe confessar seu desejo.

– Jamais pense isso. Eu o quero como você é... Não uma versão perfeita.

Nunca alguém lhe havia dito uma coisa daquelas. Incapaz de falar, ele apenas aquiesceu.

Pea puxou seu suéter de leve e sorriu.

– Você é muito alto. Tem que se abaixar ou eu não vou conseguir fazer isto.

Seu sorriso fácil e doce o seduziu. Vulcano a abraçou com força por um momento, em seguida se inclinou para que ela pudesse lhe tirar a blusa. Sob esta, usava uma camisa escura,

de mangas compridas, em um estilo que parecia popular naquele mundo.

Pea começou a abrir seus botões, e ele teve vontade de arrancar a roupa do corpo e pressioná-la contra seu peito nu... Mas tal coisa não era de seu feitio. Vulcano respirou fundo, então. Nada do que ele estava fazendo naquela noite era de seu feitio!

Com um movimento firme, rasgou a camisa que o confinava e puxou Pea para os braços.

Ela gemeu e devolveu o beijo, espalmando as mãos em suas costas. O toque em sua pele ultrassensível o fez estremecer.

Mãos delicadas e inquietas moveram-se para baixo, encontrando o botão das calças que a tal internet dizia chamarem “jeans”. Ele a beijou profundamente quando ela tocou sua ereção, enquanto a outra lutava com o botão acima do zíper.

Pea ergueu a cabeça, seus olhares se encontraram, e os lábios dela se curvaram num sorriso típico de ninfa. Vulcano sorriu de volta, feliz por ver que sua autoconfiança retornara.

– Gosto que já esteja assim... – ela murmurou e, com a ousadia das palavras, enrubescceu.

Ele sorriu ainda mais.

– É por sua causa. Apenas pensar em você me faz ficar neste estado.

– Que bom – ela falou baixinho e abriu o zíper das calças jeans, liberando sua ereção. Seus olhos encontraram os dele outra vez, só que, desta vez, pareciam um pouco assustados.

– Sem nada por baixo? Fico contente por não ter percebido isso enquanto estávamos comendo. Não teríamos terminado a refeição, e eu teria perdido as lindas histórias que me contou.

Vulcano se viu poupado de ter que responder porque Pea tomou seu falo na mão e começou a acariciá-lo por inteiro. Deliciou-se com o toque, sentindo-se tão rijo e intumescido que sua pele parecia prestes a rasgar.

Pea tirou a mão dele apenas por tempo suficiente para lhe descer as calças, e Vulcano se livrou de delas, assim como dos sapatos, ficando nu – de corpo e alma – à sua frente.

Os olhos de Pea percorreram seu corpo sólido. Vulcano sabia que ela podia ver claramente como sua perna esquerda se voltava um pouco para dentro, como a marca da raiva de seu pai marcara sua silhueta, e teve que se obrigar a não fazer com que as pequenas chamas das velas se apagassem e os mergulhassem na escuridão.

– Você é lindo – ela murmurou, ofegante.

Em seguida, antes que ele tivesse tempo para se recuperar das palavras, ela se ajoelhou à sua frente e seus dedos subiram por ambas as suas coxas. O toque leve fez seus músculos estremecerem e seu falo pulsar com uma mescla de desejo e prazer. Pea não se apressou, seguindo o caminho traçado por seus dedos com a boca, lambendo e beijando-o até o centro de seu prazer. Segurou seus testículos, apertando-os e provocando-os, e então o envolveu com ambas as mãos, afagando-o, levando seu membro à maciez rosada de sua boca...

Vulcano estremeceu e soltou um gemido quando, com a língua, ela lambeu a gota de líquido claro que sua excitação fizera brotar da cabeça do pênis. Em seguida, desceu, girando em

torno da ponta intumescida. Ao ouvir o modo como sua respiração saía em espasmos, Pea fez uma pausa e o fitou.

– Quero tê-lo na boca. Quero amá-lo com a boca, com o corpo, com o coração. Posso?

– Claro que sim, Pea... Por todos os deuses, sim! – ele respondeu, rouco.

Sem qualquer hesitação, ela abriu os lábios rosados e tomou no calor úmido da boca tanto quanto podia dele. Vulcano mergulhou as mãos nos cabelos fartos enquanto ela sugava e se afastava, sugava e se afastava, a língua varrendo também as laterais sensíveis de seu sexo. Sentir o membro rijo em sua boca era uma sensação erótica física e visual. E ver o falo rijo entrando e saindo dos lábios carnudos e rosados, as mãos de Pea sincronizadas com os movimentos de sua boca, quase foi mais do que ele podia suportar. Queria explodir, mas ao mesmo tempo não desejava que aquela sensação deliciosa provocada pela boca e língua quentes chegasse ao fim.

Em algum ponto da carícia voluptuosa, ele sentiu o orgasmo se edificar numa doce onda de agonia que ele não podia conter. Quis avisar Pea, quis afastar sua boca, porém ela não permitiu. Conforme seu corpo se retesou e o calor de sua semente jorrou, liberto, ela o acariciou e sugou com mais vontade até vê-lo seco e saciado.

Quando Vulcano conseguiu se concentrar de novo, ficou surpreso ao perceber que continuava de pé. Era difícil acreditar que não tinha desfalecido de prazer. Suas mãos ainda estavam enroscadas nos cachos de Pea e, carinhosamente, ele os soltou.

Pea olhou para ele, então, os olhos cintilando.

O modo sensual com que Victor tinha contado suas histórias excitara Pea mais do que qualquer outra preliminar que ela conhecia. Tanto que, ao guiá-lo até o quarto, ela já se sentia úmida, quente e pronta. Após levá-lo ao orgasmo com a boca, sentiu o desejo pulsar pelo corpo e sorriu, deliciando-se com sua expressão de enlevo e satisfação.

– Minha vez – anunciou, baixando a voz provocantemente. Começou a se despir, amando a intensidade com que ele observava cada movimento seu. Sabia, claro, que Victor não ficaria excitado de novo tão cedo, contudo mal podia esperar para sentir sua pele nua contra a dele, seus braços fortes envolvendo-a, sua boca na dela...

Nua, ela se deitou na cama. Livre de qualquer inibição, abriu as pernas para ele e assistiu, perplexa, o membro de Victor recomeçar a inchar.

– Quero entrar em você. Preciso ter você... Preciso fazê-la minha – ele decidiu com voz rouca enquanto subia na cama e se ajoelhava entre suas pernas abertas.

Meio descrente, ela estendeu o braço e segurou o eixo rijo, provando a si mesma que não estava imaginando aquela segunda ereção. Acariciou-o, sentindo-se liquefazer de prazer. Victor era simplesmente incrível!

– Já me fez sua – ela afirmou, encontrando seu olhar, confiando que ele enxergava um futuro para ambos em seus olhos, tanto quando ela o via nos dele.

– Verdade – ele sussurrou. – Pertenceremos um ao outro por toda a eternidade. Amo você, Dorreth Pea Chamberlain... Quero passar minha existência ao seu lado.

Pea sentiu as palavras varrerem sua pele como se fossem palpáveis, ainda que sua mente afirmasse que era impossível que palavras transportassem alguma sensação física. Aquilo não era racional, mas foi como se, ao confessar seu amor por ela, Victor, de alguma forma, os tivesse unindo mesmo para a eternidade.

– Sim – murmurou, entontecida. – Eu pertenço a você. Para sempre.

Guiou-o para dentro de si e gemeu ao senti-lo deslizar devagar por sua umidade.

Em seguida, toda a delicadeza e hesitação desapareceram diante do calor da paixão que os consumiu. Victor começou a impulsionar o corpo para dentro do dela com volúpia, e Pea recebeu cada empuxo erguendo os quadris da cama e angulando a pélvis de modo a aceitar cada estocada por inteiro. Amou-a com a antiga dança da luxúria até que Pea sentiu o corpo se preparando para o orgasmo e levantou as pernas, gemendo. Com uma espécie de grunhido, Vulcano segurou-lhe a perna e a ergueu, ancorando-a por cima do ombro musculoso e agora escorregadio de suor. A nova posição a abriu ainda mais para ele, permitindo que mergulhasse mais fundo, levando-a à beira do êxtase.

Pea colocou os braços ao seu redor e explodiu, ofegante. Ele a seguiu nessa doce explosão e gemeu com o prazer que o invadiu.

Pea se agarrou ao seu corpo trêmulo...

... E algo acima do ombro largo chamou sua atenção. Ela piscou, tentando se concentrar e controlar a própria respiração, porém viu claramente quando as chamas das velas perfumadas que acendera antes estalaram em um sopro forte que quase chegou ao teto!

Gritou, contudo Victor se encontrava no meio do êxtase, e confundiu seus grito com uma manifestação de prazer. Pea se preparava para empurrá-lo de cima dela a fim de correr para o extintor de incêndio, mas percebeu que, embora as chamas das velas estivessem enormes e brilhantes demais, não queimavam o quarto. Arderam junto com o orgasmo de Victor como num lança-chamas inofensivo, destituídas de calor e feitas apenas de cor.

Pea continuou a olhar para as chamas, perplexa, enquanto Victor bombeava para dentro dela sua semente. Conforme seu orgasmo se esvaecia, assim aconteceu com as chamas das velas, até que, enfim, quando ele desabou sobre ela com o rosto afundado na curva de seu pescoço, as pequenas chamas bruxuleantes voltaram ao normal.

Se ela estivesse com os olhos fechados, refletiu Pea, teria perdido aquilo.

Entretanto eles estavam bem abertos. Não era um sonho.

A verdade a atingiu como um raio. Tudo se encaixava: a aparição súbita de Victor coincidindo com a visita de Vênus, sua aura de poder, seus padrões de fala arcaicos e estranhos, que podiam ter sido evidência de uma boa educação e, talvez, de várias viagens ao

exterior, mas que, na verdade, eram causados por algo completamente diferente. Sem contar seu conhecimento de mitologia antiga e o modo como contava suas histórias.

Victor acariciou seu pescoço com o rosto e a beijou de leve enquanto sussurrava algo doce que ela quase pôde ouvir por meio da pele.

– Quem é você? – Sua voz soou seca e objetiva, contudo naquele momento Victor (ou qualquer que fosse seu verdadeiro nome) não pareceu notar. Continuou a afagá-la.

– O homem que a ama, minha pequena.

– Mentira.

A palavra o atingiu por fim. Vulcano ergueu o corpo e, ao ver sua rígida linguagem corporal, franziu a testa com óbvia preocupação e rolou de cima dela.

Pea ignorou a sensação úmida e sensual do corpo sólido deslizando pelo dela.

– Pea?

– Você não é mortal – ela se ouviu dizendo em voz alta.

O choque nos olhos escuros não foi de “Que diabo?”; mas de “Como, diabos, ela descobriu?”. E Pea soube, sem sombra de dúvida, que seus instintos sobre ele estavam certos. Ele não era como nenhum outro homem porque não era um ser humano comum.

– Quem é você? – repetiu, cruzando os braços sobre os seios nus. Não que quisesse se esconder dele. Não. Estava simplesmente furiosa.

– Por que está me perguntando isso? Por que acredita que não sou mortal?

– Ora, por favor... Enquanto estava gozando as chamas das velas bateram no teto, como se elas fossem lança-chamas em miniatura! Isso não é normal! – falou cada palavra em separado, enunciando-as com ênfase.

Visivelmente nervoso, ele se sentou.

– Aconteceu isso com as velas?

– Ah, por acaso mencionei que elas subiram pela parede até o teto, mas não queimaram nada?

Ele olhou para as velas disfarçadamente, como se não quisesse que ela visse.

– Isso também não é normal?

– Sabe que não.

– Eu não sabia que isso ia acontecer. Isto – fez um gesto, apontando para ambos – nunca aconteceu comigo antes. – Arriscou um sorriso. – De qualquer modo, fico feliz por as chamas não terem queimado nada.

Pea ignorou sua tentativa de aliviar a tensão entre eles.

– Acha que vou acreditar que nunca teve relações sexuais antes?

– Claro que não. Não foi isso o que falei. Eu quis dizer que nunca me apaixonei antes, então eu não tinha como saber que qualquer fogo em minha presença iria, ahn... responder à intensidade das minhas emoções.

– E por que qualquer fogo reagiria a você? – Pea exigiu. Apesar da raiva que sentia, estava

curiosa para descobrir quem ele era.

Ele respirou fundo.

– Meu nome não é Victor. Sinto muito tê-la enganado. Não estou acostumado com o que está acontecendo e não imaginava o que poderia ocorrer depois que a visse novamente. – Passou a mão pelo rosto. – Eu nem tinha pensado sobre o que eu diria quando perguntasse o meu nome.

– E seu nome é...? – ela exigiu, impaciente.

– Vulcano.

– ... V. Cannes.

– Não sou um mentiroso muito bom.

Pea bufou.

– Podia ter me enganado.

– Mas não enganei. Na verdade, não queria enganar. – Ele lhe estendeu a mão, mas Pea recuou para longe dele.

– Por favor, não se afaste de mim – pediu Vulcano.

– Não ouse me dizer o que fazer! Eu não dou a mínima se é um deus. Não me deixarei intimidar. – Pea percebeu que estava mais confusa do que com raiva, mas não conseguiu controlar a própria reação. Estava apaixonada por um deus antigo. Só de pensar ouviu um zumbido estranho nos ouvidos. Ficou com medo de que, quando a raiva passasse, viesse a tristeza, ou pior: o medo.

– Eu jamais iria intimidá-la!

– Ha! Então ia apenas mentir para mim? E mal! Por que não me intimidar? Por que não me transformar em... em uma árvore ou algo assim, se o deixo zangado?

Não era isso o que os deuses faziam quando seduziam mulheres mortais? Por que ela não havia prestado mais atenção às aulas de mitologia na escola? Não tinha uma cópia daquele livro antigo de mitologia de Hamilton Edith em algum lugar da estante? Caramba, tomara que sim. Havia muito o que estudar.

– Uma árvore? Por que eu haveria de querer transformá-la em uma árvore? – Ele pareceu chocado.

– Como posso saber?! Aliás, como posso saber qualquer coisa sobre você? Não foi tudo mentira?

– Não! – ele gritou, e as chamas das velas tremularam descontroladamente em resposta.

– Veja! – Pea apontou. – Acabou de fazer as chamas aumentarem outra vez.

– Sinto muito. Não vou deixar que nada de mal lhe aconteça.

– Por que tem controle sobre as chamas?

– Porque sou Vulcano.

Pea bufou, frustrada.

– Faz muito tempo que parei de ir à escola, e não costumava prestar muita atenção à mitologia, mas...

Ele franziu a testa, confuso, e Pea revirou os olhos.

– Não sei que deus é Vulcano.

– Ah. – Ele não pareceu ofendido, como ela imaginou que pudesse acontecer. Apenas deu de ombros. – Sou o deus do Fogo. Meu reino fica nas profundezas do monte Olimpo. Em minha forja, mantenho o fogo da Terra antiga ardendo. Também trabalho com metal. Com coisas que possam ser feitas numa forja.

– Então era tudo mentira mesmo. – Pea sentiu uma onda de náusea.

– Pare com isso! – ele disse em voz alta, e olhou para as velas a fim de se certificar de que elas continuavam queimando tranquilamente antes de continuar. – Menti apenas a respeito do meu nome, nada mais. Eu lido com o fogo e a venho observando. Estou mesmo apaixonado, Pea.

Ela balançou a cabeça.

– Eu não quis dizer isso. Quis dizer que mentiu sobre ser um pária, sobre não se encaixar no seu mundo. Você é um deus! Um dos imortais. Eu conheço Vênus e sei o quanto vocês, olímpicos, são incríveis. – Ela mordeu o lábio, determinada a não chorar, e puxou o lençol por cima do corpo. Já era ruim o suficiente que ele estivesse vendo a nudez de suas emoções. Ela podia não ser boa o suficiente para encobri-las, mas ao menos poderia cobrir a nudez do próprio corpo. – Não é justo que tenha fingido ser como eu.

– Mas eu sou como você! Eu não estava fingindo. Olhe para mim! – Ele ficou nu ao lado da cama. – Olhe para mim com atenção. Minha perna é torta, eu sou manco. Basta comparar os meus defeitos à beleza irretocável de Vênus. Estou longe de ser fisicamente perfeito, Pea. Só isso já me torna um eterno pária entre os imortais dourados do Olimpo.

O zumbido voltou aos ouvidos dela.

– Nada disso importa. – Ela estendeu a mão e tocou-lhe a perna imperfeita.

Vulcano segurou sua mão e se ajoelhou ao lado da cama, afundando o rosto em sua palma.

– É importante para os imortais. Eu sei bem o que é se sentir excluído, e agora que a encontrei, sei como é se sentir aceito e amado. Não posso te perder, Pea. Não agora. Eu não poderia suportar.

Pea soltou uma exclamação quando se lembrou do que Vênus lhe havia dito e, de repente, tudo fez sentido. “Por ele não ser fisicamente perfeito, tornou-se uma espécie de pária no Olimpo. Achou que ganharia aceitação se casando comigo...”

– Oh, não... Está casado com Vênus! – disse baixinho.

– Sim, mas...

O restante das palavras se perdeu quando Pea irrompeu em lágrimas.

CAPÍTULO 24

– Pequena, não chore! Tudo vai ficar bem, você vai ver.

– Pegue um lenço para mim – Pea pediu em meio a soluços, apontando para o banheiro anexado ao quarto principal.

Vulcano vestiu o jeans e correu para o cômodo.

Pea respirou fundo, tentando se acalmar.

– O lencinho na caixa cor-de-rosa! – conseguiu gritar.

Como se o deus do Fogo fosse saber o que era um lenço de papel!

Vulcano ressurgiu do banheiro com a caixa, entregou-a e sentou-se na beirada da cama, olhando-a como se esperasse que ela fosse entrar em combustão a qualquer momento.

Pea assoou o nariz e enxugou os olhos. Respirou fundo outra vez e percebeu, satisfeita, que soluçara apenas uma vez. Então nivelou o olhar com o de Vict... com o de Vulcano, o antigo deus do Fogo, corrigiu-se mentalmente, apertando os lábios.

Serena, e no que considerava um tom calmo e razoável, falou, por fim:

– Está bem. Não sei como são as coisas no Olimpo, sob o Olimpo ou onde quer que seja. Mas aqui, no que Vênus – e, tenho certeza, você também – chama de “mundo mortal moderno”, uma mulher não costuma se deixar apaixonar pelo marido da amiga. A menos que não preste ou seja muito vulgar.

Pea suspirou diante da expressão confusa no rosto moreno.

– Basta que acredite: não sou nenhuma vagabunda nem promíscua, nem pretendo ser. O que significa que não posso cair de amores pelo marido da minha amiga!

O sorriso de Vulcano foi lento e sexy.

– Você me ama. Acabou de dizer que me ama.

– Ei! Ouviu o restante?

Ele continuou sorrindo.

– Vênus e eu não vivemos como marido e mulher, Pea. Nosso casamento foi um acordo... que acabou não funcionando para nenhuma das partes. Ela não a faz acreditar que me ama, faz?

Pea mordeu o lábio.

– Não. Contou que era casada, mas que não era um casamento de verdade.

Vulcano assentiu, não parecendo nem um pouco aborrecido pela descrição que a esposa dera para seu relacionamento.

– E não é verdade que Vênus está com outro homem neste momento?

– Talvez. – Estranhamente, Pea sentiu-se como se estivesse traindo Vênus caso dissesse mais.

Vulcano levantou uma sobrancelha.

– Talvez?

- Está bem, é verdade. Ela saiu para um encontro.
- O que, para mim, não representa nenhum problema.
- Isso me parece errado.

Ele segurou sua mão outra vez.

- Iria se sentir melhor se Vênus e eu concordássemos em anular o nosso casamento?

– Eu não sei. – Pea balançou a cabeça, sentindo-se à beira das lágrimas de novo. – As coisas estão acontecendo tão rápido!

– Mas, Pea, minha pequena, já conversamos sobre isso. A rapidez com que o nosso amor está acontecendo não é importante. É o amor em si, essa conexão de almas que sentimos, o que importa. – Inclinou-se para a frente e a segurou pelo rosto. – Olhe em meus olhos e verá a verdade neles. Vivo sozinho pelo que consideraria uma eternidade. Até vislumbrar você por meio da minha linha de fogo, poucos dias atrás, eu estava convencido de que a única maneira pela qual eu poderia ter paz era agindo como o carneiro de Quíron.

Os olhos de Pea se arregalaram.

- Queria morrer e virar uma constelação?

– Sim.

- Mas não pode! É imortal!

– Quíron também era, mas, assim como aconteceu com o centauro, posso morrer se Zeus assim desejar.

– Não!

Vulcano sorriu e lhe acariciou as faces com os polegares.

– Acontece que agora não quero mais morrer e me transformar numa constelação porque encontrei o meu verdadeiro lar aqui, com você. Se me quiser, claro.

- Mas seu reino, a forja...

- Todos esses problemas podem ser solucionados se me amar.

Pea encontrou o olhar dele. Sabia que Vulcano era um deus antigo, mas, de alguma forma, saber disso não mudou nada. Ela não se ligara apenas à sua aparência mortal. Desde o primeiro momento em que o fitara nos olhos havia reagido a muito mais do que seu lado físico. Aquilo não tinha nada a ver com mortalidade, e sim com eternidade.

- Eu te amo – sussurrou, comovida.

- Então vamos resolver isto. Juntos.

– Juntos – ela repetiu antes que os lábios dele buscassem os dela, e Pea se perdesse em seu gosto e toque, em sua magia e calor.

Griffin acordou como de costume, sem despertador, mas alguma coisa estava errada. Olhou para o mostrador do relógio digital: cinco e meia da manhã. Precisava estar na estação de incêndio às sete, portanto tinha tempo de sobra.

Sorrindo, virou-se, buscando por Vênus, mas seu lado da cama se encontrava vazio.

Era aquilo o que estava errado. Ela não estava mais ali.

Vestiu a cueca. Vênus também não estava no banheiro.

Foi para a ponta da varanda do loft e olhou para baixo. Ao vê-la sentada no sofá, admirando a escultura e acariciando Cali do Beco, distraída, suspirou aliviado.

Seu alívio, entretanto, não durou muito tempo. Vênus estava chorando. Em silêncio, as lágrimas lhe caíam pelas faces.

O alvorecer começava a filtrar pelas janelas da sala, e a luz da manhã a banhava delicadamente, o que fez com que o artista dentro dele reagisse à visão antes do homem. A beleza de Vênus era extraordinária, principalmente com aquela sombra de tristeza marcando suas feições. Aquela cena merecia ser pintada, esculpida. Merecia poesias e canções.

Em seguida, o homem tomou o lugar da artista. Vênus estava chorando. E se fosse por causa dele? E se, de alguma forma, ele a tivesse magoado? Ela estaria lamentando o fato de eles terem feito amor?

A simples ideia o fez se sentir mal. Vênus era a mulher mais incrível que já tinha conhecido. Não queria que ela se arrependesse de um só momento com ele. Na verdade, queria passar o resto da vida a seu lado.

O pensamento o chocou. Jamais imaginara um futuro com qualquer uma de suas amantes, namoradas, ou qualquer que fosse o modo como estas se autodenominavam. Vênus era diferente. Ela o fazia se sentir diferente. E não apenas porque era bonita, espirituosa, inteligente e gentil. Havia algo indescritível nela. Na realidade, juntos eles possuíam aquele algo mais. Aquela faísca que transformava amizade em amor e amantes em almas gêmeas.

Almas gêmeas? Era isso o que eles eram?

A ideia o abalou ainda mais, porém Griffin não a rejeitou. Tudo dentro dele insistia: é ela! Ela é minha! Aquela por quem eu estive esperando!

Apanhou o roupão e desceu correndo a escada.

Vênus nem sequer notou sua presença até que ele a tocou no ombro. Então deu um pulo e enxugou os olhos depressa.

Cali miou em protesto, em seguida desceu do sofá com arrogância.

Bichana traidora.

– Perdão, eu não queria assustá-la – desculpou-se, percebendo que Vênus vestia o suéter que ele usara na noite anterior. Era muito grande para ela, o que a fazia parecer ainda mais jovem e muito, muito sexy.

– Tem café? – ela quis saber.

Griffin franziu o rosto. Será que tinha?

Mas não queria falar sobre café. Queria tomá-la nos braços, dizer que a amava e que iria compensá-la por qualquer coisa que a houvesse feito chorar. Suas lágrimas, contudo, o tiraram do prumo tanto quanto seus próprios pensamentos acerca de almas gêmeas e um futuro em comum.

– Tenho café, sim – respondeu em vez disso.

– Será que pode me fazer um pouco?

– Claro. – Completamente confuso, ele rumou para a cozinha e ligou a cafeteira. – Quer um bolinho ou outra coisa para comer?

– Não... Não, obrigada.

Griffin apertou os lábios. Vênus estava sendo educada demais.

Esperou, impaciente, que o café fosse suficiente para preencher duas canecas e voltou às pressas para junto dela. Vênus continuava sentada no sofá, os olhos ainda fixos na escultura. Mas tinha parado de chorar.

– Trouxe café preto, está bem? Mas tenho leite e açúcar se quiser.

– Assim está bom, obrigada. – Ela aceitou a caneca e tomou um gole.

Griffin sentou-se a seu lado e, num impulso, inclinou-se e a beijou com suavidade.

– Bom dia – saudou, feliz por ela aceitar o carinho e também se inclinar para beijá-lo.

– Bom dia.

Beberam o café em silêncio, até que ele não suportou esperar mais. Pousou a caneca e se virou para encará-la.

– O que aconteceu? Alguma coisa errada?

Vênus suspirou.

– É difícil colocar em palavras.

– É comigo? Fiz algo que a aborreceu?

– Não. Você foi perfeito.

Inferno. Ela dizia aquilo como se fosse uma coisa ruim.

Ele respirou fundo e fez a pergunta que mais temia:

– Está arrependida pela noite passada?

– Não, claro que não! – Vênus o encarou. – A noite passada foi maravilhosa.

Griffin passou os dedos pelo rosto úmido.

– Então por que está sentada aqui, chorando?

Vênus olhou de volta para a escultura.

– Tinha razão – falou baixinho.

– Sobre?

– Sobre a Vênus.

– E isso a deixa triste?

Ela assentiu.

– Estou triste porque percebi que tenho muito em comum com ela.

– Como assim? – Por alguma razão, as palavras, ou talvez o tom em que ela as pronunciou, fizeram seu estômago apertar.

– Você disse que era como se a Vênus não precisasse de um homem, o que a fazia intocada e intocável. Isso é trágico. A Vênus é o Amor.

Foi a vez de ele concordar em silêncio.

– Eu tenho vivido assim. – Vênus soou introspectiva, como se houvesse se esquecido de que ele continuava ali e falasse para si mesma. – Ajudei tanta gente a encontrar o amor! Já me pediram tantas vezes que transformassem suas paixões, obsessões e desejos em realidade, mas, quanto a ter essas coisas em minha própria vida... – Deu de ombros. – O amor tem passado por mim, por cima da minha cabeça, ao meu lado e, às vezes, até me visitado brevemente... porém nunca permanece comigo.

Griffin segurou a mão dela, vendo Vênus se voltar para fitá-lo. Nunca na vida ele quisera tanto uma coisa quanto fazer a tristeza sumir daqueles olhos.

E, enquanto tentava descobrir o que dizer a ela para livrá-la de tanta melancolia, percebeu que sua tão prezada liberdade e sua constante fuga do amor não tinham sido nada mais do que atitudes vazias em uma vida apenas parcialmente vivida. Perguntou-se se o artista dentro dele não reconheceria a solidão muito antes daquele momento, e se o principal tema de sua arte não eram as mulheres justamente por esse motivo, por mais que ele houvesse passado a vida evitando compromissos.

Percebeu, então, que estava com medo de dizer o que viria a seguir.

Entretanto, temia não dizê-lo.

– Nunca me casei, Vênus. Nunca fui nem mesmo comprometido. A verdade é que tenho evitado amar tanto quanto você. Depois de ver a quantidade de problemas que minhas irmãs e minha mãe enfrentaram com isso, concluí que era melhor viver sem ser escravo desse maldito sentimento.

À menção das irmãs dele, os lábios de Vênus se curvaram ligeiramente, o que amainou um pouco a tristeza em sua expressão.

Griffin prosseguiu:

– Depois conheci você. E agora vejo uma chance de ter aquilo que falta em minha vida. Vejo a chance de viver um amor.

– Mesmo que esse amor venha cheio de complicações, problemas e, como você mesmo disse, como um “maldito sentimento”?

Ele sorriu e a acariciou no rosto novamente.

– Mesmo assim.

Vênus tornou a desviar o olhar do dele. Em vez de aliviar sua tristeza, foi como se aquela declaração houvesse tido o efeito oposto sobre ela.

– Vênus, estou interpretando mal o que está acontecendo entre nós? Se acha que não poderia me amar, então...

– Eu poderia te amar – ela concordou depressa. – Eu te amo – acrescentou baixinho.

Griffin sorriu, porém, mais uma vez, seu alívio teve curta duração.

– No entanto, amor nem sempre é suficiente – Vênus afirmou. – As coisas entre nós podem ser muito complicadas.

– Para mim, essa sempre foi a especialidade do amor: complicar as coisas. – Ele tentou usar um tom leve, mas, quando encontrou o olhar dela, o desespero que viu o fez desistir da brincadeira. – Qual o problema, Vênus? – Ele a puxou para os braços. – O que pode ser tão terrível? – O mal-estar em seu estômago se expandiu até tomar conta de seu coração. – Existe outra pessoa, é isso?

– Não! Não há mais ninguém. – Ela se ajeitou melhor no abraço, de modo a poder encará-lo. – Sua vida aqui é muito importante para você, não é?

– Sim. É o meu trabalho o que a incomoda? É perigoso, verdade, mas sou muito cuidadoso. Griffin franziu a testa. Conhecia bombeiros cujas esposas ficavam em pânico a cada vez que o alarme soava, e odiou pensar em Vênus vivendo aquele tipo de medo.

Conseguiria abrir mão daquele emprego? Poderia se manter vivendo apenas como artista?

Não tinha certeza. E, definitivamente, não gostava da possibilidade de ter que escolher entre o amor que nutria pelo trabalho e o amor que sentia por ela.

– Não é o seu trabalho. Respeito muito o que faz e sei que a vida de um guerreiro nunca é isenta de risco. Eu estava pensando na sua família: em suas irmãs e em sua mãe. Sei que não gostaria de deixá-las.

– Não, eu não faria isso – ele afirmou, compreendendo por fim. – Você não é de Tulsa, é isso?

– Não, não sou. Estou aqui provisoriamente. Prestando um favor para Pea na faculdade. Quando eu terminar de ajudá-la, terei que ir embora.

– De onde você é?

Vênus o fitou, e Griffin percebeu o quanto ela se encontrava angustiada e perdida.

– De muito longe.

Ele sorriu e a beijou na testa.

– De onde? Nova York? Chicago? Ou, que Deus nos ajude... – ele riu – ... de Los Angeles?

– De Roma. E também passei algum tempo na Grécia.

Os olhos de Griffin se arregalaram com surpresa.

– Tem razão. Veio de longe mesmo. Mas não consideraria se mudar para cá?

– Não posso. Também tenho as minhas obrigações – ela afirmou, infeliz.

– Podemos elaborar algum esquema de viagens e ver o que acontece. Uma relação de longa distância não é impossível. O mundo não parece mais tão grande.

Ela o fitou, descrente, e Griffin a abraçou com mais força.

– Não deixaria que a distância mudasse o que sente sobre mim, deixaria?

Vênus o acariciou no rosto, traçando seus lábios com o dedo.

– Não. Mas tenho medo de que, quando perceber o que implica me amar, você mesmo faça isso.

– O que posso fazer para que acredite que não vai se livrar de mim tão fácil?

Ela passou os braços por seus ombros, e Griffin suspirou. Adorava senti-la pressionada

contra o corpo. Deslizou as mãos até a curva delgada da cintura, e Vênus estremeceu em resposta à carícia.

– Apenas me ame agora e deixe que eu viva a fantasia de ter você um pouco mais.

– Não sou nenhuma fantasia, Vênus. Nós não somos nenhuma fantasia – ele afirmou, antes de tomar seus lábios com paixão. Queria dizer mais, garantir que nada nem ninguém iria ficar entre eles, mas a boca de Vênus desceu por seu peito e encontrou sua crescente ereção. Quando se fechou em torno dela, as palavras sumiram de sua mente, e Griffin só foi capaz de gemer seu nome.

CAPÍTULO 25

– Ah, merda! Olhe a hora... Já passou das sete! – Pea se desvencilhou dos braços de Vulcano e rumou, nua, para o banheiro.

– Aonde está indo? – ele chamou, sonolento, às suas costas.

– Trabalhar! Preciso estar lá às oito. – Ela pôs a cabeça para fora do banheiro enquanto ajeitava os cachos e os cobria com uma touca de banho. – Eu tiraria o dia de folga se pudesse, mas tenho outras entrevistas, você sabe, para o trabalho em que fingiu estar interessado. Tenho, mesmo, que estar lá.

– Eu não fingi coisa nenhuma. Acredito realmente que gostaria de ser professor de História.

– Seria um professor excelente!

Vulcano sorriu para ela.

– Esse seu chapéu é engraçado.

Pea estreitou os olhos.

– É uma touca de banho, não um chapéu. Não tem graça.

– Claro que tem. Está uma gracinha.

Se aquilo o seduzia, então talvez a maldita touca que Vênus insistira para ela usar, a fim de proteger os cachos do frizz, tinha valido a pena, concluiu Pea.

Ainda assim, mostrou a língua para Vulcano, o que só fez seu sorriso aumentar.

– Podia usar essa língua de outras maneiras aqui... – ele provocou.

Ela olhou o magnífico corpo nu e percebeu que o sorriso dele não era a única coisa crescendo por ali. Sentiu um calor invadi-la e desejou ter mais tempo para...

– Não! Não posso. Preciso trabalhar. – Voltou para dentro do banheiro, tentando lavar o rosto, escovar os dentes e falar com Vulcano, tudo ao mesmo tempo. – E quanto a você? Não tem que voltar para o Olimpo, para o seu fogo, forja ou sei lá o quê?

Pea pôde ouvi-lo rir.

– Quer dizer que, mais uma vez, vai me fazer contar as horas até que eu possa vê-la.

– Sim – ela respondeu sem preâmbulos. – Ei, enquanto tomo banho, pode ficar à vontade, a casa é sua. Tenho uma porção de coisas para o café, na cozinha, e a cafeteira automática já deve estar operando sua magia...

Gritou, com a escova de dentes na boca, quando ele enfiou a cabeça para dentro do banheiro.

– Tem certeza de que não precisa da minha ajuda, senhorita?

– Tenho! – Pea ignorou a provocação e o empurrou para fora, fechando a porta.

Feliz, riu e cantarolou durante todo o banho.

Pea ficou pronta para o trabalho em tempo recorde, e checkou o relógio enquanto deixava o

quarto, apressada: sete e meia. Poderia tomar um rápido café com Vulcano e ainda sair para trabalhar na hora certa. Ela nunca se atrasava para o trabalho, e perder alguns minutos não lhe faria mal algum.

Vulcano se encontrava sentado à mesa da cozinha e, surpreendentemente, sua figura enorme não parecia estranha ou fora de lugar ali. Ao contrário, parecia complementar o cômodo, enchendo-o e tornando-o ainda mais aconchegante. Ele bebia uma caneca de café com os olhos fechados, o que a fez sorrir.

– Nunca tinha bebido café antes?

– Nunca – respondeu antes de abrir os olhos e sorrir para ela. – O cheiro é tão divino quanto o sabor.

– Literalmente, deus do Fogo? – Pea serviu-se de uma caneca.

Vulcano hesitou, depois sorriu como um menino.

– Creio que sim.

Pea riu também, porém seu riso se transformou em uma exclamação quando ele já não bloqueava sua visão. A mesa estava repleta de travessas de prata talhadas à mão, cheias de pedaços de queijo envelhecido, frutas exóticas, pães que pareciam recém-assados e finas fatias de frios.

– O que é isso tudo? – indagou, perplexa.

Vulcano olhou do banquete para Pea.

– Café da manhã?

– Fez tudo isso aparecer?

Ele a estudou por um momento.

– Como quando sugeriu que eu poderia transformá-la em uma árvore?

– O que você não faria, lembra-se? – ela retrucou por entre os dentes.

– Jamais.

– Pois foi isso mesmo o que quis dizer.

– Sim, eu fiz a comida aparecer.

– Vulcano – ela começou, parou, depois se inclinou para beijá-lo no rosto e lhe afagar as costas de quebra. Ele parecia tão delicioso, ali, sentando em sua cozinha! E decerto nem fazia ideia disso. – Não fico muito à vontade vendo as coisas surgirem do nada à minha frente. – Sentou-se na cadeira mais próxima, fazendo suas coxas roçarem. – Isso não costuma acontecer em Tulsa. Verdade! – acrescentou diante de sua expressão incrédula. – Isso iria pirar até o mais moderno dos mortais. – Depois de uma pausa, começou a encher o prato.

– Piar? – ele repetiu, confuso.

– Piar é o mesmo que ficar pouco à vontade, só que multiplicado por dez.

– E isso a faz se sentir pouco à vontade?

– Muito.

– Eu não fazia ideia.

– Eu sei. Vênus também ficou chocada ao descobrir que isso era um problema para mim.
– Se é assim, vou parar de fazer as coisas surgirem do nada.
– Agradeço imensamente!
– O seu pedido é uma ordem, minha senhora. – Ele fez um floreio, mesmo sentado, o que a fez rir e corar.

E foi exatamente nesse momento que Vênus apareceu na cozinha.

– Pea, querida, eu tenho tanta coisa para... – Estacou ao deparar com Vulcano.
– Olá, Vênus – ele saudou.
– Olá, Vênus – repetiu Pea.
– O que, por todos os falos murchos dos deuses, ele está fazendo aqui?! – exigiu a deusa.
Pea olhou para Vulcano, estarrecida.
– Você disse que ela não ficaria aborrecida!
– Sim, mas não disse que ela não ficaria chocada.
– Ela está bem aqui! – protestou a deusa.
– Vênus, por favor, não fique zangada! – implorou Pea, começando a choramingar.
– Eu não estou zangada! – gritou a deusa do Amor. Então fechou os olhos, respirou fundo e recomeçou: – Eu não estou zangada – afirmou em um tom mais calmo. – Por que eu ficaria zangada? Só estou perguntando por que Vulcano está sentado à sua mesa da cozinha, tomando café da manhã... – Vênus reparou na lauta refeição e arregalou os olhos – ... O qual, aparentemente, também veio direto do Olimpo.

– Eu disse a ele que ficasse à vontade enquanto eu estava no banho – explicou Pea.
– Foi o que eu fiz – Vulcano se justificou.
– Sim, ele não sabia como me sinto com essa história de fazer as coisas surgirem do nada e...

A mão erguida de Vênus silenciou Pea.

– Escutem aqui. Isso não está fazendo nenhum sentido para mim.
– Desculpe – Pea murmurou, constrangida.

Vulcano deu de ombros, e Vênus estreitou o olhar para observá-lo. Não era comum que ele estivesse tão falante. E parecia relaxado! Usava até jeans e um suéter.

Estudou-o por mais alguns instantes, depois sentiu um choque. Vulcano tinha feito sexo! E dos bons. Podia afirmar isso apenas de olhar para ele.

Abria a boca para dizer que já não era sem tempo quando um pensamento insano cruzou sua mente.

A deusa do Amor desviou seu olhar afiado para Pea, então. A moça não a fitou nos olhos e começou a se mexer na cadeira. Literalmente!

– Pela vagina mais do que usada de Gaia, vocês fizeram sexo! – exclamou, abismada. – Um com o outro!
– Por favor, não fique zangada! – Pea implorou.

– Pare de repetir isso! – ralhou Vênus.

– Pare de intimidá-la! – Vulcano gritou.

– Não ouse gritar comigo!

Chloe correu para a cozinha, as patas deslizando no chão de ladrilhos, latindo, estridente.

– Vejam só o que fizeram! – reclamou Pea, as lágrimas já banhando o rosto quando se curvou para acalmar a agitada terrier.

Vênus respirou fundo, acalmando-se, depois falou baixinho para a cadela:

– Chloe, querida, desculpe se levantei a voz para esse terrível deus do Fogo. Eu não queria assustá-la. – Caminhou até Pea e acariciou o pelo da cachorrinha. Então sorriu e puxou um dos cachos da amiga. – E também não queria aborrecê-la.

Pea fungou e abriu um breve sorriso.

– Não devia tê-la feito chorar – resmungou Vulcano. Seu tom tinha voltado ao normal, porém ele continuava de testa franzida para a deusa.

Vênus jogou as mãos para cima em sinal de irritação.

– Pode, por favor, me dizer o que, em todos os níveis daquele Submundo sem sexo, está fazendo aqui?

– Talvez esteja interessada em saber que há bastante sexo acontecendo no Submundo, ao menos pelas bandas dos Campos Elíseos.

– Vulcano... – A voz da deusa desceu um tom como alerta.

– Nada de magia! – Pea gritou, fazendo com que Chloe voltasse a rosnar.

– Então é melhor ele...

– Ele é Victor! – Pea desabafou.

Vênus piscou.

– Victor? O do cunilíngua?

– Você contou a ela?! – exclamou Vulcano.

– Como se ela precisasse fazer isso! – ironizou Vênus.

O deus do Fogo bufou.

– Esse mesmo – confirmou Pea.

– Pois trate de se explicar, Vulcano, porque se magoou esta menina, juro que vai sofrer as consequências da minha ira!

O deus do Fogo endireitou o corpo e enfrentou o olhar penetrante da deusa do Amor.

– Agradeço por ser tão protetora quanto a Pea, Vênus, mas não precisa se preocupar. Eu a amo. Jamais iria magoá-la.

– Como pode amá-la?

Pea virou-se para Vênus.

– Não acha que sou digna de ser amada?

– Querida, não foi isso o que eu quis dizer. Acontece que Vulcano e eu somos... – Ela hesitou, escolhendo as palavras com mais cuidado. – Vulcano e eu nos conhecemos há muito

tempo, e o amor não é exatamente algo fácil de obter.

– Ela sabe que somos casados – ele contou de uma vez.

– Então também sabe que é um casamento de fachada.

– Nunca foi fácil para Vulcano sentir amor porque ele ainda não me conhecia – declarou Pea.

Vênus virou-se para a amiga mortal. Seus olhos continuavam marejados e seu rosto, corado; entretanto, Pea sustentou seu olhar durante todo o tempo.

– Você me conhece – insistiu Pea. – E também conhece Vulcano. Não percebe como somos iguais? – Ela desviou o olhar para o deus do Fogo e estendeu-lhe a mão.

Vulcano a aceitou e levou aos lábios.

Até aquele momento, Vênus nunca o imaginara fazendo tal coisa.

Ainda olhando para o deus do Fogo, Pea continuou:

– Não vê que pertencemos um ao outro?

– Sim, deusa do Amor – Vulcano disse enquanto fitava Pea com adoração. – Olhe para nós e diga o que vê.

Vênus o fez. Não com os olhos de uma amiga ou os de uma esposa de conveniência. Olhou para eles com os olhos do Amor, e o que viu a fez suspirar. Eles eram iguais. Tinham as mesmas almas doces e perdidas que, aparentemente, haviam encontrado enfim o caminho de casa.

– Vocês pertencem um ao outro.

– Oh, Vênus, eu sabia que ia compreender! – Pea jogou os braços em torno da amiga e a abraçou com força enquanto Chloe latia alegremente.

Max entrou na cozinha, fungou com desdém para todos eles, e em seguida saiu, apressado, com a terrier em seus calcanhares.

– Preciso de uma xícara de café – declarou Vênus, quando Pea a soltou enfim.

– Excelente bebida. Quase tão deliciosa como a ambrosia – opinou Vulcano.

– Eu pego. – Pea enxugou os olhos e começou a abrir e fechar os armários, bem-disposta. – Como foi seu encontro com Griffin? – perguntou, por cima do ombro.

Vênus não soube para onde olhar, principalmente quando percebeu o rosto quente.

– Griffin? O bombeiro que foi tão atencioso na sua aula? – indagou o deus do Fogo.

– Pela tetas da... – Vênus começou a praguejar, porém Pea deu-lhe um ligeiro aperto no ombro e ela engoliu a reprimenda, aceitando a xícara do excelente café.

– Sim, Vulcano tem vindo observar o mundo mortal moderno – admitiu Pea num tom calmo e razoável de voz.

– E assisti a uma boa parte da sua aula. Foi mesmo muito interessante e instrutiva – ele afirmou.

– Fico satisfeita por ter podido ajudar – respondeu Vênus com um toque de sarcasmo.

– E quanto ao encontro? – insistiu Pea.

– Correu tudo bem.

– Bem? – ela repetiu. – No sentido de “Fiquei meio entediada, mas foi bom” ou no sentido de “Ele acabou comigo”?

– Bem no sentido de... – Vênus olhou para Pea e, em vez de dizer algo divertido e inteligente, teve uma súbita vontade de dizer à amiga o que lhe ia no coração. – Acho que estou apaixonada!

Ignorou o olhar chocado de Vulcano e devolveu o carinho de Pea quando a pequena mortal jogou os braços ao seu redor.

– Oh, Vênus! Eu te disse! Eu disse que estava aqui tanto por sua causa quanto pela minha!

– Estava certa, querida. – A deusa jogou os longos cabelos para trás. – Acredito mesmo que está certa. Mas amar um mortal pode ser complicado. – Olhou para Vulcano. – Por exemplo, como vai fazer para dar certo com Pea?

– Ainda não decidi.

– Nós. Nós ainda não decidimos – corrigiu Pea, lançando um olhar severo a Vulcano. – Só porque é um deus não significa que vai começar a tomar todas as decisões. – Apontou para o próprio peito. – Eu também tenho uma deusa dentro de mim. Não deve se esquecer disso.

– Bem colocado, Pea – elogiou Vênus, satisfeita pela amiga ter voltado a ser ela mesma, porém com uma dose extra de autoconfiança.

– Tive uma boa professora. – Pea riu. – Ah, por falar nisso, nós temos que ir trabalhar!

– Nós? – Vênus e Vulcano indagaram juntos.

Ela tornou a rir.

– Eu quis dizer Vênus e eu. – Inclinou-se e beijou Vulcano profundamente nos lábios. – Não disse que tinha coisas de deus do Fogo para fazer também?

– Nós? – persistiu Vênus, confusa.

– Com toda aquela correria de ontem, eu me esqueci de lhe dizer: o diretor de treinamento dos bombeiros ligou para o meu escritório para dizer que sua aula de alívio do estresse foi um sucesso total, e que iria mandar outra turma esta manhã. Ou seja, tem outra aula para dar agora.

– Pelas bolas dos sátiros! – murmurou Vênus. – Eu me esqueci de apagar a lembrança que os bombeiros tinham de mim!

– Vai ter que preencher alguns papéis também. Você sabe, impostos e coisas assim – explicou Pea.

– Impostos?

– Eu explico tudo no caminho para o trabalho. Temos de nos apressar, ou vamos nos atrasar demais.

Vênus franziu o rosto.

– Eu nem consegui terminar o meu café.

– Então vou colocá-lo em um copo para viagem – decidiu Pea.

– Não é a mesma coisa – resmungou a deusa.

Vulcano se levantou e puxou Pea para os braços.

Vênus o observou, abismada. Nunca, ao longo de todas as eras em que o conhecia, o deus do Fogo havia demonstrado alguma inclinação para o romance. E, no entanto, lá estava ele, tomando Pea delicadamente nos braços e beijando-a com paixão!

Que coisa mais estranha. Sem dizer que toda aquela volúpia o fazia parecer mais forte, bonito e sexy.

Bem, sorte de Pea!

E sorte de Vulcano, também, concluiu Vênus, feliz por eles.

– Eu a vejo esta noite, pequena – ele murmurou.

– Combinado. – Pea saiu de seus braços e fechou os olhos.

Vulcano deu a Vênus um breve e amigável sorriso e, em seguida, desapareceu.

Com os olhos ainda fechados, Pea quis saber:

– Posso abrir os olhos?

– Pode.

– Ótimo, agora pode me contar tudo sobre a noite passada com Griffin, e eu explicarei o que aconteceu comigo e com Vulcano – entusiasmou-se Peã, enquanto procurava um copo para viagem no armário.

– Sabe que eu poderia nos fazer economizar um bom tempo, transportando-nos para a escola...

– Não! – O rosto de Pea ficou branco.

Vênus suspirou. Algumas coisas sobre os mortais modernos ela nunca entenderia.

CAPÍTULO 26

– Não acredito que Vulcano ficou nos observando! – desabafou Vênus enquanto andava de um lado para o outro do escritório de Pea.

– Bem, na verdade, ele estava me observando – corrigiu a moça.

– Pois então! Isso é muito estranho vindo dele!

Pea sorriu para a deusa.

– O amor faz isso com algumas pessoas.

Vênus levantou uma sobrancelha.

– De fato.

– Falando nisso, vamos conversar sobre Griffin. E não me poupe dos detalhes, pois ficou fora a noite inteira e até falou que está apaixonada!

– Griffin é um amante espetacular e talentoso – contou Vênus.

– Que bom! Mas imagino que seja preciso mais do que isso para que se apaixone por um homem, deus... ou seja lá o que for.

Vênus estudou as próprias mãos. Não imaginava que fosse tão difícil falar de seus sentimentos mais íntimos. Por eras havia encorajado casais a fazerem exatamente isso, e só agora compreendia por que eles pareciam tão incomodados.

Suspirou e tentou colocar os sentimentos em palavras.

– Sabe como é com você e Vulcano. São tão parecidos que têm a capacidade quase inata de entender um ao outro sem muitas palavras, não é?

– É assim mesmo.

Vênus ergueu o olhar das mãos para encontrar o da amiga e sentiu-se estranhamente à beira das lágrimas.

– É assim que me sinto com Griffin, o que é no mínimo irônico – confessou em meio a um soluço. – Ele é um homem incrível. Devia ter encontrado o amor anos atrás. E eu... eu sou o Amor e, aparentemente, não me conheci por muito tempo. Não até ter olhado nos olhos de um mortal. Então, de repente, encontrei a mim mesma. – Vênus enxugou as lágrimas. – Não foi uma idiotice minha?

– Claro que não! – Pea segurou sua mão. – Por que não mereceria um grande amor?

– Pea, estive tão ocupada, assegurando que todo mundo encontrasse o amor, que não pensei em guardar nem um pouco para mim.

– Isso vai mudar agora.

– Acha que é possível?

– Já aconteceu. Você o encontrou. Você o ama. E ele te ama, certo?

– Griffin diz que sim.

– Então, qual é o problema?

– Ele não sabe quem eu sou.

– Claro que sabe. Ele sabe que é linda, doce, inteligente, engraçada e sexy. Exatamente o que você é!

– Mas também sou uma deusa imortal. Um dos Doze Deuses Olímpicos. Meu lugar na eternidade deve ser no monte Olimpo. Pea, não posso abandonar o meu reino. Como o mundo sobreviveria sem o Amor?

Pea apertou a mão dela.

– Não sobreviveria. Griffin tem que se mudar para o Olimpo. Isso é tudo.

– Eu já pedi isso a ele, de certa forma.

– De certa forma?

Vênus pareceu envergonhada.

– Eu disse a ele que o meu trabalho era em Roma e na Grécia, e que eu não poderia deixá-lo para vir morar em Tulsa.

– E?

– E ele não quer deixar a família. As irmãs e a mãe dependem dele. Griffin falou que poderíamos ter algo que chama de “relacionamento a distância”.

Pea torceu os lábios.

– Urgh... Inaceitável. – Em seguida, seu rosto se iluminou. – Mas seria se ele soubesse quem você é realmente. Pode se transportar do Olimpo para cá e vice-versa, certo?

– Sim.

– E não pode transportá-lo, também?

– É claro. Mas, se odeia essa magia, talvez ele também odeie.

– Por favor... – zombou Pea. – Griffin é homem. Aposto que vai adorar essa coisa. E, sinceramente, se Vulcano tiver que me transportar também, de modo que ele e eu possamos ficar juntos, tomo um Xanax e ele faz comigo o que quiser.

– Xanax?

– Ambrosia em pílula.

– Ah. – Vênus aquiesceu, pensativa. – Então acha que eu deveria dizer a verdade a Griffin. Todinha.

– Acho. Na realidade, penso que seja a única saída.

– E se ele não gostar da ideia de ser amado por uma deusa?

– Ora, Vênus! Que homem não gostaria de ser amado por uma deusa? Principalmente pela deusa do Amor! Ele vai ficar exultante.

– Bem, “exultante” decerto soa bem razoável para mim.

– Quando vai vê-lo de novo?

– Mais tarde, hoje. Griffin vai estar de plantão, mas disse que, se eu passasse por lá esta tarde, poderíamos jantar no parque ao lado da estação. Isso se ninguém provocar algum incêndio que ele tenha de apagar, claro.

– Perfeito. Conte a Griffin quem você é. Ele vai estar no trabalho pelas próximas vinte e quatro horas, pelo menos. Não é assim que funcionam os turnos?

Vênus assentiu.

– Griffin falou que eles geralmente trabalham um dia e em seguida folgam dois.

– Pois então, conte tudo a ele hoje e Griffin terá tempo de se acostumar à ideia antes de tornar a vê-la. Pronto!

– Acha mesmo?

– Claro. Não sou a mortal mais prática que já conheceu?

Vênus sorriu para a amiga.

– Talvez.

– Pois então. Se posso me acostumar a amar um imortal, qualquer um pode.

– Sabe de uma coisa? Você é mesmo muito sábia.

– Eu sei. Agora, moça, tem uma aula para dar, e eu, uma série de entrevistas para conduzir. Esta noite vai resolver tudo com Griffin e eu... – Pea balançou as sobrancelhas – ... com Vulcano.

Vênus riu. Virou-se para deixar o escritório de Pea e rumar para o que já considerava sua sala de aula, porém estacou ao ouvir as palavras seguintes da pequena mortal.

– Sabe que poderia voltar ao Olimpo a qualquer momento, agora, não sabe?

Ela se voltou para Pea.

– E-Eu não pensei muito nisso, para falar a verdade, mas imagino que sim.

O sorriso de Pea para a deusa foi cheio de calor e amor.

– Claro que pode. Só estava presa aqui até transformar em realidade o meu desejo de felicidade e êxtase. E fez com que eu fosse abençoada com ambos em quantidades que eu nunca tinha imaginado.

– Oh, Pea! Eu não lhe proporcionei nada disso. Apenas a ajudei a encontrar o caminho, para que você os descobrisse.

– Obrigada, Vênus, deusa do Amor – Pea agradeceu, comovida.

Ela inclinou a cabeça num régio reconhecimento.

– Foi mais do que um prazer, minha querida. – Em seguida, apanhou sua sacola com os desenhos das vulvas e, sorrindo, correu para a sala de aula.

Diante da coluna de fogo, com as mãos nos quadris, Vulcano pendeu a cabeça para trás e riu, feliz. Ele a encontrara, e ela o amava! Pea sabia quem ele era e o aceitava. Nunca mais na vida seria um poço de solidão, no qual passaria eras em sua própria companhia. Ao contrário, estaria com Pea. Iria amá-la, ter filhos com ela, vê-la envelhecer e...

Parou de repente. Iria ver seu amor mortal, sua alma gêmea, envelhecer e morrer. Então voltaria ao ponto onde havia estado antes de amá-la.

Não. Seria ainda pior. Seus séculos de solidão já haviam sido ruins o bastante antes que ele

a conhecesse. Com a partida de Pea, os seguintes seriam insuportáveis.

– Não! – gritou, e a chama ardeu alta e quente em resposta. – Eu não vou viver sem ela!

Mas que escolha tinha? Talvez pudesse transformá-la em algo como um riacho sempre a fluir, ou um prado de flores silvestres que florescesse eternamente.

Vulcano balançou a cabeça.

– Não posso fazer isso. Pea não suporta o transporte por magia – murmurou, desgostoso por ter considerado a hipótese. – Além do mais, não seria Pea de verdade, e não estaríamos juntos de fato.

Não. Transformar Pea não era a resposta.

Talvez ele tivesse que transformar a si mesmo. Não muito tempo atrás, estivera ansioso por se tornar uma constelação fria, a fim de se livrar daquela existência marginal. Fora justamente esse o motivo pelo qual havia voltado a atenção para o mundo mortal moderno. Tivera a intenção de descobrir um mortal que se mostrasse disposto a tomar seu lugar como deus do Fogo por toda a eternidade.

Vulcano coçou o queixo, pensativo.

– Quem Vênus havia dito que amava?

Um nome pareceu brotar da coluna de fogo: Griffin.

Sim! Aquele era o nome.

O deus do Fogo levantou as mãos e bradou para o pilar de fogo:

– Deixe-me ver o mortal moderno Griffin!

A ordem serpenteou do Olimpo, ardendo pelo fio invisível que ligava um mundo ao outro, até chegar ao Corpo de Bombeiros de Midtown, em Tulsa. Vulcano fez surgir uma cadeira e se acomodou, a fim de observar o mortal.

Parada na escada sombria dos domínios do deus do Fogo, Hera sorriu, satisfeita, e retornou em silêncio pelos degraus.

– Ei, Capitão! Uma de suas irmãs está aqui!

Griffin olhou por cima da pilha de papéis de inventário que tentava organizar. Por que diabos as contas da mercearia nunca batiam?

– O quê? – rosou. Robert tinha dito algo sobre uma de suas irmãs?

– Espere, nada disso! Todas as suas irmãs estão aqui!

– Merda! – Griffin praguejou baixinho, e se levantou da velha cadeira de escritório. O que elas estariam fazendo ali? Aquilo iria causar um verdadeiro estouro daquele bando de idiotas cheios de testosterona.

Checou o relógio enquanto saía correndo do escritório. Vênus estaria ali em menos de uma hora: tempo de sobra para tirar as meninas dali, pôr os homens para jantar e ter um bem merecido intervalo na companhia de sua deusa.

Mas primeiro as coisas mais importantes.

Dobrou uma esquina e avistou as quatro irmãs no Mustang GT vermelho-cereja de Sherry. O carro estava com a capota abaixada (precisava estar tão quente naquele fim de fevereiro?) e com a metade do maldito Corpo de Bombeiros em seu entorno, flertando com as sorridentes garotas como se elas fossem costelas num açougue!

Bem, em teoria, ele contava com tempo de sobra. Mas tempo e suas irmãs muitas vezes se colocavam em extremidades opostas.

– Griff! Ei!... Pensamos em passar por aqui para lembrá-lo do nosso encontro amanhã. – Sherry acenou para ele e sorriu como se fosse a miss Estados Unidos.

– Que tal marcar um encontro comigo amanhã, docinho? – arriscou um jovem bombeiro, vestido com um uniforme novo e impecável.

Griffin fulminou o recruta com o olhar. Aquele infeliz mal saíra das fraldas, nunca sentira nem cheiro de fumaça, e tinha coragem de dar em cima de Sher?

– Que tal terminar de limpar as latrinas em vez disso? – rosnou. – Depois disso, você e eu vamos ter uma conversa sobre o motivo de não poder chamar a minha irmã de “docinho”.

O rapaz enfiou as mãos nos bolsos, murmurou um pedido de desculpas a Sherry, um “sim, senhor” para Griffin, e correu de volta para a estação.

– Muito bem, senhores, o show acabou. Podem cuidar dos seus afazeres.

Relutante, o grupo em torno do Mustang se desfez, dando adeus às meninas, e os homens voltaram devagar para seus jogos de cartas e revistas *Sports Illustrated*, nos quais nunca haviam estado muito interessados.

– Griff, como você é chato! – Alicia fez um beicinho.

– E por que o bonitinho não pode me chamar de “docinho”, posso saber? – protestou Sher.

– Porque, como você mesma me explicou exaustivamente durante a maioria dos trinta e poucos anos em que convivemos, termos como “docinho”, “doçura” e “doce de coco” são depreciativos para as mulheres.

– Eu disse isso? – Sher perguntou a Stephanie.

– O tempo todo – Stephanie aquiesceu.

– E falei que isso valia para bombeiros jovens e bonitos?

– Não que eu me lembre – ajudou Kathy.

– Imagino que não, porque não me senti nem um pouco ofendida. Portanto, existem exceções à reg...

– Por que diabos estão aqui? – Griffin a interrompeu antes que Sherry pusesse mais lenha na fogueira.

– Estávamos apenas passando aqui por perto e, como Sher disse, decidimos parar para lembrá-lo de que ficou de trocar o nosso óleo amanhã – cricrilou Alicia.

– O nosso óleo? Está querendo dizer o óleo de quatro carros? – Griffin fez uma careta para as irmãs.

– Você prometeu que iria trocar! – afirmou Alicia.

– Mas não todos em um dia!
– Mas, irmão, você pode fazer qualquer coisa! – Stephanie sorriu para ele, inocente.
– E eu estou preparando um prato especial... – provocou Kathy.
– Costelas? – Griffin sentiu a irritação se desvanecer.
– Costelas com purê de batatas no alho. – E também descolei um pouco de milho doce para servir cozido na espiga.

– Eu providenciei a cerveja – completou Stephanie.
– Importada ou aquela droga de supermercado?
Stephanie se fez ofendida.
– Importada, claro!
– Eu estou fazendo bolo de abacaxi “de cabeça para baixo” para a sobremesa – anunciou Sherry.

Griffin não pôde evitar sorrir lentamente. Suas irmãs podiam irritá-lo muito algumas vezes. Podiam ser um verdadeiro pé no saco. Mas com certeza sabiam de tudo o que ele gostava.

– E então? Na minha casa amanhã, às cinco? – indagou Stephanie.
– Está bem. Aceito o suborno.

As meninas caíram na risada e irromperam em entusiasmados aplausos.

– Agora saiam daqui antes que esses pobres e inocentes bombeiros percam a cabeça.

Sherry engatou a marcha do Mustang e, enquanto dava marcha a ré, lembrou:

– Ei! Pode trazer sua nova namorada.

– É! – Alicia gritou. – Gostamos da sua deusa.

– Vou ver o que posso fazer – ele prometeu, acenando e balançando a cabeça quando Sherry saiu cantando os pneus em frente à estação.

Vulcano riu. As irmãs de Griffin eram ninfas divertidas e o adoravam. Como seria ter uma família grande e barulhenta, em que todos cuidavam uns dos outros? Em que elas brincavam com seu irmão amado e todos comiam juntos, amavam juntos, criavam os filhos juntos e sempre apoiavam uns aos outros enquanto envelheciam e passavam para a outra vida?

Devia ser maravilhoso.

Ele suspirou. Podia ver Pea se encaixando perfeitamente em uma família como aquela.

E Griffin DeAngelo era apenas um homem. Não contava com vastos poderes, que poderia usar à vontade. Não tinha um reino sob sua responsabilidade. Não era imortal.

Ainda assim, Vulcano o invejou com uma intensidade que fez a coluna de fogo crepitar e assobiar.

Também percebeu que de nada adiantaria considerar aquele mortal como um bom substituto. Griffin jamais iria querer trocar de vida com ele. Por que deveria? Sua existência transbordava de alegria com a magia de uma família.

Algo que, Vulcano temia, ele só poderia observar e invejar.

CAPÍTULO 27

Pea parou em frente à estação do Corpo de Bombeiros.

– Está certo. Se não quer se transportar de volta para a minha casa, telefone quando acabar o intervalo de Griffin, e eu virei buscá-la.

– Mas não quero interromper o seu encontro com Vulcano!

– Ah, não se preocupe com isso. Ele não sabe que saí do trabalho mais cedo. Não vai aparecer por ao menos mais duas horas e, se aparecer... qual o problema? Ele disse que estava morrendo de vontade de andar em um carro. Poderá vir junto.

– Estou nervosa – confessou Vênus.

– Isso é perfeitamente normal. Se é que se pode chamar de “normal” dizer a um mortal que você o ama e que é uma deusa! – completou Pea, alegre. – De qualquer forma, não há nada de errado com o fato de ficar nervosa. E meu instinto me diz que vai dar tudo certo.

– Tomara que sim.

– Estou usando minha intuição de deusa, viu? – Pea sorriu e cutucou a têmpora significativamente. – Ah, não se esqueça da cesta de piquenique! – Entregou a Vênus o cesto contendo carne de frango fria e alguns restos dos pães, queijos e frutas que Vulcano fizera surgir no café da manhã.

– Verdade. Como a deusa do Amor pode se esquecer de que o caminho para o coração de um homem é por aqui? – Levantou o cesto e apontou o estômago.

– Quer dizer que esse velho ditado é verdade?

– Querida, eu inventei esse ditado.

– Nossa... Eu não fazia ideia de que isso era tão antigo! – exclamou Pea.

– Felizmente, estou bem preservada. – Vênus ainda pôde ouvir Pea rindo conforme ia embora.

Sorriu enquanto caminhava em direção à entrada do Corpo de Bombeiros.

Havia acabado de descobrir que precisava tocar a sineta quando a porta se abriu.

– Eu a vi chegando. Vamos, entre!

Vênus agradeceu ao bombeiro e, em seguida, se lembrou de seu nome.

– Obrigada, J. D.

– Ei, pessoal! – ele gritou para a parte de trás da estação. – Nossa sexóloga está aqui!

Vênus se preparou para a inevitável comoção. Verdade que não estava muito habituada com o mundo moderno dos mortais, mas certamente esse não era o caso em se tratando da adoração que o sexo masculino em geral lhe reservava. Como de costume, os homens a rodearam, todos falando ao mesmo tempo sobre como a aula havia sido boa e o quanto suas esposas, namoradas e amantes tinham apreciado seus novos conhecimentos.

A deusa sorriu, inocente, e agradeceu aos bombeiros que ela começava a considerar como

“seus meninos”.

– Está bem, está bem, já chega. Desse jeito vão sufocá-la! – Griffin rosnou para os companheiros que, meio contrariados, se separaram para deixá-lo chegar até ela. – A srta. Pontia vai sair comigo, o que significa que terei o prazer de levá-la para longe de vocês.

Griffin a fez dar o braço a ele e lançou-lhe um olhar tão íntimo, com aqueles olhos azuis, que Vênus teve vontade de devorá-lo dos pés à cabeça.

– Continue olhando para mim desse jeito em público e eu mesmo posso fazer disso um espetáculo – Griffin sussurrou, inclinando-se para mais perto enquanto a afastava do embasbacado grupo de bombeiros.

– Costumo apreciar uma boa dose de pompa e circunstância – ela sussurrou de volta. – Mas acho que prefiro fazer isso em particular.

– Estarei no parque, mas deixei o pager ligado! – Griffin falou por cima do ombro. – Se acontecer alguma coisa, avisem. Mas apenas se for para algum resgate ou incêndio!

“Nenhum incêndio pode ser mais quente do que ela”, Vênus pensou ter ouvido um dos rapazes comentar em voz baixa, e sorriu, contente.

Homens eram homens. E tudo daria certo. Exatamente como Pea havia dito.

Caminharam lado a lado até o Fontana Park, que dava para o pátio do Corpo de Bombeiros de Midtown. Esperava-se que fosse esfriar naquela noite, porém o sol ainda tingia o céu de Oklahoma com uma paleta de cores brilhantes, e aquele dia de fevereiro estava ameno e excepcionalmente quente.

Mas era o final do dia, quase hora de o parque fechar, e Vênus ficou satisfeita em ver que ele estava deserto.

Griffin a levou até uma pequena mesa de piquenique, cercada de árvores desnudas pelo inverno.

– Gostei daqui – ela comentou, olhando o parque bem conservado. – Faz a gente se sentir bem. O lugar ideal para uma família confraternizar.

– E é. Na maior parte do ano ele fica lotado com famílias e crianças – contou Griffin. Tentou espreitar a cesta de piquenique, contudo Vênus deu-lhe um tapa na mão, rindo.

– Vamos fazer as coisas direito! Pea iria ficar aborrecida se soubesse que atacou a comida feito um bárbaro. – Tirou a toalha xadrez e a louça que a amiga havia embalado meticulosamente para eles. Conforme o fazia, pensou como seria se fosse uma mortal e pudesse vir até ali com Griffin e suas filhas para passar o dia como uma família...

Interrompeu a própria fantasia. A deusa do Amor jamais poderia ser a esposa mortal de um homem comum. Não importava o quanto pudesse desejar isso. Seu lugar pela eternidade era no monte Olimpo. O máximo que podia esperar era que lhe fosse permitido um breve intervalo com ele – aquele inesperado amor – antes que fosse obrigada a voltar para a imortalidade.

Se Griffin pudesse entender isso, aceitar isso!

– Griffin, há algo que preciso lhe contar.

– Não foi você quem fez esse frango – ele deduziu, enquanto mordida uma coxa suculenta.

Vênus franziu a testa.

– Não... Não fui eu.

– Eu já sabia. Aposto que foi Pea.

– É claro que foi. Pea é excelente cozinheira, e é muito generosa. Foi ideia dela encher a cesta com comida.

– Ela é mesmo uma graça de garota. – Griffin enfiou um pedaço do melhor queijo do Olimpo na boca.

– Verdade. – Vênus balançou a cabeça, tentando reordenar os pensamentos. – Mas não é sobre Pea que eu preciso falar com você. Tampouco sobre culinária. – Ela observou a comida que Griffin atacava com gosto. – Muito menos sobre frangos ou coisas do gênero.

– Desculpe, eu me distraí. Estou morrendo de fome. – Ele limpou a boca com um guardanapo, sorriu para ela, então lhe deu um beijo rápido, porém sincero.

Vênus notou seu ar de menino, e como ele parecia feliz e apaixonado.

– O que quer me dizer? – Griffin indagou, mas, antes que ela pudesse responder, completou: – Ah... Minhas irmãs vieram perguntar se não gostaria de jantar conosco amanhã. Sei que elas são meio enervantes, e sim, todas as quatro vão estar lá, mas prometo que a comida vai ser boa. – Seus olhos se plissaram num sorriso conforme ele continuava: – E elas me pediram que a convidassem. Disseram ter gostado da “minha deusa”...

Vênus sentiu a garganta se apertar com a intensidade de suas emoções, e precisou tomar um gole de uma das garrafas de água que Pea providenciara para disfarçar o fato de não conseguir emitir uma só palavra. As irmãs dele a haviam reconhecido! Não conscientemente, claro. Mas, em algum lugar, nas profundezas de suas almas de mulher, sabiam quem ela era e a aceitavam.

Aquilo a emocionou além do que pudesse imaginar. Restava saber, agora, se o irmão delas a aceitaria também.

– Eu gostaria muito de jantar com a sua família amanhã – conseguiu dizer por fim.

– Ótimo. Eu estava ansioso por que fosse – ele confessou.

– Griffin... Temos de conversar.

– Já disse isso.

Desta vez, Vênus percebeu que tinha mais de sua atenção. Ao menos ele estava olhando para ela enquanto mastigava.

Respirou fundo.

– Quero que saiba quem eu realmente sou.

– Por mim, tudo bem. Quero saber tudo sobre você.

Sentindo-se paralisada, Vênus bebeu outro longo gole de água.

– Ei, não vai me dizer alguma coisa bizarra como contar que era homem antes, não é? – ele indagou, brincando.

– Claro que eu não era homem! Mas pode achar bizarro o que tenho para lhe dizer.

– Está certo, então vá em frente. – Ele tornou a limpar a boca. – Diga-me o que é tão bizarro.

– Eu sou Vênus, a antiga deusa do Amor Sensual, da Beleza e das Artes Eróticas – ela falou de uma vez, usando seu título mais formal, e decidindo que, já que era obrigada a se revelar, que fosse da forma mais completa: – Dias atrás, resolvi visitar o mundo moderno mortal, na companhia de Perséfone, para fazer umas compras. – Franziu a testa ao se lembrar. – Na verdade, a deusa da Primavera foi a responsável por este incidente. Ela me levou ao Lola's, e isso aconteceu ao mesmo tempo que Pea se encontrava lá. Pea invocou a minha ajuda, usando algum feitiço, e me manteve presa aqui até que eu a ajudasse. Você sabe... Ela estava péssima. Sempre foi um doce de pessoa, mas não tinha ideia do que fazer nem com o próprio cabelo. E devia ter visto os sapatos que ela costumava usar... Urgh! De qualquer forma, eu resolvi ajudá-la, por isso estou morando com ela. Não que eu me arrependa de ter vindo para cá e de ter conhecido você e Pea – acrescentou, depressa. Em seguida, respirou fundo, tentando se acalmar, temendo que não estivesse conseguindo se explicar adequadamente. – Na verdade, Perséfone e todo o resto não são tão importantes. O que importa é que saiba que sou mesmo uma antiga deusa. Faço parte dos Doze Deuses Olímpicos. Vivo num templo no monte Olimpo.

Griffin não disse nada. Continuou apenas olhando para ela, com uma expressão estranha no rosto bonito.

Havia parado de comer, porém. Vênus teve a certeza de que contava com toda a sua atenção.

– Meu templo é maravilhoso. Tenho certeza de que iria gostar. E é claro que pode visitá-lo... – Fez uma pausa, franzindo a testa. – ... A menos que o transporte entre os dois mundos o incomode. Se incomodar, é melhor eu vir até aqui. De qualquer maneira, como você mesmo disse esta manhã, um relacionamento a distância é possível. E eu te amo, Griffin. Quero que dê tudo certo entre nós – terminou, aflita.

– Bem, pelo menos isso explica por que ficou tão comovida com a minha escultura.

– Exatamente! – ela concordou, começando a sentir uma ponta de alívio. Ele não parecia chocado ou perturbado. Talvez aquilo fosse mais fácil do que ela havia imaginado.

Griffin começou a rir. Então se inclinou e a beijou outra vez.

– Uma das coisas de que eu mais gosto em você é o seu senso de humor. O que está me dizendo realmente é que espera que eu a trate como uma deusa. Está bem. Posso fazer isso.

Vênus negou com um gesto de cabeça.

– Não, não é nada disso! Eu gosto quando me trata como se eu fosse uma mortal. Não quero que me adore, sinta medo de mim ou me peça bênçãos, como acontece normalmente com uma deusa. Quero que as coisas continuem sendo exatamente como eram quando nos conhecemos. Mas precisa saber a verdade sobre mim.

– Que é uma deusa...?

Ela assentiu.

– Sou Vênus. Ou Afrodite, se quiser me chamar pelo nome que os gregos usam. Eu sempre preferi Vênus, no entanto.

– E está falando sério. Acredita mesmo que é Vênus.

Ela suspirou. O olhar de Griffin dizia claramente: ele temia que ela estivesse louca.

– Lembra-se de quando nos conhecemos no baile de máscaras? A roupa que eu estava usando não era uma fantasia. Era a que eu costumo usar no Olimpo. Menos a máscara. Eu simplesmente trouxe as vestes do meu templo para Pea e para mim. – Vênus olhou ao redor. Por sorte, o parque continuava deserto. – Assim... – Passou a mão na frente do corpo, e seu jeans, blusa e jaqueta começaram a brilhar até que, em instantes, ela surgiu de pé diante de Griffin vestida com o traje esplendoroso e completo de uma verdadeira deusa.

– Merda! – ele exclamou, e se levantou de um salto, recuando dois passos para longe dela.

– Sinto muito – Vênus se desculpou, apressada, caminhando em sua direção. – Pea também odeia quando faço surgir as coisas, mas eu precisava mostrar que não sou insana.

– Mas eu devo ser! – murmurou Griffin, dando mais dois passos atrás.

Sentindo-se uma tola, Vênus parou de persegui-lo, preocupada.

– Não se preocupe, não está ficando louco. Isto tudo é verdade. Veja... pode tocar minhas vestes, elas são reais. – Esticou o braço envolto em seda, porém ele não ousou fazer nenhum movimento, e ela deu novo suspiro. – Pea fez o frango que estava comendo, mas o queijo e o pão também vieram do Olimpo. Não precisa se preocupar em tocar qualquer coisa que venha de lá, elas não lhe farão nenhum mal.

– Eu... preciso me sentar. – Griffin a contornou e sentou-se na bancada da mesa de piquenique. Continuou a fitá-la e a balançar a cabeça.

– Imagino que vá demorar um pouco, mesmo, para se acostumar a tudo isso – ela murmurou. Voltou para a mesa, também, contudo tomou cuidado para não se aproximar muito dele. Não queria que Griffin se afastasse novamente.

– Um pouco? – ele repetiu, incrédulo.

– Isso não muda o que eu sou, Griffin. Eu sempre fui Vênus, desde o primeiro momento em que falou comigo na festa até agora. Não estou diferente. Na verdade, isso não muda nada.

– Claro que muda!

Vênus sentiu um arrepio de apreensão correr por seu corpo que a deixou tonta. O tom de Griffin havia mudado por completo. Agora ele falava quase com frieza, sem emoção. E seus olhos expressivos tinham se transformado nos de um estranho.

– Mas não precisa mudar. Eu ainda te amo. Você ainda me ama.

– Não, deusa. Isso muda tudo – ele afirmou, sério.

Vênus notou, arrasada, que Griffin não fizera nenhum comentário sobre sua declaração de amor, tampouco sobre a lembrança de que ele deveria amá-la em troca.

De repente, sua apreensão começou a se transformar em raiva. Então ele não lhe dissera a verdade?

– Por quê? – exigiu, espelhando sua frieza. – Por que quem eu sou muda tudo? Ou estava mentindo sobre o amor que sentia por mim?

– Está chamando a mim de mentiroso? – Ele se levantou. – E quanto àquela história de nunca ter tido amor na vida até agora? Cristo! Você é o Amor! E quanto a mim, o que fui? Um brinquedinho mortal com que pôde se divertir? Ou alguma cobaia em uma experiência?

– Como se atreve!? – A ira de Vênus fez as árvores ao redor da bancada tremerem, como se a mão de um gigante – ou de uma deusa – as tivesse chacoalhado.

Griffin fitou os ramos agitados de olhos arregalados.

– Quando eu lhe disse essas palavras, estava abrindo o meu coração. Fui sozinha por muito mais tempo do que o seu cérebro mortal pode começar a compreender!

– A deusa do Amor? Sozinha? Porque sou mortal acha que também sou idiota?

– Até este momento eu não achava.

No fundo da alma, Vênus sabia que as palavras duras eram mais um reflexo do choque e da mágoa de Griffin, por ele pensar que ela o enganara, do que um reflexo de seus verdadeiros sentimentos por ela. Uma vez que a ira de uma deusa era desperta, contudo, dificilmente podia ser dominada.

E Griffin fizera isso.

– A Vênus que eu amava era como eu – ele prosseguiu, inconformado. – Tinha evitado o amor até me conhecer e estava disposta a se comprometer por fim; a descobrir uma maneira de construirmos um futuro juntos.

– Eu ainda sou aquela Vênus! – O grito da deusa fez com que o solo ao redor tremesse.

– Como? Como imagina que possamos ter um futuro juntos? Posso não saber muito sobre mitologia, mas creio que esteja certo ao afirmar que é imortal, não é mesmo? Inferno! Por acaso somos da mesma espécie? Podemos ter filhos? E o que acontecerá daqui a dez, vinte, trinta anos, quando eu for um velho e você ainda estiver jovem e bonita? Será que pensou sobre qualquer uma dessas coisas quando decidiu brincar com o amor de um homem comum?

Vênus recuou como se tivesse levado um tapa e, ao seu redor, toda sua dignidade e poder de grande deusa começaram a se reunir. Sentiu a luz de sua divindade cintilar na pele e os cabelos loiro-platinados e fartos começaram a se erguer como se com vida própria. Sabia que seus olhos cor de violeta faiscavam com uma luz sobrenatural, e que o fulgor desencadeado por sua imortalidade seria difícil de contemplar para qualquer mortal.

Porém não se importou. Queria que Griffin testemunhasse sua magnificência. Queria que ele visse o que havia perdido para sempre.

Quando falou, sentiu a voz ampliada pela magia que era seu direito de primogenitura.

– Não. Eu não parei para pensar nessas coisas quando me permiti amá-lo. Pensei apenas em como nossas almas buscavam uma à outra. Vejo agora que devo ter me enganado. Sua alma também está maculada pelo medo e pelo egoísmo dos mortais. Não é corajoso o suficiente para merecer a minha. Portanto o deixo agora, Griffin DeAngelo, filho de um mortal, para

retornar ao Olimpo, o lugar a que pertencço. Eu poderia limpar sua memória de mim, com tanta facilidade como apagaria o giz de uma lousa... Mas não farei isso. Quero que se lembre de que negou a si mesmo o Amor.

E então, Vênus, a deusa do Amor Sensual e da Beleza, levantou os braços e, em uma cascata de faíscas, desapareceu.

CAPÍTULO 28

Quando Vênus se rematerializou dentro da cozinha de Pea, sua raiva já começara a se esvanecer. Latindo feito louca, Chloe veio correndo para o cômodo, mas, ao reconhecê-la, seu rosnado mudou para um alegre latido, depois para um ganido quando a deusa sentou-se no chão, pegou-a nos braços e caiu no choro.

– Vênus! Oh, meu Deus, o que aconteceu? – Pea correu para a cozinha e se agachou a seu lado.

– Ele me odeia! – ela soluçou.

– Oh, querida! Griffin não poderia odiá-la. Ninguém pode odiá-la. Vamos, sente-se aqui, à mesa. Vou fazer um pouco de café e resolveremos isso. – Puxou Chloe suavemente do colo da deusa, depois ajudou Vênus a se pôr de pé e a abraçou com força.

– Não... – Vênus soluçou, tomando seu lugar de costume à mesa de Pea. – Não há o que resolver. Pea, ele não me quer mais agora que sabe que sou uma deusa.

Pea pousou duas canecas de café fumegante diante delas.

– Conte-me tudo. E tome. Use este guardanapo de linho como lenço. Afinal, é uma emergência.

Pea escutou enquanto Vênus descrevia a cena com Griffin, parando apenas para soluçar e resmungar sobre como os homens podiam ser estúpidos. Quando terminou, assoou o nariz e enxugou os olhos.

A outra mulher nada disse. Em vez disso, ela se levantou e trouxe do freezer uma barra comprida de algo duro, embrulhado em papel alumínio.

– É o chocolate belga que mantenho escondido. Pode comer. Garanto que vai ajudar.

Vênus assentiu, tensa, e quebrou um pedaço. Deixou o chocolate escuro dissolver na boca enquanto bebia o delicioso café.

– Tem razão – fungou. – Ajuda mesmo.

– Muito bem. Em primeiro lugar, também estou decepcionada com Griffin. Ele se comportou como um cretino.

– Aposto que o Smart Bitches.com iria chamá-lo de algo pior. Algo como... – A deusa fez uma pausa, pensando enquanto saboreava o chocolate. – “Punheteiro”. Ou talvez “cuzão”.

– Tem razão. Os xingamentos deles são excelentes... Vamos chamá-lo de “cuzão”, então. É muito pior do que “cretino”.

– Concordo – Vênus decidiu com um suspiro.

– Estamos mesmo muito bravas com Griffin, mas não acho que deva desistir dele.

– Eu tenho que desistir, Pea! Não posso mudar quem eu sou e, mesmo que pudesse, não faria isso.

– Eu só acho que ele ficou chocada, por isso reagiu tão mal. Depois que tiver tempo para

pensar como foi idiota...

Vênus levantou uma sobrancelha e Pea se corrigiu:

- ... quero dizer, que cuzão ele foi, vai se arrepender e virá rastejando lhe pedir desculpas.
- Não rejeitou Vulcano quando descobriu que ele era um deus.
- Não é uma comparação justa. Nós já tínhamos feito amizade, portanto eu já havia meio

que me acostumado à ideia de ver imortais perambulando por Tulsa.

Vênus negou com um gesto de cabeça.

- Griffin questionou até se éramos da mesma espécie! Não sei se posso perdoá-lo por isso.
- Você o ama?
- Sim – ela admitiu baixinho.
- Então acho que pode aprender a perdoá-lo.

– Eu não sei. De certa forma, ele está certo. Sempre haverá essa questão de mortalidade e imortalidade entre nós. Quando ele estiver velho e encurvado, eu ainda terei esta mesma aparência. Vou ficar assim para sempre.

Pea empalideceu, e Vênus percebeu a implicação do que tinha dito. Com um suspiro, a deusa segurou a mão da amiga.

– Imagino que saiba. Eu ainda amaria Griffin se ele ficasse velho e curvado, e, depois que ele morresse, choraria eternamente a sua perda, mantendo sua memória sagrada. Assim como Vulcano fará com você.

– Eu sei. Pelo menos acho que sei. Mas é assustador. E deve ser muito mais apavorante saber que está apaixonado por alguém que nunca irá envelhecer, muito menos morrer.

– Foi corajosa o suficiente para continuar amando Vulcano.

– Não creio que se possa chamar isso de coragem, mas sim. Vou continuar amando Vulcano.

– Griffin não tem a sua coragem. Ou talvez seja mais próximo da verdade dizer que ele não tem o seu amor. – Vênus piscou, e as lágrimas ameaçaram lhe escorrer dos olhos outra vez.

– Não desista dele ainda. Os homens não são tão bons para se adaptar às situações quanto as mulheres. Além do mais... – Pea encolheu os ombros, sorriu e jogou mais um pedaço de chocolate na boca – ... nós temos mais bom-senso.

– Tem razão.

Em seguida, toda a leveza tornou a deixar a voz deusa.

– Não sei se vou conseguir, Pea! Não sei se vou poder me abrir com Griffin outra vez. E se ele me rejeitar de novo?

– Vênus, isso não faz parte do amor? – Pea perguntou, gentil. – Precisa estar vulnerável para se deixar amar verdadeiramente.

– Sim. Se não estiver vulnerável ao amor, nunca poderá experimentá-lo. O problema é que não sei se consigo. Rejeição dói!

– Quem rejeitou quem? – A voz grave de Vulcano retumbou entre elas quando ele se materializou na cozinha.

Pea gritou e levou a mão ao coração.

– Vocês querem parar com essa materialização? Usem a porta, ou vão acabar me fazendo ter um ataque cardíaco!

– Desculpe, pequena. – Vulcano inclinou-se para beijá-la, depois sorriu para Vênus.

– Olá, deusa.

– Vulcano – ela o cumprimentou, distraída.

Ele cheirou a caneca de Pea.

– Café!

Pea riu e deu-lhe um tapa na mão quando ele tentou roubá-lo.

– Quem poderia imaginar que imortais seriam tão loucos por algo tão comum como café? – Apontou para o bule. – Sirva-se.

Vulcano encheu uma caneca, depois arrastou uma cadeira de forma que pudesse sentar-se com um braço em volta de Pea. Olhou para Vênus e, depois, tornou a fitá-la com mais atenção.

– Estava chorando! – afirmou.

– Griffin não reagiu muito bem ao descobrir que Vênus é Vênus – explicou Pea.

– Ele a rejeitou?

Vênus soltou um longo suspiro.

– Por favor, não precisa ficar repetindo isso.

– Sabe que eu nunca faria isso, minha amiga.

Vênus sorriu, tristonha.

– Sim, eu sei.

– Ele magoou você – deduziu Vulcano.

– Magoou.

– Devo puni-lo? Eu poderia transformar o sangue desse Griffin em lava e fazer seu cérebro ferver – sugeriu, com naturalidade.

Pea franziu a testa e deu uma cotovelada no deus do Fogo.

– Não acho que isso seria uma boa ideia!

– É uma boa oferta, Vulcano, agradeço. Mas temo ter de declinar dela. Parece que, quando se ama alguém, pensar na pessoa sendo torturada não traz o prazer que deveria... Mesmo que Griffin merecesse um pouco de tortura.

– Eu poderia dar uma boa surra nele. – Vulcano olhou para Pea, que ainda lhe franzia o rosto, e acrescentou depressa: – Mas não tão forte que lhe causasse danos permanentes.

Vênus negou com um gesto de cabeça.

– Não, obrigada. Vou voltar para o Olimpo e tentar esquecer Griffin DeAngelo. Odeio pensar no tanto de trabalho que tenho pela frente! Estou aqui, negligenciando meus deveres divinos, há tempo demais. – Levantou-se.

– Espere! Vai embora assim? – questionou Pea.

– Querida, sabia que eu não poderia ficar com você para sempre.

– Mas eu não pensei que fosse embora tão cedo! Vai voltar, não vai? Quero dizer, não importa o que acontecer com Griffin... Vai voltar para me visitar.

Vênus tocou o rosto da pequena mortal.

– Sim, meu anjo, eu voltarei. Como poderia ficar longe? Vamos ao Lola's para tomar Martinis de romã e dançar, depois voltaremos para cá para tomar chocolate quente e jogar conversa fora. E aposto que também irá de vez em quando ao Olimpo. O que me faz lembrar...

– Vênus voltou a atenção para Vulcano. – Já é hora de você e eu corrigirmos um erro que fizemos há muito tempo, meu amigo. Tivemos boas intenções, mas nos casamos por menos do que o que tem com Pea foi uma estupidez.

– Eu sempre lhe desejarei todo o bem do Universo, deusa do Amor. Foi minha única amiga quando todos os outros imortais me evitaram. Jamais me esquecerei disso.

– Pedirei a Zeus e Hera que ouçam a nossa petição amanhã à noite. Junte-se a mim no Salão Nobre, e iremos dissolver nossa união oficialmente.

– Obrigada, Vênus! – agradeceu Pea, piscando contra as lágrimas.

A deusa sorriu.

– Só me prometam uma coisa...

– Qualquer coisa – Vulcano e Pea responderam juntos.

– Prometam-me que vão amar e honrar um ao outro enquanto ambos viverem.

– Eu prometo – Pea se adiantou.

– Tem meu eterno juramento – completou Vulcano.

– Que bom. Vou ficar de olho em vocês. Não me façam descer de novo para repreender nenhum dos dois! – Vênus puxou um dos cachos da amiga, tentando aliviar a comoção antes que alguém começasse a chorar. – Agora, Pea, precisa fechar os olhos para que a minha magia não a assuste.

– Desta vez acho que vou manter meus olhos abertos. Amo você, Vênus! – ela declarou com voz embargada.

– Eu também te amo, minha querida.

E com essas palavras, a deusa do Amor ergueu os braços e desapareceu.

Vulcano pousou a caneca de café e virou-se para Pea, abrindo os braços.

– Quer chorar um pouco agora?

– Sim! – ela falou em meio a um soluço, e, afundando o rosto no peito de seu verdadeiro amor, caiu no choro.

CAPÍTULO 29

– Eu sou um idiota! – As palavras explodiram de Griffin conforme ele arremessava o livro de registro e suas contas desencontradas por cima da mesa. Durante horas estivera trancado no gabinete, inconformado.

Quando sua revolta se dissipara, contudo, vira-se diante da verdade nua e crua: ele havia rejeitado a mulher que amava com todo o seu coração e alma.

E por que fizera algo tão estúpido? Por descobrir que ela era uma deusa!

E não apenas qualquer deusa. A mulher que ele amava era a deusa do Amor. Vênus. Afrodite.

Aquela que tantos homens tinham imortalizado por milhares de anos na música, na poesia e nas artes.

E ele a rejeitara!

Griffin se retesou ao se lembrar da dor no rosto delicado quando ele deixara seu choque e medo explodir em forma de raiva e rejeição. Precisava descobrir alguma maneira de fazer as pazes com Vênus, de pedir desculpas, de reconquistá-la! Então seria um homem de verdade e enfrentaria o fato de que a mulher que ele amava era realmente uma deusa. Que ela não envelheceria ou morreria, que era dona de um poder inacreditável...

– Ela devia ter incutido algum juízo na minha cabeça dura! – resmungou consigo.

Pensando bem, sorte sua ela não ter feito isso.

E agora? Como poderia consertar o estrago que tinha feito? Vênus dissera que iria retornar ao Olimpo.

Griffin gemeu e esfregou as têmporas que lhe latejavam havia horas. Nem sabia como poderia chamá-la.

Ou sabia? Vênus era uma deusa, portanto deveria escutar as orações dos mortais, não deveria? Talvez valesse a pena tentar.

Limpou a garganta.

– Vênus? – Falou para o vazio. – Está aí? Pode me ouvir? – Engoliu em seco e recomeçou: – Vênus, deusa do Amor Sensual, da Beleza e das Artes Eróticas, eu imploro que me ouças...

Nada.

Tudo bem, ele iria tentar de outra forma.

– Vênus, me desculpe. Eu te amo! Existe alguma chance de poder me perdoar por eu ter sido um completo idiota? – Fez uma pausa. – Pode mover algo se está me escutando?

Ainda nada. Obviamente, ele não estava lidando com aquilo da maneira correta.

Então como diabos alguém conseguia evocar uma antiga deusa? Ele não fazia a menor ideia.

Endireitou o corpo. Ele não sabia, mas conhecia alguém que devia saber! Vênus tinha dito

que Pea usara um feitiço para evocar seu auxílio; assim, bastava que ele pedisse à moça que o ensinasse!

Olhou para o relógio na parede. Merda! Eram quase duas da manhã. Teria que esperar. Mas, assim que seu turno terminasse, iria direto para a casa de Pea e acamparia em sua varanda, se necessário, até que ela concordasse em ajudá-lo a fazer contato com Vênus.

A deusa o perdoaria. Precisava perdoar! Ele não desistiria até que ela o fizesse.

Minutos depois, quando o alarme da estação disparou, Griffin ficou até aliviado. Pelo menos se manteria ocupado nas horas seguintes, o que faria o tempo passar mais rápido.

Como uma máquina bem lubrificada, ele e seus homens entraram em ação. Conforme colocava os mais de dezoito quilos de equipamentos e se deslocava, veloz, para o caminhão, seu tenente entregou-lhe um pedaço de papel com o endereço do lugar que pegava fogo.

Subiu no banco do condutor com a mente trabalhando tão bem como o grande motor que acionava. O incêndio era na Borders Books and Music da 21st Street.

O lado bom: em primeiro lugar, a loja ficava ali perto, então estariam lá em minutos. Em segundo lugar, eram duas da manhã, por isso a livraria se encontrava fechada e não devia haver vidas em perigo.

O lado ruim: primeiro, era uma dessas lojas enormes de dois níveis, de modo que o fogo poderia ser grande. Segundo, era lotada de livros, o que representava quilos de combustível para um incêndio rápido e abrasador. O lugar poderia arder como uma tocha.

Antes mesmo de avistar a Borders, Griffin percebeu que estivera certo ao menos em parte. Era um incêndio enorme. No momento em que pararam no imenso estacionamento, toda a frente da loja já estava engolida pelo fogo. Chamas brotavam das janelas, estilhaçando os vidros.

E, como sempre acontecia num cenário de incêndio, tudo pareceu acontecer como num filme: os homens saltando para fora do caminhão, os comandos que ele gritava...

A polícia, que já se encontrava no local, começou a afastar os civis, que assistiam a tudo, perplexos, enquanto as mangueiras e escadas eram rapidamente postas em posição.

– Capitão! – Griffin ergueu a cabeça, vendo Robert correr da escada do caminhão até ele. – Chamado do 911 pelo rádio. Um celular acabou de ligar de dentro da loja! O vigia está preso perto dos escritórios dos fundos!

– Sigam-me até lá! – ele decidiu no mesmo instante.

Seus bem treinados homens sabiam o que fazer. Agarraram o equipamento adequado e correram atrás de seu capitão.

– Derrubem! – gritou Griffin.

Robert e J. D. começaram a trabalhar com os machados, e a porta de aço se abriu como uma flor sob a força de seus golpes.

Fantasmas de fumaça negra escaparam por cima deles.

– Em que escritório ele está preso? Onde fica? – Griffin perguntou a Robert.

– Não sei. A ligação caiu. Mas o 911 conseguiu contato com o gerente, e ele disse que toda a parte traseira desta coisa é de escritórios e estoques.

– Então ele pode estar em qualquer lugar – concluiu Griffin. Não era uma pergunta. Tampouco houve a necessidade de que alguém a respondesse. – Tudo bem, vamos lá para dentro. J. D., Robert, vão para a direita. – Ele olhou para o novato, que parecia meio pálido, mas que encontrou seu olhar com decisão. – Bennett, você vem comigo para a esquerda. Mantenham suas máscaras, a fumaça está densa. Vamos!

Griffin sempre achou que adentrar um prédio em chamas era como entrar em um ser vivo. A coisa tinha personalidade. Respirava e se movia. E era tão imprevisível como um animal selvagem.

Dessa vez não foi diferente.

Não importava que as chamas ainda não tivessem atingido a parte traseira da loja. O calor estava lá. A fumaça estava lá. O perigo era iminente.

Griffin se deslocou para a esquerda, ignorando o rugido do fogo que se movia cada vez para mais perto. Manteve contato visual com Bennett, e a cada minuto fazia J. D. e Robert verificarem tudo ao redor. O maldito lugar era um labirinto de estantes e cubículos abarrotados de livros.

Estava se preparando para checar outro escritório quando um grito no corredor à sua frente lhe chamou a atenção. Parecia que alguém estava batendo na porta ao fundo!

– Capitão, parece que aquela porta dá para a livraria! – opinou Bennett.

– Sim, fiquem por perto! – ele orientou e disparou pelo corredor.

A pesada porta se encontrava trancada, e Griffin usou o cabo do machado para golpeá-la duas vezes.

Duas batidas desesperadas responderam de pronto.

– Nós o encontramos! – gritou Griffin. Então colocou o rosto perto da madeira: – Pode me ouvir?

– Sim! Socorro! – Foi a resposta abafada. – Estou preso, e o fogo está avançando!

– Dê um passo para trás! Vou arrombar a porta!

– Depressa! – o vigia implorou.

– Ajude-me aqui! – Griffin pediu a Bennett.

Usaram os machados rapidamente, porém a porta era espessa e foram necessários vários golpes antes que se abrisse apenas o suficiente para que Griffin conseguisse se espremer por ela.

Do outro lado, ele encontrou um verdadeiro inferno de chamas, fumaça e calor. O vigia se afastara da porta, mas, vencido pela fumaça, caíra em uma pilha de fardos próxima à parede. No mesmo instante, Griffin tirou a máscara de oxigênio e a colocou sobre o nariz e a boca do homem. Em seguida, ergueu-o para cima das costas, no modo de carregar tradicional dos bombeiros, segurando uma perna do vigia com a mão e sua cabeça com a outra, e se voltou

para a passagem semiaberta, tentando respirar.

– Aqui! Pegue-o! – Passou o peso do homem inconsciente através da abertura estreita para Bennett. – Pegou?

– Pronto, capitão! – Bennett grunhiu.

– Leve-o daqui! Estarei bem atrás de você!

– Entendido, capitão!

Griffin observou o rapaz desaparecer na fumaça. Começou a se espremer de volta pela porta, e foi nesse momento que o inferno literalmente explodiu ao seu redor.

A explosão o arremessou a pelo menos três metros, e ele aterrissou de costas, sentindo o ar ser arrancado dos pulmões já sobrecarregados. Ainda assim, esforçou-se para se pôr em pé.

Em seguida, um barulho parecido com o grito de um pássaro agonizante chamou sua atenção, e Griffin ergueu a cabeça bem a tempo de ver o corrimão de uma escada de ferro curva se soltar e cair em câmera lenta em sua direção.

Não conseguiu se mover. Não pôde fazer nada, exceto se preparar para o impacto do metal derretido e retorcido.

Uma dor lancinante rasgou o lado esquerdo de seu corpo. Então, como uma bênção, a escuridão o envolveu em seus braços frios.

Vulcano se encontrava adormecido. Dormia tão profundamente que imaginou que a voz da mãe fosse apenas parte de um sonho.

– Vulcano, precisa acordar!

Em seu sono, ele suspirou, puxando Pea para mais perto de seu corpo nu.

– Filho, acorde!

Vulcano franziu a testa, recobrando a consciência devagar.

– Vulcano! Acorde agora!

O deus do Fogo abriu os olhos.

– Até que enfim! Não sei de quem puxou esse sono pesado. Seu pai e eu sempre acordamos até com a queda de um alfinete.

– Mamãe?

– Sim, sim, sou eu, Hera, a rainha dos Deuses e sua mãe! E insisto que acorde!

Vulcano se desvencilhou com cuidado de Pea, que continuava profundamente adormecida, e sentou-se. Sua mãe se encontrava em pé no quarto, as vestes cor de marfim cintilando como se com luz própria.

– Mãe, o que aconteceu?

– Há um incêndio. Precisa vir.

Ao final da palavra “incêndio” Vulcano se pôs em movimento e, no mesmo momento, fez surgir em si o traje de um antigo guerreiro romano.

– É bom se preparar para uma batalha, mesmo. Venha comigo. – Hera o tomou pela mão, e

ambos desapareceram.

Quando se rematerializaram, foi no meio do caos: estavam dentro de um prédio em chamas.

O fogo não afetava Vulcano e, no mesmo momento, ele acrescentou sua própria proteção à aura da mãe. Jamais permitiria que as chamas ferissem a rainha dos deuses.

– Veja! – Hera apontou para um canto cheio de entulho que o fogo parecia prestes a engolir, e Vulcano percebeu um movimento fraco.

– Griffin! – gritou, e caminhou para junto do mortal caído, afastando as chamas que o ameaçavam.

Uma vez a seu lado, avaliou a situação e, com a mão, tirou o ferro retorcido de cima do corpo do homem.

Os olhos de Griffin se moveram e, em seguida, se abriram devagar.

– Q-Quem é você? – o rapaz ofegou. Em seguida, seus olhos se desviaram para a bela mulher envolta por um halo de luz, e se arregalaram. – Uma deusa! – exclamou com voz fraca.

– Sim – confirmou o homem que se ajoelhou a seu lado. – E eu sou um amigo de Vênus. Fique quieto e respire devagar. Vou livrá-lo deste inferno.

– Tarde demais, meu filho.

Os olhos de Griffin deixaram o deus para pousar na divindade que parecia tão serena a seu lado. Surpreendentemente, ela sorriu e o chamou pelo nome.

– Griffin DeAngelo, sou Hera, rainha dos Deuses.

– ... Olá, Hera. – Griffin imaginou que estivesse falando em um tom normal, porém um murmúrio foi tudo o que conseguiu deixar escapar.

– Deve me escutar com atenção, Griffin – ela prosseguiu. – Temos pouco tempo. Como vê, está morrendo.

Griffin pensou que fosse sentir medo ou, no mínimo, ficar chocado com as palavras. No entanto, ficou surpreso com o sentimento de paz que o inundou.

– O vigia... ele está a salvo? – indagou num sussurro.

– Sim – confirmou Hera. – Você trabalhou bem.

Griffin suspirou. Se aquele era para ser o seu fim, ao menos tinha cumprido sua missão a contento.

Sombras começaram a ladear o túnel de sua visão. Pensou nas irmãs e na mãe, e sentiu uma ponta de tristeza pela dor que, ele sabia, sua morte iria causar.

Então pensou em Vênus, e em como estava arrependido por tudo o que lhe havia dito.

Mas ela era uma deusa. Talvez fosse, de alguma forma, saber como ele se sentia. Mesmo depois que morresse...

– Ainda não, Griffin DeAngelo! Ordeno que seu espírito não se vá agora! – Hera bradou.

Os olhos de Griffin se abriram e, quase contra sua vontade, ele piscou, vendo sua visão clarear.

– Mamãe, eu posso levá-lo daqui. Decerto podemos... – Vulcano começou, contudo Hera

ergueu a mão, silenciando-o.

– Tarde demais. O corpo dele já foi gravemente danificado. Perdoe-me, mortal. Calculei mal o tempo que o Destino lhe atribuiu. Gostaria de lhe oferecer mais do que apenas uma opção neste momento.

Griffin quis dizer que a perdoava, no entanto sua voz já não o obedecia.

A deusa se voltou para o filho.

– Há apenas uma maneira de salvá-lo, meu filho. Você e Griffin devem trocar de alma. Ao fazer isso, irá se tornar um mortal e, com o auxílio do meu poder, ainda terá o suficiente de sua essência imortal para curar seu corpo fraturado e sobreviver. Contudo, se for dessa maneira, será mortal de todas as formas. Compreende?

Vulcano assentiu.

– Sim, minha mãe.

– Entende que, se fizer isso, irá viver uma vida mortal, e apenas uma, aqui no mundo moderno? E que, quando morrer, seu corpo ao pó voltará, e seu espírito irá descer para os Campos Elíseos?

– Passarei minha vida mortal com a mulher que eu amo. Mas, quando ela também se for, poderá adentrar os Campos Elíseos?

Hera assentiu com um gesto de cabeça.

– Eu lhe dou meu juramento sagrado de que seu espírito vai encontrar um lar lá.

– Então compreendo e concordo.

– Muito bem, meu filho.

Hera se aproximou do corpo caído de Griffin e se ajoelhou a seu lado. Tocou-o no rosto, e ele só conseguiu pensar em como sua mão era suave.

– Escute bem, mortal. Meu filho é Vulcano, o deus do Fogo, marido de Vênus, a quem, acredito, você ama. Ele pode salvar sua alma e sua vida, mas, ao fazer isso, deverá tomar posse de seu corpo e de sua vida mortal. Você, por sua vez, irá se tornar um dos Doze Olímpicos, o deus do Fogo. Irá manter sua alma e suas lembranças, porém deverá guardar a forja sagrada e o pilar de fogo por toda a eternidade. Irá se transformar no deus do Fogo. Compreende o que eu digo?

Com um esforço sobre-humano, e a despeito do corpo ferido, Griffin se obrigou a pronunciar as palavras:

– ... Vênus sabe?

Hera negou com um gesto de cabeça.

– Não.

– ... Se eu disser “não”, vou morrer? – ele indagou com voz rouca.

– Sem dúvida. Entretanto, deve saber que não precisa temer a morte. Tem sido um bom homem. Posso lhe garantir a vida póstuma de um guerreiro nos Campos Elíseos.

Os olhos semicerrados de Griffin se voltaram para o deus chamado Vulcano.

– Minhas irmãs... – murmurou.

Vulcano se pôs de joelhos ao lado de Griffin.

– Eu as conheço. Irei valorizá-las e protegê-las como se elas fossem minhas irmãs. Elas nunca vão saber que não sou seu irmão amado.

– ... Quero seu juramento – insistiu Griffin.

– Já tem meu juramento.

Ele fechou os olhos.

– Concordo, então. Vou trocar de alma com você.

Griffin ouviu Hera entoar um canto, palavras que não conseguia compreender, porém seu poder lhe varreu a pele com mais insistência do que as chamas que os ameaçavam. Sentiu um enorme puxão, como se tivesse sido apanhado em um terrível tornado, e abriu a boca para gritar.

Em seguida, uma imensa escuridão, a mais completa noite que poderia ter imaginado, o engolfou.

CAPÍTULO 30

O telefone tocando acordou Pea.

– Vulcano, pode me passar o fone? – ela murmurou, sonolenta. – Então se lembrou de que ele era um antigo deus e que, provavelmente, não sabia nada sobre telefones.

Abriu os olhos, esperando vê-lo sorrindo para ela, talvez um pouco confuso, porém todo amarrotado, sexy e quente a seu lado.

Não estava. Exceto por Chloe, que piscava de sono ao pé da cama, encontrava-se sozinha no quarto.

Franzindo a testa, Pea estendeu a mão para alcançar o fone.

– Alô?

– Dorreth Pea Chamberlain? – uma voz masculina e tensa perguntou.

– Sim.

– Srta. Chamberlain, aqui é Robert Thomas, do Corpo de Bombeiros de Midtown.

– Que horas são?! – Pea indagou sem pensar.

– Cinco horas da manhã, senhorita. Estou ligando em nome de Griffin DeAngelo.

– Griffin! – Uma sensação horrível, de péssimo agouro, a inundou. – Aconteceu alguma coisa com ele?

– Sim, senhorita, receio que sim. O capitão se feriu enquanto trabalhava. Está no Saint John, sendo preparado para uma cirurgia. Seu único pedido foi que a chamássemos para que a senhorita fosse imediatamente ao hospital.

– Estarei lá!

Pea desligou e agarrou o jeans e o suéter jogados sobre a cadeira da penteadeira.

– Vulcano ? – chamou.

Nenhuma resposta.

– Vulcano! – Desta vez ela gritou seu nome e correu pela casa. E se ele tivesse voltado ao Olimpo? Por que não a tinha chamado? E por que a deixara no meio da noite?

Engatou a marcha do T-Bird e o acelerou para fora da garagem. Griffin estava ferido. Claro que ele iria mandar chamá-la. Compreendia que ela era sua única ligação com Vênus.

E, se era assim, então ela precisava de Vulcano para enviar uma mensagem ao Olimpo. Vênus precisava voltar o mais rápido possível!

Mas onde estaria Vulcano ?

Sentiu o estômago se apertar. Algo estava errado. Alguma coisa estava muito errada!

Correu pela entrada de emergência do Centro Médico Saint John e quase trombou com um bombeiro coberto de fuligem.

– Sou Pea Chamberlain. Chamaram-me para ver Griffin DeAngelo.

– Por aqui, senhorita.

Pea seguiu o jovem e sério bombeiro para as entranhas do pronto- -socorro, até que uma enfermeira os deteve.

– Esta é a mulher que o capitão quer ver – explicou o rapaz.

– Venha comigo, senhorita. Precisa se apressar. Eles já vão levá-lo para a cirurgia. Terá apenas um minuto.

– Como ele está? – Pea quis saber enquanto corria para acompanhar a moça.

– Nada bem – contou a enfermeira sem olhar para ela, e a conduziu até uma sala cercada por vidro e repleta de médicos.

Pea ficou feliz por tudo estar acontecendo tão rápido. Se tivesse tempo para pensar, com certeza vomitaria, ou, pior, iria desmaiar.

Jamais teria reconhecido Griffin. Seu rosto estava enegrecido e ensanguentado. Seus lábios, rachados e inchados. O lado esquerdo de seu corpo, da cintura para baixo, encontrava-se coberto por gaze, e parecia haver tubos e fios saindo de cada superfície não queimada em sua pele.

– Dois minutos, senhorita – determinou a enfermeira.

Pea se aproximou da cabeceira da pequena maca.

– Griffin? Sou eu, Pea.

Os olhos dele se moveram duas vezes e, em seguida, se abriram. Quando as íris azuis encontraram as dela, Pea sentiu um arrepio... Algo que não soube bem como identificar.

Aproximou-se mais de Griffin, e seus lábios inchados começaram a se mover.

Ela se inclinou para a frente, aflita.

– ... Eu te amo, pequena.

Pea ofegou quando a verdade se abateu sobre ela.

– Vulcano! – exclamou em choque.

O alívio suavizou as feições benfeitas à sua frente. Ele sorriu, então, e fechou os olhos com um suspiro.

– Preciso pedir que saia agora, senhorita. Vamos levá-lo para a cirurgia.

Entorpecida, Pea deixou-se conduzir até a sala de espera. Sentou-se em uma cadeira estofada e negou com um gesto de cabeça, tonta, quando um bombeiro lhe perguntou se ela queria café.

Griffin não era Griffin. Era Vulcano! Disso ela não tinha absolutamente nenhuma dúvida.

Mas como aquilo havia acontecido?

De repente, sentiu-se claustrofóbica.

– Preciso tomar um pouco de ar – murmurou, ignorando os olhares preocupados do bombeiro quando saiu correndo do quarto, pelo corredor e através das portas automáticas, onde se recostou na lateral do hospital, respirando fundo na tentativa de não vomitar.

– Você o ama muito, não é?

Pea ergueu a cabeça e viu uma mulher linda e elegante, de pé em um pequeno halo de luz, a seu lado. Seus trajes lembravam os de Vênus, embora ela não se parecesse em nada com a deusa do Amor.

– Se quer dizer Vulcano, sim. Eu o amo muito – confirmou, sem preâmbulos.

A mulher assentiu.

– Eu sabia. É você seu eterno amor. Sua alma gêmea. Sou Hera.

Pea não necessitava nem mesmo de um mínimo conhecimento escolar acerca de mitologia para saber que deusa era aquela. Precisou apenas de seu instinto feminino.

– É a mãe de Vulcano.

A deusa sorriu.

– Sou. E tenho uma dívida de gratidão para com você, Dorreth Pea Chamberlain. Antes de Vulcano conhecê-la e amá-la, parecia vivo apenas em parte. Você o salvou da solidão eterna, e mais: tem-lhe dado uma felicidade que nunca imaginei que ele fosse conhecer. Penso que sua imortalidade é um preço muito pequeno a ser pago por tal bênção.

Pea não teve certeza se tinha ouvido bem a deusa.

– Sua imortalidade? Como assim? O que aconteceu esta noite?

– Meu filho não foi o único imortal que veio observar o seu mundo moderno. Também sei que Griffin DeAngelo se tornou o amado de Vênus. DeAngelo estava morrendo esta noite, e eu o salvei, fazendo com que meu filho tomasse o seu lugar. Na troca, Vulcano soprou a última centelha de imortalidade que se agarrava a seu espírito na concha mortal de Griffin. Agora, Vulcano é Griffin, um homem comum, que terá uma vida mortal. E Griffin se tornou Vulcano, deus do Fogo, para a eternidade.

Pea começou a tremer.

– Ele se lembra? Ele ainda é Vulcano?

– Em tudo, menos fisicamente. Sim, ele ainda é Vulcano.

– E ele vai sobreviver?

– Sim. Meu filho terá uma vida longa e feliz. Você e ele terão muitos filhos. Eu serei avó e bisavó várias vezes e, por infinitas gerações, a centelha do deus do Fogo irá brilhar na família DeAngelo.

Pea começou a chorar.

A deusa se aproximou dela e a tocou na face.

– Meu filho foi sábio em sua escolha.

– E quanto a Vênus e Griffin? – Pea indagou, enxugando os olhos enquanto ainda tentava compreender a enormidade do que a deusa lhe dizia. – O que vai acontecer com eles?

– Isso, minha querida filha mortal, dependerá do novo deus do Fogo e da deusa do Amor.

Uma comoção no estacionamento impediu a pergunta seguinte que Pea faria à deusa. Ambas olharam para trás a tempo de ver quatro jovens mulheres correndo, desesperadas, em direção à entrada do setor de emergência do hospital.

– São as irmãs de Griffin. A mais velha e mais sensata chama-se Sherry. Converse com ela primeiro, e as demais seguirão seu exemplo – afirmou Hera. – Agora, vá até elas. Muito em breve fará parte de sua família.

– Não está indo embora, está?

– Não há mais nada que eu possa fazer aqui, mas não se preocupe... Voltarei muitas vezes para visitar meus netos. – A deusa levantou a mão regamente. – Que minha bênção permaneça contigo para todo o sempre.

E, em silêncio, Hera desapareceu.

Pea respirou fundo, querendo se acalmar. Vulcano ficaria bem. Tinha a palavra de uma deusa, e aquilo era mais do que suficiente para ela.

Foi ao encontro das quatro jovens quando elas chegavam às portas da emergência, e escolheu a moça que mais parecia estar no controle de si mesma: a de cabelos longos e escuros, e com os mesmos olhos espetaculares de Griffin.

– Sherry DeAngelo? – perguntou, tímida.

As quatro estacaram.

– Sim, sou Sherry DeAngelo. Quem é você? Sabe o que aconteceu com nosso irmão?

– Sei. Ele sofreu um acidente.

As mulheres soltaram uma exclamação em uníssono, e a mais jovem se pôs a chorar.

– Griffin foi levado para uma cirurgia, mas vai ficar bem. Tudo vai ficar bem – garantiu Pea. – Eu prometo.

– Quem é você? – Sherry quis saber.

– Meu nome é Dorreth Chamberlain, mas todos me chamam de Pea. Sou a mulher que seu irmão ama... Ele e eu vamos nos casar.

Todas as quatro irmãs se entreolharam, confusas, e Pea sorriu.

– Eu sei que parece estranho. Provavelmente pensaram que ele estava apaixonado por Vênus, aquela linda loira, não é?

Elas acenaram com a cabeça em conjunto.

– Bem, é uma longa história. Na verdade, Vênus é uma grande amiga minha. Mas essa novela não importa agora. O que importa é que Griffin fique bem. Vamos... Vamos juntas para a sala de espera da cirurgia. Podemos conversar mais lá.

Pea conduziu as quatro moças para dentro do hospital às pressas, enquanto inventava uma história de amor que pudesse soar ao menos razoável entre Griffin e ela.

Uma coisa era certa: naquele caso, sua imaginação hiperativa vinha bem a calhar. Talvez ela até tivesse algum futuro como escritora de ficção.

– Grande deusa, Zeus e Hera declararam que vão recebê-la agora.

A ninfa se curvou quando Vênus passou por ela, tensa.

Onde estaria Vulcano?, perguntou-se a deusa do Amor. Tinha sido um dia cheio. Ela já

havia enviado um mensageiro até o reino do deus do Fogo a fim de avisá-lo de que seus pais haviam concordado em escutar sua petição naquela noite, durante a reunião dos imortais, no Salão Nobre. E Vulcano se dignara a lhe enviar uma resposta? Um bilhete que fosse, por meio de alguma ninfa, sátiro ou duende dizendo que iria comparecer?

Não.

Que criatura desagradável!

Claro que, se ela fosse honesta consigo, admitiria que tudo nas últimas vinte e quatro horas a irritava. A opulência de seu templo a incomodava. Suas ninfas lhe davam nos nervos. O vinho parecia muito quente ou muito frio. Até mesmo orações de seus fiéis tinham se acumulado, de modo que o próprio ar ao seu redor parecia preenchido com uma ensurdecadora e exasperante cacofonia de sons.

Mas todo aquele caos seria suportável se o seu coração e seu espírito não estivessem doendo por Griffin.

Vênus teve de admitir: sentia uma falta terrível do mortal, e precisara de toda a sua força de vontade para não negligenciar seus deveres divinos e partir de volta para Tulsa, a fim de confrontar Griffin novamente, a fim de lhe dar outra chance. A fim de tentar lhe mostrar que ela não havia mudado, que não o enganara e que ainda era a mulher por quem ele se apaixonara.

Porém não retornara. Permanecera no Olimpo, usando seu orgulho como um manto. A deusa do Amor não perseguia homem nenhum. A deusa do Amor não tolerava nenhum insulto. A deusa do Amor tinha orgulho e dignidade.

O suspiro de Vênus veio do fundo da alma:

– A deusa do Amor é infeliz – murmurou para si mesma.

O Salão Nobre do Olimpo se encontrava abarrotado de imortais dourados e ninfas magníficas de todos os tipos, vestidas em trajes diminutos e diáfanos. Vênus reconheceu até mesmo várias divindades menores, como Hebe, a deusa da juventude, Íris, a deusa do Arco-Íris, além de outras musas e deidades.

Perséfone deu-lhe uma piscadela atrevida conforme ela passava, e Vênus fez o possível para retribuir com bom humor.

Devia estar satisfeita por todo o Olimpo estar presente. Dessa forma, todos poderiam testemunhar a dissolução de seu casamento com Vulcano, o que a pouparia de ter que ficar se justificando indefinidamente.

Talvez, depois que tudo aquilo tivesse terminado, pudesse voltar para Tulsa na companhia do deus do Fogo. Estava longe de Pea havia apenas um dia, mas já sentia falta de sua amiga mortal.

Não, ela se corrigiu, melancólica. Vulcano e Pea haveriam de querer ficar sozinhos. Decerto iriam começar a planejar seu casamento, e ela estava feliz por eles. De verdade.

Ainda que também se sentisse mais do que deprimida.

– Vênus, deusa do amor, e Vulcano, deus do Fogo... ouviremos sua petição agora. – A voz de Zeus retumbou por todo o enorme salão.

Vênus começou a trilhar o caminho até o altar que abrigava os dois tronos fulgurantes onde ficavam o rei e a rainha do Olimpo. Discreta, deixou os olhos percorrerem o lugar. Onde estaria Vulcano? Poderia fazer aquilo sem ele, mas, se o fizesse, pareceria egoísta e desrespeitosa. Se Vulcano não marcasse presença, mostrando que a dissolução de seu casamento era uma decisão mútua, não importava o modo como ela iria fazer o pedido – seria como se o Amor o houvesse descartado, e ele seria tratado com ainda mais desdém.

Talvez ela devesse esperar por ele e solicitar a Zeus e Hera que a petição fosse feita outro dia.

Mas não. Vulcano não iria querer isso, nem Pea. E seria ainda importante para o deus do Fogo o que os outros imortais pensavam dele? Ele havia encontrado seu verdadeiro amor. Pea era tudo o que lhe importava agora.

Vênus se deteve diante do altar, fazendo uma reverência com tanta graça e beleza que chamou a atenção de todos no salão.

– O que podemos fazer por você, deusa do Amor? – perguntou Zeus. Então, com um olhar severo, acrescentou: – A petição não foi feita por você e nosso filho?

– Foi, meu senhor – ela concordou. – Mas, aparentemente, Vulcano não pôde vir, por isso eu a apresentarei por nós dois.

Zeus bufou, porém Hera respondeu com delicadeza.

– Prossiga, Vênus. Vamos ouvir o seu pedido.

Vênus ergueu o queixo e falou com uma voz clara e confiante que se propagou por todo o Salão Nobre.

– Não é segredo para nenhum de vocês que meu casamento com o deus do Fogo foi incomum. É esse casamento o objeto da nossa petição nesta data. – Fez uma pausa, esperando que os murmúrios amainassem. – Vulcano e eu temos sido bons amigos, contudo nos casamos sob falsos pretextos. Ironicamente, em nossa união tem faltado amor. Gostaríamos, portanto, de corrigir o nosso erro. O casamento deve ser baseado em mais do que conveniência; assim, Vulcano e eu pleiteamos que...

– Que sejam testemunhas do nosso novo compromisso.

Assim como o restante da multidão, Vênus soltou uma exclamação de choque com a interrupção. Olhou ao redor do gigantesco salão até que avistou a figura alta de Vulcano abrindo caminho até ela. Com certeza ela havia interpretado mal suas palavras, pensou, enquanto o observava se juntar a ela diante do trono dos pais.

– Vulcano, o que está dizendo? – Vênus manteve a voz baixa, de modo que apenas ele a escutasse.

O deus do Fogo sorriu para ela, mas, em vez de responder, encarou os pais e se curvou para eles.

– Zeus, Hera... Obrigado por escutarem a nossa petição hoje, e perdoem-me pelo atraso.

– Não há nenhum problema, meu filho – adiantou-se Hera, sorrindo para seu rebento favorito. – Siga em frente com seu pedido. Seu pai e eu estamos prontos para ouvi-lo.

– Vênus estava certa. Demos início ao nosso relacionamento sem amor. Mas agora eu gostaria de corrigir isso. Se Vênus concordar, quero selar novamente a nossa união, e desta vez será um casamento de verdade.

Ele ignorou os murmúrios de incredulidade e as risadinhas irônicas dos imortais que a tudo assistiam e se virou para Vênus. Em seguida, chocou-a ainda mais ao tomá-la nos braços.

Quando falou, não baixou a voz. O salão inteiro podia ouvir o que dizia, entretanto suas palavras foram proferidas com confiança, e pareceram pincelar a alma de Vênus com a profundidade de sua paixão.

– Quem diria que o Amor poderia ser íntimo da solidão?

– O-O quê? Não entendo, Vulcano – ela sussurrou.

Mais uma vez ele se expressou com o coração, e não fez nenhuma tentativa de falar baixo.

– Tem estado muito sozinha, esposa.

Atordoadas, sem entender o que estava acontecendo, Vênus repetiu, de modo bizarro, as mesmas palavras que tinha dito dias antes, durante uma conversa similar:

– Sim, tenho. Nós nunca deveríamos ter nos casado. Temos vivido, ambos, insuportavelmente tristes. A amizade pode ser uma bênção, mas não substitui o amor verdadeiro. – Prendeu a respiração, então, esperando, contra todo o bom-senso, saber quais seriam as palavras seguintes.

– E nenhum de nós o espera ou busca mais? Existe alguma forma de podermos nos reconciliar? Como podemos tornar este relacionamento melhor para nós dois?

Ao ouvir a resposta familiar, a mesma da noite do baile de máscaras, Vênus começou a tremer. De repente, o Salão Nobre pareceu desaparecer ao redor deles, substituído pela noite de Oklahoma, quando o homem que a fitava nos olhos usava um tipo diferente de máscara.

– É você, Griffin? Como isso aconteceu? – sussurrou, aturdida.

Ele baixou a voz desta vez, de modo que apenas Vênus pudesse escutá-lo.

– Foi fácil, minha deusa. Encontrei a coragem para aceitar o seu amor.

Com um gritinho de felicidade, Vênus jogou os braços ao redor do pescoço de Griffin e sentiu-se derreter quando ele baixou a boca faminta para a sua.

E Vulcano, o deus do Fogo, oficial e formalmente, tomou Vênus, a deusa do Amor, por sua esposa.

Com todo o monte Olimpo como testemunha.

O Salão Nobre explodiu em festa. Em algum lugar, bem no fundo da mente, Vênus percebeu que a balbúrdia em torno dela era constituída de vivas e aplausos, conforme os Olímpicos reconheciam aquele sinal de amor verdadeiro.

Mas isso era algo com que iria se ocupar e se alegrar mais tarde. No momento, estava

muito ocupada se regozijando com o feliz reconhecimento de que lhe fora concedido o milagre de viver para a eternidade com sua alma gêmea.

EPÍLOGO

Um ano depois

– Querida, não tem nenhum cordeiro aqui! Você se importaria se eu fizesse surgir uma suculenta perna de cordeiro para assar? Adoro cordeiro! – Vênus perscrutava a geladeira de Pea como se esperasse encontrar um bom pedaço de cordeiro fresco entre o leite e o suco de laranja.

– Vênus, temos bifes de búfalo para comer. Eu os temperei na noite passada. Eles vão ficar deliciosos, confie em mim. Além disso, têm muito menos gordura e colesterol do que carne de cordeiro.

O belo rosto da deusa era um total ponto de interrogação, e Pea revirou os olhos.

– Carne de búfalo é melhor para você, acredite.

Vênus pensou por um momento, então sua expressão se alterou, como se ela tivesse acabado de dar uma mordida em algo muito desagradável.

– Está querendo dizer que é *saudável*?

Pea riu.

– Aterrorizando os imortais de novo, pequena?

Vênus observou Vulcano – ou melhor, Griffin (às vezes ainda era difícil lembrar que deveria chamá-lo sempre de Griffin) – caminhar devagar até a esposa. A perna dele estava ficando cada vez melhor, reparou.

O acidente fora mesmo terrível. Griffin tivera a perna esquerda inteira esmagada. Ela ainda se lembrava dos comentários de seus amigos mortais, durante uma de suas inúmeras visitas a Pea, nos meses seguintes ao incêndio e à troca bizarra das almas de seus amantes. A opinião dos médicos era a de que Vulcano (que agora vivia a vida mortal de Griffin) nunca mais voltaria a andar.

Pea e ela haviam trocado sorrisos discretos. Sabiam que os médicos subestimavam a alma dentro do corpo do mortal.

“Griffin” andava lenta e cuidadosamente agora, porém andava.

Pea estava rindo de novo enquanto provocava o marido, dizendo que aterrorizar imortais era um de seus passatempos favoritos, quando o novo deus do Fogo se materializou na cozinha. A mortal soltou um gritinho e segurou a enorme barriga de grávida.

– Não sei por que não consigo me acostumar a isso! – falou, ofegante.

– Perdão, Pea. – O deus pareceu envergonhado. Curvou-se para beijá-la no rosto e, em seguida, os dois homens se cumprimentaram. – Ainda é estranho – comentou o imortal que costumava ser mortal.

– Acho que será sempre desconcertante – replicou o mortal que costumava ser o deus do

Fogo.

Vênus percebeu que, como sempre, eles apertavam as mãos com vontade. Os dois homens se gostavam e respeitavam um ao outro.

Aquilo, concluiu a deusa do Amor, provava que havia algo intrinsecamente bom e honrado na alma de cada um deles.

Seu marido contornou a mesa, vindo até ela. Pelos peitos enormes de Circe, como ela o amava! Jamais iria se cansar daquele brilho único em seus olhos agora escuros, ou da maneira como ele fazia o corpo dela vibrar em suas mãos. Ele era incrivelmente forte e poderoso, e, durante o último ano em que Griffin habitara o corpo imortal de Vulcano, o deus do Fogo tinha perdido por completo a claudicação que, por eras, tanta angústia lhe causara. Irônico que a ferida seguisse mais a alma do homem do que seu corpo.

Em seguida, quando pressionou o corpo contra o dele e correspondeu ao beijo, Vênus só conseguiu pensar em como seus lábios eram quentes.

– Olá, minha deusa – sussurrou. – Sentiu a minha falta?

– Ah, façam-me o favor! Vênus está aqui, sem você, há apenas um dia, Griffin! – zombou Pea, balançando a cabeça, divertida.

– Eu também sentiria sua falta se ficasse um dia fora – Vulcano se curvou para lhe acariciar o pescoço com o rosto, o que a fez rir e se arrepiar.

– Pare com isso! Não temos tempo. Suas irmãs estarão aqui a qualquer instante, e ainda tenho muito que fazer para que possamos comer e ainda ficarmos prontos para a inauguração da boutique de Fábio. – Ela se voltou para Vênus com uma expressão severa. – Fábio vai ficar arrasado caso se atrase.

– Como foi que ele decidiu chamar a lojinha, mesmo? – indagou a deusa.

– Deusa's! – Pea sorriu. – Disse que foi você que inspirou o título.

– É claro que sim.

– Quer que eu leve o carvão para a churrasqueira? – indagou Vulcano.

– Posso fazer isso – emendou o novo deus do Fogo.

– Obrigado, mas eu ainda gosto de mexer com fogo de vez em quando... – Vulcano ergueu as mãos mortais e agitou os dedos numa excelente imitação de como Vênus costumava fazer surgir as coisas. – Mesmo que isto não funcione mais tão bem para mim.

Vênus bufou, mas, por dentro, pensou que a mortalidade tinha feito muito bem ao senso de humor do amigo.

– Bem, deus do Fogo, se quer ser útil, pode me trazer uma caixa da despensa. Está na última prateleira, e não estou podendo usar a escadinha agora – justificou Pea. – Acho que coloquei um saco de lascas de madeira de algaroba nela, e quero que a adicionem ao carvão vegetal para dar um sabor a mais nos bifês.

– Ela quer que nos alimentemos “de modo saudável” – Vênus cochichou.

– Ouvi isso! – ralhou Pea.

– Sem problemas. – Griffin apanhou a caixa na despensa e a colocou sobre a mesa da cozinha.

– Vênus, não quer tirar as lascas daí para mim?

– Claro, querida. Contanto que não tente me fazer comê-las – a deusa completou com doçura.

– Muito engraçado. – Pea voltou a cortar o aipo para a salada de batata, enquanto Vênus revirava a caixa.

– Pea, não é este o livro que usou para evocar a minha ajuda?

A outra moça se virou.

– Sim, é esse mesmo. Como ele foi parar nessa caixa?

– Então foi assim que tudo começou... – Griffin tomou o livro com capa de couro trabalhada das mãos de Vênus. – *Descubra a Deusa em Você – Liberte Vênus e Abra Sua Vida para o Amor*, por Juno Panhellenius. Essa é muito boa.

Vênus deixou escapar o ar, como se alguém tivesse lhe dado um soco no estômago.

– O quê?! – exclamou em uníssono com Vulcano.

Este mancou até a mesa e tomou o livro de Griffin, enquanto a deusa balançava a cabeça.

– Eu não fazia a menor ideia!

– Nunca tinha visto este livro, Vênus? – Vulcano quis saber.

– Nunca. Pea estava recitando a invocação de cor. Eu simplesmente não acredito!

– O que foi! – Preocupada, Pea se juntou a eles à mesa. – O que há de errado?

Vênus olhou para a amiga mortal.

– A autora. Eu a conheço. – Ela hesitou e depois acrescentou: – E Vulcano também.

– Nós todos a conhecemos – corrigiu Vulcano. – Na verdade, Griffin também a conhece agora.

– Do que estão falando? – Griffin quis saber.

Vênus apontou para as lindas letras metálicas impressas em alto relevo na capa do volume.

– Juno é um dos muitos nomes que Hera utiliza. E Panhellenius quer dizer “deus de todos os gregos”... Um dos epítetos de Zeus.

– Aqueles velhos manipuladores! Estavam por trás de tudo! – Vulcano exclamou, incrédulo.

– Tivemos sua bênção o tempo todo, e nem percebemos isso – completou Vênus.

Pea olhou para seu amado marido, que tinha passado por tanta coisa antes de encontrar a felicidade.

– Isso significa que eles o amam. Muito – concluiu, emocionada.

– Na verdade – Vênus acrescentou, passando o braço pelo ombro da amiga mortal –, significa que eles amam a todos nós, e que todos temos a bênção do rei e da rainha do Olimpo.

E, enquanto os quatro amigos sorriam um para o outro, um trovão ribombou, brincando no céu sem nuvens de Oklahoma.

INFORMAÇÕES SOBRE NOSSAS PUBLICAÇÕES
E ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

Cadastre-se no site:

www.novoseculo.com.br

e receba mensalmente nosso boletim eletrônico.



[1](#) “Pea” em inglês significa “ervilha” (N. E.).